

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**DINÁ MARQUES PEREIRA ARAÚJO**

**Bibliofilia e Livros Raros na perspectiva  
histórico-cultural:**

**uma abordagem crítica às visões instituídas  
na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira**

Belo Horizonte  
Dezembro de 2017

**DINÁ MARQUES PEREIRA ARAÚJO**

**Bibliofilia e Livros Raros na perspectiva  
histórico-cultural:  
uma abordagem crítica às visões instituídas  
na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileiras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, cultura e sociedade

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alcenir Soares dos Reis

Belo Horizonte

Dezembro de 2017

A663b

Araújo, Diná Marques Pereira.

Bibliofilia e livros raros na perspectiva histórico-cultural [recurso eletrônico] : uma abordagem crítica às visões instituídas na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira / Diná Marques Pereira Araújo. - 2017.

1 recurso eletrônico (213 f. : il., color.) : pdf.

Orientadora: Alcenir Soares dos Reis.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 196-205.

Anexo: f. 206-213.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Bibliofilia – Livros raros – Teses. 3. Bibliografia – Livros raros – Teses. 4. Biblioteconomia – Brasil – Teses. I. Reis, Alcenir Soares dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 090.1(81)

Ficha catalográfica: Elaine Diamantino Oliveira - CRB: 6/2742

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

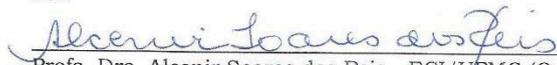
"BIBLIOFILIA E LIVROS RAROS NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: UMA ABORDAGEM CRÍTICA ÀS VISÕES INSTITUÍDAS NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA"

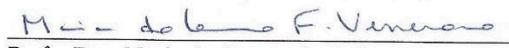
Dina Marques Pereira Araujo

Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**Mestre em Ciência da Informação**", linha de pesquisa "**Informação, Cultura e Sociedade**".

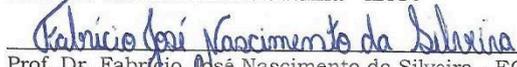
Dissertação aprovada em: 22 de dezembro de 2017.

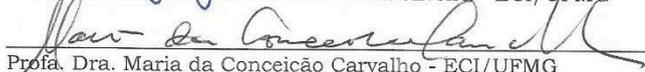
Por:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - ECI/UFMG (Orientadora)

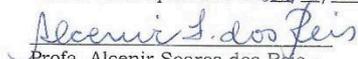
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria do Carmo de Freitas Veneroso - UFMG - Escola de Belas Artes

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha - IBICT

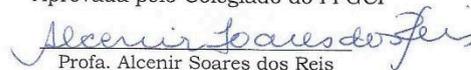
  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira - ECI/UFMG

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho - ECI/UFMG

Versão final aprovada em 22/12/17

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Alcenir Soares dos Reis  
Orientadora

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Alcenir Soares dos Reis  
Coordenadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **DINÁ MARQUES PEREIRA ARAÚJO**, matrícula:  
2015665786

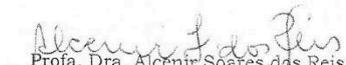
As 09:00 horas do dia 22 de dezembro de 2017, reuniu-se no Auditório da Biblioteca Universitária da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 11/12/2017, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Bibliofilia e Livros Raros na perspectiva histórico-cultural: uma abordagem crítica às visões instituídas na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A Banca Examinadora destaca o caráter original da pesquisa, o ineditismo e a inovação de um modelo de interpretação do fenômeno social do livro raro, bem como a contribuição singular para a epistemologia do campo, com destaque para os macroconceitos bibliografia e bibliofilia. A Banca recomenda ainda a publicação da dissertação. Foram atribuídas as seguintes indicações:

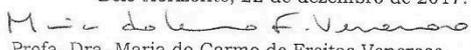
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - Orientadora	APROVADA
Profa. Dra. Maria do Carmo de Freitas Veneroso	APROVADA
Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha	APROVADA
Prof. Dr. Fabricio José Nascimento da Silveira	APROVADA
Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho	APROVADA

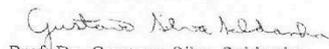
Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

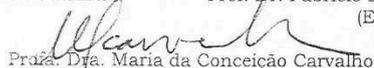
Belo Horizonte, 22 de dezembro de 2017.

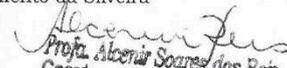
  
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis  
(ECI/UFMG)

  
Profa. Dra. Maria do Carmo de Freitas Veneroso  
(UFMG - Escola de Belas Artes)

  
Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha  
(IBICT)

  
Prof. Dr. Fabricio José Nascimento da Silveira  
(ECI/UFMG)

  
Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho  
(ECI/UFMG)

  
Profa. Alcenir Soares dos Reis  
Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Ciência  
da Informação da UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

## **DEDICATÓRIA**

Para Sebastião, Joana e Ana Elisa.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida;

A meus pais, pela oportunidade de vivenciar o mundo a partir da família que eles formaram. À minha amada filha Ana por tudo e ao Rodrigo, pai dela, pelas vivências e experiências. Aos meus irmãos Adna e Eliézer e aos meus familiares.

À minha orientadora Alcenir Soares dos Reis por sua presença ímpar em minha trajetória profissional na Biblioteconomia.

A Fabrício José Nascimento da Silveira pela amizade, pela leitura crítica e pelas alegrias de nossas conversas sobre livros.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pelas perspectivas que me proporciona desde 1994.

Aos colegas do Sistema de Bibliotecas da UFMG e à Diretoria da Biblioteca Universitária da UFMG.

Aos amigos, bibliotecários, Wellington Marçal de Carvalho e Analia Gandini Pontelo pelo apoio profissional e companheirismo.

À equipe da Divisão de Coleções Especiais, Adriana Freitas Espírito Santo, Júlia Rocha, Magna Lúcia dos Santos, Sabrina Fonseca e Raphael Saldanha.

À Ana Paula Oliveira que mediou o acesso a muitos artigos com bibliotecas no exterior, facilitando contatos com autores e bibliotecários que eu não poderia solucionar sozinha, não em tempos tão hábeis.

Aos bibliotecários que contribuíram diretamente com minha pesquisa por vezes com discussões, por vezes mediando o acesso aos documentos necessários para leitura: Bernadete Amazonas, Graça Cantalino, Jeorgina Gentil Rodrigues, Leonardo Renault, Rízio Bruno Sant'Anna.

À equipe do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional e mediou o acesso para muitos dos textos analisados na presente pesquisa.

Aos professores que participaram de minha banca de qualificação: Fabrício José Nascimento da Silveira, Gustavo Silva Saldanha, Maria do Carmo Freitas Veneroso e Maria da Conceição Carvalho pelas orientações, disponibilidade para diálogos durante toda minha trajetória com a dissertação e pelos incentivos para continuidade da pesquisa. Aos professores Amir Brito Cador, André Vieira de Freitas Araújo pelos diálogos e sugestões de leituras.

Aos bibliotecários que escreveram os textos que foram nosso objeto de análise, sem essa produção nossa pesquisa não seria possível. Às bibliotecas digitais que disponibilizam documentos sem os quais essa pesquisa seria inviável: *Gallica*, *E-rara*, *Archive*, *World Digital Library*

Aos desafios impostos pela vida, como ela é, porque eles me incentivaram a não desistir.

Toda escolha é arbitrária  
Jean-Yves Mollier<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**: ensaios sobre história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 125.

## RESUMO

A presente pesquisa analisa as relações entre Bibliofilia e o livro raro adotando por perspectiva da História Cultural, enquanto fundamento para os diálogos com a História do Livro, o Coleccionismo e a Bibliografia. Em termos teórico-conceituais a História do Livro nos permitiu observar os contextos sociais do livro raro por meio do Circuito de Comunicação proposto por Robert Darnton. Por sua vez, a Bibliofilia, apresentada enquanto uma dentre as manifestações do Coleccionismo, subsidiou a compreensão das práticas bibliofílicas que propiciaram a invenção da raridade. Nesse viés, ressalta-se as conexões da Bibliofilia com a Bibliografia tanto em termos do desvelamento das vozes da Bibliografia, quanto pelo detalhamento das circunstâncias histórico-conceituais que promoveram a produção de repertórios especializados dedicados à Bibliofilia, os quais denominamos como Bibliografias de Livros Raros. Sendo assim, e definindo como objetivo principal da pesquisa identificar de que modo os discursos sobre a raridade advindos da Bibliofilia são incorporados pela Biblioteconomia e Ciência da Informação (B & CI) brasileira como norteadores para a elaboração do conceito de livro raro, estabeleceu-se dois percursos metodológicos complementares: um dedicado aos fundamentos históricos definidores da raridade a partir do estudo das Bibliografias de Livros Raros dos séculos XVI ao XX – com ênfase no século XVIII; e outro percurso centrado no mapeamento do conceito de livro raro na produção em B & CI nacional. Para tanto, a coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e os resultados mensurados mediante o estabelecimento de comparações entre os conceitos de livro raro evidenciados pela B & CI com aqueles forjados pela Bibliofilia. Como resultado, assinala-se os critérios adotados para a construção da raridade na B & CI e Bibliofilia, que, apesar das similaridades objetivas, são frutos de contextos destacadamente díspares. Nesse sentido, conclui-se sobre as consequências da adoção de critérios de raridade idealizados pela Bibliofilia para a compreensão, em termos dos benefícios e das limitações, do patrimônio bibliográfico brasileiro na atualidade.

**Palavras-chave:** Bibliofilia; Livro Raro; Bibliografia; História do Livro; Biblioteconomia de Livros Raros - Brasil

## ABSTRACT

This research analyzes the relationship between Bibliophilia and the rare book in the modern era from the perspective of Cultural History, as a foundation for the dialogues with the History of the Book, the Collecting and the Bibliography. In theoretical-conceptual terms the History of the Book allowed us to observe the social contexts of the rare book through the Circuit of Communication proposed by Robert Darnton. On the other hand, Bibliophilia, presented as one of the manifestations of the Collection, subsidized the understanding of bibliophilic practices that led to the invention of rarity. In this sense, the connections between Bibliophilia and Bibliography are emphasized. Initially in terms of the concepts of Bibliography and then as to the detail of the historical-conceptual circumstances that promoted the production of specialized repertoires dedicated to Bibliophilia, which we identified as Bibliographies of Rare Books. Thus, having defined as main objective of the research to identify how the discourses on rarity from Bibliophilia are incorporated by the Brazilian Library and Information Science (B & CI) as guides for the elaboration of the concept of rare book, it was established complementary methodological aspects: one dedicated to the study of the Bibliographies of Rare Books from the 16th to the 20th centuries, pointing to historical foundations that built the rarity; and another one referring to the mapping of the concept of rare book in the production of Brazilian B & CI. As such, the data collection was carried out through bibliographic research and the results measured by establishing comparisons between the rare book concepts evidenced by B & CI with those forged by Bibliophilia. As a result, we point out the consequences of the adoption of criteria of rarity idealized by Bibliophilia to understand, in terms of the benefits and limitations, Brazilian bibliographic heritage in the present time.

**Keywords:** Bibliophilia; Rare Book; Bibliography; History of Book; Rare Book Librarianship - Brazil

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - O circuito das comunicações	37
Figura 2 – Qualitativos da raridade bibliofílica – elementos indissociáveis	98
Figura 3 – Qualitativos da raridade bibliofílica – níveis de raridade	98
Figura 4 – FBN - Ordem de serviço 12/1984 – 25/09/1984	148

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de Bibliografias	76
Quadro 2 – Sistema axiológico da Bibliofilia: elementos e qualitativos da raridade	123
Quadro 3 - Mapeamento da produção em B & CI referentes à temática livros raros	126
Quadro 4 – Análise documental individual – Pós-Graduação/Dissertação	127
Quadro 5 – Análise documental categorias comuns – Publicações	129
Quadro 6 - Qualitativos da raridade bibliofílica B & CI – Teses	130
Quadro 7 – Categorias discursivas comuns - ENAR	152
Quadro 8 – Categorias discursivas comuns - Dissertações	155
Quadro 9 – Categorias discursivas comuns - Teses	155
Quadro 10 – Categorias discursivas comuns - ENANCIB	156
Quadro 11 – Categorias discursivas comuns - Publicações	159
Quadro 12 – Categorias discursivas comuns - Periódicos	159
Quadro 13 – Categorias discursivas comuns sobre o livro raro B & CI brasileira	170
Quadro 14 – Comparação Raridade na B & CI e Raridade na Bibliofilia	172
Quadro 15 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B & CI – ENANCIB	177
Quadro 16 - Sistema axiológico da Bibliofilia na B & CI – ENAR	178
Quadro 17 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B & CI – Publicações	179
Quadro 18 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B & CI – Periódicos	180
Quadro 19 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B & CI – Dissertações	182
Quadro 20 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B & CI – Teses	183

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Categorias discursivas B & CI referentes ao conceito de livro raro	132
Gráfico 2 - Produção brasileira em B & CI referentes ao conceito de livro raro	134
Gráfico 3 – Assuntos mais frequentes na elaboração do conceito de livro raro na produção brasileira em B & CI	135

## LISTA DE ABREVIATURAS

ALA	–	<i>American Library Association</i>
AACR2	–	Código de catalogação Anglo-Americano
B & CI	–	Biblioteconomia e Ciência da Informação
BDTD	–	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BRAPCI	–	Base de Dados Acervo de Publicações Brasileiras em Ciência da Informação
CBBD	–	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
DCRB	–	<i>Bibliographic Description of Rare Books</i>
ENANCIB	–	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ENAR	–	Encontro Nacional de Acervos Raros
FBN	–	Fundação Biblioteca Nacional
GEIRD	–	Grupo de Estudos Interdisciplinares da Raridade Documental
IBICT	–	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFLA	–	Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias
ISBD(A)	–	Descrição bibliográfica internacional normalizada para monografias antigas
ISBD(M)	–	Descrição bibliográfica internacional normalizada das publicações monográficas
PLANOR	–	Plano Nacional de Restauração de Obras Raras
SNBU	–	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
UFMG	–	Universidade Federal de Minas Gerais
UMG	–	Universidade de Minas Gerais
UFRGS	–	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	–	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNB	–	Universidade de Brasília
UNICAMP	–	Universidade de Campinas
UNIRIO	–	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	–	Universidade de São Paulo

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	14
1.1 Justificativa e problema	16
1.1.1 Livros raros, Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil	23
1.2 Objetivos	27
1.2.1 Objetivo geral	27
1.2.2 Objetivos específicos	27
1.3 Estrutura da dissertação	28
<b>2 LEITURAS HISTÓRICAS SOBRE O LIVRO RARO</b>	31
2.1 Circuito de comunicação dos documentos gráficos	34
2.2 Ordenar, coletar e narrar: discursos sobre as posses dos objetos	40
2.2.1 Bibliofilia: <i>cupiditas librorum</i>	49
2.2.1.1 Discursos de raridade a partir da era moderna	56
<b>3 AS VOZES DA BIBLIOGRAFIA</b>	70
3.1 Bibliografias de Livros Raros	81
3.1.1 Século XVIII: DeBure e Vogt	100
3.1.2 Século XIX: Brunet	111
3.1.3 Século XX: Bibliofilia inglesa	113
<b>4 METODOLOGIA</b>	120

4.1 Bibliografias de Livros Raros: elementos para análise	121
4.2 Conceitos de raridade na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira	124
<b>5 ANÁLISES</b>	<b>131</b>
5.1 Análise documental	136
5.1.1 Bibliofilia	136
5.1.2 Biblioteca Nacional Brasileira	142
5.1.3 Pesquisas	153
5.1.4 Publicações: livros, manuais, periódicos	157
5.1.5 Rupturas necessárias: crítica epistemológica da raridade	160
5.2 Qualitativos da raridade bibliofílica na B & CI brasileira	171
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>186</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>197</b>
<b>ANEXO A – Livro raro na Biblioteconomia de Ciência da Informação brasileira</b>	<b>207</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho adotou por objetivo pesquisar a constituição do conceito de livro raro na Biblioteconomia brasileira tendo por base uma abordagem centrada na história da Bibliofilia<sup>2</sup>, sobretudo aquela praticada no continente europeu a partir da idade moderna<sup>3</sup>, especificamente no século XVIII. A definição desse marco temporal se justifica em função de um conjunto de questões econômicas, políticas e sociais relacionadas ao universo cultural dos livros<sup>4</sup>, que influenciaram a construção da raridade a partir de disputas discursivas entre atores do circuito da cultura *libraria*<sup>5</sup> na Bibliofilia (eruditos, bibliólogos, bibliófilos, livreiros, bibliógrafos e bibliotecários), que visavam o monopólio do conceito da raridade. A abordagem histórica da raridade bibliofílica nos permitiu, assim, compreender inter-relações da Bibliofilia com os discursos de raridade na Biblioteconomia brasileira, especialmente no tocante aos estudos das Bibliografias de Livros Raros – bibliografias, catálogos, opúsculos, inventários que conceituam e repertoriam livros raros, antigos, preciosos, curiosos, dentre outros, no contexto do colecionismo *librario*.

A adoção da raridade, enquanto qualitativo bibliofílico por excelência, foi uma das práticas mais efetivas no século XVIII que tinha por objetivo destacar a

---

<sup>2</sup> A grafia de Bibliofilia com letra maiúscula tem por objetivo caracterizar o papel histórico e teórico desse campo de estudo. A adoção dessa grafia ao longo de toda o texto da dissertação visa destacar a dimensão epistêmica das práticas bibliofílicas.

<sup>3</sup> Chartier (2014, p. 28) “A “Idade Moderna” vai do século XV (deveríamos dizer da descoberta da América, da queda de Constantinopla ou da invenção da imprensa?) até as revoluções do fim do século XVIII, sendo a mais importante, evidentemente, a Revolução Francesa, se sustentarmos que ela teve um fim ou um início”.

<sup>4</sup> Expressão usada por Chartier (1998)

<sup>5</sup> Na presente pesquisa a expressão cultura *libraria* é adotada para compreender todo o universo de produção e usos do livro em suas mais diversas manifestações materiais, técnicas, conceituais e culturais. Diretamente oposto aos documentos de caráter arquivístico, o *librario* compreende um conceito ampliado do livro, não restrito exclusivamente ao códice ou ao texto, mas abrangendo também e sobretudo as artes gráficas. Conforme Araújo (2014, p. 208) *libraria* “é uma expressão latina que significa “relativo aos livros”, “de livros”, “próprio dos livros”, “que se relaciona com o livro”. Compreende tudo o que é relativo aos livros, o que trata sobre livro, o que é o livro.” Também está relacionada ao local onde o livro era produzido (*taller librario*) e às práticas e às técnicas que o materializam e ainda ao local de guarda dos livros – a biblioteca material.

singularidade de um livro e os valores socioculturais de seu proprietário. As bibliografias que comercializavam e difundiam os documentos gráficos foram instrumentos mediadores entre os atores do circuito de comunicação do livro na Bibliofilia e se constituíram como referências fundamentais para a criação e difusão de um sistema direcionado para a confirmação da raridade. As Bibliografias de Livros Raros, identificadas em nossa pesquisa a partir do século XVI, demonstram, para além da função imediata de prover informações sobre livros, que os objetos ideais para as bibliotecas particulares exigiam conhecimentos necessários para sua coleta, por isso, associado às indicações de organização do conhecimento nas bibliotecas e nas livrarias, essas obras produziram e veicularam discursos sobre os “conhecimentos” dos livros e, conseqüentemente, sobre o conceito da raridade. Nesse cenário, não estavam estanques as disputas profissionais e comerciais que envolviam o monopólio da raridade.

Ao adotar tais elementos histórico-culturais como ponto de partida, a presente pesquisa objetivou aproximar-se dos conceitos de “livro raro” desenvolvidos no contexto da Bibliofilia, enquanto perspectiva para analisar os discursos da raridade adotados pela Biblioteconomia e Ciência da Informação (B & CI) brasileira e, assim, problematizar aproximações, similitudes e influências oriundas das Bibliografias de Livros Raros.

Na Biblioteconomia brasileira o ensino sobre o livro enquanto objeto bibliográfico (em suas dimensões material e discursiva), reconhecido como patrimônio cultural, pode ser percebido já a partir do primeiro curso oferecido pela Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, iniciado em 1915. Dos desdobramentos que se seguiram a essa área de estudos, a produção intelectual sobre o livro raro pode ser identificada a partir da década de 1940. Essas publicações se estendem até nossos dias e refletem o

que chamamos, em nossa pesquisa, de produção intelectual da B & CI brasileira sobre a temática dos livros raros<sup>6</sup>.

A produção intelectual sobre livros raros na B & CI brasileira, se comparada com a produção relacionada a outros temas, ainda apresenta números baixos em termos de pesquisas acadêmicas<sup>7</sup>. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou contribuir e somar-se às pesquisas sobre o livro raro como campo de estudo relevante para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação.

### 1.1 Justificativa e problema

A Bibliofilia, nascida muito antes da cultura do impresso, tem por interesse e objeto de desejo as mais diversas faces do livro enquanto objeto colecionável. A busca por documentos raros para integrar gabinetes e coleções particulares a partir da idade moderna, na Europa ocidental, tornou relevante a discussão referente ao livro como objeto de práticas sociais e culturais do colecionismo.

A raridade atribuída ao livro pode ser percebida também na história das bibliotecas universitárias, quando da aquisição de coleções particulares. No cenário das bibliotecas institucionais, em especial a partir do século XIX até nossos dias, a raridade é um dos motivos para a adoção de processos de seleção de livros em acervo já

---

<sup>6</sup> O estudo histórico sobre a Biblioteconomia de Livros Raros no Brasil é tema relevante, sobre o qual dedicamos ampla leitura, contudo, devido ao nosso recorte, optamos por não abordar questões epistemológicas específicas dessa face da Biblioteconomia.

<sup>7</sup> Somente como exemplo, nos estudos sobre o livro na produção científica norte-americana e inglesa identificamos bibliotecários, bibliógrafos e historiadores em pesquisas direcionadas para a revisão, atualização e ampliação dos estudos sobre o livro em suas mais diversas facetas, inclusive a da raridade. São exemplos dessa produção os seguintes periódicos:

a) *Transactions of the Bibliographical Society*, atualmente *The Library* (1893- );

b) *Transactions of the Cambridge Bibliographical Society* (1949-2012);

c) *Papers of the Bibliographical Society of America* (1906- );

d) *Papers of the Bibliographical Society of the University of Virginia* – atualmente *Studies in bibliography* (1948- ); e

e) *Rare Books & Manuscripts Librarianship*, atualmente *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, (1986- ).

constituído e, também, para a criação de espaços voltados para a preservação da memória em coleções raras e especiais. A seleção de documentos, de acordo com critérios pré-estabelecidos, adota como foco a necessidade de separar os livros excepcionais daqueles ordinários acionando como justificativa seu significado para a instituição.

Esse movimento profissional/institucional dedicado às coleções raras e especiais pode ser identificado, por exemplo, na Biblioteconomia inglesa. John Feather (1982) cita que uma das primeiras inserções das discussões sobre livros raros, nas bibliotecas universitárias na Inglaterra ocorreu a partir da aquisição da biblioteca Bodleiana<sup>8</sup> pela universidade de Oxford, quando surgiu a necessidade de direcionar as práticas biblioteconômicas para o trabalho dedicado aos livros raros e antigos que, antes da doação, estavam imersos no contexto privado da Bibliofilia, ou seja, livros de uma coleção particular que traziam consigo a memória das práticas bibliofílicas da raridade. Feather destaca que o bibliotecário inglês Bulkeley Bandinel<sup>9</sup> dedicou seu trabalho às coleções especiais e livros raros e foi ele quem criou, no século XVIII, o *Auctarium* na *Bodleian* destinado à guarda de livros de perfil especial. De acordo com Feather, Bandinel:

considerava como os mais excelentes da biblioteca: manuscritos iluminados, incunábulos, belas impressões, grandes cópias em papel, *editiones principes* dos clássicos Aldinos, Elsevier e encadernações de luxo. [...] Na tentativa de reproduzir, em grande escala, as atuais modas bibliofílicas, Bandinel involuntariamente criou a ideia da Biblioteconomia de Livros Raros como é agora entendido: o lugar especial e o **tratamento de forma arbitrária de categorias predeterminadas de livros.** (FEATHER, 1982, p.[26, 28], grifo nosso).

---

<sup>8</sup> Sir Thomas Bodley “doou sua coleção de livros à Universidade de Oxford.” (BURKE, 2003, p. 66).

<sup>9</sup> Bulkeley Bandinel (1761-1861) eclesiástico e bibliotecário britânico. *Bandinel, occupied with administering the Bodleian and paying from his own purse for bold acquisitions of rare books and manuscripts, rarely visited his living in the North and the parish was run by a curate in his place. The Bodleian's collections increased greatly under his direction and his knowledge of literary circles was rarely seconded.* Disponível em: < [https://en.wikipedia.org/wiki/Bulkeley\\_Bandinel](https://en.wikipedia.org/wiki/Bulkeley_Bandinel)>.

Posteriormente, no século XX, os teóricos dedicados ao estudo dos livros raros no contexto anglo-americano mantêm a identificação desse campo como Biblioteconomia de Livros Raros (*Rare Book Librarianship*), dentre eles, os que destacamos são Cave (1976), Traister (2003) Galbraith & Smith (2012), Berger (2014). De modo particular, o trabalho de Cave relaciona a Bibliografia e a Bibliofilia enquanto aportes práticos e conceituais balizadores da raridade bibliográfica. Os demais autores dão ênfase ao livro raro, contudo, adotam abordagens mais dedicadas aos processos de gestão administrativa de coleções raras e especiais. É interessante, nesse momento de apresentação da nossa pesquisa, explanarmos mais sobre os textos de Cave (1976) e Traister (2003).

Inscrito nesse cenário da Biblioteconomia de Livros Raros anglo-saxã, o bibliotecário Roderick Cave publicou, em 1976, o livro *Rare book librarianship*, no qual discorreu sobre a formação de coleções bibliográficas especiais, incluindo a seleção e aquisição de documentos e, ainda, as qualificações técnicas e acadêmicas dos bibliotecários para o trabalho com os livros raros. No capítulo 2, *The nature of rare book*, o autor define como fatores centrais da natureza do livro raro: a escassez; a reputação (do livro ou autor); a moda (os gostos oscilantes de cada tempo e sociedade); a condição (integridade e estado de conservação – associado à fisicalidade do documento); e a proveniência (os percursos de posse e de circulação que o livro realizou ao longo de sua existência). A abordagem de Cave foi calcada nos preceitos defendidos por John Carter, um influente bibliófilo e livreiro inglês. Nesse sentido, ao definir tais critérios, Cave reconhecia em sua proposta os elementos condicionantes da raridade na Bibliofilia inglesa como legítimos para a afirmação da raridade na Biblioteconomia.

Seguindo a mesma corrente de pensamento de Cave estão os trabalhos de Daniel Traister (2003) nos quais se enfatiza que as bibliotecas institucionais

guardadoras de coleções de livros raros são aquelas que têm como imperativos essenciais o ensino e a pesquisa sobre a cultura gráfica. Ele confirma que a raridade na Biblioteconomia é herdeira da Bibliofilia. Dito com suas palavras: “O termo tem origem no comércio de livros, onde existiam negociantes de livros raros, [termo que em seguida] migrou para a biblioteconomia” (TRAISTER, 2003, p.538, tradução nossa)<sup>10</sup>. Para ele, o livro raro é “literalmente um livro cujas cópias são escassas e difíceis de serem adquiridas.” (TRAISTER, 2003, p. 538, tradução nossa)<sup>11</sup>. Para o autor, o conceito de livro raro é complexo, incerto e mutável – não há consenso nas bibliotecas institucionais sobre sua natureza e sua definição –, por isso as bibliotecas estabelecem critérios como um instrumento de apoio para a formação e desenvolvimento de coleções especiais. Nesse sentido, Traister (2003, p. 539-540) elenca oito critérios que, regra geral, podem ser identificados em coleções especiais de bibliotecas inglesas e norte-americanas:

1. data de publicação – com ênfase para as primeiras impressões com tipos móveis e as edições mais célebres de cada século;
2. primeiras edições – que se destacam por seu impacto nos diversos campos de conhecimento;
3. primeiras impressões de locais específicos;
4. valor de mercado;
5. inexistência de cópias ou número muito reduzido de cópias;
6. edições ilustradas por artistas famosos;
7. encadernações luxuosas e/ou de significado histórico de destaque;
8. proveniência – pertencimento de exemplares a proprietários famosos.

Pelo exposto por Cave (1976) e Traister (2003) há um diálogo (interrompido e ininterrupto, silencioso e falante) entre Biblioteconomia e Bibliofilia na elaboração

---

<sup>10</sup> *The term originates in the book trade, where there are rare-book dealers, but came over into librarianship.*

<sup>11</sup> *Literally, a book of which copies are scarce and hard to obtain.*

dos discursos sobre a raridade. E o modo mais explícito dessa presença perene é o estabelecimento de critérios.

Confirmando nossa consideração, Julián Martín Abad, em sua obra *Los libros impresos antiguos* (2004), cita que o termo raro, no contexto de gestão das bibliotecas institucionais – que por vezes usam o termo para agrupar, reunir livros – pretende, prioritariamente, singularizar o livro a partir de aspectos importantes de determinado documento gráfico. O autor destaca, assim, que a raridade está estruturada a partir de níveis, a qual pode ser: absoluta, relativa e temporal. Martín Abad, conclui que no estabelecimento de níveis os bibliófilos e os livreiros-antiquários são os porta-vozes dessa construção. Novamente evidenciamos a presença da Bibliofilia no centro das discussões do livro raro.

Galbraith & Smith (2012) e Berger (2014) também destacam que o uso do termo “livro raro” na Biblioteconomia relaciona-se com a Bibliofilia. E que, em conformidade com essa, a raridade relaciona-se, primeiro, com a escassez e, em segundo lugar, ao valor monetário do livro. Por esse motivo, em algumas bibliotecas, o valor monetário determina o grau de raridade.

Um outro exemplo do diálogo Bibliofilia-Biblioteconomia é um guia publicado, em 2011 pela *American Library Association* (ALA), por meio do *Rare Books and Manuscripts Section* do *Association of College and Research Libraries*, em parceria com o *Antiquarian Booksellers' Association of America* e a *Rare Book School* da Universidade de Virginia. O guia teve como objetivo reunir as questões mais frequentemente relacionadas aos livros antigos para colecionadores e bibliotecários de instituições de perfil público. As vinte e três questões levantadas tiveram como centro de discussão o livro raro e o colecionismo *librario*<sup>12</sup>. As perguntas e respostas, para

---

<sup>12</sup> Serrai (2001), Ruiz Garcia (1992) usam a expressão colecionismo *librario*.

além da função de orientação inicial, ressaltam aspectos da raridade adotados na Bibliofilia (escassez, condição<sup>13</sup>, primeira edição, edição limitada, marcas de propriedade e outros), contudo, não deixam de dimensionar o contexto das bibliotecas institucionais.

Pelo exposto, a Bibliofilia é presença constante nos discursos da Biblioteconomia, especialmente, naqueles referentes às atribuições de raridade aos livros e às coleções. O contexto privado da Bibliofilia compreende práticas colecionistas pautadas pela raridade e, logo, pela necessidade de distinção do proprietário que é frequentemente provada pela singularidade do documento que possui. Nas bibliotecas destinadas ao acesso público, o que justifica a adoção da raridade? Uma das reflexões possíveis acerca dessa questão relaciona-se diretamente aos significados que podem existir na manutenção de livros raros em uma biblioteca que atendem a usuários com múltiplos perfis.

Nesse sentido, as discussões sobre o livro raro nas bibliotecas institucionais caminham para o campo do patrimônio cultural. Por esse motivo, agregamos à nossa discussão as considerações de Rosa María Fernández de Zamora, que, em Congresso da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), discorre sobre o patrimônio documental na América Latina e Caribe, apontando que o estudo da formação de coleções especiais em bibliotecas se inserem no contexto das bibliotecas enquanto patrimônio. Por esse motivo, para estudar, compreender e questionar a formação dessas coleções é necessário saber o que se guarda e porque se preserva. “Ocupar-se do patrimônio documental hoje em dia implica, portanto, tratar de sua

---

<sup>13</sup> A condição é um dos critérios adotados por bibliófilos e livreiros para atribuição de valor a um livro para apreciação de raridade. A condição corresponde aos efeitos da passagem do tempo impostas a um exemplar; ao estado físico do livro do ponto de vista de sua conservação; e à integridade ou completude material e textual da obra. Mellot (2002, p. 614); Faria & Pericão (2008, p.189); Viardot (2015, p.30).

definição, de sua conservação, de sua valoração, do lugar que deve ocupar na esfera cultural” (FERNÁNDEZ DE ZAMORA, 2009, p.1). Desse modo, seu texto demarca que as inquietudes sobre os sentidos dos livros especiais em bibliotecas é questão a ser enfrentada. Nesse sentido, a autora alerta que os livros especiais em bibliotecas precisam ser vistos a partir da lente do patrimônio

Para somar às nossas abordagens sobre as problemáticas que estão em torno do conceito de livro raro, citamos a biblioteconomia francesa que, na década de 1980, indagou o império da raridade com o objetivo de redefinir políticas patrimoniais. Raphaële Mouren, em estudos sobre como definir o patrimônio em bibliotecas, relata que em 1981 um conselho de especialistas foi formado naquele país para refletir sobre o patrimônio das bibliotecas<sup>14</sup> e, para isso, estabelecer políticas públicas específicas para esses fundos patrimoniais. Até antes do trabalho dessa comissão, os critérios definidos pelo Conselho de Bibliotecas Francesas para a atribuição de raridade eram assim definidos:

As coleções patrimoniais são formadas por coleções nacionais constituídas por depósito legal e por documentos antigos, raros e preciosos [...] documento **antigo** é todo documento que data de mais de cem anos [...] documento **raro** é aquele escasso [que não se localiza com facilidade em bibliotecas...] a **preciosidade** de um documento deve ser [atribuída], independentemente de sua raridade, avaliada em termos do seu valor de mercado, cultural ou científico [...] (MOUREN, 2007, p. 26, grifo nosso).

Para Mouren essas definições eram problemáticas, pois havia uma variedade de tipologias documentais oriundas de contextos diversos e específicos que não eram contempladas e que podiam encapsular documentos em detrimento de outros, sem uma análise pormenorizada. Refletindo sobre essa questão, a autora propôs a ampliação baseada em estudos direcionados para a compreensão do documento em seu contexto

---

<sup>14</sup> O trabalho da comissão foi publicado em: LOUIS, Desgraves. **Le patrimoine des bibliothèques: rapport à M. Le directeur du livre et de la lecture.** Paris: Ministère de la Culture, 1982.

histórico, cultural e social. Nesse sentido, as tipologias documentais poderiam contemplar, segundo Mouren (2007, p. 26-27):

- livro raro: livros manuscritos, livros únicos, livros de tiragens reduzidas;
- livro antigo: os incunábulo, todos os livros impressos de modo artesanal até 1811, livros impressos há mais de um século;
- manuscritos: escritos à mão, escritos datilografados (cópias manuscritas ou datilografadas de obras literárias, originais, cópias manuscritas ou datilografadas de documentos históricos ou administrativos);
- coleções iconográficas (impressas ou manuscritas): estampas, gravuras, desenhos, fotografias, mapas e plantas;
- exemplares da bibliofilia contemporânea;
- todos os documentos que devem ser “conservados” e “preservados por tempo indeterminado” (MOUREN, 2007, p. 26-27).

A discussão que se abre com a obra de Mouren pode ser apreendida para além da definição de tipologias e distinções do livro, uma vez que acena para a ampliação dos significados do documento nos contextos das bibliotecas que resguardam o patrimônio de uma instituição e/ou de um país. Não sem razão, essa discussão se converte em guia para analisarmos a produção da B & CI brasileira sobre o livro raro.

### **1.1.1 Livros raros, Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil**

No Brasil, especialmente no contexto das práticas profissionais e acadêmicas inscritas no campo da B & CI, há uma área dedicada aos livros raros, antigos e especiais. Configurando-se por meio de referências transdisciplinares, o livro raro dialoga com os campos da Memória, do Patrimônio, da História do Livro, da Edição, da Conservação-Restauração, dentre outros. De modo mais restrito, na B & CI, o livro raro é, ou poderia ser, abordado em temáticas ligadas à Gestão de Coleções

(Formação e Desenvolvimento de Acervos; Controle Bibliográfico; Preservação e Conservação), Bibliografia, Organização da Informação, História do Livro e das Bibliotecas, enfocando-se de forma privilegiada as discussões voltadas para a gestão de coleções.

Para introduzir a questão dos livros raros na Biblioteconomia brasileira, citamos Suelena Pinto Bandeira, pesquisadora que faz os seguintes apontamentos:

O ensino da biblioteconomia no Brasil surgiu no início do século XX. O primeiro curso foi instituído em 1911 e implementado a partir de 1915, pela Biblioteca Nacional [...] Funcionou até 1922, quando foi extinto. Em 1931 foi reiniciado com alterações quanto ao período [...] Era fortemente influenciado, em relação às técnicas de organização de bibliotecas, pela École Nationale des Chartes, que havia sido fundada na França em 1821, voltada para a formação de pessoal para atuar na preservação do patrimônio cultural francês (bibliotecas, arquivos, museus, monumentos, coleções arqueológicas, etc.). (BANDEIRA, 2007, p. 39).

Os profissionais qualificados nesse curso iriam atuar, também, na gestão de documentos raros e antigos.

Um dos textos iniciais sobre a raridade *librario* publicado no Brasil e que posteriormente foi adotado no contexto da Biblioteconomia é o *Os livros nossos amigos*, escrito por Eduardo Frieiro<sup>15</sup> em 1941<sup>16</sup>. Frieiro foi professor da disciplina História do Livro e das Bibliotecas<sup>17</sup> na Escola de Biblioteconomia na Universidade de Minas Gerais (UMG) onde lecionou de 1951 à 1953<sup>18</sup>. Outro nome de destaque para o campo

<sup>15</sup> “Eduardo Frieiro foi tipógrafo, “crítico literário, jornalista, professor, romancista, ensaísta” e “um intelectual de destaque no espaço cultural de Minas Gerais. (MARTINS FILHO, 2013, p.198).

Carvalho (2008) apresenta a biografia de Frieiro em sua tese *Cordialmente, Eduardo Frieiro : fragmentos (auto)biográficos*. De acordo com a pesquisadora ele viveu na capital mineira parte de sua infância onde frequentou os dois primeiros anos do curso primário, única educação formal da sua vida. Começou a trabalhar na Imprensa Oficial de Minas Gerais aos 11 anos.

<sup>16</sup> FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. Belo Horizonte: Paulo Bluhm, 1941. 139 p.

<sup>17</sup> Conforme relatam Cristina Dotta Ortega e Maria da Conceição Carvalho, no “curso de Biblioteconomia atual, da UFMG, a disciplina foi substituída por Produção dos Registros do Conhecimento, seguindo o Currículo Mínimo de 1982. Na atualização curricular de 2009, esta disciplina foi suprimida. Em 2015, a disciplina História do Livro e das Bibliotecas voltará a ser oferecida, como optativa” (ORTEGA; CARVALHO, 2015, p.32).

<sup>18</sup> Na UFMG, após a saída de Frieiro, a professora Maria Romano Schreiber assumiu a disciplina no período de 1953 à 1981 na qual teve destacada atuação docente e ampla produção acadêmica sobre a

da Biblioteconomia brasileira foi Rubens Borba de Moraes<sup>19</sup> que teve papel fundamental na formação de bibliotecários no país – seu livro *O bibliófilo aprendiz*, publicado em 1965<sup>20</sup>, é referência na formação de bibliotecários atuantes no campo dos livros raros.

Após essas duas publicações, nas décadas seguintes, a produção intelectual da Biblioteconomia no Brasil sobre livros raros aumentou e é possível identificar uma frequência discursiva da raridade bibliofílica em grande parte dessa produção. Nesse sentido, consideramos pertinente uma leitura sobre a história da Bibliofilia para observar em quais momentos e quais elementos culturais proporcionaram a criação do conceito de livro raro, tendo-se em vista apreender como esse conceito se constitui e se difunde na produção biblioteconômica e da CI brasileira.

Roger Chartier (2014, p. 28) destaca a importância de identificar “estratos da cultura” do livro no “passado com o intuito de compreender mais acuradamente” como essa cultura se reverbera em nosso presente, ou seja, como as questões dos livros nos afetam no presente. Assim, o objetivo principal de nossa pesquisa foi identificar a influência da Bibliofilia na constituição do conceito de livro raro na Biblioteconomia brasileira. Alinhados à orientação de Georges Duby (1998) sobre a necessidade de observar com atenção “como os modelos culturais, oriundos de alguns sectores

---

preservação do livro no âmbito da formação em Biblioteconomia. Em especial, “contribuiu como gestora e como teórica, ao pensar o livro – em sua história, materialidade e conteúdo – como objeto primordial das ações bibliotecárias” (ORTEGA; CARVALHO, 2015, p.21).

<sup>19</sup> Conforme relata Suelena Pinto Bandeira, Moraes “fundou o primeiro curso de biblioteconomia no Brasil, aberto não só aos funcionários da prefeitura de São Paulo, mas também a qualquer pessoa interessada em organização e administração de bibliotecas.” (BANDEIRA, 2007, p.1).

<sup>20</sup> MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1965. 197p.

Também se destacam sobre obras importantes do autor para o campo da Biblioteconomia no Brasil:

MORAES, Rubens Borba de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro: 1943 64p

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: São Paulo: 1979. 234p.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliographia brasiliana**: a bibliografia essay on rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works of Brazilian authors published abroad independence of Brazil i. Amsterdam; Rio de Janeiro: c1958. 2v.

privilegiados, foram depois recebidos por toda a sociedade” (*sic*) (DUBY, 1998, p. 407), optamos por estabelecer uma abordagem histórica da Bibliofilia visando-se observar as reverberações e apropriações de seus discursos de raridade pela B & CI no Brasil.

Nesse sentido, a pesquisa referente à produção intelectual da B & CI no Brasil apresentou que as discussões e trabalhos relacionados ao livro raro se fazem presentes na produção de livros, dissertações, teses e artigos científicos – que discutem e divulgam os critérios de raridade – notadamente no âmbito de instituições responsáveis pela guarda do patrimônio bibliográfico do/no país. Em uma primeira abordagem notamos que a produção intelectual da Biblioteconomia brasileira sobre livros raros, nos séculos XX e XXI, elabora o conceito de livro raro a partir de critérios institucionais. Essa é uma prática similar aos qualitativos bibliofílicos para a atribuição de raridade. Tal semelhança conduziu à formulação de algumas indagações que orientaram a presente pesquisa:

- Que marcadores históricos, especialmente no contexto da modernidade, contribuíram para a construção de práticas e representações discursivas sobre o livro raro?
- Em que medida a Bibliofilia moderna é protagonista do processo de formação do conceito de livro raro?
- No Brasil, quais as possíveis reflexões da adoção da raridade advinda da Bibliofilia para a construção de certos discursos sobre o livro raro?
- E ainda, a produção intelectual da B & CI brasileira aponta que a confirmação da raridade se dá, dentre outros fatores, por meio de comprovação de raridade em bibliografias. Quais são essas bibliografias? O que elas representam?

Em síntese, a presente pesquisa coloca em questão a raridade imposta aos livros na produção acadêmica da B & CI no Brasil, uma vez que constata que a aproximação do conceito de livro raro – a partir do estudo das bibliografias da Bibliofilia – é ainda pouco explorada nessas áreas. Dessa forma, consideramos que a pesquisa pode contribuir para os estudos sobre o livro e despertar novas possibilidades de abordagem do patrimônio bibliográfico pelos profissionais da B & CI e de outras áreas afins.

Pelo exposto, nossa análise visou trazer para a discussão as apreensões sobre o livro enquanto objeto que materializa e representa significados de excepcionalidade no universo das bibliotecas institucionais, principalmente em suas coleções raras e especiais, denominadas nas últimas décadas como coleções patrimoniais. Assim, demarcado, assinalamos que essa dissertação consolidou-se tendo por referência os seguintes objetivos gerais e específicos:

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Identificar os fundamentos históricos que propiciaram a elaboração do conceito de livro raro na Bibliofilia moderna, tendo em vista apontar em que medida esse discurso sobre a raridade é adotado e disseminado pela Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

1. Identificar os fundamentos históricos e teóricos que amparam a formulação do conceito de livro raro na idade moderna;

2. Apreender, a partir de uma leitura histórica, os fundamentos conceituais referentes ao livro raro na Bibliofilia e suas inter-relações com a Bibliografia e a formação de bibliotecas particulares;
3. Analisar em que medida o discurso sobre o livro raro produzido pela Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil mostra-se vinculado a uma abordagem oriunda da Bibliofilia;
4. Assinalar a influência do conceito do livro raro na Biblioteconomia e na Ciência da Informação brasileira tendo em vista assinalar quais norteadores são acionados para conceituar o livro raro;
5. Apontar as consequências e limitações da adoção da raridade bibliofílica para o desenvolvimento dos estudos da raridade no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no Brasil.

### **1.3 Estrutura da dissertação**

Em termos conceituais e em função de suas proposições metodológicas, a presente pesquisa filia-se à História Cultural. Nesse sentido, adota por premissa que o conceito de livro raro é uma construção social cujos contornos discursivos são oriundos das práticas ensejadas pela Bibliofilia. Razão pela qual, visando analisar essa premissa, recorre a um conjunto de autores e conceitos inscritos no contexto da História do Livro, do Colecionismo e da Bibliografia. Dito isso, a dissertação que ora apresentamos possui dois capítulos de cunho eminentemente teórico-conceituais – um dedicado ao Livro e à Bibliofilia; e outro consagrado à Bibliografia, cujo foco discursivo volta-se para as Bibliografias de Livros Raros.

De modo mais detalhado, o capítulo intitulado *Leituras históricas sobre o livro raro* compõe-se por duas seções. A primeira dedica-se a pensar o livro enquanto

objeto histórico e sua apreensão por meio das diretrizes projetadas por Robert Darnton (2010) em seu *Circuito de Comunicação*. A partir desse enquadramento, adotamos uma compreensão ampliada do livro, tomando-o enquanto documento gráfico que conjuga materialidades (suportes) e textualidades (palavra e imagem) específicas, com distintos significados e múltiplas possibilidades de apreensão. Em seguida, voltamos nosso olhar para o documento gráfico, atentado para sua dimensão de objeto construído pelo ser humano e dotado de características que motivam sua classificação, coleta e, conseqüentemente, a produção de discursos sobre o mesmo. Nesse sentido, recorreremos a Baudrillard (1969, 2009) e a Pomian (1984, 1987, 1998) para traçarmos uma história social do Colecionismo e também, especificamente, Chartier (1998, 2014), Sordet (2002) e Viardot (1983, 1986, 1988, 2008, 2015) como referencial sobre o colecionismo *librario*. O centro dessa abordagem moderna da Bibliofilia inicia com o renascimento, fundamenta-se com o tratado de Gabriel Naudé no século XVII e alcança sua consagração na Bibliofilia vivenciada no século XVIII, tendo como fruto de suas práticas e representações para a “invenção da raridade”.

O terceiro capítulo ressalta as conexões da Bibliofilia com a Bibliografia. Nesse sentido, confere destaque às várias *Vozes da Bibliografia*, demarcando as práticas e conceitos responsáveis por consagrar a Bibliografia enquanto disciplina e também as significâncias dos repertórios bibliográficos produzidos para os bibliófilos – as quais nominamos como Bibliografias de Livros Raros. Em seções específicas, apresentamos como essas bibliografias converteram-se em instrumentos de mediação dos discursos da raridade bibliofílica e em fonte de referência para o comércio de livro raro na Europa dos séculos XVI ao XX. Esse percurso nos permitiu compreender as bases constitutivas dos discursos da raridade bibliofílica e como o mesmo se transforma em um sistema

axiológico composto por diferentes níveis e qualitativos condicionantes do que venha a ser o livro raro.

O capítulo 4 demarca o percurso metodológico da pesquisa. Tendo-se em vista que essa dissertação visa identificar de que modo os discursos sobre a raridade advindos da Bibliofilia são incorporados pela B & CI brasileira como norteadores para a elaboração do conceito de livro raro, foram definidos dois percursos metodológicos complementares: um dedicado ao estudo das Bibliografias de Livros Raros dos séculos XVI ao XX, apontando fundamentos históricos definidores da raridade; e outro referente ao mapeamento do conceito de livro raro na produção em B & CI nacional. Para tanto, a coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e os resultados mensurados mediante o estabelecimento de comparações entre os conceitos de livro raro evidenciados pela B & CI com aqueles forjados pela Bibliofilia.

Os resultados dessas análises são apresentados no capítulo 5. Além de identificar as categorias discursivas acionadas pelos autores para a definição do livro raro no contexto da B & CI brasileira, tornou-se possível evidenciar a influência e a reprodução, atemporal e acrítica, dos critérios de raridade estabelecidos pelo sistema axiológico da Bibliofilia em textos da produção intelectual da B & CI.

Por último, nossas Considerações Finais apontam para a necessidade de se pensar criticamente o conceito de livro raro, bem como a imposição dos critérios de raridade. Nesse sentido, reflete-se acerca das consequências da adoção de critérios de raridade idealizados pela Bibliofilia para a compreensão, em termos dos benefícios e das limitações, do patrimônio bibliográfico brasileiro na atualidade.

## 2 LEITURAS HISTÓRICAS SOBRE O LIVRO RARO

Nossa perspectiva teórico-analítica adota como elemento referencial a premissa de que os conceitos são construções históricas, formados a partir de heranças e práticas socioculturais. Assim, para abordar o conceito de livro raro é necessário dialogar com conjuntos culturais e historiográficos que não estão circunscritos apenas ao campo da Biblioteconomia. Tendo em vista que as categorias de sentido que recaem sobre o livro raro no passado não são as que temos na atualidade, faz-se necessário conhecer os contextos culturais e sociais que deram forma ao discurso da raridade. Nesse sentido, a Dialética – “o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 1985, p. 8) – perpassou e fundamentou nossa pesquisa nos atentarmos sobre as contradições e mediações que constituem os significados do livro raro no campo da cultura libraria. Como nos esclarece Konder (1985, p.54) mudança e permanência são categorias reflexivas que não podem ser pensadas uma sem a outra. “Uma das características essenciais da dialética é o espírito crítico e autocrítico. Assim como examinam constantemente o mundo em que atuam, os dialéticos devem estar sempre dispostos a rever as interpretações em que se baseiam para atuar.” (KONDER, 1985, p. 83). Essa trama constitui-se, pois, como ponto de partida para se identificar as possíveis relações entre o discurso da raridade na Bibliofilia e na B & CI no Brasil.

A abordagem histórico cultural que fundamenta a presente pesquisa permite compreender que o conceito de raridade *libraria* é indissociável da Bibliofilia e que sua construção tem lugar privilegiado nas Bibliografias de Livros Raros. Assim, a História do Livro, o Colecionismo e a Bibliografia são os campos de estudos que sustentam nossa pesquisa, os quais, por sua vez, estão fundamentados na história cultural. E esta

serve de aporte à pesquisa, em função de sua capacidade de fornecer elementos que propiciam o estabelecimento de vínculos e de produção<sup>21</sup> de sentidos relacionados ao livro e à Bibliofilia e, desse modo, a construção do conceito de raridade na era moderna.

Concordamos com a afirmação de Jean-Pierre Rioux (1992), segundo a qual

A história cultural é a que fixa o estudo das formas e representação do mundo no seio de um grupo humano cuja natureza pode variar – nacional ou regional, social ou política -, e de que analisa a gestação, a expressão e a transmissão. (RIOUX, 1998, p. 20).

Ainda na mesma direção Daniel Roche (1998) adverte que “não se pode estudar a cultura sem se interrogar o sistema social em que ela se desenrola, sem se ver o conjunto em que os diferentes elementos se transformam” (ROCHE, 1998, p. 26). O autor justifica a adoção da história cultural nas pesquisas que realizou afirmando:

Se prefiro falar de história das culturas é porque o projecto que se elaborava na investigação visava compreender as diversas mediações que intervêm entre as condições objectivas da vida dos homens e as numerosas maneiras com que eles as representam e as dizem.

[...]

trata-se de estudar comportamentos colectivos, sensibilidades, imaginações, gestos a partir de objetos precisos, tais como livros, ou de instância, como as instituições de sociabilidade. (ROCHE, 1998, p. 33-34).

Antoine Prost (1998, p. 134) afirma que a “história cultural é indissociavelmente social, dado que está ligada ao que diferencia um grupo de outro. É, pois, raciocínio sobre as diferenças, sobre os desvios”, sobretudo porque a cultura é um fator de identidade. Em suas palavras:

Toda cultura [...] é cultura de um grupo. Só existe cultura compartilhada, pois a cultura é mediação entre os indivíduos que compõem o grupo. É o que estabelece entre eles comunicação e comunidade. Mas a cultura é também mediação entre o indivíduo e a sua experiência; (PROST, 1998, p. 135).

---

<sup>21</sup> Conforme abordagem de Rioux (1998, p. 16) sobre a história cultural.

Duby (1998) conclui que “uma cultura se define tanto pelo que rejeita como pelo que venera” (DUBY, 1998, p. 405). A “cultura nunca é recebida uniformemente pelo conjunto de uma sociedade, [...] esta se decompõe em meios culturais distintos, por vezes antagônicas [...] a transmissão da herança cultural se encontra governada pela disposição das sociais (DUBY, 1998, p. 407).

Isto posto, e conforme observa Laraia (2009), para conhecer o significado de um símbolo é necessário conhecer a cultura que o criou. Desse modo, para conhecer mais sobre o significado do livro raro, dedicamos esforços em busca de uma leitura histórica da Bibliofilia.

O percurso teórico-conceitual aqui estabelecido tem como foco a reunião de temáticas que envolvem a cultura *libraria*/cultura gráfica enquanto fundamentos para compreensão do conceito de livro raro. Nesse sentido, faz parte nosso referencial teórico a análise do discurso – Michael Foucault (2007, 2012) – que fundamentou as análises dos textos da B & CI selecionados em nossa pesquisa, mas que também é subjacente ao longo de toda a construção da dissertação.

É importante que se mencione já aqui que compreendemos a Bibliofilia enquanto uma das manifestações do Coleccionismo, enquanto campo do conhecimento com fundamentos teóricos-conceituais próprios e com contribuições essenciais para a construção do conceito de livro raro.

## 2.1 Circuito de comunicação dos documentos gráficos

Dos diversos instrumentos do homem,  
o mais assombroso é, sem dúvida, o livro.  
Os demais são extensões de seu corpo. [...]  
O livro porém, é outra coisa:  
o livro é uma extensão da memória e da imaginação.  
Borges.<sup>22</sup>

A história do livro, a partir de uma perspectiva ampla, pode ser compreendida como a história dos documentos inscritos, escritos, impressos e gravados, produzidos ao longo da história da humanidade e que são associados à materialização “da memória e da imaginação”<sup>23</sup> da sociedade, ou seja, aos registros da palavra e da imagem.

Para Elisa Ruiz García (1992) a trajetória da palavra e da imagem se vincula a textos, identificados como fenômenos gráficos que podem ser compreendidos tanto do ponto de vista do conteúdo que se deseja registrar, quanto do ponto de vista da materialidade e forma que os fazem existir. Para a autora os

textos são também suscetíveis de serem examinados globalmente desde um ponto de vista de sua produção material e de sua incidência sobre o meio cultural. Nos últimos tempos se tem desenvolvido dois ramos complementares que estudam tais aspectos: são as disciplinas Codicologia<sup>24</sup> e História do Livro impresso (Bibliografia), através das quais se pode seguir a evolução diacrônica de técnicas que refletem, de forma excepcional, a mentalidade, a ideologia, os critérios estéticos de desenvolvimento intelectual da sociedade em cujo seio se realiza o testemunho gráfico. (RUIZ GARCÍA, 1992, p. 11, 12).

---

<sup>22</sup> BORGES, Jorge Luis. O livro. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1998-1999. v.3, p. 189.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> A Codicologia é a ciência que estuda os manuscritos e a natureza arqueológica dos livros. Ela fundamenta os principais métodos e técnicas aplicados ao estudo dos manuscritos de um modo geral. Na Codicologia, conforme esclarece Ruiz García (1992), os registros gráficos são definidos e classificados quanto a sua forma de constituição e execução material, que podem ser por/pelo(a): tipos de fixação (inscrito, escrito), instrumento de fixação (ponta seca, substâncias fixadoras), modo de fabricação (manual, mecânico), forma do traçado (esculpido, marcado, desenhado, entalhado, delineado), suporte (rígidos e flexíveis) e grafias resultantes (inscrição, grafia manuscrita, grafia *libraria*, escrita impressa de diversas fontes). Em nossa compreensão o livro digital não está fora da proposta de Ruiz García, pois ele também encerra tipologias específicas de fixação da palavra/imagem com instrumentos e suportes específicos que irão produzir grafias específicas do universo da tecnologia digital. Não é escopo da presente pesquisa seguir com a abordagem referente à Codicologia.

Pelo exposto, ao elegermos como referencial teórico a disciplina História do Livro consideramos que a compreensão do termo livro pressupõe a sua noção enquanto testemunho gráfico que comporta as mais diversas manifestações da palavra e da imagem em tipologias materiais (técnicas e estéticas) distintas.

Assim assinalado, Frédéric Barbier (2008, p.20), em *História do Livro*, aponta a institucionalização dessa disciplina na França a partir de “quatro grandes etapas sucessivas”:

**[1] a história do livro é conduzida, nos séculos XVII e XVIII, pelos colecionadores e os bibliófilos: a difusão da prática de vendas públicas, a constituição de gabinetes de curiosidades e de bibliotecas que podem tornar-se muito importantes, impelem à confecção de catálogo e aos estudos monográficos (produção de uma imprensa célebre, etc.).**

[2] passa-se à erudição propriamente dita: o fenômeno é muito visível no século XVIII, na ocasião do jubileu da descoberta da imprensa (1740) [...]

[3] a história do livro é considerada como um todo, do qual o objeto-livro faz unidade [...]

[4] Com Lucien Febvre e Henri-Jean Martin<sup>25</sup>, a perspectiva é profundamente renovada, e a história do livro se dá a compreender, a partir de então, pela sua articulação com uma história social, ela mesma ampliada a todos os aspectos da vida em sociedade. A história do livro se faz, então, a princípio, história econômica (as condições da produção, a produção mesma dos livros e sua difusão), mas também história das culturas e das práticas culturais (construção, recepção, circulação e apropriação de textos), portanto também história das categorias sociais, políticas, até simbólicas das diferentes épocas. (BARBIER, 2008, p. 20-21, grifo nosso).

Dada a importância da disciplina História do Livro, desde essa última fase de institucionalização na França no século XX, Robert Darnton publicou um artigo chamado *O que é a história do livro?*, (2010)<sup>26</sup> no qual ele defendeu que a história do livro poderia se chamar história social e cultural da comunicação impressa, cuja finalidade seria entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o

<sup>25</sup> Autores que publicaram duas obras fundamentais para a disciplina História do Livro: *L'apparition du livre* (1958) e *Livre et société dans La France du XVIII siècle* (2v., 1965, 1970).

<sup>26</sup> O artigo *What is the history of books*, foi publicado por Darnton em 1982.

contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade nos últimos quinhentos anos. Para Darnton, a história do livro, que surge da convergência de diversas disciplinas em um conjunto comum de problemas – todos relacionados com o processo de comunicação – necessitava de um modelo geral para analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade. Sua proposta, descrita como um circuito de comunicação, pretendeu percorrer um ciclo que passava pelo autor, editor, impressor, distribuidor, vendedor, leitor, dentre outros – tendo em vista que:

a história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante (DARNTON, 2010, p. 126).

O modelo desejava proporcionar uma visão holística do documento gráfico como meio de comunicação para demonstrar como segmentos díspares de sua história podem ser reunidos dentro de um único esquema conceitual. Os pesquisadores David Finkelstein e Alistair McCleery (2014), discutindo sobre as proposições de Darnton, apontam que não faltaram críticas ao seu modelo, deferidas sobretudo por bibliógrafos e historiadores. Os primeiros criticaram Darnton por ele dar ênfase aos processos comunicativos e deixar de lado o livro enquanto artefato. Os historiadores, por sua vez, criticavam o modelo por ele ter sido baseado, estritamente, no contexto das impressões e publicações de livros na Europa no século XVIII.

Apesar das críticas ao modelo – que o próprio Darnton reconhecia como imperfeito e por isso era uma proposta – ele foi considerado pelos historiadores como uma aproximação possível e relevante para a compreensão da cultura gráfica. Finkelstein & McCleery comprovam que o circuito de comunicação de Darnton “marcou uma tentativa de estabelecer um terreno comum entre as diferentes agendas da

história do livro, que competiam entre si, e foi absorvido, desenvolvido e utilizado com mais frequência ao longo dos anos seguintes.” (FINKELSTEIN & MCCLEERY, 2014, p.35, tradução nossa).<sup>27</sup>

Figura 1 - O circuito das comunicações

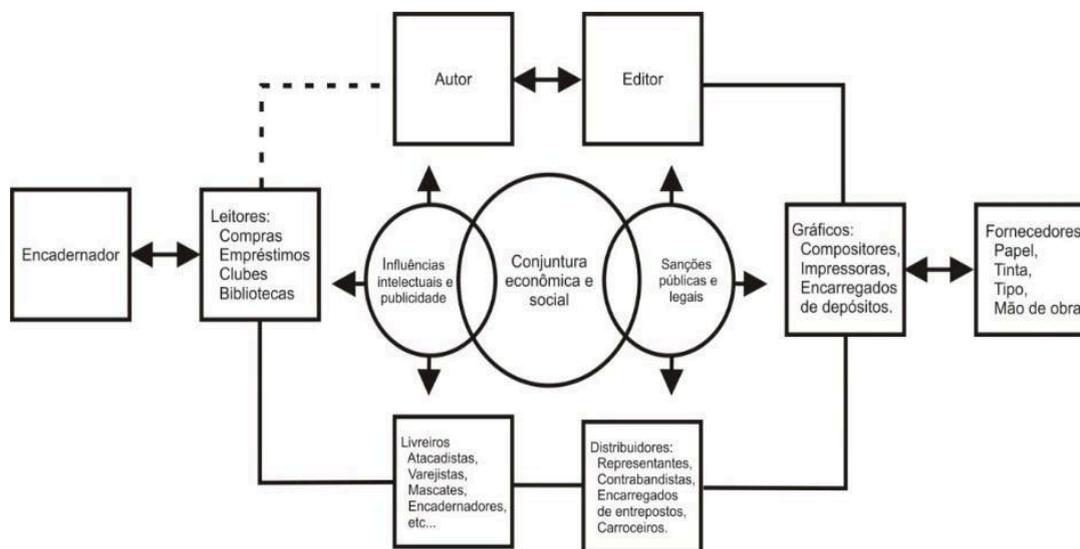


Figura 1: O circuito das comunicações

Fonte: Circuito de comunicação (Darnton, 2010, p.127)

O circuito de comunicação de Darnton foi relevante para nossa pesquisa por fundamentar uma abordagem da História do Livro que se ocupa de suas relações com a conjuntura econômica, cultural e social da produção, usos e representações do livro. No entanto, na perspectiva do circuito de comunicação inscrito na cultura gráfica é pertinente questionarmos o que é o livro. Os autores que se dedicaram a responder essa questão podem ser agrupados, regra geral, entre aqueles que adotam um conceito restrito para o livro e aqueles que adotam um conceito ampliado.

Howard Woodrow Winger (1965), por exemplo, defende um conceito restrito do livro focado no livro enquanto texto, por isso o autor aponta três

<sup>27</sup> *marcó un intento de establecer un terreno común dentro de las diferentes agendas de la historia del libro que competían entre sí, y fue absorbido, desarrollado y utilizado cada vez con más frecuencia durante los años siguientes.*

características que devem estar presentes na sua definição: a primeira é que o livro foi criado para servir como instrumento de comunicação; a segunda é que o uso da escrita, inscrições ou outros sistemas simbólicos para transmitir significados exige o domínio da escrita e da leitura por seus leitores; e a terceira característica, o livro é um objeto móvel que encerra um texto. Para o autor, o livro pode ser definido, assim, como

uma mensagem escrita (ou impressa) de tamanho considerável, destinado à circulação pública e gravado em materiais que são leves e duráveis o suficiente para garantir facilmente sua portabilidade. [...] Como tal, o livro transcende o tempo e o espaço para anunciar, expor, preservar e transmitir conhecimentos.<sup>28</sup> (WINGER, 1965, p. 919, tradução nossa).

Barbier (2008, p.18, 20) destaca o caráter instável da definição do livro, que por vezes designa o objeto e por vezes o texto, contudo, esse autor compreende o livro como todo documento gráfico portador de mensagens destinado a ter circulação pública. Nesse sentido, Finkelstein e McCleery (2014, p.16) defendem que há três perguntas a serem feitas para conceituar o livro: a) o que é um texto?; b) o que é o livro, objeto físico?; e c) o que é a mídia, suporte mediador de informações?

A questão sobre o que é o livro não é recente, ela foi abordada, também, por Immanuel Kant, em sua obra *A metafísica dos costumes*, ao tratar sobre o Direito Privado, especificamente sobre a proibição legal de livros oriundos de contrafação. Para explicitar o erro em relação aos direitos que eram feridos com a edição ilegal de livros, Kant defendia que o livro “é um escrito (se é escrito com pena ou com caracteres tipográficos, se contém poucas ou muitas páginas é aqui indiferente) que, por meio de signos linguísticos visíveis, representa um discurso que alguém dirige ao público.”

---

<sup>28</sup> *Is a written (or printed) message of considerable length, meant for public circulation and recorded on materials that are light yet durable enough to afford comparatively easy portability. [...] As such, the book transcends time and space to announce, to expound, and to preserve and transmit knowledge.*

(KANT, 2013, p. 95). Na continuidade de sua defesa, Kant pontua claramente a característica dual do livro (materialidade e textualidade):

o livro é um *produto artificial* material (*opus mechanicum*) que pode ser copiado (por quem se encontra em posse legítima de um exemplar do mesmo) [...] o livro é também o simples discurso do editor ao público, que ele não deve repetir publicamente (*praestatio operae*) sem ter para isso uma procuração do autor (KANT, 2013, p. 96, grifo do autor).

Adotando por referência a distinção que Kant atribui ao livro, Chartier (2014) também destaca a natureza dual do livro (material e discursiva) afirmando que o conceito de livro proposto por Kant esclarece que o livro (matéria) é criado por operações plurais que os dão a existir. “Livros, sejam manuscritos ou impressos, sempre são resultado de técnicas e habilidades” e o livro (obra), por sua vez, será sempre a criação humana de discursos. A produção do livro envolve assim “a produção do texto em si em suas formas material e gráfica”. (CHARTIER, 2014, p. 38-39).

Com base em Chartier (1998, 2001), para quem as imagens também são discursos, o livro é um múltiplo que conjuga materialidades (suporte) e discurso (texto e imagem) – sem desconsiderar, contudo, que o suporte também é uma forma de discurso e condiciona o discurso. Chartier defende, ainda, que as continuidades e rupturas dos suportes da escrita revelam modos distintos de apropriação e uso desses suportes e a cada fase histórica eles apresentam conceitos específicos vinculados à definição do que é o livro:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega (CHARTIER, 1998, p. 12-13).

Em nossa perspectiva, o livro é um instrumento de difusão cultural que, por suas possibilidades de revelar discursos materiais, textuais (imagem e escrita) e simbólicos específicos, apresenta significados diversos no seio das sociedades no qual é produzido e possuído. Chartier (1976) ressalta que a partir dos estudos dos livros e sobre os livros é possível vislumbrar os interesses intelectuais da sociedade por meio de um “conjunto de motivações que transfiguram a posse do livro”. E, ainda, que o “livro permite um reconhecimento porque o conjunto dos objetos em que ele toma lugar devolve-nos às práticas sociais que situam o indivíduo no leque das condições” humanas. (CHARTIER, 1976, p.106)

Assim a presente pesquisa considerou a necessidade de observar a Bibliofilia e a Bibliografia como campos fundamentais para compreensão do conceito de livro raro. Não sem razão, Roche (1998, p. 38), ao tratar sobre as pesquisas no campo da história cultural, especificamente sobre a História do Livro, reflete que uma nova história não seria possível sem se questionar duas grandes heranças: a bibliofilia e a bibliografia.

## **2.2 Ordenar, coletar e narrar: discursos sobre as posses dos objetos**

John Elsner e Roger Cardinal (1994), ao fazerem referência a Noé como o primeiro colecionador da história bíblica, destacam que o desejo de reunir alia-se à vontade de manutenção de um sistema que não “pode ser” destruído pelo tempo. Nesse sistema, a classificação precede o colecionismo, pois é através da classificação que são construídas as facetas de organização do mundo. A “história do colecionismo é, portanto, a narrativa de como o ser humano tem se esforçado para acomodar, apropriar e estender as taxonomias e sistemas de conhecimento que herdou.” (ELSNER;

CARDINAL, 1994, p.2, tradução nossa)<sup>29</sup>. A referência dos autores ao “o mito de Noé” revela desejo/nostalgia, guarda/perda presentes nas diversas formas de colecionar que garantiram o desenvolvimento e a sobrevivência da humanidade.

Indo mais além, Francisco Marshall (2005) demarca que as raízes epistemológicas do termo colecionismo estão interligadas com as ações de coletar e de comunicar. O colecionismo é, assim, raciocínio e discurso de ações inerentes ao ser humano em sua interação com o meio em que vive. A coleta pode ser ainda entendida como forma de ordenar conhecimento e razão; pensamento e textualidades. Para Marshall, coletar e narrar são oriundos dos traços genéticos e dos efeitos civilizatórios do colecionismo.

A relevância trans-histórica do procedimento colecionista faz com que esse assuma diferentes formas em cada momento histórico, compondo um complexo sistema de funções e finalidades, com implicações cognitivas e culturais que jamais deixaram de acrescentar qualidades à espécie, em seu desenvolvimento cultural. (MARSHALL, 2005, p. 14).

Susan M. Pearce (1994, p. vii), também refletindo sobre a história das coleções, apresenta dois momentos distintos referente à pesquisa acadêmica do colecionismo. Um em que o estudo desse campo se restringia ao conteúdo das coleções a partir de perspectivas tradicionais de disciplinas como História da Arte, Geologia ou Arqueologia; e outro relacionado ao processo em si do colecionar e com a natureza do colecionismo como parte ou efeito para construir uma compreensão do mundo. É no contexto dessa última corrente de estudos que Pearce (1994) aponta a ampliação do campo, não mais restrito ao objeto, mas apto a demonstrar, também, uma ampla gama de atividades sociais às quais a noção de colecionismo pode ser aplicada e como elas

---

<sup>29</sup> *The history of collecting is thus the narrative of how human beings have striven to accommodate, to appropriate and to extend the taxonomies and systems of knowledge they have inherited.*

historicamente se formaram, e, por isso, refletem aspectos muito significativos da vida social.

Nesse cenário de coletas e relatos, o objeto figura como essencial para o campo da cultura material e tem no colecionismo uma aproximação relevante para as perspectivas sobre a vida cultural e social dos objetos. A inserção de objetos em coleções e os significados que podem ser evocados a partir desse ato tem como autores importantes para nossa abordagem Jean Baudrillard (1969, 2009) e Krzysztof Pomian<sup>30</sup> (1984, 1987, 1998).

A compreensão do colecionismo enquanto processo histórico permite compreender as diversas práticas de coleta e posse dos objetos, que, por sua vez, proporcionam significados distintos de acordo com o objeto e os contextos sociais e culturais de formação de cada coleção.

Nesse sentido, a formação de coleções, na História das Bibliotecas, possui significâncias múltiplas em contextos também diversos. No caso das bibliotecas particulares o relato de Walter Benjamin é um exemplo dos significados da formação de coleções privadas e a relação dos colecionadores com seus livros:

a herança é a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca. Pois a atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse. É, portanto, no sentido mais elevado, a atitude do herdeiro. Assim, a transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distinto. (BENJAMIN, 2012, p. 222).

O desejo de manutenção de um sistema que se quer para sempre envolve escolhas e ordens para a constituição da coleção que representa esse sistema. Em vida, o colecionador está sempre em conflito com as ordens dos livros, as disputas e as lutas

---

<sup>30</sup> Em *Interpreting objects and collections*, Pearce (1994) destaca a importância da pesquisa de Pomian, sobretudo, devido à perspectiva histórica que ela adota para os estudos das práticas do colecionismo.

que transformam o livro em objeto de coleção. Essas questões foram discutidas por Jean Baudrillard, especialmente em sua obra *O sistema dos objetos*, publicado pela primeira vez em 1968 e no qual discute os sistemas que envolvem o objeto. Para ele os objetos, apesar de suas funções de uso e de posse, calcadas nas relações sociais, têm suas funções modificadas pelo colecionador, mas também modificam os contextos de posse, pois “todo objeto transforma alguma coisa” (BAUDRILLARD, 2009, p. 10).

Para Baudrillard a ordem simbólica dos objetos no seio de uma sociedade do século XX desconecta-os de suas funções. Nessa sociedade os objetos antigos são tratados como marginais, são “testemunho, lembrança, nostalgia, evasão. [...] ainda que diferentes, fazem parte eles também da modernidade e dela retiram seu duplo sentido”: os valores históricos e os valores simbólicos. (BAUDRILLARD, 2009, p.81). O valor histórico é “mitológico na sua referência ao passado [...] Todavia não é nem afuncional nem simplesmente “decorativo”, tem uma função bem específica dentro do quadro do sistema: significa o tempo” (BAUDRILLARD, 2009, p. 82). Quanto ao simbolismo, o pensador francês afirma que o

Tempo do objeto mitológico é o perfeito: ocorre no presente como se tivesse ocorrido outrora e por isso mesmo acha-se fundado sobre si, “autêntico”. [...] É o evento completo que ele significa, o nascimento. [...] O objeto antigo dá-se portanto como mito de origem. (BAUDRILLARD, 2009, p. 84).

Como elementos do simbolismo dos objetos antigos Baudrillard aponta: a autenticidade; as relações de sincronia, diacronia e anacronia que eles adquirem na modernidade; e a projeção fetichista direcionada para o objeto: “todo objeto antigo é belo simplesmente porque sobreviveu e devido a isso torna-se o signo de uma vida anterior” (BAUDRILLARD, 2009, p. 91). Nesse viés, o mercado do antigo lança mão

dos valores históricos e simbólicos para envolver o objeto e inseri-lo em um sistema identificado como coleção. Nesse sistema Baudrillard define que o objeto

privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção [... Na coleção reina] um empreendimento apaixonado de posse [...] que a prosa cotidiana dos objetos se torna poesia, discurso inconsciente e triunfal. (BAUDRILLARD, 2009, p.94-95).

A mesma proposição é ratificada pelo autor em 1969, na revista *Communications*, em uma edição especial dedicada à teoria dos objetos na sociedade industrializada, onde Baudrillard publicou *La morale des objets: fonction-signe et logique de classe*, no qual busca uma definição universal do objeto tendo por base três pontos de análise: a crítica da ideologia do consumo, compreendida entre todas as práticas relativas aos objetos; a função social distintiva dos objetos; e a função política-ideológica desencadeada a partir do valor de posse dos objetos. Dessa forma, o autor discorre sobre a função social dos objetos-signos; as perspectivas sociológicas para compreensão dos objetos; e a lógica da segregação. Para compreensão do consumismo imposto naquele momento na sociedade do século XX, o autor afirmava que “uma genuína teoria dos objetos e do consumo [deveria ser baseada] não em uma teoria das necessidades e sua satisfação, mas em uma teoria dos interesses e significados sociais” dos objetos. (BAUDRILLARD, 1969, p. 23, tradução nossa)<sup>31</sup>.

Do ponto de vista dos interesses e significados sociais inerentes à coleção, as mensagens transmitidas por esse sistema (a coleção) reflete os diferentes significados e funções dos objetos que ela congrega. Essa convergência pode ser verificada também a partir da afirmação de Philipp Blom, em *Ter e Manter*:

Cada coleção é um teatro da memória, uma dramatização e uma *mise-en-scène* de passados pessoais e coletivos, de uma infância

---

<sup>31</sup> *une véritable théorie des objets et de la consommation se fondera non sur une théorie des besoins et de leur satisfaction, mais sur une théorie de la prestation sociale et de la signification.*

relembra e da lembrança após a morte. Ela garante a presença dessas lembranças por meio dos objetos que evocam. É mais do que uma presença simbólica: é uma transubstanciação. O mundo além do que podemos focar está dentro de nós e através delas, e por intermédio da comunhão com a coleção é possível comungar com ele e se tornar parte dele. (BLOM, 2003, p. 219).

A busca dos significados dos objetos no contexto cultural e social tem na obra de Krzysztof Pomian uma abordagem sobre os objetos visíveis, em especial quanto a categoria por ele denominada como “semióforo”. Isso porque, as categorias dos objetos a partir de seus contextos culturais de existência, nos quais são definidos seus usos e destinos, estão relacionadas com o que Pomian denominou como o visível e o invisível das coleções/dos objetos:

Para evitar qualquer mal-entendido, sublinhe-se já que a oposição entre o visível e o invisível pode manifestar-se de modos extremamente variáveis. O invisível é o que está muito longe no espaço: além do horizonte, mas também muito alto ou muito baixo. E é aquilo que está muito longe no tempo: no passado, no futuro. Além disso, é o que está para lá de qualquer espaço físico, de qualquer extensão, ou num espaço dotado de uma estrutura de facto particular. [...] Os objetos, que aqueles que colaboram no intercâmbio entre o visível e o invisível se endereçam uns aos outros, diferem entre si segundo o carácter dos destinatários e dos emissores. (POMIAN, 1984, p. 66).

Ao tratar sobre a utilidade e o significado dos objetos Pomian aponta uma divisão interior no/do visível:

De um lado estão *as coisas, os objetos úteis*, tais como podem ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torna-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente. [...] De outro lado estão os *semióforos, objetos que não tem utilidade*, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são *dotados de um significado*; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura. A atividade produtiva revela-se portando orientada em dois sentidos diferentes: para o visível, por um lado; para o invisível, por outro; para a maximização da utilidade ou para a do significado. As duas orientações, embora possam coexistir em certos casos privilegiados, são, todavia, opostas na maior parte das vezes. (POMIAN, 1984, p. 71 – grifos do autor).

Como afirma o autor, há “objetos que parecem ser ao mesmo tempo coisas e semióforos.” O livro é um exemplo privilegiado de coexistência dessas duas instâncias em um mesmo objeto: são úteis e significantes. Para a atribuição de valor ao objeto, por indivíduos ou grupo, “é necessário e suficiente que esse objecto seja útil ou que seja carregado de significado. Os objetos que não reúnem nem a primeira nem a segunda destas condições são privados de valor”. Será o “significado com utilidade” que irá determinar a inserção dos objetos em coleções (POMIAN, 1984, p. 72-73).

Por sua vez as coleções irão refletir as relações políticas, econômicas, sociais e culturais, bem como os desejos que proporcionam sua formação. Além disso, é necessário notar que:

é a hierarquia social que conduz necessariamente ao aparecimento das coleções, conjuntos de objetos mantidos fora do circuito das actividades económicas, submetidos a uma proteção especial, em locais fechados preparados para esse efeito, e expostos ao olhar. Porque, de facto, estes conjuntos de objetos não são mais do que manifestações dos locais sociais em que se opera, em graus variáveis e hierarquizados, a transformação do invisível no visível. (*sic*) (POMIAN, 1984, p. 74).

Assim, as coleções são instrumentos que participam dos significados de dominação que seus detentores exercem ou querem exercer na sociedade

a aquisição de semióforos, a compra de obras de arte, a formação de bibliotecas ou de coleções, é uma das operações que, ao transformar a utilidade em significado, permitem a quem tem uma alta posição na hierarquia da riqueza ocupar uma posição correspondente na do gosto ou do saber, sendo as peças de coleção, como se viu, símbolos de pertença social, senão de superioridade. A aquisição de semióforos equivale portanto à do bilhete de entrada num meio fechado e ao qual não se pode aceder sem ter retirado uma parte do dinheiro que se possui do circuito utilitário. (POMIAN, 1984, p. 79-80).

A importância dos estudos das coleções para compreender o livro raro tem em Pomian os fundamentos de nossa abordagem, em especial, quando ele afirma que o estudo das coleções e dos colecionadores explicita:

o modo como a sociedade [...] traça a fronteira entre o invisível e o visível. A partir daí é possível estabelecer o que é significativo para uma dada sociedade, quais os objetos que privilegia e quais são os comportamentos que estes objetos impõem a colecionadores; e fazer um mapa dos lugares onde se opera a junção entre o invisível e o visível. (POMIAN, 1984, p. 75).

Nesse momento, é importante destacar que – conforme apontam Chartier (1998), Eco (2011), Serrai (2001), Sordet (2002) e Viardot (1983, 1986, 1988, 2008, 2015) – a Bibliofilia é uma dentre as diversas manifestações do colecionismo. Uma abordagem relevante sobre o colecionismo do livro pode ser observada em *História cultural, história dos semióforos*, obra na qual Pomian afirma que os objetos são investidos de significados que levam consigo vestígios e registros do tempo, por isso podem ser reconhecidos como sistemas de transmissão da memória. Ao tratar especificamente do livro e do ato de colecioná-lo o autor apresenta uma duplicidade de significação que se relaciona tanto aos discursos (texto/obra literária/obra gráfica) quanto ao livro em sua materialidade. Nas palavras do autor:

A obra literária é, pois, um objeto invisível, o livro um objeto visível. Esta diferença do estatuto ontológico tem por consequência vários outros. A obra literária é invariante em relação às suas realizações físicas, se só existe entre elas uma correspondência biunívoca; pode-se recitá-la, escreve-la, numera-la, continua a ser a mesma.

[...]

A obra literária existe fora do tempo e do espaço, pois, sempre e em toda parte, ela conserva-se idêntica a si mesma. Neste sentido é uma entidade ideal. O livro, como objecto visível, mas também tátil, existe evidentemente no tempo e no espaço: ocupa lugar, pesa, muda (POMIAN, 1998, p.72, 73).

Ser semióforo é uma *função* que o livro só conserva quando se adota face a ele uma das atitudes programadas pela sua própria *forma*: quando lemos ou o folheamos ou pelo menos, quando o colocamos nas prateleiras de nossa biblioteca, de uma livraria, de uma loja de alfarrabista. Trata-o também como semióforo aquele que o preserva por ver nele um livro, sem, no entanto, estar disposto a lê-lo, ou que só vê nele um objecto estranho ou precioso que, por essa razão, resolve guardar. (POMIAN, 1998, p.77, grifos do autor).

Conforme o autor, o livro será semióforo se alguém for capaz de reconhecer sua significância. Pomian (1998, p.76-82) propõe uma categorização dos objetos visíveis dividindo-os em cinco classes funcionais, a saber: a) corpos (objetos produzidos ou não pelo ser humano que podem ter um emprego determinado por esses); b) restos (objetos que não tem mais utilidade e por isso foram abandonados, eliminados ou destruídos); c) coisas (objetos transformados para o uso e consumo); d) semióforos (objetos compostos por suporte e signo e compreendem trocas do visível e do invisível); e) media (composto por suporte e signos). Indo além e ressaltando que essas classificações não são estanques, o historiador assinala que:

qualquer objecto visível pode tornar-se um semióforo, e quase todos podem passar a ser uma coisa. É por isso que, legitimamente, não se podem encarar os objetos independentemente dos homens, que, ao servirem-se deles, lhes conferem funções e, no caso dos semióforos, significados. Mas pela mesma razão os homens e os seus comportamentos não poderiam ser encarados sem os objectos de que se servem e que co-determinam o seu lugar na hierarquia social, os seus papéis e as suas identidades. (*sic*) (POMIAN, 1998, p. 95).

Em concordância com essa abordagem, a próxima seção apreende as práticas bibliofílicas a partir de análises relacionadas aos significados dos objetos na “cultura da coleção” (BURKE, 2008, p. 80-81).

### 2.2.1 Bibliofilia: *cupiditas librorum*

*Les contenus et les modèles de bibliothèques évoluent parallèlement à l'évolution et aux clivages de la société.*

Viardot, 2008, p. 282

Apesar do livro ser considerado, de forma generalizada, como o objeto central da Bibliofilia, essa prática colecionista não se dedica apenas à busca, coleta e produção de significados sobre o livro em seu sentido material relacionado ao códice<sup>32</sup>. A Bibliofilia dedica-se ao colecionismo de uma diversidade de documentos que registram a palavra e a imagem produzidas no contexto da cultura gráfica. O objeto de desejo da Bibliofilia pode ser apreendido, pois, a partir de uma gama de manifestações materiais e conceituais dos documentos gráficos – inscritos, escritos e impressos – produzidos pela humanidade ao longo dos tempos.

Iniciamos com os apontamentos de Carter (1948), Serrai (2001) e Eco (2011) sobre a que se dedica a Bibliofilia. De acordo com John Carter (1948, p. 10) os objetos que os bibliófilos buscam sempre apresentam, desde o mais remoto momento da história dos suportes de inscrição da palavra e da imagem, uma variedade infinita de possibilidades. Carter (1948, p. 31-32) afirmava que tanto a produção *libraria* (livros antigos, raros, ordinários, de luxo e contemporâneos), assim como as produções das artes gráficas, ocupam o campo de interesse dos bibliófilos.

Alfredo Serrai (2001), por sua vez, indica que a “Bibliofilia participa das paixões estéticas mais do que das paixões teóricas e é bastante caracterizada por um

---

<sup>32</sup> Por haver outras possibilidades tipológicas de materiais (mineral e tecido animal, por exemplo) para manufatura do códice ao longo da história, optamos por não usar a expressão “códice vegetal”. Essa expressão adotada por Umberto Eco (2011, p. 15) em “A Memória Vegetal”, é contextualizada pelo autor como um recurso discursivo que pretende frisar que a maior ocorrência do códice é em suporte vegetal, sem deixar de destacar as outras materialidades que ele possuiu/possui. O códice que surgiu entre os séculos III e IV é ainda o formato mais comum e o formato que mais tempo permaneceu em uso, mas não é o único formato adotado para a fisicalidade do livro.

estado de afeto cultural-sensual como condição de participação científica e cognitiva” (SERRAI, 2001, p. 62, tradução nossa)<sup>33</sup>. O autor alerta para o equívoco de se perceber a Bibliofilia enquanto um conceito restrito apenas ao amor ao livro, pois seu foco é mais amplo posto que abarca todos os interesses da cultura *libraria*, aquele que atenta para: o aspecto físico, tipográfico, editorial; a qualidade do papel, da edição, da encadernação, da ilustração; a excelência do autor; a integridade do texto; o significado literário e científico do texto e da imagem; e a representação cultural e estética das manifestações do livro. Nesse núcleo, a Bibliofilia adota como práticas os desejos de posse que envolvem a raridade, a singularidade, a preciosidade de uma impressão, os valores monetários e os vestígios sobre o livro que o tornem especiais para o colecionismo. (SERRAI, 2001, p. 64, 67).

Para Umberto Eco “a bibliofilia é o amor ao objeto livro, mas também à sua história” (ECO, 2011, p. 37). Para Jean Viardot (2015, p.27) ela se constitui em um fenômeno específico das práticas socioculturais do colecionismo que edificou sua própria história por ter a cultura gráfica e os discursos de posse como características específicas de seu campo.

Conforme esses autores, ao percorrermos a história da Bibliofilia percebemos diversas manifestações, características e desdobramentos próprios de cada cultura que apresentam evoluções e proposições particulares em tempos e locais distintos. Nesse sentido, a presente pesquisa pontua que não há “uma” Bibliofilia. Nossa abordagem adota por centralidade a dimensão histórica-epistemológica da Bibliofilia, enquanto campo autônomo, e sua presença marcante na construção do conceito do livro raro, por isso o enfoque recai sobre a história da Bibliofilia nos séculos XVII e XVIII, momento em que a raridade começa a ganhar contornos específicos. Apesar de nossa

---

<sup>33</sup> *La Bibliofilia partecipa delle passioni estetiche più che di quelle teoretiche, ed è connotata piuttosto da uno stato di affettività cultural-sensuale che da una condizione di impegno scientifico-cognitivo.*

opção pelo corte histórico-temporal, devido a influência do filósofo estoico Sêneca (4 a.C-65 d.C.) para os discursos da Bibliofilia no século XVII, optamos por não deixar de citar suas orientações sobre os usos do livro em *De tranquillitate animi*, (III – Critério para o uso moderado dos favores dos bens materiais e riqueza – Cap. IX):

Mesmo os gastos com os estudos, embora sejam, por certo, os melhores pagos, só serão razoáveis desde que moderados. Para que tantos livros e bibliotecas dos quais o dono, em toda sua vida, só lê os índices? Uma multidão de livros sobrecarrega, mas não instrui. Melhor seria dedicar-se a uns poucos autores do que vagar, a esmo, entre muitos.

Quarenta mil volumes foram queimados em Alexandria. Outros há que exaltam aquele monumento da magnificência real como faz Tito Lívio que o denomina “Obra prima” do gosto e do empenho dos reis. Eu não vejo, ali, nem esplendor, nem gosto, nem solicitude e, sim, mera orgia de literatura porque tudo foi montado para puro espetáculo e não para fins de estudo. Tal como acontece com muitos que, embora desconhecendo as primeiras letras, fazem dos livros não instrumento de instrução, mas apenas decoração das salas de jantar.

Compremos os livros dos quais temos necessidade e não para ostentação. Dirias: É mais honesto ganhar dinheiro com livros do que com vasos de Corinto e com quadros. (Respondo): Sempre é vicioso o que for excessivo.

Qual o motivo desta tua complacência em relação a quem coleciona armários de tuia e de marfim; que adquire coleções completas de autores ignotos e até medíocres para findar com bocejos no meio de tantos milhares de volumes, sendo que dos livros ele apenas se compraz com a encadernação e os títulos?

Assim encontrarás, na residência dos mais ilustres, preciosas coleções, completas de relatórios e de historiadores, em estantes bem armadas até o teto. Hoje em dia, ao lado das piscinas nas termas, a biblioteca tornou-se ornamento obrigatório de qualquer residência de prestígio.

Eu até que perdoaria tal mania, se ela fosse oriunda de uma grande paixão pela cultura erudita, todavia mesmo as obras sacras, produtos dos insígnis gênios da humanidade, instaladas em torno das estátuas de seus autores, tudo isso é adquirido só para adorno que decora as paredes. (SENECA, 2011, p. 144-145).

A crítica de Sêneca sobre a posse frívola dos livros demonstra formas distintas de apropriação desse objeto. Regra geral, estão sempre inseridas nas práticas de posses para afirmação social. Como aponta Chartier (1998, p.85), o colecionismo do livro sempre foi um “demarcador social”. No texto de Sêneca podemos observar a

importância atribuída à materialidade do livro desvinculada do discurso, o que pode demonstrar o conflito: livros para estudos *versus* livros associados ao livre prazer da leitura, ou mesmo livros que estão em um espaço apenas como mais um objeto decorativo para ostentação, mas não necessariamente relacionados à leitura.

Luciano Cãnfora (1989) em seu livro sobre a biblioteca de Alexandria, no capítulo *Na Gaiola das Musas*, faz referência às ânsias de um “apaixonado colecionador das obras de Pitágoras”. (CANFORA, 1989, p. 42). Ele aponta que os colecionadores de livros, nesse período, ocupavam polos opostos, um mantido pelos reis e ricos que tinham a biblioteca e os livros como objetos de poder e distinção social, e outro, edificado por aqueles que colecionavam livros por desejos que ultrapassavam a posse em si, pois o foco voltava-se para o discurso veiculado no suporte.

Petrarca (1304-1374) também distinguia o apaixonado por livros pela simples posse de um objeto e aquele que deseja a posse devido ao conteúdo do livro. Ele afirmava que aqueles que colecionavam livros apenas por suas distinções materiais tinham frágeis e pouco sólidas compreensões culturais sobre o que era o livro. A biblioteca pré-humanista de Petrarca foi, como atestam os historiadores da Bibliofilia, modelar para a formação de muitas bibliotecas privadas na Itália renascentista (NOUVO, 2010, p. 234).

Para Yann Sordet (2002, p. 282), France Jean Grolier e Thomas Mahieu – secretário da Catarina de Medici – foram as grandes figuras europeias que fundaram a Bibliofilia moderna, representada por suas coleções particulares. Contudo, é apenas no final do século XVII que:

especialmente na Inglaterra, na Holanda e na França, a bibliofilia torna-se um campo autônomo no mundo das livrarias e bibliotecas, em um conjunto coerente de práticas bem identificadas. O fenômeno se reflete, de fato, pela organização de um mercado e de mentalidades

específicos para o estabelecimento de um sistema de valores e de requisitos, que ditam práticas inéditas e conduzem à constituição de coleções que rompem com os modelos de bibliotecas mais tradicionais. (SORDET, 2002, p. 282, tradução nossa)<sup>34</sup>.

Em referência às obras *Advis pour dresser une bibliothèque* (Gabriel Naudé, 1627) e *Les Caractères* (Jean de La Bruyère, 1688), Sordet (2002, p. 281) aponta que, em seu sentido moderno, a Bibliofilia designa especificamente a prática de colecionar livro que tinham como premissa o gosto imoderado por sua antiguidade, ilustração, encadernação e outras superfluidades. Sordet descreve que a definição da Bibliofilia como uma prática social que teve como discurso a posse e uso do livro que privilegiava a acumulação, o luxo e a ostentação é algo registrado desde o primeiro século de nossa era. Entretanto, para o autor, a Bibliofilia apresenta características marcantes na sua estruturação enquanto sistema de práticas colecionistas a partir do século XVII, na Europa.

Assim assinalado, faz-se necessário demarcar que a Bibliofilia se organiza e tem como atores sociais não apenas o bibliófilo, mas também os demais atores do circuito de comunicação da cultura gráfica no qual se destacam os eruditos, os bibliólogos, os livreiros, os bibliógrafos, os bibliotecários, os comerciantes e os artistas (ligados à produção do livro – gravadores, encadernadores, ilustradores, impressores, tipógrafos, etc.) que ocupam territórios atravessados por fluxos culturais, políticos, acadêmicos e econômicos próprios de cada local e período histórico que incidem diretamente na formação de bibliotecas particulares. Não obstante, as sociabilidades da Bibliofilia não se manifestam sem antagonismos. Ela se organiza

---

<sup>34</sup> *Mais il faut attendre la fin du XVII siècle pour que, surtout en Angleterre, en Hollande et en France, la bibliophilie devienne en champ autonome dans le monde de la librairie et des bibliothèques, et un ensemble cohérent de pratiques bien identifiées, Le phénomène se traduit dans les faits par l'organisation d'un marché spécifique, et dans les mentalités par l'instauration d'un système de valeurs et d'exigences, qui dictent des pratiques inédites et président à la constitution de collections en nette rupture avec les modèles de bibliothèque plus traditionnels.*

e adquire amplitude e visibilidades inéditas [...] A partir daí [século XVII], a distinção parece ser consagrada ao mesmo objeto: de um lado o livro objeto de curiosidade e passível de ser colecionável, em outro lado, o livro objeto de uso e de leitura, instrumento de trabalho e de cultura. (SORDET, 2002, p. 281, tradução nossa<sup>35</sup>).

A Bibliofilia (SORDET, 2002) constitui-se, assim, como prática sociocultural que abrange uma ampla gama de sensibilidades em torno do colecionismo de livros ordinários, antigos, raros, preciosos e curiosos, manifestando-se por meio do apreço aos documentos gráficos por valores utilitários, no desejo de posse associado à erudição, na posse como delimitador social, ou mesmo na posse associada à disfunção da paixão (a Bibliomania). Segundo Serrai (2001, p. 63), a Bibliomania é a degradação da Bibliofilia. Gustave Flaubert, em um texto intitulado de *Bibliomania*, nos apresentava um bibliômano apaixonado por seu objeto de desejo:

Oh! ele era feliz, esse homem, feliz em meio a toda essa ciência cujo alcance moral e valor literário mal penetrava; era feliz, sentado entre todos esses livros, passeando os olhos sobre as letras douradas, sobre as páginas gastas, sobre o pergaminho desbotado; amava a ciência como um cego ama o dia.  
Não! não era de modo algum a ciência o que ele amava, mas sua forma e expressão; amava um livro porque era um livro; (FLAUBERT, 2001, p. 19-20).

A paixão do bibliômano e livreiro catalão culmina em mortes. Dessa mesma degeneração trata Jacques Bonnet, bibliófilo, editor e tradutor francês especialista em bibliofilia e teoria da literatura. Ele apresenta, em seu livro *Bibliomania*, as categorias que envolvem esse viés do colecionismo: o "termo geral bibliomania recobre realidades bastante diferentes. Pode ser dividido em dois gêneros principais: os colecionadores e os leitores obstinados". (BONNET, 2013, p.28). Os colecionadores se subdividem entre os especialistas e os acumuladores. Os especialistas elegem fatores que o farão colecionar

---

<sup>35</sup> *la bibliophilie s'organise et acquiert une ampleur et une visibilité inédites, cette défiance ancienne des gens de lettres prend même une vigueur nouvelle. Dès lors, la distinction semble consacrée d'un même ensemble d'objets: d'un côté de livre objet de curiosité et de collection, de l'autre le livre objet d'usage et de lecture, instrument de travail et de culture*

determinado livro, por exemplo, aqueles que "consagram-se a um autor [...] a um tema, a um tipo de encadernação" ou ainda a "raridade da obra pode também constituir um fator de escolha." (BONNET, 2013, p.29). Os obstinados são aquelas pessoas que desejam um objeto para "mantê-lo à sua disposição" (BONNET, 2013, p.33) veem no livro "a materialização de uma emoção, ou a possibilidade de ter um algum dia, e separar-se dele faria o leitor correr o risco de uma ausência grave." (BONNET, 2013, p.35). As fronteiras entre esses gêneros da bibliomania são tênues e possivelmente podem coexistir em um mesmo colecionador. As citações de Serrai, Flaubert e Bonnet, nesse trabalho, são indicativos que referendam outras manifestações do colecionismo *librario*. Entretanto e apesar do fascínio pelo tema, em nossa pesquisa não exploramos esse campo.<sup>36</sup>

Optamos, para fins de sustentação histórica e também teórico-conceitual, apresentar na próxima seção os teóricos que apresentaram os discursos para a construção do conceito de raridade que se disseminaram no contexto da Bibliofilia a partir da era moderna (Balsamo, 1998, Sordet, 2002; Viardot, 1983, 1986, 1988, 2008, 2015).

### 2.2.1.1 Discursos de raridade a partir da era moderna

*Philobiblon*, do bispo inglês Richard de Bury (1286-1345), é o primeiro livro dedicado a designar o amor inspirado pela posse dos livros. Publicado em 1344,

<sup>36</sup> São autores que se dedicaram aos estudos sobre Bibliomania: Thomas F. Dibdin; Anatole France; Charles Nodier; Nicholas Basbanes. Não seguiremos discutindo essa temática, para aqueles que possam interessar, apontamos alguns textos:

BASBANES, Nicholas A. **A gentle madness: bibliophiles, bibliomanes, and the eternal passion for books**. New York: H. Holt, 1995.

DIBDIN, Thomas F. **The bibliomania or book-madness, containing some account of the history, symptoms, and cure of this fatal disease**. Londres: [S.n.], 1809.

FERTIAULT, François. **Les amoureux du livre. Sonnets d'un bibliophile. Fantaisies d'un bibliomane...** Paris: Claudin, 1877.

HOLBROOK, Jackson. **The anatomy of Bibliomania**. London: Soncino Press 1930 – 1931. 2v.

KOUNINE, V.V. **Les bibliophiles et les bibliomanes**. Moscou: [S.n.], 1984.

um ano antes da morte de Bury, e escrito em um período de confluências do renascimento cultural, *Philobiblon* demonstra de forma prática como formar uma biblioteca e cuidar de seus livros. Apesar de sofrer influências do ambiente religioso, no qual, além da palavra de Deus, os livros eram também referenciais para a Igreja combater pagãos e hereges, *Philobiblon* explicita questões que envolvem o amor aos livros em uma declarada digressão sobre os atributos de um verdadeiro bibliófilo de seu tempo.

O bibliógrafo italiano Luigi Balsamo (1998)<sup>37</sup>, falando sobre a Bibliofilia nesse momento, relata que o filólogo e humanista Francesco Petrarca (1304-1374), também amante dos livros, encontrou com Bury em Avignon, em 1333, e apesar de terem objetivos distintos com a formação de suas respectivas bibliotecas, ambos “estavam unidos por uma *cupiditas librorum* igualmente intensa” (Balsamo, 1998, p. 19, tradução nossa)<sup>38</sup>. Apesar das distâncias que inicialmente os afastavam, com o passar dos anos, suas práticas e representações acerca da posse do livro e da formação de bibliotecas se mesclaram com os novos discursos da Bibliofilia moderna. Bury, em sua jornada religiosa, reuniu livros formando uma rica coleção de preciosidades em seu tempo. Seu perfil colecionador, atento ao conteúdo e materialidade dos livros, explícitos em *Philobiblon*, pode ser interpretado, para além de uma função instrumental, naquilo que concerne à formação de uma biblioteca, como precursor das práticas que iriam se consolidar nos séculos seguintes no colecionismo *librario*.

Ao abordar a Bibliofilia na Espanha, Juan Carlos Galende Díaz (1996) destaca que a cultura do livro e suas vertentes de circulação influenciaram a formação

---

<sup>37</sup> Em nossa pesquisa utilizamos a primeira edição espanhola dessa obra de Balsamo traduzida por Isabel Villaseñor Rodríguez e Xilberto Llano. A edição original do livro é em língua italiana, *La Bibliografia: storia di una tradizione*, publicada pela 1984 (1ª edição) com duas outras edições em 1992 e 1995.

<sup>38</sup> *estaban unidos por una cupiditas librorum igualmente intensa.*

de bibliotecas privadas dos reis e, a partir do século XIII, o desejo de formação de bibliotecas privadas alcança diferentes grupos sociais nesse país, percorrendo desde os humanistas espanhóis até o gosto dos reis: “a moda bibliofílica pegou em nobres, senhores e nos cidadãos simples” (GALENDE DÍAZ, 1996, p.106). Todavia, a Bibliofilia moderna, conforme explica William Henry Bond:

começou realmente após a invenção da imprensa em meados do século 15, embora se tenha verificado prenúncios entre os humanistas anteriores. Inicialmente o desenvolvimento do colecionismo foi lento. [Mas] A rápida multiplicação de textos possibilitados pela impressão, o preço mais baixo de livros e o conseqüente aumento na alfabetização favoreceram o seu crescimento. Mas a ausência de grandes bibliotecas públicas ou semipúblicas para consulta com fins de referência tornou necessário, que cada grande coleção privada tivesse em alguma medida o perfil de uma biblioteca geral, e certamente durante os séculos 15 e 16 o propósito dominante da bibliofilia foi a formação de uma biblioteca de trabalho. (BOND, 1965, p. 935, tradução nossa).<sup>39</sup>

O Renascimento, que teve como aportes para o seu florescimento confluências de ordem cultural, social, política, religiosa e econômica impactou sobremaneira a sociedade europeia ocidental no período compreendido entre os séculos XIV e XVI. Tais impactos certamente tiveram na cultura gráfica um de seus eixos formadores. Galende Díaz assinala alguns dos acontecimentos que ocorreram no século XV que

contribuíram para impor uma ruptura decisiva com o passado e assim possibilitar, a partir de distintos pontos de vista, a abertura para uma renovada concepção de vida: o pontificado de Nicolás V, a queda de Constantinopla, a invenção da imprensa com tipos móveis, o pleno desenvolvimento das universidades, a incorporação da nobreza e dos laicos na cultura do livro, e os grandes descobrimentos científicos. (GALENDE DÍAZ, 1996, p. 92, tradução nossa)<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> *Book collection in the modern sense really began after the invention of printing in the middle of the 15th century, although there had been foreshadowings among the earlier humanists. The development of collecting was slow at first. The rapid multiplication of texts by printing, the lower price of books and the resulting increase in literacy all favoured its growth. But the absence of great public or semipublic libraries, which might be consulted for referente purposes, made it necessary for every large private collection to be in some degree a general library, and certainly, during the 15th and 16th centuries the dominant purpose in book collecting was the formation of a working library.*

<sup>40</sup> *contribuyeron a marcar la decisiva ruptura con el pasado y posibilitar, desde distintos puntos de vista, la apertura a una renovada concepción de la vida: la llegada al pontificado de Nicolás V, la caída de*

O movimento cultural do Renascimento potencializou a tradição de formar grandes bibliotecas religiosas e reais, influenciando também o aumento da formação de coleções particulares. Segundo Galende Díaz, um “momento dourado das bibliotecas privadas” (GALENDE DÍAZ, 1996, p. 92). O autor destaca a formação de bibliotecas particulares nos séculos XV e XVI na Inglaterra, Itália, Espanha, França e Alemanha, reforçando o papel dos livreiros na mediação e seleção de livros para os colecionadores. O colecionismo, de modo geral, a partir do século XIV vivenciava um aumento significativo no qual a produção de catálogos de vendas são instrumentos mediadores para as práticas de formação de coleções.

É na segunda metade do século XIV que começam a surgir na Europa ocidental novas atitudes no que respeita ao invisível.

[...]

os vestígios da antiguidade não tinham significado nem utilidade e não circulavam entre os homens, que não os procuravam. [Mas adquirem] um significado a partir do momento em que são relacionados com textos provenientes da Antiguidade, dos quais devem tornar possível a compreensão.

[...]

E é também um novo grupo social que emerge, vector do interesse por esta categoria de semióforos. Aqueles que a partir do século XV serão chamados de humanistas. (POMIAN, 1984, p. 75-76).

Somando-se a esses fatos, Frédéric Barbier (2008) nos aponta que:

Alguns ateliês de impressores e loja de livreiros se impõem em meio ao movimento humanista, por serem, ao mesmo tempo, o local de produção dos textos (inclusive de sua produção intelectual) e de sua difusão, e também um espaço de convívio. O modelo é dado por Alde Manuce e sua academia aldina, que Erasmo visita por ocasião de sua temporada em Veneza, em 1507. Em Basileia, onde Erasmo se fixou definitivamente a partir de 1500, Johann Froben e a dinastia dos Amerbach representam esse mesmo papel, assim como vários grandes impressores parisienses na primeira metade do século XIV. (BARBIER, 2008, p. 166-167).

---

*Constantinopla, la invención de la imprenta, la plena floración de las Universidades, la incorporación de la nobleza y de los laicos a al cultural del libro, y los grandes descubrimientos científicos.*

No caso dos livros, para a Bibliofilia, as bibliografias também assumem lugar de destaque na seleção de livros.

A bibliofilia, tal como é compreendida na atualidade, nasce na primeira metade do século XVI, quando a imprensa se estende por toda a Europa e há em circulação uma quantidade suficiente de livros que, somada à produção manuscrita, que ainda é ampla, possa constituir-se uma coleção orgânica de textos consoante com os gostos de cada bibliófilo. A noção de bibliografia universal, preconizada pelo humanista e médico suíço Conrad Gesner em 1545, é tomada também por outros bibliófilos da época, que pretendem reunir todos os livros impressos até então (GALENDE DÍAZ, 1996, p.112, tradução nossa)<sup>41</sup>.

Chartier (1998), em referência ao conto *A Biblioteca de Babel* de Borges<sup>42</sup>, aponta que o desejo de constituir uma biblioteca que reunisse todo o conhecimento do mundo foi a base para a formação das bibliotecas desde a produção dos primeiros documentos gráficos. Esse mesmo desejo “fundamentou a constituição de grandes “livrarias”, fossem elas principescas, eclesiásticas ou particulares; ele justificou a busca tenaz de livros raros, edições perdidas, textos desaparecidos” (CHARTIER, 1998, p. 67-68). Com essa afirmação Chartier inicia o texto sobre as *Bibliotecas sem muros*, discutindo as implicações culturais para a formação de bibliotecas na França e o papel de certos instrumentos mediadores (catálogos, inventários, bibliografias) na jornada para a constituição da biblioteca ideal. Como aponta Jean-Yves Mollier (2008) “as bibliotecas sem muros” – que podem ser compreendidas também como a reunião intelectual de livros em um produto bibliográfico-editorial – “nasceram no *Grand Siècle* [1643-1715] e se difundiram na época de Voltaire [1694-1778], antes de encontrar seu

---

<sup>41</sup> *La bibliofilia, tal y como se entiende en la actualidad, nace en la primera mitad del siglo XVI, cuando la imprenta se ha extendido por toda Europa y existe en circulación una cantidad suficiente de libros como para que, unida a la producción manuscrita, que todavía es amplia, pueda constituirse una colección orgánica de textos acorde con los gustos de cada bibliófilo. La noción de la bibliografía universal, preconizada por el humanista y médico suizo Conrad Gesner en 1545, es tomada también por otros bibliófilos de la época, que pretenden reunir todos los libros impresos hasta entonces.*

<sup>42</sup> BORGES, Jorge Luis. **A Biblioteca de Babel**. In: \_\_\_\_\_. BORGES, Jorge Luis. **Ficções (1944)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.69-79.

caminho nos decênios que se seguiram à Revolução Francesa.” (MOLIER, 2008, p. 130).

Barbier (2015) ressalta que, no período barroco, entre 1545 e 1627, um modelo vigente era a biblioteca real e a biblioteca do grande senhor; outro modelo era a biblioteca do intelectual, ambos formando coleções com fins distintos, mas todos em busca da biblioteca ideal para seus objetivos culturais, políticos e sociais.

Peter Burke (2003) apresenta uma geografia dessas bibliotecas nas cidades europeias na qual destaca que as “melhores bibliotecas se encontravam nas maiores cidades”. Após falar da Inglaterra e da Itália (Florença, Veneza, Milão, Roma, Nápoles), Burke destaca a capital francesa:

Como cidade de bibliotecas, Paris superava até mesmo Roma no final do século XVII, se não antes. Seus recursos incluíam a biblioteca do século XII de Saint-Victor [...]; a biblioteca da universidade; a biblioteca do colégio jesuíta de Clermont [...]; **a biblioteca do cardeal Mazarino, que se tornou pública depois de sua morte**; e a biblioteca real; [...] um guia de Paris em 1692 arrolava não menos de 32 bibliotecas onde se permitia que os leitores entrassem “como um favor”, além de três bibliotecas públicas (a de Mazarino, Saint-Victor e a do Jardim Real). (BURKE, 2003, p. 67, grifo nosso).

Nesse período, na Itália, por exemplo, Angela Nuovo destaca que as bibliotecas privadas cresciam em dimensão e em impacto na sociedade apontando três finalidades majoritárias que não podem ser dissociadas:

As bibliotecas foram ferramentas de trabalho para os profissionais, em especial de juristas; elas eram instrumentos de identidade cultural e de trabalho filológico para os intelectuais humanistas; elas foram instrumentos para a construção de modelos sociais e exibição de status. (NUOVO, 2010, p. 234, tradução nossa<sup>43</sup>)

---

<sup>43</sup> *Libraries were working tools for professionals, especially jurists; they were instruments of cultural identity and philological work for humanist intellectuals; and they were instruments for the construction of social models and display of status for representatives of the aristocracy, both lay and ecclesiastical. The social origins of owners were less indicative of cultural depth, but remain decisive for the quantitative dimensions of the collection.*

As bibliotecas foram, sobretudo, essenciais para a auto representação social. O crescimento do comércio do livro, a presença da burguesia (ansiosa por diminuir sua distância de *status* com a nobreza) e a concentração de bibliotecas privadas em cidades universitárias proporcionaram também a formação de ideologias próprias da Bibliofilia. A formação da biblioteca privada tinha como elemento essencial a perpetuidade do nome de uma família, de um magistrado, de um nobre, do príncipe sob a ótica da herança patrimonial, culminando, na maioria das vezes, na ideia do colecionador como um herói. De modo geral, esse herói era a realeza, o rei, o príncipe. Um herói com honra, fama e imortalidade evidenciada por sua eternidade associada à eternidade da coleção. (NUOVO, 2010, p. 239-241).

O status simbólico das coleções de livros (Barbier, 2015) sempre teve o peso social e reflete as práticas e representações da Bibliofilia. O período áureo da formação de bibliotecas particulares, de acordo com Galende Díaz (1996), Chartier (1998), Serrai (2001), Nuovo (2010), Barbier (2015) é aquele vivenciado na Europa, entre os séculos XVII e XVIII, no qual a biblioteca é cobiçada por seus significados de herança e permanência enquanto status social.

Consoante a isso Viardot (1983) e Barbier (2015) apontam que a tipologia de biblioteca patrimonial foi o modelo adotado por nobres, magistrados e reis na França, no final do século XVI e início do XVII. Segundo Viardot (1983, p. 157) foi no território da República das Letras que, no século XVII, *Advis pour dresser une bibliothèque* (1627)<sup>44</sup> de Gabriel Naudé exerceu influência profunda e durável na

<sup>44</sup> Nesse século, dois outros tratados para a formação de bibliotecas particulares também merecem destaque (abaixo). Esses tratados e o de Naudé serão objetos de estudos em nossas próximas pesquisas.

1) *De bene disponenda bibliotheca ad meliorem cognitionem loci & materiae, qualitatisque librorum, litteratis perutile opusculum*, do espanhol Francisco de Aráoz (1583-1658). O tratado foi impresso em Madri na tipografia de Francisco Martínez no ano de 1631, em língua latina, dedicado à organização da biblioteca do bibliófilo espanhol Lorenzo Ramírez de Prado. Similar à obra de Naudé, o tratado de Aráoz propunha os métodos para organização do conhecimento e orientações sobre a seleção de livros, além de uma listagem de livreiros europeus (indicando onde e como adquirir livros).

cultura dos livros e das bibliotecas. Esse tratado, apesar da vocação para a formação de uma biblioteca de caráter público, cunhará, sobretudo, um discurso direcionado para a formação da biblioteca particular enfaticamente pensada como demarcador social de distinção. No caso da biblioteca naudeana esse perfil de distinção era a erudição, em contraposição à ostentação do luxo imposto ao livro, que tinha como fundamento a biblioteca ideal do erudito libertino. Viardot (1983, p. 160), em referência a Michel Foucault, aponta que a biblioteca naudeana está inscrita na “vontade do saber” e funcionará indissociavelmente como um “sistema de exclusão”. Uma cultura do saber alicerçada em estratégias de afirmação da distinção do colecionador, por meio da formação da biblioteca ideal que confirmasse também o legado patrimonial de seu proprietário.

Assim como ressaltam Baudrillard (1969, 2009) e Pomian (1984) em relação ao objeto de coleção, Viardot (2008) aponta que os livros apreendidos como objetos do passado, nesse momento, se enquadravam em uma operação de transmutação essencial: eles aderiram a uma segunda existência, aquela do objeto de coleção resultante de um lento e obscuro trabalho de fetichização. (VIARDOT, 2008, p. 178, tradução nossa)<sup>45</sup>. Essa fetichização foi essencial para a formação e o desenvolvimento da biblioteca denominada tipologicamente como patrimonial – aquela edificada para ser transmitida de geração em geração, como símbolo da permanência, de herança, de cultura e das virtudes de uma família – como modelo que correspondia aos sistemas de valores e requisitos desejados pelos bibliófilos.

Viardot (1983, p. 159), citando Bourdieu, demarca que a função da biblioteca patrimonial era atestar não somente a antiguidade física da coleção, mas

---

2) *Idea bibliothecae ordinandae*, 1679, do alemão Leibniz Gottfried Wilhelm (1646-1716).

<sup>45</sup> *Les livres appréhendés comme objets du passé s'offraient là à une opération de transmutation essentielle: ils accédaient à une existence seconde, celle d'objets de collection, résultant d'un lent et obscur travail de fétichisation.*

reforçar a identidade e a permanência de uma linhagem familiar independente da passagem do tempo. A função da biblioteca patrimonial era representar a distinção social de seu colecionador e, por meio dela, reforçar os sistemas de exclusão social. O conselho de Naudé para a missão de acesso “público” da biblioteca do magistrado De Mesme em tempo vindouro, estava mais voltado para a permanência de valores associados ao dono da biblioteca do que na vontade de garantir um acesso público ao conhecimento.

Pelo exposto, *Advis* caracteriza-se, essencialmente, enquanto um tratado da Bibliofilia. De acordo com Malclès (1956, p. 42-43) e Ugo Rozzo (1995) um tratado da Bibliofilia para a Bibliofilia no qual são detalhadas as recomendações para a formação de uma biblioteca para o bibliófilo. Não por acaso, ainda de acordo com Rozzo:

a lição italiana aprendida por Naude entre 1626 e 1627 baseia-se em dois pilares: a realidade da Ambrosiana, repetidamente exaltada ao longo do *Advis*, como um protótipo da biblioteca pública funcionando de acordo com o ideal que ele compartilhava [...] e o modelo do verdadeiro bibliófilo, encarnado pelo "padovano" Gian Vincenzo Pinelli [...] (ROZZO, 1995, p. 68, tradução nossa).<sup>46</sup>

Entretanto Rozzo (1995) e Guerrini *et al* (2008) destacam que os impactos de *Advis* são fundamentais para a Biblioteconomia, pois ele “fundamenta a base da Biblioteconomia moderna não só em termos da definição de normas técnicas e operacionais destinadas ao bom funcionamento da instituição, mas também da abordagem cultural para a sua formação” (GUERRINI *et al.*, 2008, p. 27, tradução nossa)<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> *la lezione italiana appresa da Naudé tra il 1626 e il 1627 si fonda su due pilastri: la realtà dell’Ambrosiana, più volte esaltata nel corso dell’Advis, come prototipo di biblioteca pubblica funzionante secondo l’ideale da lui condiviso [...] e il modello del vero bibliófilo, incarnato dal “padovano” Gian Vincenzo Pinelli [...].*

<sup>47</sup> *pone de base della moderna biblioteconomia non solo per la definizione delle norme tecniche e operative ai fini del buon funzionamento dell’istituzione, ma anche per l’approccio culturale alla formazione delle raccolte.*

Para Balsamo (1998, p. 70) a intenção de Naudé ao elaborar um tratado para formação de bibliotecas tinha, antes de mais nada, o desejo de definir os critérios e as motivações culturais para se formar uma biblioteca pautada em um cânon bibliográfico que estivesse em consonância com o clima cultural dos eruditos daquele momento. O cânon tinha por base “uma projeção enciclopédica que ultrapassa não só a obstinação ideológica de matriz dogmática senão também o culto aos antigos, no qual se centrava a mensagem humanística” (BALSAMO, 1998, p. 70, tradução nossa)<sup>48</sup>. Balsamo afirma ainda que o enciclopedismo pansofico de *Advis* não se restringia a um repertório pormenorizado e ensejado na técnica, nem podia ser circunscrito em uma série de critérios e princípios, antes impunha aos colecionadores o modelo de biblioteca ideal composto pelas principais obras dos autores modernos e antigos, escolhidos dentre as melhores edições, com textos dos melhores comentaristas ou intérpretes sobre determinado tema. A escolha reunia e consolidava os discursos dos eruditos, vistos como os legítimos especialistas no conhecimento filológico e literários dos textos e, por conseguinte, dos livros. (BALSAMO, 1998, p. 71).

Em *Advis*, Naudé indicava as fontes para obter as informações sobre livros para a biblioteca ideal. Essas indicações estão especificadas nos capítulos 2 e 5 de seu tratado: capítulo 2 (*Sobre a maneira de se instruir e de saber sobre a formação de uma biblioteca*); e capítulo 5 (*Dos meios para localizar os livros*). Para localizar os livros deveriam ser consultados índices, tratados, livros, catálogos de bibliotecas e de livreiros, pois eram instrumentos norteadores do reconhecimento da qualidade de um livro que deveria compor uma biblioteca universal e seleta (escolhida tendo em vista o melhor conteúdo e não focada na estética material do livro).

---

<sup>48</sup> *una proyección enciclopédica que sobrepasa no sólo la cerrazón ideológica de matriz dogmática sino también el culto a los antiguos, en el cual se había centrado el mensaje humanístico.*

A biblioteca naudeana negava a atribuição de distinção ao livro apenas pelo luxo imposto à sua materialidade, sobretudo porque Naudé, tendo por base o texto de Sêneca em *De tranquillitate animi*, advogava em defesa dos bons livros como instrumento de instrução pautados nos discursos humanistas vigentes. Para isso Naudé exortava

a ignorar tudo o que é conhecido **apenas** pela sua antiguidade ou por suas belas ilustrações; não é de surpreender que por muitas vezes ele mencione seu amado Sêneca, que odiava os falsos bibliófilos. O único valor do livro consiste de seu conteúdo, na validade de suas ideias, das informações que transmite; claro que, quando existe essa centralidade, pode-se também olhar para a edição mais bela e acima de tudo aquela melhor impressa, mais correta, possivelmente a melhor comentada etc. (ROZZO, 1995, p.72, tradução nossa, grifo nosso).<sup>49</sup>

No século XVIII uma ruptura cultural na formação de bibliotecas patrimoniais (VIARDOT, 1983, p. 163) modificou o cenário edificado pela biblioteca naudeana: as vendas públicas de bibliotecas patrimoniais do século anterior devido a morte de seus colecionadores. A venda era feita de forma individual ou em lote de livros, ou mesmo da biblioteca completa. Conforme relatam Malclès (1956), Serrai (2008), Barbier (2015), Balsamo (1998), Chartier (1998) associado às vendas dos livros estava a produção de bibliografias para o público de compradores<sup>50</sup>: os bibliófilos.

A bibliofilia no final do século XVIII está em plena expansão. Embora a edição de luxo tenha vivido durante muito tempo graças às subvenções reais, nesse momento possui um público esclarecido e enriquecido pelas novas condições econômicas que proporciona um destino brilhante ao livro. A dispersão por vendas públicas de belas bibliotecas privadas resultou em um grande número de comerciantes de livros, que, através de seus catálogos, inteligentemente catalogados

---

<sup>49</sup> *esorta a trascurare tutto ciò che è rinomato solo per la sua antichità o per le belle illustrazioni; non a caso torna più volte a citare il suo amato Seneca, odiatore del falsi bibliofili. L'unico valore del libro consiste del suo contenuto, nella validità delle idee, delle informazioni che veicola; certo, quando esiste questo nucleo, si cerchi pure l'edizione più bella e soprattutto quella meglio stampata, più corretta, eventualmente meglio commentata ecc.*

<sup>50</sup> Um estudo específico sobre o cenário dessas vendas públicas – a crise financeira, a ascensão econômica da burguesia, as ideias iluministas serão apresentadas, de modo mais aprofundado, em artigo científico. Agradecemos as indicações, orientações e observações do professor Gustavo Silva Saldanha sobre esse tema.

e redigidos, desenham uma doutrina bibliográfica até aquele momento inexistente (MALCLÈS, 1956, p. 78, tradução nossa)<sup>51</sup>.

A comercialização de livros advindos dessas bibliotecas patrimoniais põe em cena as características dos exemplares, e – como esse comércio era liderado por bibliófilos, livreiros e bibliógrafos – a distinção adotada tanto para a atribuição de preço de venda, quanto para divulgação dos livros era a sua importância individual. A significância individual do livro era condicionada por uma série de elementos, a saber: a escassez, a materialidade (corpo), a proveniência e o discurso (alma) para enfatizar a distinção. Cada atributo pensado para individualizar o livro era chamado de qualitativo de “raridade”. O comércio desses livros, ditos raros, tinha em seu entorno, regra geral, dois universos distintos de colecionadores: os eruditos – dados aos “bons livros” na linhagem naudeana; e os curiosos – que colecionavam livros por luxo, fetiche, excentricidades e ostentação.

Aos poucos a referência de biblioteca ideal baseada no “modelo Thou-Naudé” (Viardot, 1988, p. 270), deixa de ser o parâmetro vigente e surgem novos modelos de bibliotecas. A biblioteca de livros raros e/ou de curiosidades *librarias* foi um dos modelos nos quais não obrigatoriamente a leitura e os estudos eram o interesse principal, contudo, mantêm, em essência, o caráter de biblioteca patrimonial, não mais exclusiva aos eruditos, mas também pertencente aos curiosos, em sua maioria, burgueses que desejavam utilizar a estratégia patrimonial para afirmação social.

Nesse cenário, Balsamo (1998, p. 128) apresenta três grupos/modelos de colecionismo *librario* no século XVIII: a) aquele composto por eruditos que

---

<sup>51</sup> *La bibliophilie est à la fin du XVIII siècle en pleine expansion. Alors que l'édition de luxe n'a vécu longtemps que grâce aux subventions royales, il se trouve maintenant un public éclairé et enrichi par les nouvelles conditions économiques qui fait un sort brillant au livre illustre. La dispersion par ventes publiques de belles bibliothèques privées attire un grand nombre de marchands de livres, lesquels, par leur catalogues savamment classés et rédigés ébauchent une doctrine bibliographique jusqu'alors inexistente.*

coleccionavam impressos ou manuscritos pelo interesse filológico dos textos, sendo o mote principal o discurso veiculado no documento; b) o grupo composto por colecionadores apaixonados pelo antigo, independente da qualidade dos documentos, assim, quanto mais antigo, maior era a vontade de posse; e c) o grupo de colecionadores que adquiriam livros para circulação e venda, sem objetivos associados à antiguidade ou conteúdo, mas estritamente para o comércio. Balsamo (1998, p. 136) cita ainda outra proposição para a compreensão do colecionismo *librario*, desse período, tal como descrito pelo livreiro-bibliógrafo-bibliófilo David Clement<sup>52</sup>, na qual os colecionadores eram separados por motivações. Assim, havia o grupo de bibliófilos que tinham como interesse os textos que os documentos veiculavam; e o outro grupo que desejava o livro raro somente pelo prazer de possuí-lo.

Viardot (1983, p. 164) indica que, na França, em função da especialização do comércio do livro destinado à Bibliofilia, emergem bibliófilos, comerciantes, bibliólogos, bibliógrafos que passam a definir características específicas para os livros que deveriam compor uma biblioteca particular. Características distintas daquelas fundadas na filosofia naudeana, mas com práticas e regras específicas para a biblioteca ideal, no contexto de novos modelos para o colecionismo *librario*. Viardot (1983, 2008) e Chartier (1998) fazem referência a esse momento como o período de nascimento da Bibliofilia moderna. Viardot (2008, p. 286) propõe, ainda, uma outra leitura para o período de nascimento da consciência bibliofílica francesa, o qual estaria centrado, principalmente, nos modelos de bibliotecas de livros raros, manifestos de um lado no campo literário e intelectual (*cabinet choisi*) e em extremo oposto no campo da imposição da raridade bibliofílica (*cabinet curieux*). Esses modelos disputam, sobretudo, a legitimidade do discurso sobre a delimitação do universo dos livros dignos

---

<sup>52</sup> CLEMENT, David. **Bibliothèque curieuse historique et critique, ou Catalogue raisonné de livres difficiles à trouver**. Gottinga: [S.n.], 1750-1760. 9v.

de serem colecionados. De modo geral, essa conjuntura irá considerar o documento gráfico como objeto original de transmissão de comunicação e cultura, firmada pelos eruditos, mas também como objeto que encerra questões estéticas e arqueológicas e por isso são ideais para compor uma coleção.

De acordo com Yann Sordet (2002, p. 285), a Bibliofilia no final do XVII e início do XVIII, após estabelecer as prerrogativas para a distinção de seus membros, adota um critério determinante para a consolidação do sistema de valoração das bibliotecas: a definição do livro raro. Com o intuito de alcançar esse objetivo, a partir do século XVII, bibliógrafos, bibliotecários, bibliófilos e livreiros produziram centenas de bibliografias dedicadas ao livro raro. Essas obras assumiram lugar de destaque nas práticas da Bibliofilia por produzirem notícias bibliográficas; descrições materiais e analíticas dos livros, mas, sobretudo, por tornarem-se território privilegiado para a definição da raridade.

Segundo Viardot (1988, p. 278), nesse cenário, duas modificações do sistema de comercialização de livros interveem na consolidação do colecionismo *librario*: de um lado o considerável crescimento de vendas públicas de livros e de bibliotecas particulares<sup>53</sup> e, de outro lado, o surgimento de livreiros especializados, que conseguiram dominar o mercado de vendas de livros antigos e impor seus discursos tanto dentro das corporações de livros quanto em relação ao público alvo de seu trabalho: os bibliófilos. O processo de venda de livros antigos e a divulgação das categorias da raridade, que inicialmente circulavam em meio à cultural oral, agora

---

<sup>53</sup> A questão relacionada a essa modalidade comercial do livro é abordada pelo autor no contexto específico da Bibliofilia francesa e não no comércio de livros como um todo. Barbier, por exemplo, ao abordar a potência do comércio de livros na Holanda, no século XVII, cita: “A modernidade do comércio de livros reflete a modernidade de toda a sociedade e é reforçada pela ausência ou a relativa leveza da censura (instituída pelo edito de 1581). Os leilões de livros e de bibliotecas aparecem desde 1599, prova da existência precoce de uma sociedade muito culta e suficientemente rica para alimentar esse novo ramo de comércio.” (BARBIER, 2008, p.228).

começam a ser veiculados em catálogos de vendas e bibliografias de livros raros. As bibliografias alcançam o status de território bibliofílico da raridade, sobretudo em função do impacto e da recepção privilegiados que conquistam no circuito de comunicação do livro no universo da Bibliofilia.

A problemática do livro raro dá a ver, desse modo, conforme Viardot (1983, p. 165-166), uma pedagogia: as bibliografias dedicadas aos livros se fazem extremamente úteis por serem o resultado da análise individualizada de cada exemplar, realizada por especialistas; por apresentarem, junto ao repertório, as modalidades de organização do conhecimento, facilitando a localização do livro no local de venda e também servindo de balizador para a organização dos livros na coleção de destino; e por indicarem ao público o conceito de raridade.

Essas bibliografias, as quais identificamos como Bibliografias de Livros Raros, documentam a formação do sistema de valores e de exigências de singularidades específicos que deveriam ser seguidos pela comunidade de bibliófilos. Assim, Bibliofilia e Bibliografia compartilham discursos intensos e inflamáveis para a construção da raridade.

Atentando para essa importância, o próximo capítulo se dedica a analisar de que modo as bibliografias consolidam-se como território bibliofílico da raridade e, desse modo, enquanto instrumentos mediadores da construção e difusão do conceito de livro raro.

### 3 AS VOZES DA BIBLIOGRAFIA<sup>54</sup>

Os significados da bibliografia erigidos ao longo da história do livro e das bibliotecas possibilitam interpretações desse termo enquanto um conjunto de sentidos que se diversifica a partir de locais e momentos distintos. Os referenciais eleitos para nossa pesquisa correspondem aos estudos realizados no século XX sobre a Bibliografia nos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação<sup>55</sup>. No levantamento bibliográfico realizado, um ponto específico se manifesta com destaque, que é a relevância de não tratarmos a Bibliografia como um termo singular, mas como uma disciplina complexa e sólida podendo ser vista como campo basilar da formação da Biblioteconomia enquanto ciência.

Somado aos diversos significados da disciplina Bibliografia, há ainda que se considerar a disputa ligada à filiação da bibliografia ao universo do impresso no ocidente europeu em contraposição ao universo do manuscrito. Andrea Capaccioni (2006) relata que alguns pesquisadores justificam a defesa do nascimento da bibliografia a partir da invenção da impressão com tipos móveis tendo-se por argumento duas considerações:

[1] na época dos manuscritos ocorrem com frequência, nas citações bibliográficas, a ausência de alguns elementos descritivos essenciais (relativos, por exemplo, à responsabilidade intelectual da obra ou à publicação); [2] nos anos que seguem à difusão da impressão [com

---

<sup>54</sup> Alguns dos desdobramentos dessa seção foram publicados no artigo: ARAÚJO, D. M. P.; REIS, A. S. dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 183-201, 2016.

<sup>55</sup> Apenas para citar como exemplo, a Bibliografia apresenta ênfases e perspectivas distintas em países como Brasil e Espanha como poderemos inferir a partir dos textos abaixo. Há que se considerar que eles refletem as experiências acadêmicas de escolas com características específicas:  
 CLEMENT SAN ROMÁN, Yolanda. La cátedra de bibliografía de la Universidad Complutense de Madrid. **Revista General de Información y Documentación**, 2007, v.17, n.1, p.201-211.  
 ORTEGA, Cristina Dotta; CARVALHO, Maria da Conceição. O papel da Bibliografia na construção do conhecimento em Ciência da Informação: o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 36-64, ago. 2017.  
 TORRES RAMÍREZ, Isabel de. Los estudios de bibliografía en el último cuarto del siglo XX. **Documentación de las Ciencias de la Información**, v.25, 2002, p. 147-165.

tipos móveis], o crescimento exponencial da difusão do livro criou uma forte demanda bibliográfica e, por conseguinte, um incentivo para a elaboração de repertórios<sup>56</sup>. (CAPACCIONI, 2006, p.11-12, tradução nossa).

Visando desfazer desentendimentos, Capaccioni (2006) cita Bestermann (1950)<sup>57</sup> e Blum (1980)<sup>58</sup> para afirmar que a Bibliografia não se restringe à era moderna no ocidente europeu. Apesar de, nos séculos anteriores ao XV, fatores como a completude da notícia bibliográfica e a própria estrutura sistêmica das bibliografias serem distintas das modernas, esse fato não compromete “a função comunicativa de um repertório assim como não persuade o seu perfil de caráter histórico.” (CAPACCIONI, 2006, p.12, tradução nossa)<sup>59</sup>. Após esses apontamentos e a partir da interpretação do texto de Balsamo (1998)<sup>60</sup>, Capaccioni considera que “a bibliografia se converte [...] em elemento importante na história da cultura [...] pois ela] participa da conservação do patrimônio *librario* y contribui a salvaguardar a memória cultural”<sup>61</sup> (CAPACCIONI, 2006, p.12, 16, tradução nossa).

Nesse sentido, André Vieira de Freitas Araújo (2015, p. 127) relata que “a organização e representação dos saberes já estava presente desde o mundo antigo e medieval, mas é na formação da Europa Moderna que se busca uma sistemática bibliográfica”. Ele afirma que no “âmbito da historiografia informacional/documental, a Bibliografia precede as áreas da Documentação, Biblioteconomia e Ciência da Informação” (ARAÚJO, 2015, p. 119). A partir dessa compreensão, e com o objetivo de

---

<sup>56</sup> *en la época de los manuscritos se registran a menudo en las citas bibliográficas la ausencia de algunos elementos descriptivos esenciales (relativos, por ejemplo, a la responsabilidad intelectual de la obra o a la publicación); en los años que siguen a la difusión de la imprenta, el crecimiento exponencial de la difusión del libro creó una fuerte demanda bibliográfica y, por consiguiente, un incentivo para la elaboración de repertorios.*

<sup>57</sup> BESTERMANN, T. **Les débuts de la bibliographie méthodique**. Paris: La Palme, 1950.

<sup>58</sup> BLUM, Rudolf. **Bibliographia: an inquiry into its definition and designations**. Chicago: [S.n.], 1980.

<sup>59</sup> *la función comunicativa de un repertorio así como no persuade la consideración de carácter histórico.*

<sup>60</sup> BALSAMO, Luigi. **La bibliografía: historia de una tradición**. Espanha: Ediciones Trea, 1998. 214 p.

<sup>61</sup> *la bibliografía se convierte [...] en elemento importante en la historia de la cultura [...] participa en la conservación del patrimonio librario y contribuye a salvaguardar la memoria cultural.*

apresentar estudos sobre a Bibliografia nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, selecionamos alguns autores que se dedicaram a essa disciplina. Nosso propósito é trazer para a discussão as compreensões sobre a Bibliografia, campo no qual estão inscritas as bibliografias que nominamos como Bibliografias de Livros Raros, aquelas produzidas pelo circuito de comunicação dos documentos gráficos para as práticas da Bibliofilia.

Nesses termos, Louise-Noële Malclès (1956) em *La Bibliographie* traçou um panorama da Bibliografia do século XV ao XX, com ênfase na cultura francesa. Ela apresenta as bibliografias (especializadas, gerais, universais, nacionais) segmentadas em períodos cronológicos:

- erudita (século XV e XVI);
- histórica (século XVII);
- histórica e científica (século XVIII);
- literária e bibliofílica (1790 à 1810)<sup>62</sup>;
- “*artisanale*” (1810-1914);
- tecnicista (a partir de 1914).

O objetivo de Malclès era apresentar em linhas gerais as ideias e teorias da Bibliografia a partir de um apanhado histórico, sobretudo do período moderno. As bibliografias, desejadas como instrumentos para resolução de problemas relacionados ao trabalho intelectual (localizar informações sobre determinado assunto, por exemplo), tiveram por sua vez uma parcela significativa e importante na ciência do livro, coabitada também pela Biblioteconomia, Bibliofilia e Bibliologia.

---

<sup>62</sup> Divisão estabelecida por Malclès pautada no contexto da Revolução Francesa.

José Simón Díaz<sup>63</sup> (1971) em seu livro *La Bibliografía: conceptos y aplicaciones* expõe, por sua vez, as várias vozes da Bibliografia<sup>64</sup>. De forma resumida, pode-se descrever tais vozes nos seguintes termos:

- a) Bibliografía: lista de livros. Compreendida a partir do surgimento do livro impresso, no século XV, a bibliografía teve seu nome próprio somente no século XVII, quando Naudé e Louis Jacob deram esse nome às relações de títulos de livros, elaboradas por eruditos e livreiros.
- b) Bibliografía: conceito neoclássico, século XVIII, direcionada para o conhecimento dos manuscritos.
- c) Bibliografía: ciência do livro, século XVIII, compreendendo dois ramos: a produção do livro e a sua história (valores, autores, editores, catalogação, classificação, difusão...). Seguindo essa constante até o século XX, quando bibliógrafos anglo-saxões propõem estudos do livro a partir de suas características materiais, para, através delas, demarcar a autenticidade de uma edição, precisar seu local de publicação e data, por exemplo.
- d) Bibliografía: ciência das bibliotecas
- e) Bibliografía: ciência dos repertórios, do século XIX ao século XX. Aqui Simón Díaz pontua que:

Em 1812, Gabriel Peignot, em seu *Répertoire universel de bibliographie*, utiliza pela primeira vez o termo <<Bibliologia>> para designar a Ciência do Livro e reserva o termo <<Bibliografía>> para uma de suas partes, aquela que estuda os repertórios. (SIMÓN DÍAZ, 1971, p. 17, grifos do autor, tradução nossa).<sup>65</sup>

Em referência ao texto de Louise-Noëlle Malclès<sup>66</sup>, Simón Díaz finaliza:

<sup>63</sup> Renomado bibliógrafo espanhol do século XX, sua biobibliografía pode ser consultada em: BIO-BIBLIOGRAFIA DE JOSÉ SIMÓN DÍAZ, *Documentación de las ciencias de la información*, n.10. Ed, Univ, Complutense. Madrid, 1986, p. 11-42. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/.../20451>>.

<sup>64</sup> Sobre as vozes da Bibliografía, de acordo com Capaccioni (2006, p. 19) o bibliotecário R. Blum produziu um guia indispensável “para compreender las metamorfoses, con frecuencia imperceptibles, de la bibliografía”. Contudo, não tivemos acesso a esse documento e por isso, infelizmente, esse autor não consta em nossa revisão bibliográfica.

<sup>65</sup> En 1812, Gabriel Peignot, en su *Répertoire universel de bibliographie*, emplea por primera vez el término <<Bibliologia>> para designar la Ciencia del Libro y reserva el de <<Bibliografía>> para una de sus partes, la que estudia los repertórios.

<sup>66</sup> MALCLES, Louise Noelle. *La bibliographie*. 2 ed. Paris: 1962. 134 p.

A Bibliografia ocupa um setor da Bibliologia ou Ciência do livro e propõe buscar, identificar, descrever e classificar os documentos impressos com o objetivo de constituir repertórios adequados para facilitar o trabalho intelectual. (SIMÓN DÍAZ, 1971, p. 19, tradução nossa)<sup>67</sup>.

f) Bibliografia: parte da documentação que se ocupa dos impressos

Simón Díaz destaca que sua sistematização não representa etapas evolutivas da Bibliografia, senão interpretações divergentes, existentes até nossos dias, que formam um todo cujas partes estão interligadas.

Luigi Balsamo (1998), em *La Bibliografía: historia de una tradición*, nos apresenta um ponto de vista histórico das bibliografias destacando que sua função está inscrita no cerne de um sistema de difusão da cultura *libraria*, no qual ela “assumiu um papel de mediação entre a produção de livros e o público dos possíveis leitores” (BALSAMO, 1998, p. 12, tradução nossa)<sup>68</sup>. Para o autor a função mediadora que se estabelece entre a produção e a circulação de livros é parte fundamental do conceito de bibliografia, por isso os repertórios bibliográficos antigos são testemunhos históricos de uma atividade complexa da articulação entre produção e circulação do livro, eles se mostram como espelhos fieis da situação cultural e social de cada país (BÁLSAMO, 1998, p. 75, 83).

O pesquisador italiano Alfredo Serrai (2001) enfatiza que a Bibliografia, para além das características tradicionais que a especificam como instrumento para localização de documentos, é sobretudo o testemunho das ordens ligadas à estruturação

---

<sup>67</sup> *La Bibliografía ocupa un sector de la Bibliología o Ciencia del libro y se propone buscar, identificar, describir y classificar los documentos impresos con el fin de constituir repertórios adecuados para facilitar el trabajo intelectual.*

<sup>68</sup> *en el cual ha assumido un papel de mediación entre la producción livresca y el público de los posible lectores.*

do conhecimento em cada época e, por isso, pode ser compreendida enquanto “mapa” e “índice” da literatura, da ciência e da cultura de seu tempo.

Ainda em relação às diversas vozes da Bibliografia, Isabel Torres Ramírez (2002), em seu artigo *Los estudios de bibliografía en el último cuarto del siglo*, convoca Estivals para um esclarecimento:

a ciência bibliográfica, em sua dupla vertente teórica e prática, [liga-se às] circunstancias históricas e sociais nas quais se desenvolveu e às mudanças produzidas na “superestrutura intelectual” da qual faz parte [...] Entre as mudanças apontadas destacam-se aquelas que foram produzidas nos campos do conhecimento e das ideologias, que foram os responsáveis pela evolução das classificações, por exemplo; o aumento do saber e do número de livros (títulos), que originaram as mudanças nos tipos de bibliografias que se elaboravam, a divisão do trabalho bibliográfico e as diversas definições que se deram para a Bibliografía (cfr. Estivals, 1978:57). (TORRES RAMÍREZ, 2002, p. 148, tradução nossa)<sup>69</sup>.

Aprofundando essas discussões terminológicas, Jean-Claude Utard (2002a) divide a Bibliografia em três facetas:

- a) repertório ou listagem de títulos de publicações contendo as referências necessárias para sua identificação;
- b) disciplina relativa à pesquisa, descrição e classificação de documentos escritos (textos das mais diversas naturezas) que produz repertórios que ordenam esses documentos de acordo com suas características materiais e de conteúdo;
- c) técnica ou prática da bibliografía (descrita no item acima) que se propõe pesquisar e disponibilizar as referências documentais para viabilizar o acesso à informação.

Delgado Casado (2005) apresenta possíveis categorias das bibliografias por especialidades, as quais explicitamos no quadro abaixo

---

<sup>69</sup> *la ciencia bibliográfica, en su doble vertiente teórica e práctica, a las circunstancias históricas y sociales en las que se há desenvuelto y a los câmbios que se han producido en la “superestructura intelectual de la que forma parte [...] Entre los câmbios apuntados habría que señalar los que se han producido en los terrenos del conocimiento y las ideologias, que han sido los responsables de que evolucionen las clasificaciones, por ejemplo; el aumento del saber y del número de libros (títulos), que há originado los câmbios en el tipo de bibliografias que se elaboran, la división del trabajo bibliográfico y las diversas definiciones que se han dado de la Bibliografía (cfr. Estivals, 1978:57).*

Quadro 1 – Categorias de Bibliografias

<b>Categoria por</b>	<b>Especificação</b>
Conteúdo	especializada
Quantidade de documentos	seletiva
Cobertura Geográfica	nacional, regional, local
Âmbito cronológico	Delimitada
Âmbito linguístico	Plurilíngues, monolíngues
Tipos documentais	Heterogêneas, híbridas, especiais, de livros
Tipo de descrição	Descritivas, analíticas
Ordenação	Alfabética, sistemática, cronológica
Apresentação	Enumerativa, narrativa
Publicação	Autônoma, independente,
Destinação	Bibliofílica, comercial

Fonte: elaborado pela autora com base nas proposições de Delgado Casado (2005, p. 24-25).

Felipe Meneses Tello, dando destaque às questões complexas que envolvem o conceito de Bibliografia, apresenta uma revisão sobre o tema por meio das dimensões cognitivas da Bibliografia – técnico-metodológica; histórica; científica; documental; quantitativa; docente; e informativa. Dentre elas ressaltamos a esfera científica da Bibliografia:

A bibliografia se distingue como fenômeno de ciência e alcança o terreno científico, autônomo e firme, quando os bibliógrafos, bibliotecários ou documentalistas se preocupam em criar um corpo teórico, conseqüentemente científico, em torno do conceito e peculiaridades que a bibliografia guarda e cobre como fenômeno de compilação e registro de informação impressa e eletrônica em diversos formatos, nos distintos eixos de tempo e espaço. (MENESES TELLO, 2007, p 115-116, tradução nossa).<sup>70</sup>

Em sua compreensão sobre a Bibliografia enquanto ciência, Morales López (2008), em seu livro *La bibliotecología y estudios de la información*, amplia o alcance da Bibliografia enquanto ciência, reconhecendo sua existência mesmo antes dos registros impressos. O autor entende a Bibliografia como ciência

por se tratar do termo mais antigo que faz referência ao estudo da informação registrada e organizada uma vez que seu estudo permite conhecer e compreender os antecedentes e origens do desenvolvimento da denominação, conceitualização e caracterização

<sup>70</sup> *La bibliografía se distingue como fenómeno de ciencia y alcanza a pisar terreno científico autónomo firme, cuando los bibliógrafos, bibliotecólogo o documentalistas se preocupan por crear un cuerpo teórico, conseqüentemente científico, en torno al concepto y peculiaridades que guarda y cubre la bibliografía como fenómeno de compilación y registro de información impresa y eletrônica en diversos formatos, en los distintos ejes de tempo y espacio.*

do estudo da informação registrada e organizada. (MORALES LÓPEZ, 2008, p. 17, tradução nossa).<sup>71</sup>

Morales López destaca, também, que os significados e usos da Bibliografia estão relacionados à contextos linguísticos-sociais que não correspondem à compreensão que temos hoje do que é a Bibliografia, mas não podemos perder de vista que a produção de listas de livros com vistas à sua recuperação e organização na biblioteca existe desde as bibliotecas da Antiguidade. Entretanto, o autor alerta que a lista enumerativa de livros não pode ser interpretada, necessariamente, como sendo uma bibliografia – “a atividade de elaborar livros e compor listas de seus títulos existe desde os gregos, mas as palavras com as quais [essa prática] era denominada não concordam em tudo com a bibliografia” (Morales López, 2008, p. 19, tradução).<sup>72</sup> Como contraponto à afirmação de Morales López, podemos considerar o posicionamento de Simón Díaz (1971) que – compreende que a Bibliografia pode se manifestar, sim, em outras tipologias de publicações como os catálogos, guias de literatura e índices, pois mesmo com denominações distintas essas podem ser reconhecidas como um produto da prática bibliográfica. Entre tantas ambiguidades associadas à bibliografia, podemos ter em mente que suas dimensões extrapolam convenções restritivas e pontuais.

Guerrini *et al.* (2008) esclarece que a bibliografia contém em sua base a ambiguidade do termo “livro” que se refere tanto ao objeto material quanto ao discurso que veicula. A revisão de literatura desses autores faz ressaltar as definições da bibliografia no século XX, esclarecendo que as razões da multiplicidade de vozes da bibliografia devem-se à polivalência semântica do termo *libro*, eixo central da

---

<sup>71</sup> porque se trata del término de mayor antigüedad para hacer referencia ao estudio de la información registrada y organizada por lo que su estudio permite conocer y comprender los antecedentes y orígenes del desarrollo de la denominación, conceptualización y caracterización del estudio de la información registrada y organizada.

<sup>72</sup> la actividad de elaborar libros y formar listas de sus títulos existía desde los griegos, pero las palabras con las que era denominada no concuerdan del todo con bibliografía.

disciplina, e torna impossível uma definição unívoca sobre ela. A articulação entre bibliografia e livro, própria das “*scienze bibliografiche*”, se mostra frutífera e enriquecedora por contemplar, conforme descrito por Serrai:

a) descrição do livro objeto-material, que cobre a biblioteconomia analítica e a bibliografia; b) descrição do livro objeto-intelectual, do qual se ocupa a citação bibliográfica ou bibliografia enumerativa ou repertorial, a bibliografia textual, a história da edição, a bibliografia indicativa ou catalográfica (nominal ou semântica). (SERRAI, 1991, p.353, tradução nossa).<sup>73</sup>

Guerrini *et al.* (2008), a partir de Serrai, apresentam a seguinte estrutura para a disciplina:

## 1. Bibliografia enumerativa

### a. Repertórios bibliográficos

Conforme Guerrini *et al.* (2008) os principais critérios para a compreensão do repertório bibliográfico são as análises que considerem: a) o propósito e intenção da bibliografia; b) os produtores que garantem a autoridade da publicação; c) âmbito e cobertura; d) destinatário(s); e e) formato e organização. Os autores destacam que a destinação dos repertórios bibliográficos está diretamente associada ao uso social e cultural desses documentos, por exemplo para: ciência, bibliofilia, comercio, religião, dentre outros.

### b. Bibliografias e catalogação:

- i. Descrição bibliográfica
- ii. Descrição catalográfica
- iii. Referências bibliográficas

## 2. Bibliografia analítica;

## 3. Bibliografia descritiva;

---

<sup>73</sup> a) *descrizione del libro-oggetto materiale, di cui si occupano la bibliologia e la bibliografia analitica;*  
 b) *descrizione del libro-oggetto intellettuale, di cui si occupano la bibliografia citazionale o enumerativa o repertoriale, la bibliografia testuale, la storia delle edizioni, la bibliografia indicale o catalográfica (nominale o semântica).*

#### 4. Bibliografia textual.

Os autores aqui evocados trazem pontos de vistas – por vezes próximos, por vezes contrários – sobre a Bibliografia. As proposições de Simon Dias (1971), ao salientar compreensões que apreendem a Bibliografia enquanto ciência, técnica, arte e disciplina instrumental, podem proporcionar perspectivas diferenciadas para os estudos da Bibliografia e suas relações com áreas afins. Simón Díaz afirma que linhas tênues separam a Bibliografia, a Biblioteconomia e a Bibliofilia. No mesmo sentido, encontram-se nossos esforços de aproximação dessas áreas no presente estudo.

Tomamos como princípio que a Bibliografia, apesar de ser compreendida como resultado de ações direcionadas para a organização do conhecimento, é, sobretudo, fruto de práticas e representações socioculturais que envolvem uma cadeia de agentes do universo do conhecimento (bibliógrafos, bibliotecários, leitores, editores).

As bibliografias podem ser compreendidas, assim, enquanto **documentação histórica** (Balsamo 1998; Serrai, 2001; Capaccioni 2006) que registram as práticas e vestígios da cultura *libraria* em seu tempo, sem deixar de ser, tanto na época em que foram produzidas quanto hoje em dia, **estruturas mediadoras** (Balsamo, 1998; Serrai, 2001; Capaccioni, 2006; Couzinet, 2012; Araújo, 2015) dos documentos que repertoriam para os mais diversos públicos.

Conforme elucida Serrai (2001), enquanto mapas e índices das formas de se organizar o conhecimento, as bibliografias irão refletir muito mais que apenas uma listagem de documentos, tendo em vista que elas próprias são documentos que testemunham as apropriações do conhecimento em seu tempo. Por esse motivo, para Serrai (1994 citado por ARAÚJO, 2015), a disciplina Bibliografia apresenta

uma série de interesses especializados e conectados com a esfera – material, tecnológica, editorial, comercial, artística, colecionadora e bibliotecária – que gira em torno do objeto livro, a sua gênese, sua produção, sua forma e seu conteúdo (SERRAI, 1994 *apud* ARAÚJO, 2015, p. 124).

Capaccioni (2006) destaca as relações entre os atores da cultura *libraria* e as bibliografias, tendo como centro a Bibliofilia (o autor faz referência à bibliografia enumerativa – relação de documentos como produto intelectual –; e à bibliografia analítica - dedicada ao livro enquanto objeto material). Para esse autor:

Em grande parte da Europa [a partir do século XVIII] é a Bibliologia<sup>74</sup> que se ocupa do livro entendido como objeto físico, é ela que investiga a história de sua produção e recepção [...] Bibliófilos, colecionadores de livros e livreiros, contribuíram com estes interesses enquanto alguns estudiosos se apropriavam de uma grande quantidade de informações presentes em catálogos de livreiros, ou de leilões em que eram vendidos preciosos volumes, ou nos repertórios de livros raros. A bibliofilia chegará a ser uma disciplina em que se conjugam o estudo da história da tipografia e da história do livro e das bibliotecas. (CAPACCIONI, 2006, p.20, tradução nossa)<sup>75</sup>.

Os catálogos de vendas, de natureza distinta dos catálogos e inventários de bibliotecas, são, todavia, para além da questão comercial, mais um instrumento, naquele momento, para se localizar livros e informações sobre eles. De acordo com Balsamo (1998, p. 65) são significativas fontes de documentação histórica sobre a produção e circulação de livros, sobretudo pela eficácia desses instrumentos em fornecer e facilitar o acesso a essas informações em nível internacional.

Serrai (2001), em *Il cemento della Bibliografia*, defende que a Bibliografia não se limita apenas às técnicas de descrição documental, antes, e sobretudo, ela é

<sup>74</sup> A Bibliologia não foi objeto de estudo na presente pesquisa.

<sup>75</sup> *En gran parte de Europa [...] es la bibliología la que se ocupa del libro entendido como objeto físico, la que investiga la historia de su producción y de su recepción [...]. Bibliófilos, coleccionistas de libros, libreros, contribuyeron a estos intereses mientras algunos estudiosos se apropiaban de una gran cantidad de informaciones ubicada em los catálogos de las librerías o de las subastas en que eran vendidos preciosos volúmenes o en los repertórios e libros raros. La bibliofilia llegará a ser una disciplina en que se conjugan el estudio de la historia de la tipografía y la del libro y las bibliotecas.*

ciência que organiza o conhecimento em suas diversas vertentes. Nessa obra o autor destaca a aproximação da Bibliofilia, Bibliologia e Biblioteconomia tendo como “cimento” a Bibliografia que sustenta e organizar os conhecimentos relacionados à cultura *libraria*.

A Bibliofilia, Bibliografia e a Biblioteconomia estão a todo momento atravessando, tangenciando e ocupando as discussões dos conceitos presentes no campo do Colecionismo e da História do Livro e das Bibliotecas. Nesse seguimento, visando-se iniciar as discussões sobre o livro raro a partir dos fundamentos teóricos apresentados, é ainda necessário contextualizar, do ponto de vista histórico da Bibliofilia, as bibliografias enquanto território de construção do conceito de livro raro entre os séculos XVII e XVIII.

### 3.1 Bibliografias de Livros Raros<sup>76</sup>

*há uma diferença radical entre  
uma bibliografia  
como repertório de textos a consultar  
e uma bibliografia  
como descrição de objetos a possuir.*  
Eco, 2011, p. 61

Viardot (1986 p. 584) afirma que a partir do século XVII um fenômeno social associado à formação de bibliotecas particulares precisa ser observado: “o surgimento e a organização progressiva de um campo autônomo na República das Letras, o campo do livro raro.” (VIARDOT, 1986, p. 584, tradução nossa)<sup>77</sup>, no qual os sistemas de distinção e de dominação são valorizados para a imposição de status social.

---

<sup>76</sup> Partes dos desdobramentos dessa seção foram apresentadas no III Seminário Internacional A ARTE DA BIBLIOGRAFIA, em Belo Horizonte, em 2016. O texto referente ao trabalho foi publicado em formato de artigo: ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 168-184, ago. 2017.

<sup>77</sup> *l'émergence et l'organisation progressive d'un champ autonome dans la République des lettres, le champ du livre rare*

O objetivo dessa seção é trazer à cena perspectivas para a compreensão do livro raro a partir da historicidade presente na noção de raridade na Bibliofilia, razão pela qual se demarca por isso a necessidade de uma abordagem específica das bibliografias que denominados como Bibliografias de Livros Raros.

Desde o aparecimento da impressão com tipo móveis, a multiplicação dos livros trouxe consigo a necessidade de ordenar os livros. Conrad Gesner, “que cunhou a expressão *ordo librorum*, se queixava” da desordem dos livros “*confusa et noxia illa librorum multitudo*”. (BURKE, 2003, p. 97). A iniciativa de Gesner não se concentra apenas na produção de uma bibliografia, mas centra-se na necessidade de resolver um problema em relação aos livros tanto naquilo que concerne à sua produção (o que se publica, o que são esses livros), quanto à sua circulação (onde encontra-los). Esse viés mediador, o mais célebre na produção da obra de Gesner de acordo com Balsamo (1998), proporciona um questionamento: se por um lado a informação bibliográfica do livro poderia ser feita a partir de uma técnica descritiva e assim garantir a notícia sobre o livro, um problema maior era imposto qual seja: como ter acesso a esse livro? Um problema de caráter social que Gesner afirmava ser uma obrigação do poder secular garantir sua resolução, razão pela qual orientava que criassem “instituições estáveis e duradouras que garantissem a conservação e também a acessibilidade ao patrimônio *librario* entendido como um bem cultural coletivo” (BALSAMO, 1998, p. 43, tradução nossa)<sup>78</sup>. A *Bibliotheca* de Gesner é o registro máximo, no século XVI, de um repertório que reflete também a efervescência da “cultura bibliográfica” (ARAÚJO, 2015, p.119) em seu tempo. Sua influência não deixou de alcançar as bibliografias que a procederam nos séculos XVI ao XIX.

---

<sup>78</sup> *procedan a crear instituciones estables y duraderas que garanticen la conservación pero también la accesibilidad del patrimonio livresco entendido como bien cultural colectivo*

Balsamo (1998) destaca que em meados do século XV a informação *libraria* (relacionadas às bibliotecas – notícias bibliográficas, inventários patrimoniais, por exemplo) e a informação do comércio livreiro se intensificam e se afirmam “não como um fenômeno isolado ou autônomo, mas como um componente do marco cultural, enquanto um dos âmbitos, talvez também um dos mais ativos” (BALSAMO, 1998, p. 28, tradução nossa)<sup>79</sup> de um verdadeiro circuito de comunicação, de acesso e de circulação do livro.

Por esse motivo Chartier (1998) e Burke (2003) esclarecem que as fontes para encontrar e/ou conhecer livros eram franqueadas pela consulta em obras de referência (catálogos de bibliotecas, bibliografias, livros, catálogos de vendas e dicionários) e ainda mediadas por grupos sociais da cultura *libraria*/gráfica (letrados<sup>80</sup>, bibliógrafos, bibliotecários, editores, livreiros). Nos primórdios da Europa moderna “multiplicavam-se obras de referência, expandiam-se bibliotecas e enciclopédias, e mais recursos se tornavam disponíveis a cada século para aqueles que buscavam conhecimento sobre um tópico particular”. (BURKE, 2003, p.20)

Assim observado, as obras de referência na era moderna (Burke, 2003) estruturam-se como um dos artificios para localizar informação em meio ao grande número de impressos que circulavam desde a impressão com tipos móveis, os quais se inscrevem no contexto da produção de bibliografias

Os títulos dessas obras incluem “antologia”, “árvore”, “atlas”, “axiomas”, “biblioteca”, “breviário” (ou resumo), “castelo”,

<sup>79</sup> *La información bibliográfica y livresca se intensifica a mediados del XV, si bien, no como un fenómeno aislado o autónomo, sino como un componente del marco cultural, como uno de los âmbitos, quizá también de los más activos, del sistema de comunicación.*

<sup>80</sup> Esse termo descreve “grupos sociais cujos membros se consideravam “homens de saber” (*docti, eruditi, savants, Gelehrten*), ou “homens de letras” (*literati, hommes de lettres*). Neste contexto, *lettres* quer dizer cultura e não literatura [...] Do século XV ao XVIII, os acadêmicos se referiam regularmente a si mesmos como cidadãos da “República das Letras” (*Respublica litteraria*), afirmação que expressava a sensação de pertencerem a uma comunidade que transcendia as fronteiras nacionais. Tratava-se essencialmente de uma comunidade imaginária, mas que desenvolvia costumes próprios, como a troca de cartas, livros e visitas” (BURKE, 2003, p. 26).

“catálogo”, “chave” (*klavis*), “coleção”, “compêndio”, “corpo”, “dicionário” (ou léxico), “diretório”, “enciclopédia”, “epítome”, “espelho”, “floresta” (*silva*), “florilégios” (flores, *polyanthea*), “glossário”, “guia”, “inventário”, “itinerário”, “jardim”, “lugares comuns”, “mina de ouro” (*aurofodina*, Drexel, 1638), “manual” (seguindo a tradição clássica do *enchiridion* e do *manuelle*), “medula”, “prontuário”, “repertório”, “sumário”, “teatro”, “tesouro”, e “*vade mecum*”. (BURKE, 2003, p. 154).

Os repertórios bibliográficos eram vistos como a solução para a impossibilidade dos indivíduos se orientarem na *mare magnum* (Balsamo, 1998, p. 73) da produção *libraria* a partir da impressão tipográfica. A “ideia de livros demais é algo que pode ser perigoso ou inútil para a constituição do próprio saber, que supõe escolhas e triagens.” (CHARTIER, 1998, p. 127).

A proliferação de obras de referência (enciclopédias, dicionários, atlas, bibliografias, coletânea de textos, dentre outros) levou a um grau de especialização que, por sua vez, propiciou o surgimento de bibliografias temáticas (por assunto: medicina, teologia, direito etc.), bibliografias nacionais, dentre outras. Um “número crescente de obras referência era produzido para faixas específicas de público – o clero, os comerciantes, os médicos, os advogados, as mulheres etc.” (BURKE, 2003, p. 154). Dentre os públicos do livro o que interessa para nossa pesquisa são os colecionadores.

Conforme relata Pomian (1984, p.84), entre os séculos XVI e XVII, crescem, concomitantemente aos grupos de colecionadores, o “mercado de obra de arte, antiguidades, curiosidades diversas.” E, assim, crescem também as publicações especializadas no comércio do impresso e das obras de arte que alimentam os discursos sobre os objetos colecionáveis.

Às vendas entre os colecionadores particulares e às que se fazem por intermédio de negociantes especializados acrescentam-se as vendas públicas em leilão, que correspondem melhor ao caráter específico da mercadoria que são objectos de coleção. [...] Na organização do sistema de hastas públicas, um dos momentos mais importantes é o que vê o aparecimento do catálogo impresso dos objetos que serão

postos à venda. A primeira obra deste género foi publicada na Holanda, em 1616. (POMIAN, 1984, p. 80).

Nessa acepção e em termos históricos, o catálogo impresso do tipógrafo Aldo Manuzio (*Libri Graeci impressis*, de 1498) pode ser assinalado como o primeiro catálogo impresso com o objetivo de venda. Contudo, na estrutura do sistema de difusão do livro, Frankfurt é a cidade que congrega “o principal evento do comércio europeu de livros.” (BARBIER, 2008, p. 239). Pode-se considerar que a impressão de catálogos de livros para venda teve sua prática consolidada com a publicação dos primeiros catálogos das feiras internacionais (bianuais) de venda de livros em “Frankfurt e Leipzig, que aconteceram de 1564-1749 e 1595-1860, respectivamente” (ESDAILE, 1967, p. 296). Esses catálogos, também conhecidos como *Messkataloge*<sup>81</sup>, adotaram como modelo de organização a bibliografia de Gesner e despontaram como obras de referência para colecionadores de bibliotecas particulares na Europa.

Essas publicações, consideradas como um dos primeiros repertórios bibliográficos destinados aos colecionadores de livros, não tinham como escopo estabelecer discursos sobre a raridade dos documentos por eles arrolados. Entretanto, com o crescimento de grupos de colecionadores essas publicações especializadas passaram a intervir diretamente no comércio de livros e obras de arte, criando e difundindo os discursos sobre os objetos colecionáveis.

Assim, as aproximações aqui estabelecidas compreendem as Bibliografias de Livros Raros como instrumentos mediadores e eixo central das representações da raridade na Bibliofilia. Proposição que nos possibilita, mais à frente, compreender os

---

<sup>81</sup> A intensa procura, aquisição e dispersão desses catálogos propiciou o seu desaparecimento nos anos seguintes às publicações. No século XIX Gustav Schwetschke compilou, indexou e publicou o conteúdo dos catálogos na obra *Codex nundinarius Germaniae literatae bisecularis Meß-Jahrbücher des deutschen Buchhandels von dem Erscheinen des ersten Meß-Kataloges im Jahre 1564 bis zu der Gründung des ersten Buchhändler-Vereins in Jahre 1765 Halle 1850*.

conceitos de livro raro veiculados nas bibliografias enquanto fundadores de um subsistema original e parcialmente autônomo, dentro do universo do livro, chamado por Viardot (1983, 1988) de “subsistema do livro raro”, composto por atores que produzem práticas e discursos específicos sobre a raridade.

As Bibliografias de Livros Raros foram escolhidas por livreiros especializados como território privilegiado para afirmar, impor, reafirmar e divulgar o conceito do livro raro. Conforme exposto anteriormente, públicos distintos desejavam o livro por sua função específica de demarcador de prestígio social.

Livros raros, edições antigas, volumes ricamente ilustrados e convertidos em preciosos por refinadas encadernações respondiam a [esse] objetivo em proporção ao seu valor comercial [...] Os livreiros foram e continuarão sendo os protagonistas mediadores nesta particular circulação e acumulação de livro [...] Também o colecionismo de tipo bibliofílico, como sabemos, revela preferências que respondem a concretos interesses culturais, cultivados de maneira mais ou menos científica. (BALSAMO, 1998, p. 133, tradução nossa)<sup>82</sup>.

Há centenas de bibliografias e catálogos publicados a partir dos séculos XVI e XVII<sup>83</sup> que podemos relacionar, hoje, aos desejos de identificação dos livros mais significativos naqueles momentos. Entrementes, frisamos que o termo “raro”<sup>84</sup> atribuído ao livro em catálogos, bibliografias e outras tipologias documentais não surgiu, absolutamente, a partir das bibliografias produzidas na cultura impressa. Antes postulamos que, favorecido por um ambiente de formação de bibliotecas particulares

---

<sup>82</sup> *Libros raros, ediciones antiguas, volúmenes ricamente ilustrados y convertidos en preciosos por refinadas encuadernaciones respondían al objetivo en proporción a su valor comercial [...] Los libreros fueron y continuaron siendo los protagonista mediadores en esta particular circulación y acumulación de libros [...] También el colecionismo de tipo bibliofílico, como sabemos, revela preferencias que responden a concretos intereses culturales, cultivados de manera más o menos científica.*

<sup>83</sup> Bibliografias sobre Livros Raros publicadas no século XVII:

HALLERVORD, Jena. **Bibliotheca curiosa in qua plurimi rarissimi atque paucis cogniti scriptores indicantur**, 1676.

LABBE, Philippi. **Novae Bibliothecae manuscript librorvm rerum aqvitanarvm praesertim bitvricensivm vberima colectio**. Paris: Cramoisy, 1647.

<sup>84</sup> A expressão “raro” começa também a ser veiculada na segunda metade do século XVII nos catálogos de livreiros para venda de bibliotecas particulares (VARELLA-OROL, 2016, p. 632).

europeias, o termo desponta com maior frequência em obras de referência em um contínuo e significativo esforço de atribuição de raridade ao livro a partir de um sistema específico de significações.

Como exposto anteriormente, e tendo por base Viardot (1986, p.590), dois acontecimentos marcantes no comércio do livro influenciaram a construção do conceito de livro raro: de um lado, o surgimento de um grande corpo de comerciantes especializados no comércio do livro raro, organizados por meio de corporações que se impõem aos bibliófilos; de outro, a rápida multiplicação das vendas públicas de grandes bibliotecas direcionadas para os públicos de curiosos, eruditos e livreiros. Os catálogos dessas vendas públicas, inicialmente veiculavam, para cada exemplar, informações que individualizavam o livro e, além das informações do estado de conservação, incluíam valorações atribuídas às curiosidades e raridades do exemplar, prática que os livreiros começaram a adotar para divulgar aos bibliófilos os livros disponíveis para comercialização. As vendas públicas de livros propiciaram que livreiros se dedicassem exclusivamente ao livro antigo; à identificação de documentos antigos por meio de uma rigorosa descrição bibliográfica (necessária também para a produção das bibliografias e para a divulgação das singularidades dos documentos); e à divulgação de sistema da raridade no se estabeleciam os valores e os critérios que condicionariam a determinação do livro raro.

Nesse sentido, dois modelos de bibliotecas (Viardot, 1986, p. 594) foram postos em marcha: o *cabinet choisi* (biblioteca de livros seletos)<sup>85</sup>, que pretendia ser a continuidade da biblioteca naudeana, na qual a escolha dos livros era calcada nas “boas edições” e nos “bons textos”, mas sem deixar de apresentar a contraposição de distinção

---

<sup>85</sup> A expressão francesa é *cabinet choisi*, optamos por não traduzir a expressão. “*Le cabinet est une petite pièce et la plus retirée et la plus intime de la maison; sa situation écartée et son exiguïté sont l’expression matérielle d’un nouvel art de vivre parmi les livres*” (VIARDOT, 1986, p. 596).

social determinada por valores antagônicos associados ao livro: útil/inútil, necessário/supérfluo, sério/frívolo, ordinário/luxuoso. O *cabinet choisi* era organizado, dentre outros fatores, por dois eixos principais:

- a) a natureza dos textos, nesse sentido, a valorização das boas edições e dos reconhecidos tipógrafos – com valorização dos textos modernos, mas sem desprezar os clássicos gregos e latinos, especialmente para as edições comentadas, nas quais as edições *variorum*<sup>86</sup> eram as mais valorizadas; e
- b) as características materiais do livro (papel, encadernação, revestimentos, ilustrações e inclusive as intervenções estéticas impostas ao objeto).

O outro modelo de biblioteca é o *cabinet curieux* ou *cabinet de rareté*, oposto ao gabinete de livros seletos, nesse modelo raridade e curiosidade ocupam o mesmo posto. Conforme Viardot (1986, p. 597-598), o gabinete de raridades, inscritos na cultura da curiosidade<sup>87</sup>, valorizará características curiosas e não ordinárias impostas ao livro. Dessa forma, construirão a raridade fatores como a antiguidade, as artes gráficas, a natureza do suporte, a encadernação, o luxo das decorações e quaisquer qualitativos que tornem o livro um objeto exótico.

Nesse cenário, visões de mundo opostas disputam o monopólio de definição do livro raro e, assim, ensejam embates entre os discursos da alta bibliofilia francesa com dos comerciantes, eruditos, bibliólogos, bibliotecários e bibliógrafos. Conforme Balsamo (1998, p. 68) o que estava em pauta eram modelos antagônicos – visão laica *versus* visão dogmática – que dividiam os conceitos atribuídos aos livros. Essa tensão refletia, também, as diferentes estruturas de percepção da raridade, posto que correspondem a ideologias distintas e por isso a tensão. Assim, o antagonismo livreiros

---

<sup>86</sup> Edição que reúne todas as variantes conhecidas de determinado texto, seguida também dos textos dos diversos comentadores da obra. Viardot (1986, p. 604); Faria & Pericão (2008, p. 723).

<sup>87</sup> Um fenômeno social marcante nas práticas do colecionismo durante os séculos XVI e XVII conforme apontam Pomian (1984, 1987, 1998) e (Viardot, 1986).

x eruditos, manifesto na construção do conceito de livro raro contrapõe o contexto mercadológico ao contexto erudito associado ao livro (corpo e alma) como legítimo para compor uma biblioteca.

A produção de bibliografias no século XVIII, em especial as bibliografias dedicadas a bibliotecas/repertórios e bibliotecas/coleções<sup>88</sup> eram instrumentos básicos de estudos para os eruditos. A produção desses repertórios, devido a evolução das práticas de produção de bibliografias e também aos anseios eruditos e à necessidade de precisão teórica dos repertórios, passam, cada vez mais, a apresentar ao público as justificativas e contextualizações das compilações conceituais que propunham. Nesse sentido, os critérios para a compilação de bibliografias seguiam metodologias específicas. Balsamo (1998) cita esses critérios apresentados pelo bibliotecário Burkhardt Gotthelf Struve (1671-1738)<sup>89</sup> que, por sua vez, demarca aqueles que podem ser visto na produção de bibliografias ao longo do século XVIII. O autor detalha que Struve seguia a mesma escola alemã do bibliógrafo e bibliotecário Daniel Georg Morhof (1639-1691)<sup>90</sup>. Struve apontava que o fundamento para a elaboração de repertórios exigia a precisão teórica sobre duas modalidades distintas de produção bibliográfica: uma delas era a *notitia rei litteraria* e a outra a *historia litteraria*. A *notitia rei litteraria*<sup>91</sup> era o conhecimento propriamente dito dos livros, que se dividia

---

<sup>88</sup>Biblioteca deve ser entendida aqui, sobretudo, como coleção orgânica de autores, títulos ou temas específicos, podendo haver sua existência material em documentos *librarios*, mas não obrigatoriamente. Sobre essa questão esclarecem Balsamo (1998), Chartier (1998, 2014), Barbier (2015). Por sua vez, a biblioteca/coleção é entendida como bibliografias que repertoriavam uma coleção bibliográfica de determinada instituição ou colecionador.

<sup>89</sup> *Introductio ad notitiam rei litterariae et usum bibliothecarum*, Jena, 1704.

<sup>90</sup> Referencial teórico adotado por Struve: MORHOF, Daniel Georg. *Polyhistor literarius philosophicus et practicus* [...]. Lübeck: P. Böckmann, 1688. De acordo com Balsamo (1998, p. 96) a obra de Morhof é importante tanto por apresentar critérios de método de descrição de documentos, quanto por sua influência na produção das bibliografias após sua publicação. Também é significativa por influenciar no aprofundamento do conceito da *historia litteraria*. Outro bibliógrafo alemão que produzir repertórios na mesma corrente foi Christoph August Heumann (1681-1764).

<sup>91</sup> Para nossa pesquisa seria fantástica a possibilidade de analisar a publicação de Morhof, Struve e Heumann sobre a adoção do conhecimento prático-teórico da *notitia rei litteraria* pelos bibliotecários no século XVIII. Em especial a obra de Struve: *Introductio in notitiam rei litterariae et usum bibliothecarum*, 1754. Essa questão será investigada em outro momento.

em dois níveis – o dos livreiros que se interessavam pelos títulos e variedade de edições, sustentada na visão do livro como objeto comercial; e o segundo nível de conhecimento que é próprio daqueles interessados em valorar o conteúdo dos livros para poder definir os melhores e os mais apropriados para suas necessidades de estudos. Balsamo interpreta que a fala de Struve “determina conceitualmente a dupla realidade do livro, que é um produto material da técnica tipográfica e, ao mesmo tempo, o fruto de uma criação literária” (BALSAMO, 1998, p. 113, tradução nossa)<sup>92</sup>.

Struve estrutura a segunda distinção epistémica para o conhecimento dos livros, a *historia litteraria*, em duas vertentes. Uma relacionada à fase heurístico-classificatória – fase preparatória que lança mão das informações básicas fornecidas pela *notitia rei litteraria*. E a fase de investigação pautada no desenvolvimento cronológico, ordenado e sistêmico de determinado assunto. Para Struve, essa segunda fase era a verdadeira *historia litteraria*. A bibliografia associada à *historia litteraria* seria, pois, fruto da pesquisa aprofundada e da investigação histórica sobre determinado tema, uma verdadeira metodologia de estudos.

Bálsamo (1998, p. 121) relata que no século XVIII o rigor e a exigência de cientificidade ocuparam os anseios da produção de bibliografias especializadas<sup>93</sup>.

---

<sup>92</sup> *se determina conceptualmente la doble realidad del libro, que es un producto material de la técnica tipográfica y, al mismo tiempo, el fruto de una creación literaria.*

<sup>93</sup> Bibliografias de Livros Raros publicadas no século XVIII:

BAUER, J. J. **Bibliotheca librorum rariorum universalis...** Nürnberg: Martin Jacob Bauer, 1770-1791.

CLÉMENT, D. **Bibliothèque curieuse historique et critique ou catalogue raisonné de livres difficiles à trouver.** Göttingen, etc.: chez Jean Guillaume Schmid, 1750-1760.

DEBURE, G.-F. **Bibliographie instructive** ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers... A Paris: Chez Guillaume François De Bure, 1763-1768.

DUCLOS, R. **Dictionnaire Bibliographique, historique et critique des livres rares...** Paris: chez Cailleau et fils, 1790.

ENGEL, Samuel. **Bibliotheca selectissima sive Catalogus Librorum in omne genere Scientiarum Rarissimorum...** Bernae: Typis Francisci Sam. Fetscherin, 1743.

Alcançar essa meta foi possível devido às atividades de investigação e reunião de *notitia rei litteraria* que se reuniam em repertórios desde o século anterior, condição que facilitava o incremento crescente das análises e aperfeiçoamento dos repertórios bibliográficos. O que equivale dizer que haviam os repertórios bibliográficos que eram apenas notícias simples de livros e os repertórios críticos que compunham bibliotecas/coleções para o uso dos eruditos.

Em outras palavras, a disputa, regra geral, da produção de repertórios podia ser polarizada por um lado pela *notitia* produzida por um grupo social visto como inferior intelectualmente e, por outro lado, pela *historia litteraria*, elaborada pelos eruditos. Contudo, de acordo com Balsamo (1998, p. 133-134) e Varela-Orol (2016), as fronteiras não eram tão delimitadas assim, os livreiros tinham uma formação cultural e erudita significativa, não eram, necessariamente, reconhecidos *savants* no sentido de se dedicarem exclusivamente à produção do conhecimento, mas eram destacadamente especiais em sua formação intelectual. O que se põe em relevo é o objetivo de um repertório produzido com o intuito de atender à uma demanda de eruditos que necessitavam da consulta à *historia litteraria* e outro grupo no qual a demanda exigia apenas a *notitia rei litteraria* – ambas demandas visadas pelo comércio livreiro. Com essa perspectiva, temos em conta que os instrumentos poderiam ser direcionados a determinados fins e não necessariamente que havia ausência de erudição na produção dos repertórios. Assim, a disputa entre repertórios para os erudito e repertórios

---

HAYM, Nicolo F. **Notizia di libri rari nella lingua italiana divisa in quattro parti principal cioé, istoria, poesia, prose, arti e scienze**. Londra: Giacob Tonson, e Giovanni Watts, 1726.

LOS RIOS. Fr. de. **Bibliographie instructive**, ou notice de quelques livres rares, singuliers et difficiles à trouver, avec des notes historiques, pour connaitre et distinguer les diferentes éditions, et leur valeur dans le commerce. A Avignon: chez François Seguin, 1777.

MÉNESTRIER, J.-C.-F. **Bibliothèque curieuse et instructive des diverses Ouvrages Anciens et Modernes...** À Trevoux: chez Jean Boudoz, 1704.

STRUVE, B.-Gothelf. **Bibliotheca librorum rariorum**, 1719.

comercial de livros era evidente, o que não quer dizer que os livreiros não tinham condições de produzir discursos sobre os conhecimentos dos livros. Malclès (1956) relata que, na França, foram os livreiros do século XVIII que proporcionaram, por meio do comércio, os anseios de se perceber o livro antigo enquanto objeto de arte e as excepcionalidades associadas tanto à sua materialidade quanto à necessidade de se conhecer suas formas de produção e os contextos que envolviam o colecionismo *librario*.

Na França a oposição entre os “conhecedores” do livro, no século XVIII, se deu entre livreiros “leigos”, especializados em livros antigos, e bibliólogos eruditos. A disputa entre o conhecimento adequado do livro dividia eruditos de um lado, com o conhecimento literário do livro e nos conhecimentos circunscritos na prática comercial, no reconhecimento das edições e, sobretudo, pelo contato direto com os livros. Viardot (1988) cita um ilustre exemplo do antagonismo entre livreiros e eruditos franceses na disputa sobre “o verdadeiro conhecimento do livro”, a obra *La chasse aux bibliographes et antiquaires mal-avisés*, escrita pelo abade Jean-Joseph Rive. No título da obra já está explícita a disputa, na página de rosto, acima da marca do editor, entre filetes, a citação do versículo bíblico do livro de Êxodo<sup>94</sup> demonstra a guerra declarada contra os “falsos conhecedores” do livro. Rive queria destacar com sua obra a charlatania dos bibliopolas (os livreiros que se diziam especializados em livros antigos e raros).

Havia disputas, no mesmo sentido, dentre os modelos de bibliotecas, as quais conforme Viardot (1986, p. 596, 599) se davam entre os *curiex* (*cabinet curiex*), colecionadores iletrados, e os “homens honestos” do *cabinet choisi* – aqueles que formavam suas bibliotecas pautados na orientação dos eruditos. Nesse sentido, os

---

<sup>94</sup> “Como é maravilhosa a tua vitória! Derrotas os teus inimigos e com a tua ira furiosa tu os queimas como se fossem palha.” Exodo 15, 7. Bíblia. O trecho é uma oração de agradecimento que Moisés faz à Deus pela vitória da travessia do Mar Vermelho e derrota dos egípcios.

livreiros especializados começaram a planejar, elaborar e difundir o conceito de livro raro em uma publicação que não privilegiasse o desejo de um grupo sobre o outro, mas que fosse apenas e sobretudo um louvor à raridade – esse local foi a Bibliografia de Livros Raros. A evolução da produção desses instrumentos mediadores definem as Bibliografias de Livros Raros como locais de afirmação dos livros considerados legítimos de serem colecionados por um ou outro modelo de biblioteca/coleccionador.

O entendimento da raridade pelo conteúdo ou pelos aspectos materiais de um documento também alimentava a disputa da valoração de um livro em detrimento do outro. A valoração dos aspectos físicos do livro detalhadas nos catálogos visava, sobretudo, o convencimento de colecionadores para a aquisição dos livros – por certo essa era uma característica desejada pelos colecionadores do *cabinet de curiex*, entretanto, seria incorreto afirmar que o suporte físico do texto/imagem era desvalorizado pelo bibliófilos do *cabinet choisi*, visto que nos dois modelos de bibliotecas suporte e textualidades apresentam elementos específicos para o colecionismo, contudo, não dissociam discurso e materialidade.

Serrai (2008) relata que o desenvolvimento do mercado antiquário relacionado às edições antigas proporcionou, no curso do século XVIII, um modelo descritivo de notícias bibliográficas “particularmente atento às características físicas do livro e às modalidades de sua fabricação. A montagem dos catálogos de venda dos livreiros estimulou esse tipo de abordagem do livro que adquiriu uma denominação específica a *bibliografia material*”<sup>95</sup> (SERRAI, 2008, p.28, tradução nossa). Nesse sentido, iniciou-se um debate acalorado entre a análise crítica do livro do ponto de vista científico e a análise do livro do ponto de vista pragmático do mercado livreiro. “Para

---

<sup>95</sup> *particularmente atento alle caratteristiche fisiche del libro e alle modalità della sua fabbricazione. L'allestimento dei cataloghi di vendita dei librai stimola questo tipo di approccio al libro che acquisirà una specifica denominazione ovvero bibliographie matérielle.*

os defensores da análise dos livros, como ferramentas para transmissão da cultura, se contrapunha a defesa dos livreiros, interessados em enfatizar as características do livro como objeto de intenso valor.”<sup>96</sup> (SERRAI, 2008, p.29, tradução nossa). Para Serrai uma tentativa de encontrar um ponto comum entre essas duas vertentes é a bibliografia de Guillaume François DeBure.

Na França, DeBure é reconhecido como o célebre livreiro que se especializou em livros raros e, por conseguinte, na publicação de Bibliografias de Livros Raros. DeBure afirmava que o conhecimento dos livros raros é uma ciência composta de uma face pelo crítico/erudito (o homem de letras) e de outra face pelos *marchands* especializados no comércio, elaboração de catálogos e construção de discursos de raridade para o objeto livro. (Viardot, 1986, p. 600-601).

As bibliografias direcionadas para a Bibliofilia precisavam, pois, se destacar, como a própria exigência de cientificismo e método que emergia naquele século, enquanto instrumentos não tendenciosos para grupos e/ou disputas e se firmarem como bibliografias especializadas que detinham os conhecimentos sobre os livros tanto do ponto de vista da *nottitia rei literária*, quanto da *historia litteraria*.

Os livreiros continuaram a ser os mediadores entre aqueles grupos sociais que desejavam a posse de documentos gráficos para distinção ou aqueles que os desejavam para estudos eruditos, (Balsamo, 1998, p.133-134). “O que equivalia dizer que não se podia ser um bom livreiro sem uma boa base cultural.” Varela-Orol (2016, p. 632) também destaca o antagonismo presente no conceito de livro raro cunhado pelos eruditos, de um lado, e pelos livreiros, de outro.

---

<sup>96</sup> *Ai sostenitori di un'analisi del libro, come strumento di trasmissione della cultura, si contrappongono i librai, interessati a sottolineare le caratteristiche del libro intenso come oggetto di pregio.*

A partir dessa perspectiva, o cânon de documentos gráficos veiculados em bibliografias para a Bibliofilia atendiam abordagens simultâneas: a primeira eram as necessidades de formação de bibliotecas patrimoniais; o dialogo coerente com as modalidades de organização do conhecimento adotadas pelos responsáveis pela formação dessas bibliotecas: os bibliotecários; a comprovação do discurso da raridade a partir de um sistema comprovado de conhecimento que poderia ser demonstrado empiricamente, nascia assim o sistema axiológico da raridade.

De acordo com Viardot (2008), percebida enquanto um fenômeno social, a raridade pode ser compreendida pelas práticas que reforçam sua construção social, por exemplo, “a raridade é apreendida e emerge do comércio livreiro e o mercado que a confere” (VIARDOT, 1986). Ao dizer isso, ele ratifica ainda a afirmação de DeBure para quem a raridade é uma propriedade conferida/atribuída a um livro. Ora, se a raridade é uma singularidade atribuída ao livro ela é passível de ser simplesmente fabricada e por isso ser artificial.

As Bibliografias de Livros Raros produzidas por DeBure no século XVIII indicam que a “raridade é uma questão de gosto, isto é, da moda, isto é, da crença compartilhada. É um fenômeno social. A raridade não pode ser deduzida de forma especulativa, a priori, é encontrada, empiricamente.” (VIARDOT, 2008, p. 176, tradução nossa)<sup>97</sup>.

No contexto dos comportamentos de diferenciação e de exceção da Bibliofilia “que começa no fim do século XVII ou no começo do XVIII, nos meios financeiros, e que supõe que seja definido o universo do colecionável” (CHARTIER, 1998, p. 149) a raridade é construída. Viardot (1986, 2008) ratifica a afirmação de

---

<sup>97</sup> *la rareté est une affaire de goût, c'est-à-dire de mode, c'est-à-dire de croyance partagée. C'est un phénomène social. La rareté ne se déduit pas spéculativement, a priori, elle se constate, empiriquement.*

Chartier, de que a raridade é projetada, elaborada, construída e disseminada no território da Bibliofilia pela comunidade de atores do universo *librario*. Não sem razão, Sordet (2002) aponta que o recenseamento dos objetos da Bibliofilia, calcados na predileção da singularidade, é elaborado a partir de um sistema de valores e exigências que compõe o universo mental e moral do colecionador” (SORDET, 2002, p.285, tradução nossa)<sup>98</sup>.

Em outras palavras, a raridade nada mais é que a aproximação da singularidade absoluta – é isso que permite, então, ao livreiro valorar sua qualidade de especialista, fundada na capacidade de mensurar, até mesmo em suas quantidades infinitesimais, os diferentes níveis de raridade e quais são as distâncias que [constituem] a unicidade. Mas esse talento é adquirido graças à uma prática do comércio que torna visível uma frequência estatística do que é procurado pelo público. Portanto, não há uma expertise da raridade sem a experiência de seu comércio da raridade. (VIARDOT, 2008, p. 174, tradução nossa)<sup>99</sup>.

Nesse sentido os livreiros estabeleceram uma classificação que contemplava níveis, elementos condicionantes e qualitativos para a confirmação da raridade. Regra geral, os elementos correspondiam à escassez, materialidade, proveniência e discurso e os qualitativos correspondiam as informações que individualizam o documento. Para Sordet (2002, p. 285) os elementos condicionantes da raridade são: a) raridade objetiva (escassez); b) valor arqueológico; c) valor estético; d) completude; e) condição; f) correção filológica. Assim observado, as estruturas para a classificação da raridade podiam variar de livreiro para livreiro e de país para país.

Embora a classificação dos livreiros seja mantida apenas como uma estrutura conveniente para a distribuição de títulos, a ordenação real das coleções descritas [nessa estrutura] aparenta mais efetivamente a

---

<sup>98</sup> *l'appréciation bibliophilique du livre se fonde sur un système plus general de valeurs et d'exigences, qui compose l'univers mental et moral du collectionneur.*

<sup>99</sup> *En d'autres termes, la rareté n'est jamais que l'approximation de la singularité absolue – et c'est ce qui permet alors au marchand libraire de faire valor une qualité d'expert, fondée sur la capacité à mesurer jusque dans leurs grandeurs infinitésimales les divers degrés de la rareté que sont les distances qui séparent de l'unique. Or ce talento s'acquiert grâce à une pratique du commerce qui rend peu à peu visible une statistique de fréquence de ce qui est recherché par le public. In n'y donc d'expertise de la rareté que dans l'expérience de son commerce.*

forma de uma pirâmide cujo cume é constituído pelo ponto máximo da raridade. (VIARDOT, 2008, p. 174, tradução nossa)<sup>100</sup>.

Viardot esclarece que a imagem de pirâmide é uma proposição de Jean Toulet<sup>101</sup> em relação às análises da hierarquização de exemplares nas práticas bibliofílicas dos séculos XIX e XX. Para Viardot a mesma proposta poderia ser adotada para avaliar as práticas bibliofílicas da raridade no século XVIII.

Pelo exposto até o momento a raridade se estrutura a partir de um sistema empírico que cria elementos que condicionam os qualitativos aos documentos gráficos que são distintos (com fins específicos). Essa distinção estrutura-se por meio de níveis. Nesse sentido, apoiados nas proposições de Toulet e Viardot, propomos uma perspectiva tridimensional dos elementos condicionantes da raridade na forma de pirâmide, um poliedro formado por cinco faces (Figura 2). A base é a singularidade, as faces laterais são: a materialidade; a escassez; a proveniência; e o discurso. Ao crescer verticalmente, da base para o vértice superior, alcança-se o ápice da singularidade em seu superlativo. As arestas e vértices comprovam que cada elemento só pode ser compreendido se indissociável do todo.

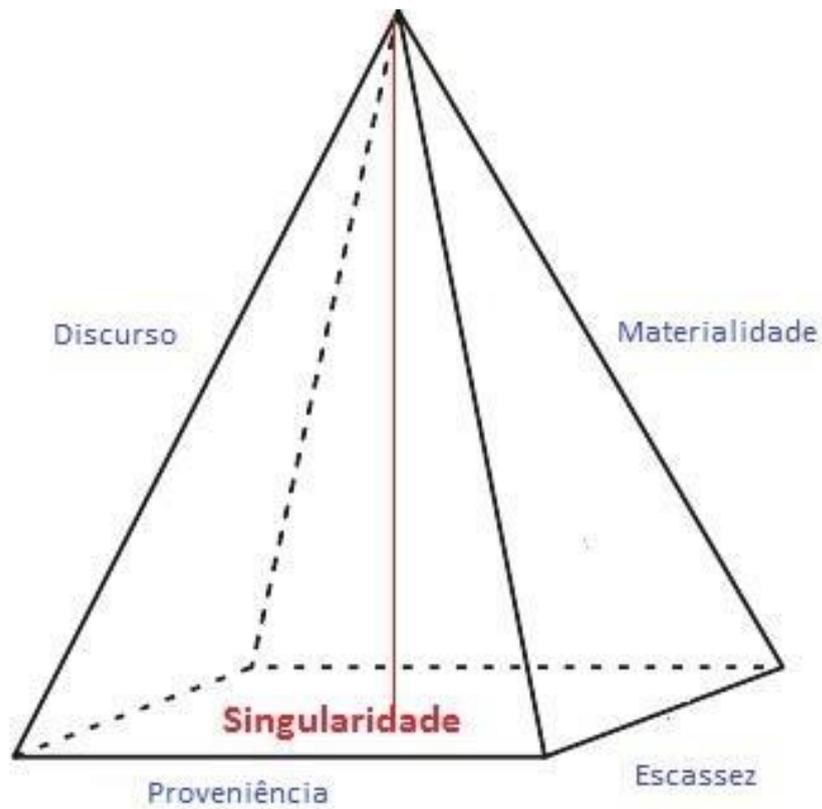
Outra forma que propomos para compreender a interação entre esses elementos é a imposição de um corte transversal nesse sólido geométrico (Figura 3), na qual se incluem linhas horizontais e verticais. Cada figura formada pelo encontro dessas linhas representa a combinação de níveis distintos dos quatro elementos e, assim, níveis diversos de raridade e as possibilidades para sua construção.

---

<sup>100</sup> *Tandis que la classification des libraires ne se maintient que comme un cadre commode de répartition des titres, le véritable ordonnancement des collections ainsi décrites affecte plus réellement la forme d'une pyramide dont le sommet est constitué par la fine pointe de la rareté.*

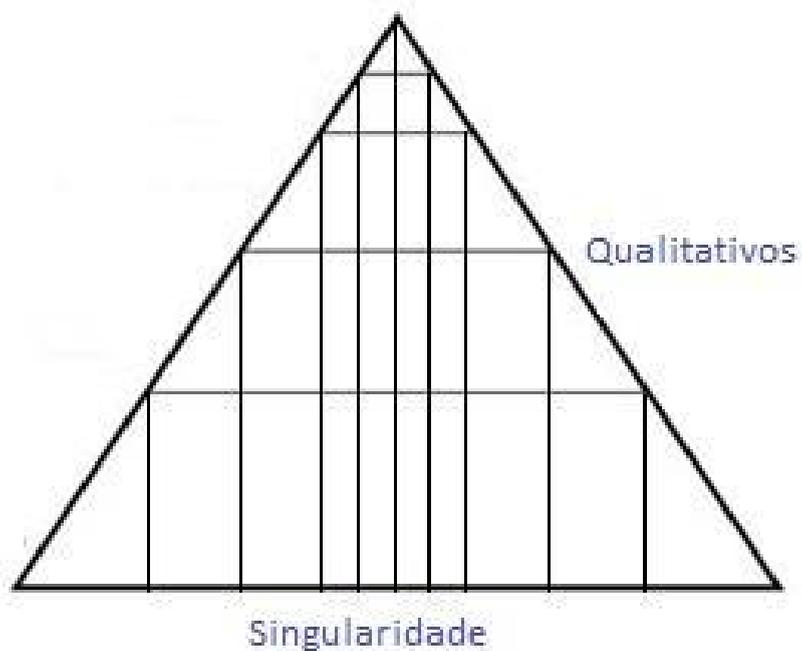
<sup>101</sup> TOULET, Jean. La notion d'exemplaire. **Mélanges de la Bibliothèque de la Sorbonne**, n.10, 1990.

Figura 2 – Qualitativos da raridade bibliofílica – elementos indissociáveis



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 3 – Qualitativos da raridade bibliofílica – níveis de raridade



Fonte: Elaborado pela autora

As duas imagens são ilustrativas da multiplicidade de combinações que podem ser construídas tendo por base o sistema axiológico da Bibliofilia (níveis, elementos e qualitativos).

Para compreendermos essa estrutura faz-se necessário reafirmar que a confirmação da singularidade se dá por meio de um sistema axiológico da raridade estruturado em níveis, elementos e qualitativos. Os elementos podem ser compreendidos a partir de uma teia sociocultural que condiciona, por meio de contextos espaço-temporais, a singularidade do documento. A seguir apresentamos os qualitativos que associamos a cada elemento:

1. **Materialidade (corpus):** inclui os qualitativos de raridade associados ao documento em sua forma física, composto por materiais e modelos técnicos e estéticos que são acionados para confirmar sua singularidade. Nessa categoria se incluem as materialidades das artes gráficas, as características tipográficas e editoriais, a ornamentação, a encadernação, a decoração e as edições especiais por suas características físicas.
2. **Escassez:** incluem-se nesse elemento os documentos dos quais se conhecem poucos exemplares, porque foram destruídos ao longo do tempo por guerras, catástrofes, fogo, água e ação humana. Livros dos quais foram publicados poucos exemplares – aqui entram as edições limitadas, clandestinas, primitivas, *princeps*, numeradas, esgotadas, fora do mercado. Constam também nessa categoria os níveis de raridade e a Teoria da Raridade.
3. **Proveniência:** o tempo cronológico se enquadra nesse elemento, primeiro porque corresponderá a contextos espaços-temporais específicos e, segundo, porque o tempo irá impor suas marcas no documento que, por sua vez, serão testemunhos do histórico custodial vivenciado pelo documento. As inscrições adquiridas ao longo do tempo (marcas de posse, marcas e leitura, marcas de circulação, marginalias, envelhecimento causado pelo tempo, *ex-donos*, *ex-libris*, *ex-biblioteca*, *super-libris*) terão valor de destaque na qualificação da singularidade. Fazem parte dessa categoria os autores, os artistas, os artesãos,

os bibliófilos, os editores, os críticos, dentre outros. Também estão presentes nesse elemento as vicissitudes, curiosidades e efemérides associadas ao documento (erros gráficos e tipográficos, histórico editorial).

4. **Discurso (alma)**: refere-se à relevância atribuída à recepção do texto e/ou da imagem e sua importância nos campos do conhecimento (astronomia, medicina, direito, religião, por exemplo). Essa categoria inclui as mais diversas manifestações da cultura gráfica.

Malclès (1956), Serrai (2008), Barbier (2015), Balsamo (1998), Chartier (1998), Viardot (1983, 1986, 1988), Sordet (2002), Berger (2015) e Moraes (1998) apontam como os livreiros-bibliógrafos-bibliófilos pioneiros e representativos em seus tempos, sobretudo no cenário das práticas da Bibliofilia: o alemão Johann Vogt (1732)<sup>102</sup>; os franceses Guillaume-François DeBure (1763)<sup>103</sup> e Jacques-Charles Brunet (1860)<sup>104</sup>; e o inglês John Carter (1952)<sup>105</sup>. A distinção se deve ao empenho dos mesmos em definir o livro raro. As seções seguintes apresentam informações mais detalhadas sobre esses atores e suas obras, especialmente DeBure e Vogt.

### 3.1.1 Século XVIII: DeBure e Vogt

A demanda por bibliografias que não fossem apenas simples notícias de livros, mas que correspondessem a avaliações sólidas e metódicas sobre certos livros, no século das luzes, levou a uma maior especialização de bibliógrafos e livreiros. Nessa

<sup>102</sup> VOGT, Johannis. *Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum*: jam curis quartis recognitus et copiosa accessione ex symbolis et collatione bibliophilorum per Germaniam doctissimorum adauctus. Hamburgi: Sumtibus Christiani Heroldi, 1732.

<sup>103</sup> DEBURE, Guillaume-François. *Bibliographie instructive*: ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers. Contenant un catalogue raisonné de la plus grande partie de ces livres précieux, qui ont paru successivement dans la République des lettres, depuis l'invention de l'imprimerie, jusques à nos jours. Paris: Guillaume-François DE BURE le Jeune, Libraire, 1763- 1768.

<sup>104</sup> BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*: contenant 1° Un nouveau dictionnaire bibliographique ... 2° Une table en forme de catalogue raisonné .... Cinquième édition originale entièrement refondu. Paris: Librairies de Firmin Didot, 1860-1865. 6 v. + suplemento (2v.).

<sup>105</sup> CARTER, John. *ABC for book-collectors*. New York: [s.n.], 1952. O texto de Carter não é uma bibliografia, mas seu manual de informações sobre livros raros foi muito difundido no século XX.

vertente, uma bibliografia que se destaca é a *Bibliographie instructive* do livreiro Guillaume-François DeBure. Antes de publicar essa obra ele usou o pseudônimo de “Debude” para publicar um opúsculo que apresentava a lista alfabética de 510 documentos, impressos entre os anos de 1457 e 1737. (VIARDOT, 2008, p. 177).

Em 1802, no *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie*<sup>106</sup>, Gabriel Peignot apontou que o opúsculo teve uma tiragem de apenas 12 exemplares, o que indicava a intenção de seu autor de reservá-lo para circulação entre um grupo restrito e privado. Essa foi uma das justificativas, no século XIX, para qualificar esse folheto como extremamente raro. Ainda hoje, pouco mais de dois séculos após a afirmação de Peignot, a raridade, em seu mais alto grau, ainda é atribuída a essa obra no comércio internacional de livros raros). No opúsculo, *Musaeum Typographicum*, DeBure decidiu que não iria apenas detalhar a raridade (VIARDOT, 2008, p. 173; Varela-Orol, 2016), mas também estabelecer níveis:

1. Raro (*editio rara, liber perquam rarus*)
2. Bastante incomum (*editio rariora*)
3. Muito raro (*editio rarissima*)
4. Raridade notável, raridade extrema (*editio eximiae raritatis, editio extremae raritatis*)
5. Raridade extrema e notável (*editio eximiae raritatis, editio extremae raritatis*).
6. Raridade extrema e notável e por isso única (*editio extremae et eximiae raritatis et ut ita dicam única*).

De acordo com Viardot (2008, p. 170-171), DeBure torna público nesse opúsculo o gosto da bibliofilia pela raridade em seus diversos níveis e a busca obstinada pela singularidade, ou seja, o “gosto pela raridade superlativa”, que no século XVIII, especialmente na França, é percebido por meio das coleções de grandes bibliófilos e

---

<sup>106</sup> PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de Bibliologie**. Paris: [S.n.], 1802. 2v.

pelos gabinetes de livros raros. Esse contexto põe em marcha uma verdadeira profusão de qualitativos da raridade bibliofílica, dando a esse adjetivo a superioridade sobre o próprio objeto e, por vezes, os bibliófilos se mostram menos atentos à formação de uma coleção de livros para concentrarem esforços na formação de uma coleção de raridades. Em função disso, o autor identifica esse século como o século da paixão pelos livros raros e, conseqüentemente, o século da afirmação da raridade. As bibliografias serão, assim, o território tanto de avaliação da raridade quanto o local de imposição da raridade, no qual a descrição bibliográfica, seguida da qualificação de distinção, irão determinar os conceitos do livro raro.

Fruto desse cenário histórico e cultural, DeBure publica a *Bibliographie instructive: ou traité de la connaissance des livres rares et singuliers* impressa em 7 volumes entre os anos de 1763 à 1768, onde reuniu os livros “mais raros” desde a República das Letras, a partir da invenção da imprensa até aquele século. Em *Bibliographie instructive* DeBure definiu as principais características de um “livreiro erudito”, tal proposição pretendia unir a fissura entre o conhecimento dos livreiros e o conhecimento erudito, promovendo, desse modo, a junção da *notitia rei literaria* e a *historia literaria*, a ciência do livreiro com a ciência dos eruditos. Retomando a questão dos gabinetes de livros, ambos – de livros seletos e de livros curiosos – são contemplados na *Bibliographie* de DeBure. Essa bibliografia demonstrava a contraposição entre os especialistas do livro (os críticos eruditos) e os especialistas no comércio do livro (livreiros, bibliófilos, bibliógrafos).

Marie-Anne Merland (2002) relata que Guillaume-François DeBure foi o herdeiro da quarta geração da família de livreiros francesa conhecida como *DeBure famille*. Segundo Viardot (2008, p. 163-164) foi o pai de DeBure que inseriu na dinastia da família o comércio do livro raro ao deixar de atuar como livreiro generalista e

dedicar-se exclusivamente ao livro antigo e raro. Ao lado do pai, DeBure, desde muito jovem, trabalhava envolvido no pequeno, forte e fechado grupo de livreiros de livros raros na França.

A *Bibliographie Instructive* não somente apontou as validades dos conhecimentos presentes na bibliografia literária de eruditos, como também na bibliografia dos livreiros, distinguindo os saberes de cada grupo e até mesmo os livros que interessavam a cada segmento específico. Contudo, seu ponto fundamental, conforme Viardot (2008, p. 279), é o fato de consolidar as bibliografias como o território discursivo da raridade e, assim, afirmar quais livros eram legítimos de serem colecionados, ou seja, essencial para delimitar o “domínio do colecionável” (VIARDOT, 2008, p.280, tradução nossa)<sup>107</sup>.

Em função disso, a *Bibliographie Instructive* foi “sistematicamente classificada de acordo com categorias gerais de livreiros em Paris” (MERLAND, 2002, p. 724b). Para cada livro ela apresentava os qualitativos de raridade das edições, atribuição dos valores de compra, orientação quanto às características que distinguem as primeiras edições das demais, as falsificações e ainda a descrição tipográfica de cada documento. A *Bibliographie* foi organizada por assunto e seguiu o sistema bibliográfico adotado por bibliografias gerais da época, além disso, apresentava uma listagem de autores e um sistema de organização bibliográfica (prática recorrente nas bibliografias após a publicação de *Bibliotheca Universalis*, por Conrad Gesner em 1545).

DeBure descreveu e detalhou os conselhos para se formar uma biblioteca – a seleção, o comércio, a organização e, especialmente, a definição do livro raro. As publicações de DeBure proporcionaram um terreno fértil para as bibliografias bibliofílicas que a sucederam. Isso porque a *Bibliographie Instructive* pode ser

---

<sup>107</sup> *domaine designe du collectionnable.*

considerada uma obra de grande influência para os bibliófilos e para bibliotecas institucionais na França e demais países da Europa no século XVIII. Sua produção está intimamente ligada ao desejo crescente de apontar os conceitos e os fundamentos teóricos do que seria o livro raro.

Em sua *Bibliographie Instructive* DeBure defendia, em consonância com o pensamento adotado por livreiros e colecionadores na época, que um livro antigo ou mesmo difícil de encontrar não era raro se não fosse procurado por um colecionador. Essa premissa é identificada, a partir de DeBure, como a Teoria da Raridade. DeBure atestava que os bibliófilos eram colecionadores de raridades bibliofílicas, em outras palavras, não era o livro o objeto a ser colecionado, mas, sim, a busca alucinante pela raridade. A Teoria da Raridade atravessou séculos e ainda é válida na Bibliofilia contemporânea, com base nessa teoria o comércio livreiro acionou e aciona as especulações necessárias para a atribuição de valores monetários aos livros.

Outra importante Bibliografia de Livros Raros do século XVIII, oriunda da escola alemã de bibliografias, é o *Catalogvs histórico-criticvs librarvm rariorm* de Johannis Vogt. A Alemanha, dada sua tradição com cultura gráfica, tem no século XVIII bibliógrafos que se destacam na produção de bibliografias, especificamente, nas bibliografias de livros raros, dentre eles os mais celebrados são Struve, Vogt e Bauer.

Conforme já destacado, no século XVIII, as tentativas para se definir o livro raro mostram-se constantes nas bibliografias que circulavam entre eruditos, bibliófilos, bibliógrafos e livreiros em países como Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Países Baixos (Holanda). Os conceitos de livro raro publicados por livreiros ou por doutos membros da República das Letras, foram, regra geral, registrados em bibliografias

produzidas por e para esses grupos. O *Catalogvs* de Vogt foi uma iniciativa que visava explicar empiricamente as formas de se conceituar o livro raro.

Johannis Vogt (1695-1764) era alemão, teólogo, bibliógrafo, bibliófilo, pastor luterano da Catedral de Bremen, livreiro e membro da sociedade de livreiros alemães *Bibliophilorum*<sup>108</sup> e reconhecido como um polímata. Gabriel Peignot<sup>109</sup> considera Vogt um dos bibliógrafos mais célebres de seu século (PEIGNOT, 1804, p. 222). A importância do *Catalogvs* recai primeiro, no esforço de seu autor em reunir conceitos sobre livro raro publicados em obras de referência naquele período. Uma segunda importância deve-se à sistematização de níveis, elementos e qualitativos da raridade, a partir da compilação de conceitos em repertórios bibliográficos da Bibliofilia. E, finalmente, a terceira importância deve-se ao estabelecimento de um sistema axiológico responsável por demarcar as premissas por meio das quais era possível confirmar a raridade de determinado documento gráfico.

O *Catalogvs* de Vogt – bem sucedido devido às trocas epistolares com livreiros, bibliógrafos e bibliófilos de toda a Europa e também pela facilidade de acesso que ele tinha às obras de referência – foi vitoriosamente recebido pelo comércio livreiro e pelos bibliófilos. A obra listava os livros raros para venda, organizados por área de conhecimento e com entradas por ordem onomástica (às honras de Conrad Gesner) e ainda com inclusão de justificativas de distinção como faziam também as demais bibliografias de livros raros daquele período. Contudo, o que destaca o *Catalogvs* de Vogt no cenário da Bibliofilia do século XVIII é a seção denominada por ele de *Axiomata historico-critica de raritate librorvm*, paratexto<sup>110</sup> onde são apresentados os

<sup>108</sup> Sociedade de livreiros dedicada ao comércio de livros para colecionadores em toda a Europa.

<sup>109</sup> PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de Bibliologie**. Paris: [S.n.], 1804. Suplemento.

<sup>110</sup> O “paratexto é um texto” que faz referência, que fala sobre e quer identificar o texto. É “um discurso fundamentalmente heterônimo, auxiliar, a serviço de outra coisa que constitui sua razão de ser: o texto. [...] um elemento de paratexto está sempre subordinado a “seu” texto, e essa funcionalidade determina o essencial de sua conduta e de sua existência.” Genette divide o paratexto em peritexto e

fundamentos empíricos compilados por ele para definir o livro raro, os quais foram estruturados em axiomas gerais e axiomas específicos.

A primeira edição do *Catalogvs historico-criticvs librarvm rariorvm*, impressa na Alemanha (Hamburgo) em 1732 esgotou imediatamente após sua publicação. Nela Vogt afirmava que conhecer os livros raros é um trabalho infundável que envolvia tanto a discussão erudita quanto os posicionamentos da comunidade de livreiros. A segunda edição, corrigida e aumentada, publicada em 1738, também esgotou após ser publicada. Nessa edição Vogt destaca o papel das bibliografias para ordenar, organizar e selecionar a multidão de livros ditos raros que circulavam na Europa e, somado à função das bibliografias, afirma que os livreiros eram também mediadores entre os livros raros e os bibliófilos. No final do prefácio, Vogt destaca que todo bibliotecário responsável por cuidar e guardar os livros dos bibliófilos não poderia desconhecer as bibliografias de livros raros e, principalmente, deveria compreender a *Axiomata* e sua estrutura enquanto premissa para definição da raridade. As edições seguintes do *Catalogvs* – 3ª (1747), 4ª (1753), 5ª (1767) e 6ª (1793) – também esgotaram após serem publicadas.

Podemos perceber a cada nova edição do *Catalogvs* que a compilação de conceitos para o livro raro ganhava tanta importância quanto os livros que a obra repertoriava (escopo principal da publicação). Sobretudo porque a reestruturação e atualização de sua *Axiomata* se ampliava a cada nova edição do *Catalogvs*. Esse pode

---

epitexto. O peritexto é o paratexto material e espacial – “a capa, a página de rosto e seus anexos”, o formato, o papel, a composição tipográfica. O peritexto tem a responsabilidade principal de apresentar um livro. O epitexto refere-se aos anúncios publicitários e promocionais que envolvem a comercialização de um texto (GENETTE, 2009, p. 14, 17, 21, 303).

Chartier (1998, p. 41) aponta que os paratextos são os “textos que precedem e acompanham a obra propriamente dita”. Sintetizando a taxonomia de Genette, ele conclui: “o peritexto, que encontramos dentro do próprio livro (título, epígrafe, prefácio, prólogo do autor, comentários preliminares, notas, ilustrações etc.), e o epitexto, que se situa fora do livro em si (correspondência, diários e revistas, entrevistas etc.). (CHARTIER, 2014, p. 235).

ter sido um dos fatores de sucesso das edições e reedições da obra – fato que ocorreu com poucas bibliografias naquele século.

Desde a primeira edição, Vogt não parou de compilar conceitos que surgiam em outras bibliografias. A cada nova edição (corrigida e aumentada) ele ampliava as categorias de raridade. E para cada item de seu Axioma<sup>111</sup> ele indicava bibliografias que ratificavam a premissa. Na primeira edição (1732) Vogt compilou o conceito de livro raro de 28 bibliografias. Na segunda edição (1738) ele analisou 39 bibliografias. Na terceira edição (1747) ele fez a compilação com base em 69 bibliografias publicadas em 28 cidades da Europa entre os anos de 1700 a 1746.

Conforme já mencionado, o sistema axiológico elaborado por Vogt, a partir da compilação e atualização de conceitos de raridade em bibliografias, foi chamado por ele de *Axiomata historico-critica de raritate librorvm*. Apresentamos uma tradução livre dos axiomas com base na edição do *Catalogvs* de 1747<sup>112</sup>. A *Axiomata* foi estruturada em axiomas gerais e axiomas específico – os gerais podem ser compreendidos como os elementos condicionantes da raridade, nos quais Vogt inclui os níveis de raridade e a Teoria da Raridade; nos axiomas específicos ele apresenta os qualitativos da raridade.

### **Axiomas gerais**

1. Livros raros são aqueles dos quais há poucos exemplares, difíceis de localizar devido ao pequeno número. Livros escassos.

---

<sup>111</sup> Uma abordagem mais aprofundada e também nossas considerações e desdobramentos sobre o tema “sistema axiológico da raridade” no século XVIII será publicação em artigos científicos após o depósito da presente dissertação. Agradecemos as indicações, orientações e observações do professor Gustavo Silva Saldanha sobre esse tema.

<sup>112</sup> Tradução livre do latim (nossa) para o português a partir da 3ª edição do *Catalogvs Historico-Criticvs librorvm rariorm...* de 1747. As 4ª e 5ª edições apresentam novas bibliografias de livros raros, mas sem modificações na *Axiomata*. A 6ª edição, publicada após a morte de Vogt, não teve alterações na *Axiomata*. Em seu prefácio há uma revisão das edições anteriores do *Catalogvs* e também apontamentos relacionados ao trabalho de Vogt. O paratexto, notas ao leitor, da 6ª edição será abordado em futuros desdobramentos de nossa pesquisa.

2. A raridade do livro nunca é a mesma devido a categorias distintas: um livro é raro, outro é muito raro e outro é raríssimo.
3. As raridades são locais<sup>113</sup>.
4. Os livros podem ser raros quanto a (ao):
  - α Conteúdo<sup>114</sup>
  - α Forma<sup>115</sup>
  - α Conteúdo e forma
5. Nem todo livro que não está disponível para venda é raro; não constar em catálogos de livreiros não é o suficiente para que um livro seja qualificado como raro.
6. Os livros raros, nem sempre, são ótimos, dignos ou extraordinários. Eles poderão ser livros péssimos e inúteis, mas raros pelo valor de venda.

#### **Axiomas específicos: proposições de evidência para livros raros e raríssimos**

1. Livros dos primórdios da arte tipográfica, impressos até 1500.
2. Livros de autores antigos editados por tipógrafos importantes do século XVI.
3. Livros de Lutero e coetâneos publicados durante a Reforma Protestante.
4. Livros produzidos em tipografias privadas, que nunca foram publicados.
5. Livros impressos em países ou terras remotas.
6. Livros com textos corrompidos, adulterados. Edições enganosas.
7. Livros dedicados à idade das trevas, livros ofensivos à religião e aos bons costumes.<sup>116</sup>
8. Livros que são escassos porque sobreviveram à destruição de incêndios, inundações ou à ação destruidora de algumas pessoas.
9. Livros de controvérsias, privadas, de príncipes ou de grandes personagens da história.
10. Livros que se imprimiram poucos exemplares.

<sup>113</sup> As distinções entre contextos não podem ser negligenciadas na definição da raridade.

<sup>114</sup> O termo em latim é *materiam*: “objeto de discussão, tópico, assunto, tema” (REZENDE; BRIANCHET, 2014, p. 224). Optamos por traduzir por conteúdo.

<sup>115</sup> São contempladas nesse item tanto as características editoriais quanto a materialidade do livro.

<sup>116</sup> Inserem-se aqui os livros proibidos por conteúdo sexual ou identificados como de depravação sexual.

11. Livros em grande formato e volumosos que por seu preço não podem ser comprados pelo grande público.
12. Livros muito pequenos que por seu preço são de difícil aquisição.
13. Livros cujo conteúdo foi refutado por muitos e aceito apenas por um grupo pequeno de eruditos.
14. Livros dedicados à análise de obras de temáticas nobres ou de autores célebres.
15. O objetivo final do livro raro é a consulta<sup>117</sup>.

Varela-Orol (2016, p. 638) destaca que, em alguns itens da *Axiomata*, Vogt se distancia dos interesses dos livreiros para aproximar-se do discurso dos eruditos em uma clara oposição entre raridade (matéria, valor, forma) e raridade (conteúdo). Em nosso ponto de vista, ao criar a *Axiomata* Vogt também desejava romper com o antagonismo vivenciado pelos “conhecedores” dos livros: práticas de notícias bibliográficas versus produção sistematizada da história do conhecimento a partir de determinado livro. Entretanto, havia interesses que se sobressaíam aos demais, no entanto, a marca distintiva e que mais se destaca na *Axiomata* vai além da indicação dos atributos da singularidade, que é a criação do sistema axiológico da raridade por meio de níveis, elementos e qualitativos – método empírico que representava as experiências práticas dos livreiros antiquários daquele século. Apesar de sua proposição extremamente técnica-pragmática não estão distantes de seu Axioma os desejos de cientificismo tão disputados nas bibliografias daquele período. Para Viardot (2008, p. 176) o axioma de Vogt é uma tentativa de livreiros de retirar da raridade a incerteza e a mobilidade das representações sociais sobre o livro que se quer singular.

As Bibliografias de Livros Raros do século XVIII traduzem, em especial, que a afirmação da raridade por meio de um método era imprescindível. Em resumo,

---

<sup>117</sup> Necessidade de posse para leitura, para satisfação de posse, para auxiliar na deliberação de um problema, para satisfazer um desejo.

apontamos que das muitas Bibliografias de Livros Raros do Setecentos, três são representativas quanto às manifestações do sistema axiológico da raridade em construção naquele momento, e elas se destacaram-se por estabelecerem:

- a) níveis e elementos de raridade – Clement (1750) em *Bibliothèque curieuse historique et critique, ou Catalogue raisonné de livres difficiles à trouver*;
- b) níveis, elementos, qualitativos e Teoria da Raridade – DeBure (1763) em *Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*; e
- c) todos os itens listados em “a” e “b” e a estruturação do sistema axiológico da raridade – Vogt (1732) em *Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum*.

DeBure não deixa de tratar dos níveis e dos qualitativos da raridade, mas seu grande impacto é com a constatação da Teoria da Raridade. Por sua vez Clemente dedicou-se, sobretudo, às explicações dos níveis de raridade apresentando os elementos condicionantes desses níveis. Tanto DeBure quanto Clement, não deixam de incluir em seus discursos os qualitativos da raridade. O *Catalogvs* de Vogt tem o mérito de reunir os discursos de raridade que circulavam em diversas de bibliografias para a Bibliofilia, compreende-los enquanto um sistema axiológico, e estabelecer a *Axiomata*. Sistema que pode ser compreendido como fundador de um movimento em prol das significações do livro raro a partir daquele período.

O *Catalogvs* de Vogt é importante, dentre outros fatores, por sistematiza a *Axiomata* dos livros raros. Esse célebre livreiro-bibliógrafo-bibliófilo não restringiu a função dessa sua obra apenas ao escopo de uma bibliografia de bibliografias sobre a temática livros raros. Pelo contrário, Vogt aproveitou a oportunidade de compilar bibliografias para estabelecer as justificativas que sustentassem a afirmação da raridade. E ainda, apesar de destacar a questão erudita como elemento essencial na definição do

livro raro, ele não deixou para último plano as definições de raridade que perpassavam pelos bibliógrafos, livreiros e bibliófilos. O panorama proposto por sua *Axiomata* reflete a interlocução entre os diversos indivíduos da cultura *libraria* em torno do livro raro no Setecentos.

Dito isso, é importante não perdemos de vista que o sistema axiológico de Vogt tem significados específicos no momento e contexto no qual foi construído. Também não é conveniente esquecermos as “diferenças [dos significados desse sistema] ao longo do tempo” (Chartier, 2014, p. 35). Assim observado, os axiomas de Vogt, destinados podem ser interpretados como a base estruturante e os fundamentos teóricos da raridade bibliográfica no século XVIII. Isto porque, as edições do *Catalogvs* de Vogt possibilitam aproximações aos conceitos de livros raros e ainda confirmam a importância das bibliografias de livros raros enquanto instrumentos de definição e ratificação da raridade.

### 3.1.2 Século XIX: Brunet

Com o advento da produção em larga escala do livro – em contraposição ao antigo regime de produção – a Bibliofilia se organizou para a formulação de novos critérios para a sua existência. A produção de documentos gráficos vivencia na Europa do século XIX uma explosão<sup>118</sup> devido, principalmente, aos avanços industriais nas técnicas para a fabricação de documentos gráficos (papel, tintas, equipamentos de impressão) e a ampliação do mercado consumidor<sup>119</sup>. Nesse século, segundo Bruno Blasselle (1991, v.2, p.52), dentre os *metiers* que se formaram para o comércio e a circulação dos documentos gráficos, as livrarias foram locais fundamentais e, sobretudo,

---

<sup>118</sup> Se comparada ao antigo regime de produção de impressos.

<sup>119</sup> Se comparado ao mercado consumidor de documentos gráficos nos séculos anteriores.

espaços de coexistências. Em Paris, a livraria com livros novos (novas edições) não necessariamente substituiu a livraria tradicional – local de venda de livros e impressos novos e antigos e também local de encontro de eruditos e de bibliófilos. A Bibliofilia se organiza “ao lado e contra a industrialização. [...] Seu objetivo explícito era produzir para eles mesmos livros raros que compartilhariam entre si, em tiragem limitada”. (MELOT, 2012, p.158). As divisões entre os “verdadeiros” conhecedores do livro permanecem, sobretudo, a rivalidade do erudito contra o colecionador que “desconhece” a alta cultura *libraria*. Nesse cenário, as Bibliografias de Livros Raros permanecem como mediadoras entre o bibliófilo e o livro, mas também, enquanto estruturas voltadas para organização do conhecimento que, desde Gesner, continuam a indicar os modos de organização de documentos para os colecionadores e para os livreiros.

O *Manuel du libraire et de l'amateur de livres* publicado em 1810 pelo bibliófilo, livreiro e também descendente de família de livreiros franceses Jacques-Charles Brunet (1780-1867) é um exemplo célebre das Bibliografias de Livros Raros do século XIX. O *Manuel du libraire* é uma bibliografia geral e internacional que reuniu 47.500 títulos de livros raros, preciosos e especiais, desde a origem da impressão com tipos móveis até o ano de 1850. Além das notícias bibliográficas, para cada livro, Brunet apontou o assunto abordado, o histórico das edições (legais e ilegais) e particularidades exclusivas de cada exemplar. Metódico, preciso e instrutivo o *Manuel du libraire*, dentre a vasta produção de bibliografias da Bibliofilia, se inscreveu como um dos mais completos instrumentos bibliográficos de seu século. Nele os conselhos para a formação de uma biblioteca foram exaustivamente detalhados com o intuito de atender o mercado da Bibliofilia.

Brunet organizou o *Manuel du libraire* por assunto, os autores foram ordenados pelo sobrenome e os livros com autores anônimos receberam entrada por

ordem alfabética de títulos. Ele inseriu também uma tabela de classificação com base na classificação produzida por livreiros do século XVII (como DeBure). Novamente, *Bibliofilia* e *Bibliografia* produzem uma obra-modelo, o repertório do que se deve colecionar, os valores de compra, as categorias de raridade, a organização, a classificação e os outros tantos fazeres necessários para se formar uma biblioteca. Utard considera que o *Manuel du libraire* “que deu fama ao seu autor, refletindo a expansão da *Bibliofilia* no século XIX, é também considerado como um modelo de meticulosidade bibliográfica e a epítome das grandes bibliografias gerais deste século.” (UTARD, 2002, p. 396)<sup>120</sup> a ponto de manter sua influência na *Bibliofilia* dos séculos seguintes.

### 3.1.3 Século XX: *Bibliofilia* inglesa

No século XX, a *Bibliofilia* inglesa teve em Jonh Carter (1905-1975) – livreiro, bibliófilo e bibliógrafo – um interlocutor essencial na sistematização das práticas bibliofílicas levadas a cabo naquele país. Em *Taste and technique in book collecting* Carter (1948) busca uma definição para o *book-collector* afirmando que assim como o colecionismo de outros objetos a *Bibliofilia* tem suas próprias diversidades e nuances. Ele apresenta a evolução da *Bibliofilia* inglesa e norte-americana, entretanto, afirma que não pretende fazer uma história da *Bibliofilia*, mas que tentou apenas apontar os usos e práticas culturais da *Bibliofilia* nos países de língua inglesa. Carter dedicou a segunda parte de seu livro ao método adotado para a *Bibliofilia* inglesa no século XX, considerando a evolução do conceito de *Bibliofilia* em países de língua inglesa desde o período moderno e ressaltando a necessidade da formação cultural do bibliófilo para adentrar nesse universo. Assim, ele detalha os

---

<sup>120</sup> *Ce Manuel, qui fit la notoriété de son auteur, témoigne de l'expansion de la bibliophile au XIX<sup>e</sup> siècle. Il est également considéré comme un modèle de méticulosité bibliographique et l'exemple même des grandes bibliographies générales de ce siècle.*

instrumentos de apoio para a educação do bibliófilo e a terminologia adotada na área, além de detalhar questões sobre o mercado livreiro.

Considerando a narrativa que estabelecemos até o momento constatamos que as questões para se definir o livro raro não têm as mesmas práticas e representações em locais, datas e culturas distintas. Desse modo, apesar da raridade ser construída a partir de um sistema axiológica que apresentamos como constante, ela é mutante modifica-se a partir dos contextos que a constroem. Nesse cenário *mutatis mutandis*, um fator se mostra perene: os conflitos para deter o monopólio de definição da raridade.

Na Bibliofilia defendida por Carter (1948) há uma atualização e adequação do sistema axiológico da raridade, que é estruturado por níveis tendo como referência a bibliografia de David Clement produzida no século XVIII<sup>121</sup>. O primeiro nível é a *raridade absoluta*, associado a um pequeniníssimo número de cópias existentes de uma edição de um livro. Outro nível é a *raridade relativa*, que não se preocupa diretamente com o tamanho da edição original, mas sim com a sobrevivência de exemplares e com a frequência com que aparecem no mercado. O terceiro nível, *raridade temporária*, está associada a um intervalo de tempo no qual o mercado livreiro está ajustando-se a novas áreas de demanda de livros, mas que, com o passar do tempo, esses livros podem deixar de interessar aos bibliófilos. A *raridade local*, nível muito frequente em coleções especiais, está relacionada a particularidades da produção e posse *libraria* durante um período de tempo e em determinado lugar, que atrai a atenção de bibliófilos (por exemplo: as edições Aldinas, as publicações clandestinas na Holanda, dentre outras). E, finalmente, a *raridade de mercado* e a *raridade em bibliotecas institucionais*<sup>122</sup>. A partir desses níveis Carter sintetiza os elementos que irão condicionar a raridade em quatro

---

<sup>121</sup> Os níveis apresentados por Carter tem como referência a bibliografia de Clement: CLEMENT, David. **Bibliothèque curieuse historique et critique, ou Catalogue raisonné de livres difficiles à trouver.** Gottinga: [S.n.], 1750-1760. 9v.

<sup>122</sup> Esse nível é indicado por Carter e não foi baseado na bibliografia de Clement.

grandes grupos: a) escassez (tamanho da edição diretamente associado ao número de cópias existentes); b) fama (da obra, do autor, do editor ou da editora); c) estado de conservação e originalidade do livro; e d) a raridade tradicional, ou seja, um livro é raro porque é desejado por bibliófilos (Teoria da Raridade iniciada no século XVIII).

O livreiro Wright Howes, em 1957, desenvolveu uma pesquisa sobre as qualificações essenciais dos livros raros com base em um artigo de John Carter<sup>123</sup> sobre a raridade. Howes reuniu as indicações de raridade que eram adotadas no comércio de livros raros na Inglaterra naquela data e concluiu que na expressão “um livro raro” (HOWES, 1957, p. 489) estavam subentendidos três significados: o livro é raro por qualificações que definem sua distinção; é uma expressão usada com base no senso comum; e, em sentido restrito, o seu significado estava associado ao valor monetário do livro. Nessa última acepção, a raridade era obrigatoriamente associada às regras mercadológicas da oferta, demanda, disponibilidade e procura<sup>124</sup>, nas quais o comércio afeta diretamente a classificação da raridade. A baixa procura, por exemplo, irá influenciar o valor de um livro, assim como a escassez e a alta demanda levarão os preços de um exemplar às alturas. Assim, Howes avaliou o preço de 10.000 livros raros e dividiu o resultado da análise em três níveis de raridade: o primeiro dedicado aos livros pouco comuns; o segundo nível para os livros escassos dos quais se conheciam pouquíssimos exemplares; e o terceiro nível estavam os livros raros propriamente ditos.

---

<sup>123</sup> CARTER, John. *Reflections on rarity*. **The New Colophon**, v.1, abril 1948, p. 134-150. As discussões de Carter apresentadas nesse artigo estão no livro que já citamos nos parágrafos anteriores, por esse motivo não apresentamos uma avaliação sobre essa publicação.

<sup>124</sup> Nesse sentido, uma abordagem a partir da Ciência Econômica, sobre a Teoria do Valor é importante. A raridade no contexto econômico está diretamente relacionada à escassez de recursos ou do próprio produto que é objeto de comercialização, e ainda à quantidade limitada e o valor de mercado associado aos fatores de oferta e procura. Analisamos, brevemente, essa abordagem nos livros listados abaixo, que vai do paradoxo do valor em Adam Smith até as questões do valor na ciência econômica no século XX. Optamos por não seguir com essa abordagem em nossa pesquisa.  
DOBB, Maurice Herbert. **Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith**. Lisboa: Presença; [São Paulo]: M. Fontes, 1977. 339 p.

NAPOLEONI, Claudio. **O valor na ciência econômica**. Lisboa: Editorial Presença, c1977. 194 p.

Os valores mais baixos dos livros estavam no primeiro nível, os valores médios no segundo grupo e os valores extremamente altos estavam no último grupo. Howes ainda provou que acompanhando os valores dos livros estavam as demandas dos bibliófilos, comprovando a regra: maior demanda, maior valor, ratificando assim, a eficiência comercial da Teoria da Raridade.

Após sua pesquisa Howes (1957, p. 494) defendia que a afirmação de raridade de um livro só podia ser constatada se o livro ocupar o mais alto nível que compõem a hierarquia do valor monetário do livro. Dessa forma, usar o adjetivo raro para o livro que por momentos é escasso e em outros incomum, sem atender às especulações vinculadas à oferta e procura de bibliófilos não é válida.

Tendo em vista a transitoriedade do valor de mercado de livros raros e antigos, uma vez que estão submetidos às variações e oscilações comerciais, é extremamente falacioso projetar a definição da raridade vinculada apenas ao valor monetário de um documento. Entretanto, a pesquisa de Howes é significativa por questionar as formas de construção do conceito de raridade.

Ainda no contexto da bibliofilia inglesa, William Henry Bond (1965) elenca os seis fatores balizadores da prática da Bibliofilia (*book collecting*) no século XX, são eles:

- a) O quê colecionar: tipologias documentais dos registros da palavra-imagem – livros manuscritos e impressos, mapas, epistolas, obras de arte sobre papel (artes gráficas), dentre outros. De modo geral, o livro é o protagonista da Bibliofilia, sem impor que a formação de coleções se restrinja ao códice.
- b) A formação da coleção: determinação do escopo da coleção e dos esforços que podem ser empreendidos para desenvolvimento contínuo da coleção, por exemplo: a formação da coleção terá como objetivo a busca de exemplares

escassos ou exemplares que estão em alta (na moda) no comércio da Bibliofilia e/ou entre colecionadores?

c) A abordagem temática: Bond (1965, p.934) indica, de modo geral, três tipos de abordagens temáticas para coleções de bibliofilia:

1. Coleção dedicada a um autor (escritor, cientista, artista, etc.) podendo reunir todas obras de um autor, ou apenas as edições especiais, ou apenas seus manuscritos, ou, por fim, toda e qualquer manifestação manuscrita, inscrita ou impressa sobre e pelo autor.
2. Coleção temática: norteadas pela escolha de um assunto específico (literatura, medicina, história natural, química, etc.). Dentro do assunto específico surgirão seus desmembramentos temáticos.
3. O terceiro tipo de coleção poderá aglutinar os itens citados acima (autor e temática). A coleção poderá ainda ter como ênfase as materialidades desejadas e/ou produzidas para a bibliofilia: encadernações, impressões especiais, ilustrações, edições limitadas, tiragens de poucos exemplares.

d) A condição e a importância: a condição está associado à preservação das características originais e testemunhos materiais dos documentos, e, por isso mesmo, ligada ao estado de conservação do exemplar. A importância do objeto é direcionada sobretudo para seus atributos de distinção.

e) A proveniência e as *association copies*<sup>125</sup>: documentos com assinaturas, anotações manuscritas, marcas de circulação, marcas de uso e marcas de propriedade compõem as características das *association copies* e serão elas que poderão sustentar a veracidade da proveniência dos documentos e contribuir na formação de um conjunto de distinções para os objetos da bibliofilia.

f) Os livreiros e as obras de referência<sup>126</sup>: as relações dos bibliófilos com livreiros e bibliografias exercem influência direta nas práticas bibliofílicas. Os fatores enumerados até aqui se mostram imbricados nas relações comerciais entre colecionadores e livreiros e terão nas obras de referência (catálogos de venda,

---

<sup>125</sup> Avaliamos as questões de proveniência, especificamente sobre as *association copies*, no livro de Sparrow (1978). Contudo optamos por não desenvolver essa temática na presente pesquisa: SPARROW, John. **Association copies**: an essay with examples drawn from the author's own collection. Los Angeles: A. Hill, 1978.

<sup>126</sup> Bond (1965, p.935) faz referência direta à consulta em "*catalogues and bibliographies*". Optamos por descrever como obras de referência.

catálogos de bibliotecas, bibliografias de livros raros, bibliografias de temáticas especializadas, etc.) a continuidade de um fluxo de informações para toda a cadeia de formação das bibliotecas de bibliófilos. E por meio desse conjunto de obras de referência que o bibliófilo se familiariza com os termos da área temática de seu interesse e também com os conhecimentos necessários para formar uma coleção com itens raros e especiais.<sup>127</sup>

Carter (1948, p. 37) identificou diversas manifestações culturais ao longo da história da Bibliofilia, especificamente, aquelas que se referiam aos gostos das primeiras edições e dos primeiros documentos gráficos que surgiram com a criação de novas técnicas, o próprio caso das raridades. São fenômenos que se modificam de país a país e de cultura a cultura e que dão corpo às formas de manifestação da Bibliofilia. O autor ainda aponta um fenômeno singular dentro da história da Bibliofilia que é a presença da Ciência da Bibliografia mediando e influenciando os gostos dos colecionadores. Mas a influência mais importante da Bibliofilia pode ser dividida em duas grandes correntes: a primeira refere-se à construção da teoria da raridade; e a segunda influencia é o poder que a Bibliofilia exerceu sobre o comércio de documentos gráficos desde a era moderna.

Carter (1948), Howes (1957) e Bond (1965) permitem-nos uma visão geral sobre as práticas da Bibliofilia no século XX. Interessante notar a atualização e adaptação do sistema axiológico (nível, elementos, qualitativos) para a construção da raridade. Em outro momento e contexto histórico, as palavras são as mesmas, mas os significados são outros. Em síntese, nos três autores é nítida a proeminência de discursos vinculados à Teoria da Raridade.

---

<sup>127</sup> São exemplos, nesse contexto, as obras publicadas no século XIX:

PEIGNOT, Gabriel. **Manuel du bibliophile, ou Traité du choix des livres**: contenant des développemens sur la nature des ouvrages les plus propres à former une collection précieuse. Paris: V. Lagier (Dijon), 1823. 2v.

ROUYEYRE, Edouard. **Connaissances nécessaires à un bibliophile**: accompagnées de notes critiques et de documents bibliographiques. Cinquième édition, illustrée de nombreuses figur. Paris: Édouard Rouveyre..., [1899]. 10 v.

Atravessamos três séculos de manifestações da Bibliofilia que demonstram a não existência de “um” modelo de biblioteca particular, mas modelos que constroem conceitos, que se contrapõem e que se mesclam a partir de práticas culturais. Conforme Barbier (2015, p. 289) o que podemos perceber são modelos-ideais que se tornam dominantes e antagônicos sucessivamente e, por isso mesmo, não há “uma” prática unívoca que defina a Bibliofilia.

Assim observado, podemos ressaltar que a raridade é uma construção social atribuída ao livro para conferir singularidade a grupos específicos de colecionadores. No contexto da Bibliofilia essa construção se dá por meio de um sistema axiológico que pode variar de local e período, mas seu cerne é estruturado em níveis, elementos e qualitativos de raridade. Nesses termos, o livro raro enquanto um construto oriundo das práticas bibliofílicas tecidas em contextos sociais, econômicos, políticos e culturais que impõe a singularidade configura-se em um sistema que visa a exclusão.

Nesse sentido refletimos que o valor simbólico circunscrito em torno da Bibliofilia confere a esse campo um papel essencial na formação de coleções particulares, nas práticas de leitura, nas práticas bibliográficas e nas práticas da Biblioteconomia. Ora, se o fundamento da raridade bibliofílica é destacar a singularidade com o fim na exclusão, quais perspectivas podem ser vislumbradas pela Biblioteconomia brasileira ao adotar o conceito de livro rara construído pela Bibliofilia em seus discursos de raridade? Ou, de modo mais específico, quais possíveis implicações podem advir da adoção dos critérios da Bibliofilia no território da B & CI brasileira no século XX e XXI? Respondemos esses questionamentos no capítulos seguintes.

#### 4 METODOLOGIA

A Teoria da Raridade, proposta formulada pelo livreiro DeBure no século XVIII, afirma que o livro raro é aquele que é procurado por bibliófilos. A partir das práticas relacionadas ao universo bibliofílico, atores que configuram o circuito de comunicação do livro estabelecem um sistema axiológico no qual uma série de qualitativos são elencados para a comprovação da raridade de determinado documento.

A partir das formulações apresentadas em nosso referencial teórico-analítico podemos apontar que a definição da raridade inscreve-se em um campo específico da Bibliofilia. Contudo, não há como negarmos que a história do livro raro dialoga com saberes transdisciplinares provenientes de diversas disciplinas e áreas de conhecimento. A abordagem aqui traçada considera, também, que há um subcampo na Biblioteconomia dedicado ao livro raro, antigo e especial, o qual se relaciona com a Bibliofilia.

Partindo dessa constatação, buscamos apreender o conceito de livro raro na Bibliofilia com o objetivo de identificar os contextos socioculturais que criam, sustentam e dão visibilidade ao conceito de raridade e aos elementos condicionantes que se manifestam a partir deles. Analisamos, ainda, o papel de mediação cultural das Bibliografias de Livros Raros nesse universo. Desse modo, para os estudos da Bibliofilia e Bibliografia de Livros Raros realizou-se pesquisa exploratória e teórico-descritiva. A coleta de dados foi feita por meio de pesquisa bibliográfica e documental a partir de leituras da história da Bibliofilia, que foram expostas ao longo de nosso referencial teórico.

Para os estudos sobre a raridade na Biblioteconomia brasileira empreendeu-se pesquisa exploratória de base qualitativa, centrada em duas ações complementares, a saber: a análise documental da produção intelectual sobre o conceito

de livro raro; e as análises comparativas dos elementos condicionantes e qualitativos da raridade na Bibliofilia com a construção do conceito de raridade inscrito no contexto da produção brasileira da B & CI.

#### **4.1 Bibliografias de Livros Raros: elementos para análise**

O levantamento das Bibliografias de Livros Raros se deu por meio de buscas em bibliotecas digitais (*Archives, E-rara.ch, Gallica-BnF, World Digital Library* e outras). A seleção adotou como parâmetro balizador a busca pelo termo “raro” e seus correspondentes e variáveis em latim, francês e alemão em obras de referência dos séculos XVII ao XX. O total de bibliografias localizadas foi de 102 publicações editadas em países como Alemanha, Holanda, França, Inglaterra, Itália<sup>128</sup>. Em função da necessidade de identificar como as bibliografias selecionadas definiam o livro raro, analisamos os seus elementos paratextuais constituídos por: notas ao leitor, agradecimentos, prefácios e posfácio. Apenas como proposta operativa, agrupamos as bibliografias em 3 períodos:

1. O primeiro período corresponde ao século XVII, no qual as bibliografias apenas citam o termo “livro raro” sem pretensões de estabelecer conceitos para a raridade ou mesmo de justificar a adoção da expressão “raro”. De modo geral, os repertórios desse século indicam que ali estão noticiados escritos autógrafos, edições príncipes de textos gregos e latinos, textos difíceis de localizar, indicações de obras célebres para a República das Letras, efemérides relacionadas às publicações, entretanto, não formulam um discurso direcionado para o conceito da raridade.
2. No segundo período, século XVIII, as bibliografias não apenas citam o livro como raro, mas buscam definir o conceito de raridade. Desse modo, além do

---

<sup>128</sup> É importante frisar que o número de bibliografias identificadas não corresponde ao total de Bibliografias de Livros Raros produzidas nesses séculos, mas sim às publicações disponíveis online nas datas de nossa pesquisa

aumento do uso da expressão “livro raro” surgem, também, iniciativas para construção dos discursos acerca do conceito de raridade.

3. No terceiro período, correspondente aos séculos XIX e XX, as bibliografias consolidam as categorias definidas no século anterior e, regra geral, não dedicam-se a criar novas definições de raridade, mas sim ao trabalho multiplicador de criação de níveis de raridade e às possibilidades contextuais dos elementos condicionantes e dos qualitativos da raridade.

Após as leituras desses repertórios visando-se identificar o sistema axiológico de construção da raridade, foram selecionadas as bibliografias de DeBure e Vogt como as mais representativas da categoria “Bibliografia de Livros Raros”. Essa seleção se deu por três motivações:

- a) a indicação unanime, em Bibliografias de Livros Raros, de que essas bibliografias são obras fundadoras do conceito de livro raro;
- b) o século XVIII foi o auge da Bibliofilia na Europa e, associado à essa fase de ouro, está o crescimento das publicações de Bibliografias de Livros Raros, conforme apontam teóricos como Balsamo (1998), Malclès (1956), Sordet (2002), Viardot (1986, 1988, 2008, 2015) – que também reforçam a significância das bibliografias de DeBure e Vogt como mediadoras do conceito de livro raro;
- c) um outro fator que reforçou a seleção foi a indicação dessas duas bibliografias na produção intelectual da B & CI brasileira como fontes para pesquisas acerca da raridade.

Justificada a seleção e feito o estudo dos elementos condicionantes foi possível constatar que o desejo pela singularidade é a base da raridade. O Quadro 2 é uma proposta de análise dos qualitativos da raridade na Bibliofilia que foi elaborado com base na história da Bibliofilia e nas Bibliografias de Livros Raros, em especial a *Bibliografie* de DeBure e o *Catalogvs* de Vogt.

A estrutura elaborada para o Quadro 2 visou sintetizar o conjunto de qualitativos com o objetivo de propor a construção de um instrumento de apoio para a análise do sistema axiológico adotado pela Bibliofilia naquilo que concerne à atribuição de raridade. Esse quadro constitui-se em referência para se apreender o discurso em torno da raridade no contexto da produção da B & CI brasileira, objeto de nossas análises.

Quadro 2 – Sistema axiológico da Bibliofilia: elementos condicionantes e qualitativos da raridade

<b>Elementos condicionantes</b>	<b>Materialidade</b>	<b>Escassez</b>	<b>Proveniência</b>	<b>Discursos</b>
Qualitativos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernação de luxo</li> <li>• Ilustrações em gravura em metal por “D” e “E”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exemplares destruídos em incêndio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publicado pelo tipografo A, na França, século XVIII.</li> <li>• Pertenceu à biblioteca do magistrado B, possui <i>ex-dono</i>, <i>ex-libris</i>, marginalia.</li> <li>• Edição clandestina</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vida privada referente à monarquia francesa</li> </ul>
Qualitativos				

Fonte: Elaborado pela autora

No preenchimento efetivo do Quadro 2, tal como exemplificado acima, os qualitativos preenchem todos os elementos condicionantes da raridade. Entretanto, é importante frisar que quando um desses elementos está ausente da construção da singularidade, não quer dizer que ele não exista na produção do documento, mas sim que ele não foi acionado, no sistema axiológico da Bibliofilia, como elemento definidor de distinção.

Observando o Quadro 2, percebemos que os qualitativos podem se repetir em outros elementos, ou seja, a divisão desses elementos se procedeu como estratégia de apreensão da raridade no contexto da nossa propositura de análise. Na realidade, esses elementos não são estanques, antes têm limites tênues e entrelaçam-se a cada novo contexto.

Para a análise comparativa das relações constituídas entre a B & CI brasileira e a Bibliofilia, adotamos apenas a estrutura do Quadro 2. Em linhas gerais, essa operacionalização será descrita ao final da próxima seção.

#### **4.2 Conceitos de raridade na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira**

Naquilo que concerne à seleção da produção oriunda da B & CI brasileira sobre livros raros, foram definidas quatro tipologias/esferas de divulgação científica/acadêmica, são elas:

- Periódicos científicos;
- Congressos e fóruns de pesquisa e discussão;
- Publicações em livros, capítulos de livros e manuais; e
- Produção da pós-graduação (dissertações e teses).

O primeiro critério foi selecionar textos cuja abordagem dialoga com o conceito de livro raro. Na análise prévia, não foram selecionados artigos que citam o livro raro, mas não desenvolvem a discussão conceitual sobre o tema. Por exemplo, artigos que relatam sobre a restauração de livros raros, mas não apresentam uma abordagem teórica sobre a raridade. Para definição da amostra efetuou-se a pesquisa bibliográfica exploratório em periódicos da Biblioteconomia e Ciência da Informação (B & CI) brasileira, com ênfase dada àqueles que disponibilizam seus artigos na internet. Assim, as diretrizes para o levantamento de dados foram:

- 1) buscar textos que discutam o livro raro na B & CI;
- 2) selecionar textos veiculados em periódicos brasileiros e bibliotecas digitais de teses e dissertações das áreas de B & CI;
- 3) selecionar textos publicados em outras áreas, mas cujo enfoque é a Biblioteconomia e o livro raro.

- 4) consultar, obrigatoriamente, base de dados com documentos disponíveis em formato digital.
- 5) determinar datas limites após as buscas. O corte temporal foi aquele que correspondeu às datas das publicações selecionadas, ou seja, a publicação com a data mais antiga é a de Frieiro (1941) e as mais recentes datam de 2015. Essas datas definiram nosso período-limites de publicações.

Como fóruns de discussão e pesquisa da área (B & CI) foram escolhidos o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD), o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU); e o Encontro Nacional de Acervos Raros (ENAR) promovido pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Na fase exploratória, após repetidas tentativas e estratégias para localizar em forma impressa ou digital os anais de todos os encontros do CBBBD e SNBU, o que não foi possível, por isso desistimos de incluir esses dois fóruns profissionais em nosso levantamento.

Para as pesquisas acadêmicas foram selecionadas as categorias mestrado e doutorado em Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação realizados no Brasil ou, ainda, dissertações e teses defendidas em outras áreas do conhecimento, mas cuja pesquisa sobre livros raros tenha sido realizada por bibliotecários. Foram selecionados somente os trabalhos que estão disponibilizados em formato digital na internet – em repositórios institucionais ou na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-IBICT)<sup>129</sup>.

No grupo “publicações” foram selecionados livros, capítulos de livros e manuais. Excluiu-se desse conjunto apostilas de curso de capacitação sobre livros raros oferecidos no Brasil e catálogos de exposições.

---

<sup>129</sup> Nosso recorte não contemplou trabalhos de conclusão de curso de graduação ou de especialização.

Para a pesquisa *online*, sobretudo pela ausência de termos normalizados nas bases de dados consultadas (catálogos de bibliotecas brasileiras<sup>130</sup>, Base de Dados em Ciência da Informação – Acervo de Publicações Brasileiras em Ciência da Informação (BRAPCI)<sup>131</sup>, Portal de Periódicos Capes, IBICT, definiu-se os seguintes termos de busca: livro; livro raro; livros raros; obra rara; obras raras; coleções especiais; história do livro; história das bibliotecas; bibliofilia.

O total de textos mapeados somaram 124 publicações. Após análise individual, baseada na identificação de trabalhos que elaboraram “conceito(s)” para a raridade, foram selecionadas como amostra total de pesquisa 60 publicações, que foram organizadas por grupos (Quadro 3). Detalhes referente às publicações selecionadas estão registrados no Anexo A.

Quadro 3 - Mapeamento da produção em B & CI referentes à temática livros raros

	Produção científica/acadêmica	Total	Período/data
<b>Grupo 1</b>	<b>Congressos/Encontros</b>		
1.1	ENANCIB	02	2014
1.2	ENAR	08	2003-2012
<b>Grupo 2</b>	<b>Publicações</b>		
2.1	Livros, capítulos de livros, manuais	16	1941-2015
<b>Grupo 3</b>	<b>Periódicos científicos</b>		
3.1	Artigos	22	1958-2015
<b>Grupo 4</b>	<b>Pós-Graduação</b>		
4.1	Dissertação de mestrado	10	1991-2015
4.2	Tese de doutorado	02	2011, 2014
	<b>Total de publicações</b>	<b>60</b>	<b>1941-2015</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Os textos de cada grupo foram descritos e numerados em planilhas. Em seguida, cada texto foi avaliado individualmente a partir de uma estrutura que previa:

- a) a compreensão geral do trabalho a partir do resumo;

<sup>130</sup> UFMG, USP, UNICAMP, UFRGS, UNB, UFRJ, UNIRIO.

<sup>131</sup> Base de dados referencial de artigos de periódicos em Ciência da Informação. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/>>. Acesso em: 18 maio 2015.

b) a busca de trechos específicos dedicados ao conceito de livro raro no trabalho completo, seguidos de seus referenciais teóricos; e

c) a análise individual do texto considerando:

- a temática que pode ser relacionada à definição da raridade no trabalho; e
- a análise em relação à elaboração do conceito de livro raro proposto pelo trabalho.

Apresentamos no Quadro 4 um exemplo de como essa avaliação se efetivou:

Quadro 4 – Análise documental individual – Pós-Graduação/Dissertação

<b>Número de ordem</b>	01/10	
<b>Ano defesa</b>	1991	
<b>Autor</b>	GAUZ, Valéria	
<b>Instituição/Orientação</b>	IBICT/UFRI - Prof. Dra. Nice Menezes de Figueiredo	
<b>Título</b>	Considerações sobre o uso do catálogo principal de obras raras na Biblioteca Nacional: subsídios para viabilizar a automação do catálogo principal e otimizar o atendimento ao público local e a outras bibliotecas	
<b>Resumo</b> <b>Fonte: BDTD-IBICT</b>	<p>Apresenta-se um histórico da Biblioteca Nacional do Brasil e da questão das obras raras, tanto do ponto de vista técnico quanto do administrativo, e também a situação das coleções de obras raras de outras bibliotecas no país para as quais a Biblioteca Nacional presta assistência técnica. Para embasamento teórico da pesquisa levantou-se a história dos catálogos, da catalogação, e os estudos de uso de catálogo, no exterior e no Brasil. O estudo foi realizado tendo como objetivo determinar como o usuário da Divisão de Obras Raras (DIORA) utiliza o catálogo, visando à melhoria no atendimento e, principalmente, a automação do catálogo. Paralelamente, procurou-se verificar a real situação de outras coleções de livros raros no país para melhor adequar o assessoramento que a Biblioteca Nacional oferece. Os resultados do estudo demonstraram que a forma como vem sendo realizada a catalogação em planilha nos últimos oito anos (livros dos séculos XVI e XVII) é extremamente detalhada e pode não atender às necessidades de informação dos usuários quando colocadas no catálogo automatizado. Quanto às outras coleções do país, observou-se que ainda estão em estágio inicial de identificação e tratamento técnico, necessitando de orientação básica quanto aos serviços que uma seção de obras raras deve oferecer aos seus usuários. Recomendações são feitas, entre outras, para que a catalogação de livros raros da Biblioteca Nacional seja repensada no sentido de atender às reais necessidades de informação dos usuários, isto é, deve ter em vista a simplificação como finalidade de automação, que é a tendência registrada na literatura estrangeira. Em relação às outras coleções brasileiras, recomenda-se uma reformulação nos serviços do PLANOR no que diz respeito aos aspectos técnicos e administrativos, tendo em vista a otimização da assessoria que a Biblioteca Nacional presta a essas bibliotecas.</p>	
<b>LIVROS RAROS</b>	<b>Item</b>	1.3 A Questão das Obras Raras na Biblioteca Nacional (p.19-23)
	<b>Definições</b>	<p>Critérios internacionais adotados pela Biblioteca Nacional brasileira para definir livro raro (de acordo com Cunha)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Primeiras impressões – os primeiros livros impressos no mundo, dos séculos XV e XVI, onde estão incluídos os incunábulos;</li> <li>- Impressões dos séculos XVII e XVIII até 1720;</li> <li>- Edições de tiragem reduzida, isto é, poucos exemplares disponíveis no mercado;</li> <li>- Edições especiais, por exemplo, edições de luxo para bibliófilos;</li> <li>- Edições clandestinas;</li> <li>- Obras esgotadas;</li> <li>- Exemplares de coleções especiais, com encadernações elaboradas, autógrafos ou marcas de propriedade, como carimbos, ex-libris, etc.;</li> </ul>

		- Exemplares com anotações manuscritas de importância, incluindo dedicatórias.
		A idade do livro deve ser considerada na indicação da raridade, mas não é fator determinante.
Referências que apoiam a construção do conceito		"No Brasil, considera-se, igualmente, raro, o livro aqui publicado até 1[8]41, devido à produção gráfica ter se desenvolvido a partir do Segundo Reinado. Outros critérios, ainda segundo Cunha, podem ser estabelecidos de acordo com os interesses próprios de cada instituição, desde que com apoio bibliográfico, ou seja, consulta às bibliografias de renome, catálogos de livreiros e outras fontes de informação e referência." p.19
		CUNHA, Lygia da F. F. da. <b>Crítérios empregados para a qualificação de livros raros</b> . Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1984. 1 fl. datilografada. MONTEIRO, Iracema. <b>Histórico da Seção de Livros Raros</b> . Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [s.d.] 12 f. Datilografado.
Análise	Temática relacionada à construção do conceito	Biblioteconomia – Política de Formação e Desenvolvimento de Acervos
	Avaliações quanto à elaboração do conceito de livro raro	A definição de livro raro associada ao relato de experiência institucional da Biblioteca Nacional brasileira. Não apresenta diálogo com teóricos da Biblioteconomia.
		Os autores convocados para a definição de livros raros são bibliotecários que produziram documentos técnicos-administrativos com o objetivo de gestão de acervos.
		É adotada a expressão "critérios de raridade internacionais". Porque? Qual(is) é(são) o(s) órgão(ões) internacional(is) que o estabeleceram? Existem? A expressão é uma recorrência discursiva da Biblioteconomia brasileira que tratar do livro raro?
	A pesquisa é um estudo de caso	

Fonte: Elaborado pela autora

Em seguida, as análises individuais foram revistas com o objetivo de se identificar pontos comuns que se destacaram como os mais constantes nos trabalhos. Ao final dessa fase, quatro pontos se mostravam recorrentes, são eles:

- a) Definição conceitual: textos que buscam a definição do conceito de raridade.
- b) Livro raro no Brasil: esse item compreendeu os textos que se dedicaram ao livro raro no Brasil, os quais além de focar a construção de uma trajetória histórica do livro raro no contexto brasileiro dedicaram-se, simultaneamente, a problematizar e dialogar sobre a Biblioteconomia de Livros Raros no Brasil.
- c) Experiência institucional: textos que foram produzidos para relatar as vivências institucionais relacionadas à construção de critérios de raridade destinados à gestão de acervos especiais.
- d) Critérios de raridade: textos que enfocam exclusivamente os critérios de raridade com objetivos específicos de gestão de coleções (processo de identificação/seleção de documento em política de formação e desenvolvimento de acervos) em bibliotecas. Também compõem esse grupo

textos nos quais os critérios de raridade são definidores da construção do conceito de raridade.

Um exemplo desse agrupamento e como eles se relacionam pode ser visualizado por meio do quadro a seguir:

Quadro 5 – Análise documental categorias comuns – Publicações

N.	AUTOR/ANO PUBLICAÇÃO	CONCEITO	LIVRO RARO NO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	CRITERIOS DE RARIDADE
1	MORAES, 1965				
2	FRIEIRO, 1980				
3	PINHEIRO, 1989				
4	CAMARGOS, 2000				
5	PLANOR, 2000				
6	HORCH, 2003				
7	PINHEIRO, 2009				
8	VILELA, 2012				
9	ARAÚJO;CARVALHO; PONTELO, 2015				
10	ARAÚJO, A. V. F., 2015				
11	PINHEIRO, 2015				

Fonte: Elaborado pela autora

A última fase constituiu-se na inclusão dos critérios de raridade presentes em cada texto analisado no quadro do sistema axiológico da raridade na Bibliofilia. Conforme pode ser observado no Quadro 6, cada produção textual teve suas justificativas de raridade segmentadas e alocadas em colunas específicas relativas à materialidade, escassez, proveniência e/ou discurso. Ao final, incluiu-se uma última coluna destacando o referencial teórico adotado para subsidiar a indicação de raridade no trabalho. As informações inclusas no Quadro 6, para cada texto, foram retiradas da fase “análise documental individual” (Quadro 4).

Quadro 6 - Qualitativos da raridade bibliofílica B &amp; CI – Teses

AUTOR	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURSO	REFERENCIAL TEÓRICO
<b>REIFSCHNEIDER, 2011</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Artes gráficas</li> <li>• Condição (integridade)</li> <li>• Encadernação</li> <li>• Tipo de papel</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Níveis de raridade</li> <li>• Pequenas tiragens</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Artes gráficas (ilustradores, gravadores, impressores, tipógrafos)</li> <li>• Histórico custodial: coleção, dedicatória</li> <li>• Primeira edição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carvalho, 2007</li> <li>• Catálogos de livreiros, século XIX e XX;</li> <li>• Moraes, 1985;</li> </ul>
<b>GREENHALGH, 2014</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspecto bibliológicos</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Encadernações</li> <li>• Ilustrações</li> <li>• Objeto estético</li> <li>• Suporte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edição esgotada</li> <li>• Edição fora do mercado</li> <li>• Poucos exemplares</li> <li>• Valor financeiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Artistas do livro (<i>livre d'art; livre d'artiste</i>)</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Censura</li> <li>• Corte temporal</li> <li>• Edições especiais de confrarias</li> <li>• Histórico custodial: ex-libris, assinaturas, anotações</li> <li>• Limite histórico</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Repudiado pelo autor</li> <li>• Valor cultural</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> <li>• Brasileira</li> <li>• Brasileira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rodrigues, 2006;</li> <li>• Sant'Anna, 2001;</li> <li>• Cunha, 1984;</li> <li>• Moraes, 1985;</li> <li>• Meneses e Silva, 2004;</li> <li>• Pinheiro, 2009;</li> <li>• Reifschneider, 2008</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

Definidos os critérios de operacionalização das análises e os procedimentos de estruturação dos dados, seguiu-se para a etapa de interpretação dos resultados, os quais serão apresentados no próximo capítulo.

## 5 ANÁLISES

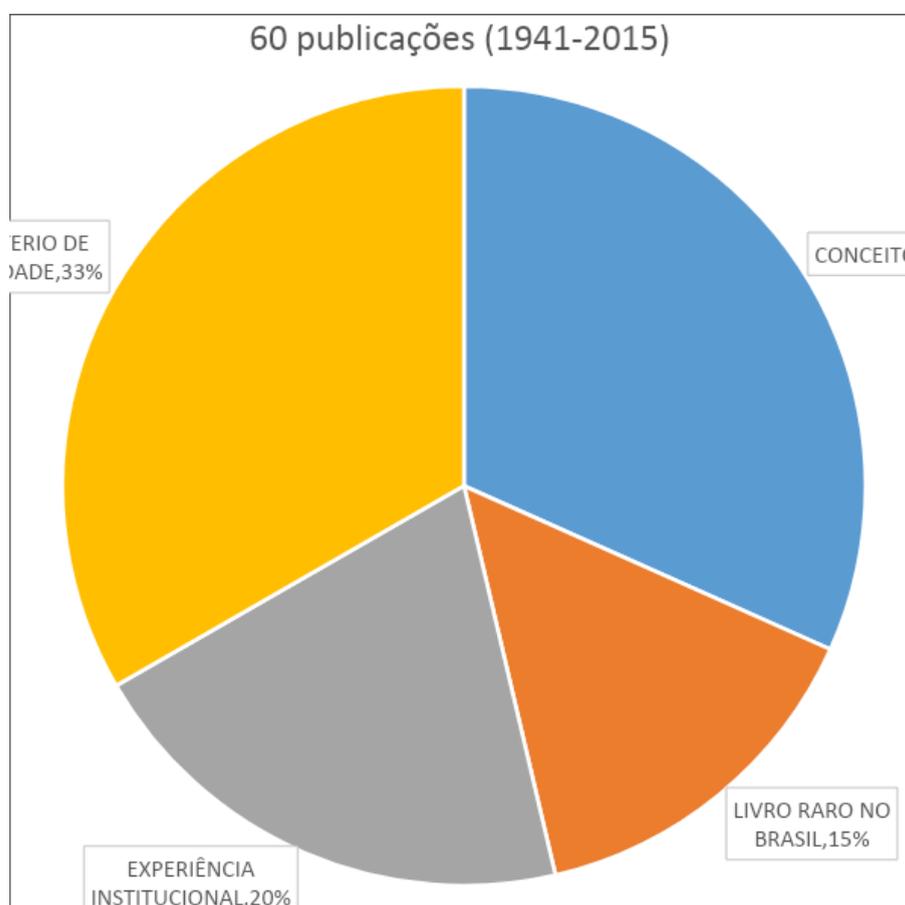
O mapeamento da produção em B & CI brasileira referente à temática “livro raro” teve como datas-limites o período constituído entre os anos de 1941 a 2015, perfazendo um total de 60 textos. A distribuição dos trabalhos ao longo desse período pode ser observada por meio do Gráfico 2. No gráfico é possível identificar períodos que correspondem a marcos temporais da produção brasileira em B & CI referentes ao conceito de livro raro. Os primeiros textos apresentam intervalos longos de uma publicação para outra, situação que se modifica um pouco a partir da década de 1980. Apenas a partir de 1991 o número de publicações aumenta, sobretudo, em função das dissertações dedicadas ao tema. Entretanto, o aumento da produção sobre o livro raro só será mais frequente e com intervalos de tempo menores a partir do ano 2000.

Os assuntos mais frequentes no contexto de elaboração conceitual do livro raro na B & CI brasileira são: a Biblioteconomia de Livros Raros; a Bibliofilia; o Patrimônio cultural – incluindo os segmentos de patrimônio bibliográfico e legislação; a História do Livro; a Preservação; e a Formação e Desenvolvimento de Acervos. De modo geral, Bibliofilia, Biblioteconomia de Livros Raros e História do Livro estão presentes desde as primeiras publicações analisadas. O assunto patrimônio cultural começa a surgir nessas publicações a partir da década de 1990, contudo, sua frequência é maior a partir dos anos 2000 e sua adoção se dá, sobretudo, nos trabalhos de dissertação, teses e artigos científicos que são desdobramentos de pesquisas de mestrado e de doutorado. A Preservação e a Formação e Desenvolvimento de Acervos estão presentes essencialmente nas discussões em que o conceito de livro raro é condição para o planejamento e gestão de acervos. Dentre os assuntos com menor frequência estão a Ciência da Informação, a Filosofia; e a Epistemologia – que surgem nas publicações a

partir de 2003. A Ciência da Informação está presente somente na produção das dissertações e teses e nos artigos gerados a partir delas.

As categorias discursivas mais frequentes na produção brasileira em B & CI referente ao conceito de livro raro, para as 60 publicações analisadas, podem ser divididas de modo geral entre a história do livro raro no Brasil (15%); relatos de experiência institucional (20%), a construção do conceito (32%) e os critérios de raridade (33%), conforme representado no Gráfico 1.

*Gráfico 1 – Categorias discursivas B & CI referentes ao conceito de livro raro*



Fonte: Elaborado pela autora

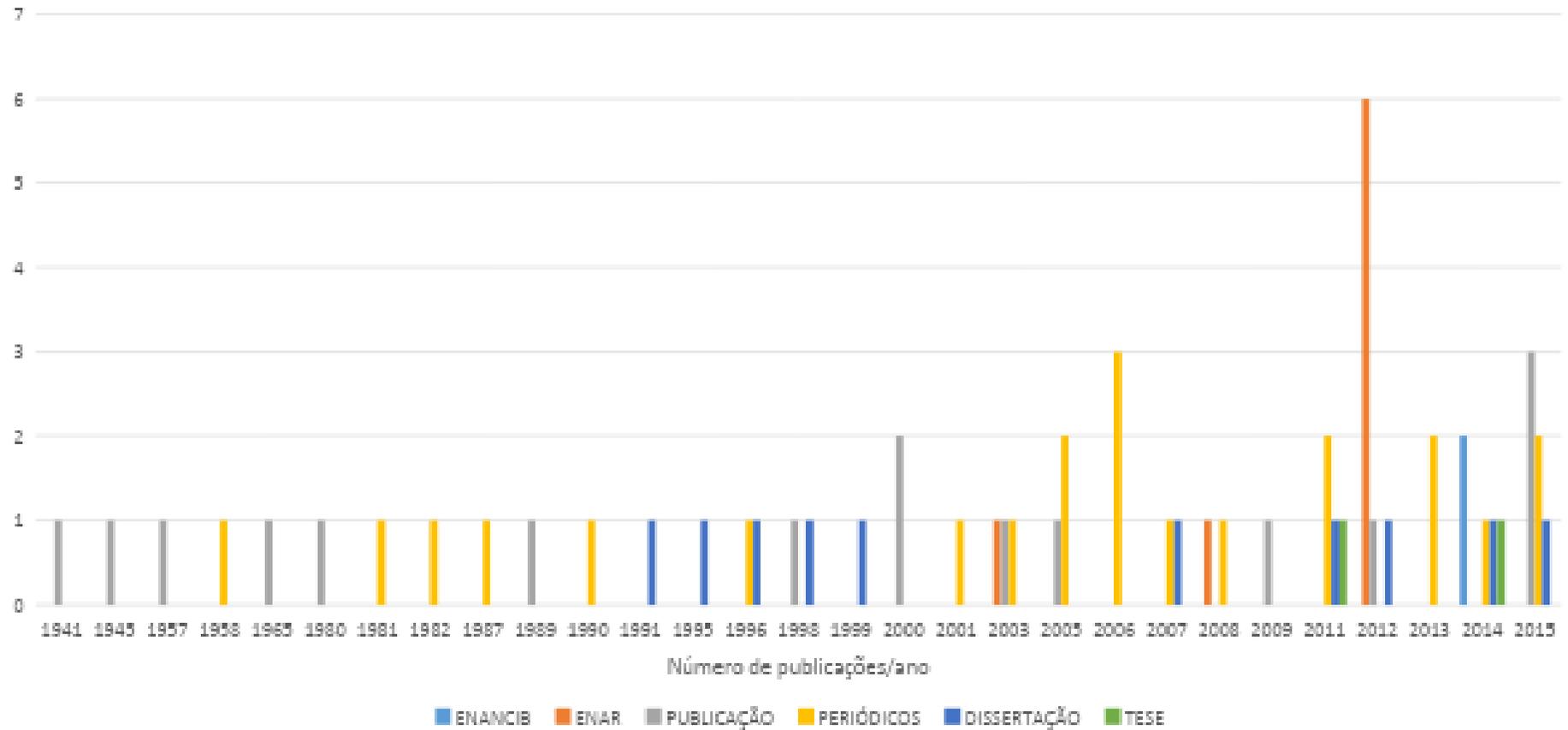
Entretanto, essas categorias não ocorrem de forma isolada nos textos, antes estão mescladas entre si. As avaliações mais detalhadas sobre essas categorias serão apresentadas nas próximas seções.

Antes disso, faz-se necessário ressaltar que nossa análise da produção da B & CI sobre o livro raro foi estruturada por grupos/fases – que foram reunidos tendo em vista a semelhança de abordagens. Assim, os grupos/fases foram identificados como:

1. Bibliofilia;
2. Biblioteca Nacional brasileira;
3. Pesquisa;
4. Publicações e Periódicos;
5. Crítica da raridade.

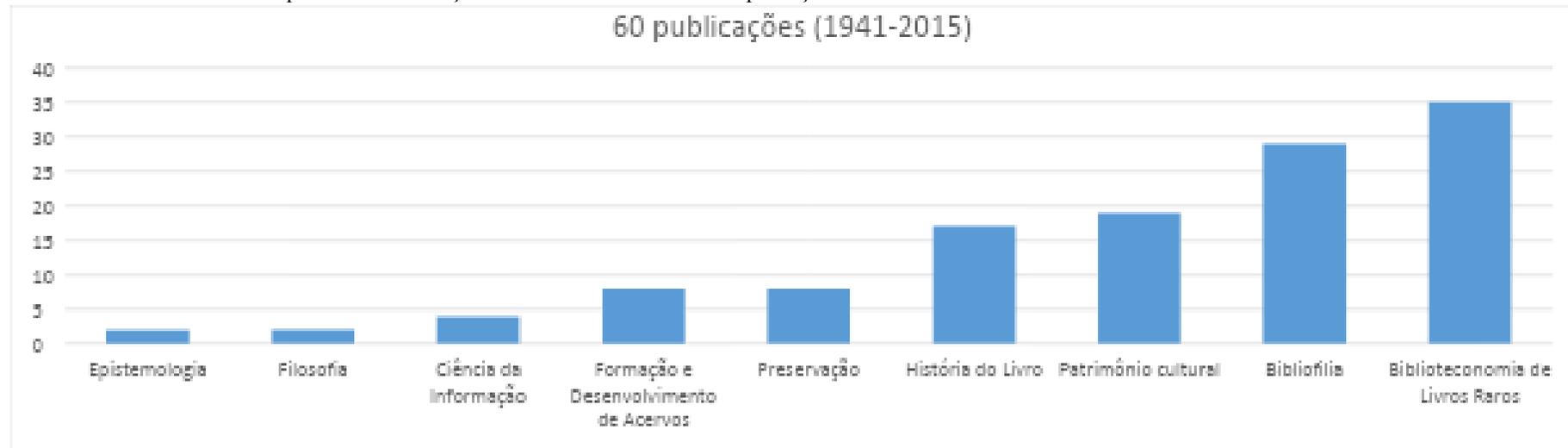
Essa é estrutura adotada para apresentação dos resultados a seguir.

Gráfico 2 - Produção brasileira em B &amp; CI referentes ao conceito de livro raro



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 3 – Assuntos mais frequentes na elaboração do conceito de livro raro na produção brasileira em B &amp; CI



Fonte: Elaborado pela autora

O conceito relacionado ao livro raro mais frequente na produção analisada é “Biblioteconomia de Livros Raros”, o segundo mais usado Bibliofilia, presente em 29 das 60 publicações. Os conceitos “Patrimônio Cultural” e “Ciência da Informação” correspondem, em sua maioria, à produção advinda de pesquisas realizadas em programas de pós-graduação em B & CI. Os dois conceitos menos evocados – Epistemologia e Filosofia – aparecem, justamente, naqueles textos que evocam uma ruptura com o critério de raridade tal como o mesmo se apresenta na grande maioria dos textos que formam o conjunto global das publicações.

## **5.1 Análise documental**

### **5.1.1 Bibliofilia**

O primeiro grupo documental que apresentamos refere-se à produção de Frieiro (1941, 1945, 1957, 1980)<sup>132</sup>, Leoni (1958), Moraes (1965, 1998, 2005), autores cujos trabalhos tratam exclusivamente da Bibliofilia. Nossa leitura das quatro edições da obra *Os livros nossos amigos*, de Eduardo Frieiro, com objetivo de encontrar alterações e/ou correções sobre a temática livros raros, nos permitiu verificar que ele não dedicou-se a definir um conceito de livro raro, contudo, não deixou de se posicionar sobre essa faceta do livro no contexto da Bibliofilia, indicando, sobretudo, bibliógrafos e bibliografias de produzidas no circuito bibliofílico. Esse ensaio de Frieiro, que aborda também a História do Livro e a História da Leitura, descreve questões sobre o livro raro e a Bibliofilia com aproximações concernentes às características da raridade. Nesse

---

<sup>132</sup> Não incluímos as edições de 1999 e 2007. De acordo com a professora Maria da Conceição Carvalho (2008), das 6 edições de *Os Livros Nossos Amigos*, as três primeiras foram editadas com revisões e sob a supervisão do próprio Frieiro. Na segunda edição de 1945 ele fez adição e supressão de capítulos – é considerada a “edição do autor” e legitimada por Frieiro como a edição mais fidedigna. Na terceira edição, de 1957, ele fez novos acréscimos de capítulos. Na edição de 1980 ele já estava com 90 anos, quase cego e não opinou sobre a mesma. Para Carvalho a informação que essa edição é revista e aumentada não é correta, porque ela manteve a mesma estrutura da 3ª edição. Nas edições seguintes, 1999 e 2007, houve apenas acréscimo de prefácio, sumário e índice onomástico na última edição. Frieira pretendia publicar seu material didático com professor, mas não o fez.

sentido, Frieiro discute sobre o livro “curioso”, “ridículo”, “singular”, “extravagante”, as questões das edições, *princeps* e primeiras edições, e destaca, em especial, o valor literário do livro.

O segundo texto desse grupo foi publicado no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, no ano de 1958, com o título “Os Livros Raros”, trata-se de palestra proferida pelo professor Giulio Davide Leoni em 22 de setembro de 1954 “por ocasião da inauguração da Exposição de Livros Raros organizada pela [...] Biblioteca Municipal de São Paulo, como parte dos festejos comemorativos do IV Centenário da Cidade.” (LEONI, 1958, p.7)<sup>133</sup>.

---

<sup>133</sup> Giulio Davide Leoni (1902-1973) era italiano, professor universitário formado em Bolonha, foi catedrático de Língua e Literatura Italiana na PUC-SP e na Universidade Mackenzie, e professor de Biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política, em São Paulo. Transferiu-se para o Brasil em 1939. Residiu e faleceu em São Paulo.

Fonte: GUÉRIOS, R. F. M. A língua italiana para os brasileiros. **Jornal de Filologia**, São Paulo, ano 3, 1955, v.3, n.7, 8, 9, p. 201-2014. (Resenha).

Ao contrário de Frieiro, Leoni posiciona-se no sentido de apresentar um conceito para o livro raro. O orador falou inicialmente sobre a importância do livro e as implicações do adjetivo raro. Leoni abordou as distinções entre o preço do livro raro (comercial) e seu valor (cultural) como acepções distintas:

a raridade deve ser procurada em outro campo e sob outros aspectos. [...] Os livros podem, então, ser raros por várias razões [...] para o tipógrafo, o fabricante de papel, o editor, o livreiro, o livro é um produto industrial e comercial; para o autor e para o leitor mostram o caráter de uma construção do pensamento que encontra a sua concretização nas folhas impressas; para o bibliotecário, o paleógrafo, o filólogo bibliófilo representam unidades, objetos, documentos. Têm alma e corpo: particularmente uma consistência material que ajuda a lembrar o conteúdo. (LEONI, 1958, p. 10).

Leoni apontou uma série de características e circunstâncias que dão ao livro o caráter de raro, esclarecendo que há “muitas maneiras de classificar o livro raro: cada estudioso estudou um esquema com várias e complicadas categorias, às vezes simples demais, às vezes verdadeiras charadas.” (LEONI, 1958, 11-12). Por isso propõe seu próprio esquema:

É preciso ter presente uma grande e fundamental divisão: livros raros pelo conteúdo e livros raros pela edição. Quanto ao livro raro pelo conteúdo, eu dividiria esta parte em três grupos:

- a) devido à língua;
- b) devido ao assunto;
- c) devido a circunstâncias especiais.

Quanto ao livro raro pela edição, eu proporia uma divisão em três grupos principais:

- a) devido ao tempo;
- b) devido ao lugar;
- c) devido à quantidade.

Esses três grupos principais deveriam estar assim divididos:

- a) livros raros pela edição devido ao tempo: podemos ter os incunábulos e as edições príncipes;
- b) livros raros pela edição devido ao lugar: esse lugar pode ser indicado ou do ponto de vista geográfico ou pela tipografia;
- c) livros raros pela edição devido à quantidade: a causa principal é a tiragem ou qualquer outra circunstância especial entre as múltiplas que o acaso pode determinar. (LEONI, 1958, p. 12).

O palestrante concluiu sua fala demonstrando que os livros raros selecionados para exposição da biblioteca Mário de Andrade eram os exemplos reais (corpo e alma) dos elementos de raridade por ele elencados. O esquema empírico de Leoni possui alguns itens que deixam margens para incertezas, por exemplo: “circunstancias especiais” e “o acaso”, pois são extremamente vagos e passíveis de muitas interpretações e ambiguidades. Apesar de ser um discurso proferido em uma biblioteca e direcionado para o acervo que ela abrigava, ele inscreve-se, sobretudo, no campo da Bibliofilia.

O último texto do grupo é *O Bibliófilo Aprendiz*, de Rubens Borba de Moraes. A leitura desse ensaio levou em consideração 3 edições da obra (1965, 1998, 2005). Moraes assinala que a raridade é potência que faz parte de todo livro e que, de acordo com a trajetória de cada obra, as vicissitudes de sua existência podem torna-la rara. Nesse sentido, os níveis de raridade são acionados, sobretudo, no âmbito do comércio livreiro pelos comerciantes, por meio das Bibliografias de Livros Raros:

um livro começa sua carreira sendo "comum"; passa a ser "escasso"; torna-se "raro"; e acaba sendo "raríssimo". Há, na escala, graduações e sutilezas que os livreiros usam nos anúncios. Há o livro "escasso e procurado", o livro "raro com a folha de erratas" ou "com as capas da brochura". Quanto aos adjetivos "raro" e "raríssimo", há um verdadeiro abuso dos livreiros. Não lhes bastam mais essas expressões nesse mundo de publicidade intensa. Inventam termos miríficos: "de toda raridade", "da maior raridade", "inachável" e não sei mais quê. Geralmente, o bom bibliófilo desconfia de tanto superlativo. Prefere, em tais casos, comentários mais positivos e menos encomiásticos. **O livreiro competente, que não usa de publicidade Coca-Cola, prefere mencionar simplesmente que o livro não se encontra numa das grandes livrarias sabidas ricas no assunto ou não é citado numa bibliografia especializada.** (MORAES, 2005, p. 46, grifo nosso).

Para Moraes, a raridade é valor. E o valor é sempre algo atribuído. Serão as atribuições de valores que irão contribuir para a definição da raridade. É nesse momento

que ele recorre à Teoria da Raridade na Bibliofilia e os qualitativos que são atribuídos ao livro para que ele entre nessa categoria:

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. **A procura é que torna um livro valioso. O que o torna procurado é ser desejado por muita gente, e o que o faz desejado é um conjunto de fatores, de particularidades inerentes a cada obra.**" (MORAES, 2005, p. 67, grifo nosso).

Os qualitativos são, por sua vez, veiculados em Bibliografias e Moraes explica a sua importância para o bibliófilo:

**Para se formar uma boa coleção é preciso conhecimento do assunto. Esse conhecimento é adquirido em livros. Digo bem em livros e não num livro. Não existe bibliografia completa e infalível. Todas contêm omissões e enganos. Daí a necessidade de adquirir as melhores e usá-las conjuntamente.**

Um colecionador sem bibliografias é um operário sem ferramentas. Dificilmente poderá formar uma boa coleção. (MORAES, 2005, p. 108).

Os mesmos argumentos da Bibliofilia explícitos por Moraes acerca do direcionamento para o conceito de livro raro está presente em *O que é livro raro* de Ana Virginia Pinheiro, obra que a partir de 1989 repercutirá em todas as demais produções que se dedicaram ao conceito do livro raro no contexto da produção biblioteconômica nacional. Salientamos que os argumentos da Bibliofilia são os mesmos, contudo o livro de Moraes (edição de 1965) não é citado no livro de Pinheiro (1989).

Pelo exposto, apenas Leoni e Moraes se posicionam em direção à definição do livro raro. Friero não tem essa pretensão, contudo, é inegável sua contribuição para a compreensão dos universos dos livros no contexto do colecionismo. Nos textos dos três autores o fundamento central é a Bibliofilia. Nesse sentido, demarcar que os três autores

foram, também, professores de Biblioteconomia no Brasil nos permite reforçar que as recepções de seus textos no ensino da Biblioteconomia estiveram/estão presentes na formação de bibliotecários brasileiros. Uma pesquisa na Biblioteconomia dedicado exclusivamente à Bibliofilia no Brasil é a tese de Oto Dias Becker Reifschneider, defendida em 2011, na qual o autor se dedicou também a estudar o livro raro. Sua abordagem perpassa o que chamou de “estudos do livro” compreendendo a História do Livro, História da Leitura e a Bibliofilia. Moraes e Frieiro fazem parte da pesquisa de Reifschneider. Apesar da definição da raridade não ser objetivo de sua tese, pode ser notado que os apontamentos de Reifschneider tem por referência os qualitativos da Bibliofilia.

### **5.1.2 Biblioteca Nacional Brasileira**

O segundo grupo de textos que analisamos que apresentamos nossas análises refere-se à produção da Biblioteconomia dedicada a relatar as primeiras experiências institucionais da Biblioteca Nacional brasileira, especialmente em termos do gerenciamento de acervos raros da instituição e seu impacto como biblioteca referência para as demais bibliotecas do país.

Essa seção inicia com os trabalhos de Silva (1981), Horch (1982), Cunha (1987), posto serem os pioneiros na divulgação dos trabalhos da Biblioteca Nacional (BN) brasileira e suas ações desenvolvidas para garantir a preservação e o acesso aos livros raros resguardados em seus acervos. Em seguida, destacamos o livro *O que é livro raro?*, de Ana Virgínia Pinheiro (1989), PLANOR (2000) e os artigos de Andrade e Cantalino (2003), Rodrigues e Faro (2008), Arendt (2012), Souza (2012), Rodrigues, J. G. (2012), Vilela, et

al (2012), Araújo, D.M. P. (2012), Ferraz e Silva (2012), todos oriundos das edições do ENAR (FBN-PLANOR).

Um texto que antecede as publicações acima dispostos, não dedicado ao conceito de livro raro, mas que demonstra depender dessa conceituação para realizar o trabalho de identificação, inventário e catalogação de livros raros é o artigo “Levantamento bibliográfico de obras raras e/ou preciosas”, publicado em 1978 na *R. Dep. Bibl. Hist.* por Cila Milano Vieira e Leyla Gama. O relato das autoras dá ênfase às metodologias adotadas para a catalogação de livros antigos. No texto é possível verificar a necessidade do estabelecimento de categorias e características que balizem a identificação dos livros. Nesse sentido, dentro dos movimentos de bibliotecários e instituições para a organização de acervos antigos no Brasil, o artigo “Catalogação de obras raras e valiosas”, publicado por Maria Luiza do Espírito Santo Silva na *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* em 1981, é relevante dentre os demais de sua década por despontar como uma tentativa de metodologia para a organização de livros raros em bibliotecas institucionais, no caso da autora, um relato de experiência da UNICAMP. No artigo, Silva (1981) destacou a importância dos livros raros como testemunhos vivos de uma época e por isso a necessidade das bibliotecas os preservarem. Sobre o conceito de livro raro, apresentou o trabalho desenvolvido pela Seção de Catalogação da Biblioteca Central da UNICAMP, no qual está expresso que:

Este trabalho é o resultado de paciente compilação de opiniões, bem como de experiências próprias. Foi, porém, motivado pela certeza da falta quase total de material para pesquisa, pelo desejo de prestar serviços e também para transmitir o mínimo conhecimento que temos, aos que se iniciam no estudo do assunto e necessitam abrir caminho, através do emaranhado de grandes e autorizados trabalhos sobre o fascinante campo das obras raras e valiosas.

[...]

Como sabemos, o conceito de raridade, sendo relativo ao tempo e ao espaço, é passível de interpretações, quanto ao equilíbrio de valores extrínsecos como: escrita, ilustração, encadernação; e principalmente os intrínsecos: bibliográficos e particularidades, que tornam as obras raras, preciosas ou curiosas, deixando, portanto, de ser absoluto. (SILVA, 1981, p. 61).

A autora apresenta também a metodologia de trabalho com os livros raros, que teve duas fases. A primeira foi a identificação e seleção de livros por meio dos critérios abaixo descritos:

Quando deparamos com uma obra que aparenta raridade, de imediato fazemos uma análise obedecendo um código de regras, tais como:

1. Se foram impressas antes do ano de 1600;
2. Se são nacionais, anteriores ao ano de 1820;
3. Se são livros de edição limitada (300 ou menos);
4. Se são primeiras edições;
5. Se são exemplares autografados;
6. Verifica-se as capas, ilustrações, papel fino;
7. Verifica-se gravuras, retratos, etc.;
8. Se são manuscritos, etc.

Feito isso, passamos a pesquisa para o nosso instrumento de identificação de obras raras, ou seja: o Brunet e o Graesse, (SILVA, 1981, p. 62).

Para a segunda fase – a catalogação –, a autora constituiu um panorama referente aos processos de descrição da página de rosto, do título e subtítulo, da edição; das descrições físicas; pesquisas sobre autoria, dentre outros. O relato demonstra que as diretrizes para a definição do livro raro na Biblioteca Central da UNICAMP adotavam por referência os elementos de definição de livros antigos do campo da Biblioteconomia (datas de corte, para citar apenas um exemplo de critério adotado por manuais de catalogação como o AACR2 e ISBD(A) naquele período); e com o universo da Bibliofilia –

confirmado pelo uso das bibliografias de Brunet<sup>134</sup> e Graesse<sup>135</sup> para a identificação de raridade.

No ano de 1982, em edição dedicada ao livro, o periódico *Comunicações e Artes* publicou o artigo de Rosemaire Erika Horch – “O livro raro no Brasil”. A autora se dedica a apreender o significado da palavra raro e sua direta ligação com a escassez, destacando que existem “também vários fatores, para que ao livro seja atribuído o qualificativo de raro.” (HORCH, 1982, p. 63). Ela enumera a antiguidade; aspectos relacionados à feitura do livro (materiais, técnicas, artesãos, artistas); a escassez – “O fogo, a água e as guerras foram fatores externos que contribuíram grandemente para a raridade de certas obras” (HORCH, 1982, p. 65); tiragens reduzidas de exemplares; livros esgotados e que apenas poucas instituições possuem; a censura; e as marcas de uso como os fatores que influenciam a raridade bibliográfica.

Para abordar “livro raro no Brasil”, Horch destaca o comércio de livros raros no país, no qual enfatiza que o livro raro tem como contexto a bibliofilia, o comércio livreiro e as bibliotecas, contudo, não apresenta uma abordagem história sobre esse contexto. O apontamento da autora sobre a definição de critérios e, para isso, a adoção da pesquisa bibliográfica enquanto estrutura metodológica de organização de acervos na Biblioteconomia brasileira, evidencia estreita similaridade com as práticas do fenômeno bibliofílico da raridade.

---

<sup>134</sup> BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*: contenant 1° Un nouveau dictionnaire bibliographique ... 2° Une table en forme de catalogue raisonné .... Cinquième édition originale entièrement refondue. Paris: Librairies de Firmin Didot frères, fils et Cie..., 1860-1865. 6 v. + suplemento (2v.).

<sup>135</sup> GRAESSE, Johann Georg Theodor. *Trésor de livres rares et précieux, ou Nouveau dictionnaire bibliographique*,... Dresde : R. Kuntze, 1859-1869. 7 tomes en 8 vol. in-4°.

O próximo texto que convocamos para a discussão trata-se de uma palestra proferida pela bibliotecária Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha – *A política do livro antigo no exterior e no Brasil* – quando de sua presença nas solenidades de lançamento do *Levantamento Bibliográfico Parcial de Obras raras e/ou valiosas da Biblioteca Riograndense*, tendo sido publicada em 1987 na revista *Biblos*. A autora destaca as questões técnicas, metodológicas e institucionais que envolvem a catalogação do livro raro no Brasil, dando exemplos de profissionais e instituições que têm demandas prementes quanto à identificação e catalogação de livros raros no país.

Cunha (1987) confere destaque ao modo como a Informática, em especial o computador, a partir da segunda metade do século XX impactou as bibliotecas institucionais e potencializou os processos de catalogação de acervos, contribuindo, por sua vez, para criação de linguagens universais específicas

para identificação dos dados catalográficos: I.S.B.D. - *International Standard Bibliographic Description* aplicada às monografias e que, utilizada juntamente com as regras catalográficas do *Anglo American Cataloging Rules*, 2ª edição, que tornaram compatíveis os dados catalográficos com as áreas específicas numa planilha. Cada país criou um sistema aplicável ao computador – sistemas nacionais – aplicando as mesmas regras do I.S.B.D. e A.A.C.R. (CUNHA, 1987, p.95).

Nesse contexto, sobre o livro raro a autora explicou que

Em relação à aplicabilidade dos processos automatizados em bibliotecas, ocorrem várias abordagens. A mais ligada ao assunto livro raro, livro antigo, é a que se orientou para os estudos da Renascença e Humanismo nos países europeus; tal interesse permitiu que as grandes coleções bibliográficas se voltassem para a preservação de um acervo que vem sendo, cada vez mais, difícil de se encontrar fora de instituições, iniciando levantamentos parciais de livros dos séculos XVI, XVII. Alguns países, ampliando os conceitos de livro antigo, livro raro, criaram programas para os séculos XVIII e XIX. Não satisfazendo as regras do ISBD (M), foram feitas pela IFLA alterações criando-se o ISBD (A) para livros impressos até 1840. A Biblioteca do Congresso passou a utilizar suas regras específicas, normalizadas no R.B.D.B. A difusão desses levantamentos criou vários centros de atividade. (CUNHA, 1987, p.96).

Os centros de atividades dedicados ao livro antigo e raro em países como França, Inglaterra, Itália, Alemanha e Espanha demonstravam, sobretudo, esforços para preservação; catalogação e gestão de dados (inventários, catálogos coletivos, índices, bibliografias); e as tentativas para “modernizar seus métodos de inserir seus acervos num contexto maior” (CUNHA, 1987, p.97). Havia, contudo, obstáculos a serem vencidos:

A grande dificuldade consiste na enorme dispersão dos fundos antigos em uma multidão de bibliotecas e na insuficiência da catalogação desses fundos, bem como na diversidade dos programas automatizados que, para se entrosarem, necessitam de compatibilização, também automática. Por isso várias reuniões internacionais, para tratar especificamente do problema do livro antigo, vêm sendo levadas a efeito em períodos que variam de um a três anos, nas quais são debatidos as normas, os trabalhos em curso e as notícias sobre os catálogos coletivos que agruparão todos os levantamentos feitos, visando a reunir as coleções nacionais. (CUNHA, 1987, p.97).

Tratando especificamente da Biblioteca Nacional brasileira a autora explicou que um local reservado para “o fundo antigo da Real Biblioteca [...] sempre foi mantido no grande acervo, um espaço chamado Reservado, no qual as preciosidades bibliográficas estavam protegidas.” Contudo, foi em 1946 que foi criada “uma seção especial para abrigar o acervo raro e precioso”, quando foram publicados catálogos de fundos antigos e surgiram programas de recatalogação e inventários de livros antigos. Seguindo os movimentos das bibliotecas nacionais no exterior a administração da Biblioteca Nacional “voltou-se para o estudo do problema do livro raro, alertada pelo conhecimento dos levantamentos estrangeiros, cujas notícias chegavam através dos congressos internacionais.” (CUNHA, 1987, p. 98). No desenvolvimento desses trabalhos, uma comissão de bibliotecárias da BN elaborou um documento com os critérios para a qualificação de livros antigos, dentre elas Lygia da Fonseca Fernandes Cunha, Cely de Souza Soares Pereira e Ana Virgínia Pinheiro.

O documento foi publicado como ordem de serviço 12/1984 em 25/09/1984 pela Diretora da Biblioteca Nacional, Maria Alice Barroso.

Figura 4 – FBN - Ordem de serviço 12/1984 – 25/09/1984

SÍMBOLO	DATA DA EMISSÃO	DATA DA EFETIVAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO
OS-GD/12	25.09.84.	25.09.84.	DIV/SEC/COORD/EDA/SIAH
ASSUNTO			
CRITÉRIOS PARA A QUALIFICAÇÃO DE OBRA RARA			
ANEXO			
<p>I - FINALIDADE</p> <p>Definir, no âmbito da Biblioteca Nacional, visando ao aperfeiçoamento dos serviços, os critérios empregados para a qualificação de obra rara.</p> <p>II - PRINCÍPIOS E DEFINIÇÕES</p> <p>1. Os critérios, comumente empregados para a qualificação de obra rara são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) todas as impressões dos séculos XV, XVI e XVII</li> <li>b) impressões do século XVIII até 1720</li> <li>c) obras editadas no Brasil até 1841</li> <li>d) edições de tiragens reduzidas</li> <li>e) edições especiais, de luxo, para bibliófilos</li> <li>f) edições clandestinas</li> <li>g) obras esgotadas</li> <li>h) exemplares de coleções especiais, em geral com belas encadernações e "ex-libris"</li> <li>i) exemplares com anotações manuscritas de importância, incluindo-se dedicatórias.</li> </ul> <p>2. Conforme interesses específicos de bibliotecas e/ou colecionadores, outros critérios podem ser acrescentados. No entanto, a classificação de qualquer obra dentro dos padrões citados exige um apoio bibliográfico, incluindo-se consultas a bibliografias, catálogos especiais com descrição de exemplares, conhecimento de história do livro e outras fontes de informação e referência.</p>			

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, PLANOR<sup>136</sup>

Pelo exposto, não somente a Biblioteca Nacional, mas também outras bibliotecas institucionais no Brasil tinham barreiras a serem transpostas para alcançar as exigências de ações especializadas requeridas para o trabalho com acervos antigos, dentre elas uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade. Assim, em 1989, em *O que é livro raro?*, Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro apresentou um manual visando auxiliar bibliotecas e profissionais do país a elaborarem critérios para seleção de livros raros. A autora apresentou o rol de critérios sob a perspectiva da Biblioteconomia, sem deixar de considerar os critérios da Bibliofilia. A publicação alcançou reconhecimento da comunidade bibliotecária do país que adotou esse livro como um referencial metodológico dedicado à identificação de livros raros. Até àquela data não havia textos semelhantes no campo da Biblioteconomia nacional. Pinheiro (1989) aponta três conceitos como essenciais para a compreensão da raridade: raro, precioso e único e enfatiza que eles são relativos. A autora explicita os pré-requisitos necessários para a identificação de um livro raro a partir do estabelecimento de cinco aspectos: limite histórico; aspectos bibliológicos; valor cultural; fundamentação em pesquisa bibliográfica; características do exemplar.

### **1 limite histórico:**

1.1 todo o período que caracteriza a produção artesanal de impressos – demarcado com as principais datas da evolução tecnológica do livro: do século XV, princípio da história da imprensa, até antes de 1801, marco do início da produção industrial de livros;

1.2 todo o período que caracteriza a fase inicial da produção de impressos em qualquer lugar – por exemplo, o século XIX, quando foram publicados os primeiros “incunábulo” brasileiros, com a criação da Imprensa Régia;

1.3 todo o período que caracteriza uma fase histórica, demarcada em função do conjunto bibliográfico (âmbito, objetivo, utilização, assunto,

---

136

Disponível

em:

<<https://www.bn.gov.br/sites/default/files/.../critérios-raridade.../critériosraridadefbn.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

etc.) e/ou do interesse do colecionador – por exemplo, uma coleção de primeiros números de diversos jornais.

**2 aspectos bibliológicos** dos volumes produzidos artesanalmente, independente da época da publicação:

2.1 Beleza tipográfica – obras graficamente artísticas;

2.2 natureza e características dos materiais utilizados como suporte na impressão, tais como: papel de linho, pergaminho, marcas d'água, tintas, encadernação originais luxuosas, edições de luxo;

2.3 ilustrações, desde que reproduzidas por métodos artesanais, não fotomecânicos, tais como: xilogravura, água forte, aquarela, etc.

**3 valor cultural**

3.1 edições limitadas e esgotadas, especiais e fac-similares, personalizadas e numeradas, críticas, definitivas e diplomáticas;

3.2 os assuntos tratados à luz da época em que foram pensados e escritos:

- obras científicas que datam do período inicial de ascensão daquela ciência;

- histórias de descobrimentos e de colonização;

- teses;

- obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte, tais como guerra, seca, fome...

- memórias históricas de famílias nobres e usos e costumes;

- edições censuradas, interditas e expurgadas;

- obras “desaparecidas”, face às contingências do tempo e da sorte;

- edições contrafeitas e emissões;

- edições príncipes, primitivas e originais;

- edições populares, especialmente, romances e folhetos literários, panfletos, papéis impressos, folhas volantes;

3.3 edições de artífices renomados e/ou considerados na história das artes que representam tais como tipógrafos, impressores, editores, desenhistas, pintores, gravadores, etc.

3.4 edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas.

**4 pesquisa bibliográfica**

4.1 nas fontes de informação bibliográficas, que vão apontar os seguintes caracteres da obra/exemplar:

a) unicidade e rareza, sob o ponto de vista de bibliógrafos, bibliófilos e de especialistas no assunto da obra – há que se considerar aqui, apenas, a classificação de uma obra/exemplar como o epíteto de única, como rara; e não com o de “única conhecida”; esta característica deve estar bem fundamentada em bibliografias de mérito reconhecido;

b) preciosidade e celebridade, referindo-se àquelas obras mais procuradas por bibliófilos – por quaisquer razões – e/ou mais estudadas por eruditos;

c) curiosidade - referindo-se àquelas obras em que o assunto foi tratado de maneira "sui generis" ou de apresentação tipográfica incomum;

4.2 nas fontes de informação comerciais, que vão avaliar, em espécie, cada unidade bibliográfica - o preço passa a ser indicador de "raridade".

**5 características do exemplar** – referindo-se aqueles elementos acrescentados a unidades bibliográficas em período posterior sua publicação:

5.1 marcas de propriedade: ex-libris, super-libris, assinaturas, indicando que aquele exemplar pertenceu a um conjunto bibliográfico de personalidade famosa e/ou importante, marcas de fogo;

5.2 marcas de artífices/comerciantes renomados e/ou considerados no mercado livresco, tais como encadernadores, restauradores, livreiros;

5.3 dedicatórias de/a personalidades famosas e/ou importantes. (PINHEIRO, 1989, p. 29-32, grifo da autora).

O livro de Ana Virgínia Pinheiro é um marco impactante na produção da Biblioteconomia sobre o livro raro no Brasil. Em nossa pesquisa, após a publicação de *O que é livro raro*, 95% da produção em B & CI sobre o assunto utiliza essa obra como referencial teórico, inclusive o Plano Nacional de Restauração de Obras Raras (PLANOR) da Fundação Biblioteca Nacional, quando da publicação de critérios em 2000.

Os avanços nas ações empreendidas pela Biblioteca Nacional e a necessidade de identificar o patrimônio bibliográfico no Brasil, bem como de orientar instituições que solicitavam apoio técnico, conduziram à criação do PLANOR, objetivando-se:

a) identificar os principais acervos de obras raras existentes em bibliotecas e instituições culturais;

b) orientar a organização e a catalogação desses acervos de acordo com as normas adotadas pela B.N. e manter intercâmbio com os catálogos internacionais de obras editadas dos séculos XV a XVIII;

c) elaborar o catálogo de obras raras existentes no país;

d) identificar e orientar o registro do acervo editado no país, a partir do século XIX, considerado raro;

e) dar assistência técnica na instalação de laboratórios de restauração e promover programas de treinamento de pessoal;

f) organizar campanhas nacionais de restauração de documentos em suporte papel;

g) definir técnicas e padrões de guarda e encadernação para material bibliográfico raro. (CUNHA, 1987, p. 100).

O cenário internacional de livros raros em bibliotecas europeias que empreenderam ações para catalogação automatizada, inclusive a padronização dos processos de descrição para intercâmbio de dados; a criação de centros de serviços dedicados ao controle do livro antigo (inventário e catálogos coletivos); e a ampliação do conceito de livro raro e antigo foram alguns dos fatores que influenciaram as políticas sobre o livro raro na Biblioteca Nacional brasileira, na qual a criação e atuação do PLANOR, como centro dedicado à identificação do patrimônio bibliográfico mundial e nacional, adotou por missão orientar instituições e profissionais sobre o panorama do livro raro no país. A atuação do PLANOR contribuiu, assim, para a formação continuada de bibliotecários por meio de cursos, fóruns de discussão e eventos profissionais. E, nesse sentido, o Encontro Nacional de Acervo Raro (ENAR) será um espaço privilegiado de encontro e capacitação de profissionais de acervos raros no Brasil. Os trabalhos apresentados nesse encontro foram/são publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional*. Nesse sentido, apresentamos no Quadro 5 aqueles selecionados e analisados em nossa pesquisa:

Quadro 7 – Categorias discursivas comuns - ENAR

N .	ANO/AUTOR	CONCEITO	LIVRO RARO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	CRITERIO RARIDADE
1	2003, ANDRADE; CANTALINO				
2	2008, RODRIGUES; FARO				
3	ARENDE, 2012				
4	SOUZA, 2012				
5	RODRIGUES, J. G. 2012				
6	VILELA, <i>et al</i> , 2012				

7	ARAÚJO, D. M. P., 2012				
8	FERRAZ; SILVA, 2012				
	<b>TOTAL POR CATEGORIA</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>7</b>	<b>7</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Podemos identificar que a maior parte da produção (87,5%), tendo-se em vista conceituar “livro raro”, adota como premissa o relato de experiência institucional e também recorrem ao livro de Pinheiro (1989) como subsídio para fundamentar os critérios de raridade - dos 8 trabalhos apenas 1 não cita essa referência. Apenas dois trabalhos centram a produção no conceito de raridade e nenhuma das publicações se dedica diretamente à história do livro raro no Brasil.

Um trabalho apresentado no ENAR que quebra o unísono da raridade na Biblioteconomia, é o artigo produzido por Andrade e Cantalino (2003) fruto da experiência do Grupo de Estudos Interdisciplinares da Raridade Documental (GEIRD). O trabalho discute a “relação entre uma “teoria crítica da raridade” e a abertura para uma “política cultural da raridade” (que privilegie uma participação solidária dos agentes interessados)” (ANDRADE & CANTALINO, 2003, p.51). A ruptura apresentada por esses autores será discutida em seção específica.

Pelo exposto acima, a Biblioteca Nacional brasileira, atentando para a importância dos acervos que resguarda, a competência e especialidade técnica dos profissionais que atuam em seu quadro, bem como a atuação do PLANOR, exerce grande influência nas práticas institucionais das demais bibliotecas do país, instituições, essas, que acabam se configurando como multiplicadoras do conceito de livro raro na B & CI, conforme notado o uso quase que homogêneo do conceito de raridade e dos critérios acionados para defini-lo. Nesse sentido, a raridade é construída a partir de discursos sobre

as práticas profissionais e institucionais da Biblioteconomia voltados, quase sempre, para a gestão de acervos.

### **5.1.3 Pesquisas**

Enquadram-se nessa seção a produção formada por Dissertações, Teses e trabalhos publicados no ENANCIB. Não afirmamos com isso que os demais trabalhos não são frutos de pesquisas – podemos verificar isso na categoria periódicos e publicações –, entretanto, de acordo com nossa proposição analítica, somente publicações nesses formatos foram selecionados para compor o grupo “pesquisa”.

Na categoria dissertações, Quadro 08, todos efetuam uma revisão acerca dos critérios de raridade. Desses trabalhos, 8 dedicam-se à definição da raridade. Novamente vemos o relato de experiência institucional relacionar-se, na maior parte da produção, tanto com os critérios de raridade quanto com a definição conceitual da raridade. Apenas 3 dissertações enfocam o livro enquanto patrimônio cultural – Gauz (1991), Fonseca (2014) e Santos (2015). Uma marca importante relacionada a esse grupo é a associação da raridade com a Formação e Desenvolvimento de Acervos, o que demonstra, mais uma vez, a questão da prática e da vivência profissional/institucional vinculada à gestão de acervos especiais. Relacionam-se, ainda, à construção do conceito de raridade e seus critérios de definição as questões de preservação, legislação e catalogação de acervos. Novamente o texto de Pinheiro (1989) é marca definitiva no referencial teórico dos pesquisadores da categoria “Dissertação”, exceto no caso da pesquisa de Gauz (1991).

Quadro 8 – Categorias discursivas comuns - Dissertações

N.	ANO/AUTOR	CONCEITO	LIVRO RARO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	CRITERIO DE RARIDADE
1	1991, GAUZ				
2	1995, FROES				
3	1996, RODRIGUES				
4	1998, MARDERO ARELLANO				
5	1999, ALVES				
6	2007, RODRIGUES, M. C.				
7	2011, SILVA				
8	2012, BATISTA				
9	2014, FONSECA				
10	2015, SANTOS				
	<b>TOTAL POR CATEGORIA</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>10</b>

Fonte: Elaborado pela autora

No grupo constituído pelas “Teses” os pesquisadores – apesar de não deixarem de lado a questão das instituições de guarda de acervos bibliográficos antigos, raros e especiais no país – não adotam como categoria discursiva a história do livro raro no Brasil ou mesmo a elaboração do conceito de raridade a partir de um relato de experiência institucional. Nesse cenário, a produção das pesquisas se posicionam quanto à Ciência da Informação e sua importância para a Biblioteconomia dedicada aos livros raros. Como recorrente em outros grupos analisados, a construção do conceito de raridade não se dissocia do estabelecimento de critérios, contudo, apenas a tese de Greenhalgh (2014) utiliza o texto de Pinheiro (1989) e demais releituras dos critérios da autora em artigos posteriores a essa data como base para seus fundamentos.

Quadro 9 – Categorias discursivas comuns - Teses

N.	ANO/AUTOR	CONCEITO	LIVRO RARO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	CRITERIO DE RARIDADE
1	2011, REIFSCHNEIDER				
2	2014, GREENHALGH				
	<b>TOTAL POR CATEGORIA</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O grupo formado pelos textos apresentados e publicados nos anais do ENANCIB é composto por apenas dois trabalhos, nos quais há a preocupação com a definição do livro raro. As autoras rompem, relativamente, com a hegemonia dos critérios de raridade ao construírem o conceito de raridade associado ao conceito de patrimônio cultural, mais especificamente, ao conceito de patrimônio bibliográfico. Contudo, o recurso da definição da raridade por meio de critérios específicos é a mesma das demais produções analisadas em nossa pesquisa.

Quadro 10 – Categorias discursivas comuns - ENANCIB

N.	ANO/AUTOR	CONCEITO	LIVRO RARO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	CRITERIO RARIDADE
1	2014, GAUZ				
2	2014, SANTOS; CARVALHO				
	<b>TOTAL POR CATEGORIA</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Tal como pode ser observado, os trabalhos agrupados nessa seção demonstram o amadurecimento das pesquisas em torno da definição do livro raro no Brasil. Quadro que se relaciona à influência das práticas institucionais das bibliotecas; à recorrência discursiva da raridade a partir do protagonismo da Biblioteca Nacional; aos levantamentos bibliográficos das pesquisas – que demonstram que as publicações sobre a raridade na B & CI cresceram; e ao estabelecimento de referenciais teóricos a partir do Patrimônio Cultural e da Ciência da Informação. Nesse grupo, apenas Santos e Carvalho (2014) citam Pinheiro (1989).

### 5.1.4 Publicações: livros, manuais, periódicos

Nessa seção pretendemos apresentar as análises gerais para as categorias “publicações” e “periódicos”, adotando como estratégia a demarcação de um olhar evolutivo sobre essa produção a partir de uma linha temporal. Se observamos a produção por décadas (Gráfico 2) temos como marcos dessa linha temporal o seguinte conjunto de publicações:

- Década de 1940: apenas duas edições do livro de Eduardo Frieiro (1941, 1945).
- Década 1950: terceira edição de *Os livros nossos amigos*, de Frieiro (1957) e a palestra de Leoni (1958) na abertura da exposição de livros raros na Biblioteca Pública Mário de Andrade, em São Paulo.
- Década de 1960: *O bibliófilo aprendiz* (1965), Moraes.
- Década 1970: há artigos que refletem a preocupação com as práticas biblioteconômicas (identificação de livros para atividades técnicas, como inventário e catalogação), mas não se dedicam ao conceito do livro raro, por isso não foram incluídas na pesquisa.
- Década 1980 – no geral, os discursos refletem a preocupação com as práticas biblioteconômicas (identificação de livros para atividades técnicas, como inventário e catalogação). A publicação de Pinheiro (1989) é um marco nas discussões sobre a raridade no Brasil, citado em 95% dos trabalhos produzidos após essa publicação.
- Década 1990 – permanecem as preocupações com práticas biblioteconômicas e aumentam os números de publicações que relatam experiências institucionais. A centralidade das discussões giram em torno dos critérios de raridade. Surgem as primeiras dissertações dedicadas ao tema.
- Década de 2000-2009 – os critérios de raridade permanecem como o centro da discussão da área. As obras produzidas por Pinheiro (1989), Sant’Anna (2001), Rodrigues, M.C (2006), consolidam-se como referências mais citadas por outros autores.
- Período de 2010-2015 – os critérios de raridade deixam o centro da discussão, mas ainda se mostram presentes. A busca pelo conceito de livro raro passa a ser

uma necessidade associada às discussões do patrimônio cultural, quer seja especificamente o patrimônio bibliográfico ou a legislação de proteção ao patrimônio. Segurança, digitalização e Ciência da Informação são temas presentes na produção desses cinco anos.

Na categoria “Publicações”, Quadro 11, os autores se dedicaram a discutir o conceito de livro raro adotaram como referencial Moraes (1965, 1998, 2005), Pinheiro (1989) e PLANOR, 2001. Como já exposto na primeira seção de nossas análises, Frieiro e Moraes se inscrevem no contexto da Bibliofilia, e Pinheiro e PLANOR são referenciais para a construção dos discursos de raridade nos demais trabalhos da B & CI. Novamente o conceito de raridade e os critérios de raridade se inter-relacionam para a definição do livro raro. A construção do discurso de raridade a partir de relatos de experiências institucionais corresponde à menos da metade da produção desse grupo. Apenas um trabalho, o de Vilela, *et al* (2012) não apresenta uma definição conceitual para o livro raro. Nessa categoria, o trabalho de André Araújo (2015) rompe com a circularidade da definição de raridade presente na produção intelectual da Biblioteconomia ao apresentar uma crítica epistemológica da raridade, apontando caminhos para a compreensão desse qualificador para além da construção “conceito-critério-discurso institucional”.

Observando o Quadro 12, podemos ver como as categorias discursivas acionadas para a definição da raridade se apresentam na produção da B & CI divulgada em periódicos. Novamente há uma explícita conexão dos critérios de raridade com a discussão conceitual do livro raro. O relato de experiência institucional e a história do livro raro no Brasil ocupam metade dessas relações, contudo, são simultâneas apenas no texto de Cunha (1987).

Quadro 11 – Categorias discursivas comuns - Publicações

N.	ANO/AUTOR	CONCEITO	LIVRO RARO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	CRITERIO DE RARIDADE
1	FRIEIRO, 1941, 1945, 1957, 1980				
2	MORAES, 1965, 1998, 2005				
3	PINHEIRO, 1989				
4	CAMARGOS, 2000				
5	PLANOR, 2000				
6	HORCH, 2003				
7	PINHEIRO, 2009				
8	VILELA, 2012				
9	ARAÚJO; CARVALHO; PONTELO, 2015				
10	ARAÚJO, A. V. F., 2015				
11	PINHEIRO, 2015				
	<b>TOTAL POR CATEGORIA</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>8</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 12 – Categorias discursivas comuns - Periódicos

N.	ANO/AUTOR	CONCEITO	LIVRO RARO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	CRITERIO DE RARIDADE
1	LEONI, 1958				
2	SILVA, 1981				
3	HORCH, 1982				
4	CUNHA, 1987				
5	PINHEIRO, 1990				
6	SANT'ANNA, 1996				
7	SANT'ANNA, 2001				
8	PINHEIRO, 2003				
9	CARTERI, 2005				
10	NARDINO; CAREGNATO, 2005				
11	RODRIGUES, M. C., 2006				
12	SILVA; FREIRE, 2006				
13	PINHEIRO, 2006				
14	RODRIGUES, J. G., 2007				
15	REIFSCHNEIDER, 2008				
16	GREENHALGH, 2011				
17	RODRIGUES, M. C., 2011				
18	GREENHALGH; MANINI, 2013				
19	ANTUNES, 2013				

20	SANTA'ANNA; PEREIRA; AZEVEDO; POLESE, 2014				
21	GREENHALGH; MANINI, 2015				
22	GAUZ, 2015				
<b>TOTAL POR CATEGORIA</b>		<b>15</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>13</b>

Fonte: Elaborado pela autora

### 5.1.5 Rupturas necessárias: crítica epistemológica da raridade

Pelo exposto até o momento, a construção do conceito de livro raro na B & CI no Brasil perpassa, regra geral, a definição de critérios de raridade e pela pesquisa bibliográfica associados aos discursos e práticas profissionais e institucionais de bibliotecas específicas. Nessa seção apresentamos os trabalhos que rompem com essa circularidade, a saber: Sant'Anna (1996, 2001), Andrade e Cantalino (2003) e Araújo (2015).

No ano de 1996 o bibliotecário Rizio Bruno Sant'Ana publicou o artigo “Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade”, na *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. Sant'Ana fez um levantamento sobre o conceito de livro raro considerando a perspectiva de colecionadores e de bibliotecas institucionais visando fundamentar sua perspectiva, para tanto o autor convocou autores que ratificam as dicotomias sobre a raridade bibliográfica entre uma e outra esfera – em resumo, as distinções da biblioteca privada e a de caráter público. Para os colecionadores, o valor de mercado, retroalimentado pela escassez e, assim, a procura de livros, contribui para a definição da raridade bibliográfica. Por outro lado, Sant'Anna explicou que

as bibliotecas como locais de pesquisa, naturalmente tendem sempre a valorizar o aspecto histórico da obra ao avaliar a sua importância. [...] Para essas instituições, a definição do que é uma obra rara passa necessariamente pela análise histórica dos aspectos ligados ao modo como os livros foram produzidos, independente da quantidade de exemplares existentes ou de seu valor de mercado. (SANT'ANA, 1996, p. 234).

O autor apresentou ainda os manuais de catalogação para livros antigos e raros (AACR2, ISBD(A), DCRB<sup>137</sup>) e como os mesmos definem tais documentos. As “normas de catalogação utilizadas por bibliotecas definem como raros todos os livros publicados até 1801, independente do número de exemplares existentes.” (SANT’ANA, 1996, p. 237). Para as discussões sobre os critérios de raridade em bibliotecas públicas o autor chamou a atenção para um problema: as definições de critérios de raridade em bibliotecas institucionais correm o risco de se desvincularem de uma compreensão de patrimônio e de memória inerente ao livro. Em função disso, demarca que:

Em 1989, a Biblioteca Nacional publicou um folheto reunindo vinte e um catálogos de bibliotecas brasileiras, publicados no século XIX, e quarenta e três catálogos de obras raras produzidos por bibliotecas brasileiras no século XX. A análise de alguns desses catálogos mostra que, na sua maioria, os responsáveis pela publicação dessas obras de referência não indicam quais foram os critérios de raridade utilizados ou qual a política da instituição nessa área. Em geral, são incluídas obras dos séculos XIX e XX, sem uma justificativa precisa dos motivos que levaram a essa inclusão. (SANT’ANA, 1996, p. 239).

Ainda sobre esse folheto, o autor destaca que dentre as “várias fontes bibliográficas utilizadas para indicação de raridade, é citada especificamente o *Trésor des livres rares et précieux*, de Jean Théodore Graesse” (SANT’ANA, 1996, p. 240). Contudo, a instituição que adotou essa bibliografia como fonte para definição do livro raro assim o fez por seguir as orientações prescritas pelo PLANOR (2000) sem explicar quais as necessidades de adoção dessa bibliografia no contexto daquela Biblioteca. Assim observado, Sant’Anna alerta novamente: “Ressalta-se que, no desenvolvimento dos trabalhos do PLANOR, uma obra apenas mencionada no ‘Graesse’, mesmo sem citação de raridade é considerada rara” (PARÁ apud SANT’ANA, 1996, p. 240).

---

<sup>137</sup> DCRB: *Bibliographic Description of Rare Books*.

Para Sant'Anna a adoção de fontes enquanto recurso para a indicação de raridade “denota o uso cuidadoso de um subsídio importante nesse tipo de trabalho.” (SANT'ANA, 1996, p. 240). No entanto, era necessário refletir sobre essas fontes, uma vez que a análise do livro deve ser um procedimento individualizado. Ao tratar sobre esse ponto Sant'Ana cita Pinheiro (1989) e afirma que dos cinco itens da metodológica dedicada à definição de raridade proposta pela autora (1. limite histórico; 2. aspectos bibliográficos; 3. valor cultural; 4. pesquisa bibliográfica; e 5. características do exemplar) os itens 1 e 2 englobavam “aquilo que é em geral considerado raro, nos outros itens aparecem obras que dependerão da análise de cada caso, para uma correta indicação de raridade.” (SANT'ANA, 1996, p. 241).

Quanto às obras de referência, Sant'Anna afirma que “a citação de uma obra em uma fonte bibliográfica importante ou um famoso catálogo de leilão não é garantia de que a obra seja rara.” (SANT'ANA, 1996, p. 241). Ao afirmar isso, o autor se opõe aos apontamentos de Pinheiro quanto à adoção de bibliografias como fonte de indicação de raridade baseada na livre escolha do bibliotecário e do bibliófilo em termos de qual(is) bibliografia(s) melhor atende(m) os desejos de formação de uma coleção de livros raros. Aprofundando seus questionamentos, Sant'Ana ressalta que:

Essa é uma afirmação por demais abrangente para poder servir de base para uma política de seleção e desenvolvimento de uma coleção significativa de livros raros, dentro de uma biblioteca pública, servindo mais para alguns colecionadores que queiram criar um acervo de interesse específico. De todo modo, a política da instituição que guarda um acervo considerado raro deverá ditar os limites daquilo que for merecedor de uma proteção maior [...]. (SANT'ANA, 1996, p. 241).

Visando indicar os aportes acionados pela Biblioteca Mário de Andrade em termos de definição e dos critérios de raridade que pautam a formação de suas coleções,

Sant'Anna relata exemplos de alguns grupos de estudos sobre livros raros no Brasil, conferindo especial atenção aos elementos definidores da raridade bibliográfica. Feito isso, o autor apresenta a história da Biblioteca (e da Seção de Obras Raras); os critérios iniciais definidos por Rubens Borba de Moraes – seus desdobramentos, divergências e avaliação de transferência de acervo; e o estabelecimento, a partir de 1992, de critérios estruturados em níveis de raridade. Para a elaboração desse último ponto Sant'Anna afirma que foram

discutidos todos os aspectos intrínsecos e extrínsecos que determinam a raridade absoluta ou relativa de uma obra, tomando por base tanto as informações de vários autores que escreveram sobre o tema como o conhecimento da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria de Almeida Camargo e a prática vivenciada pelos funcionários da Seção. (SANT'ANA, 1996, p. 248).

Ao final o autor conclui que os critérios da Biblioteca Mário de Andrade são diretrizes e não uma “camisa-de-força”. Para sua aplicação torna-se imprescindível a pesquisa em obras de referência “sobre encadernações raras e artísticas, fac-símiles de obras raras, catálogos de leilões, bibliografias [...] periódicos específicos sobre obras raras, bem como da literatura recente sobre o tema.” (SANT'ANA, 1996, p. 250). Pelo exposto, a Biblioteca ampliou as tipologias de obras que auxiliavam à identificação de raridade, não ficando restrita somente às bibliografias e catálogos especializados, uma vez que incluiu, também, textos teóricos sobre o universo do livro.

O artigo de Sant'Ana (1996) tem como base estruturante um amplo levantamento bibliográfico sobre o livro raro no Brasil e exterior até aquela data. Apesar de manter a prática do apontamento de critérios de raridade, as reflexões do autor vão além das recomendações prescritivas sobre os livros raros, propondo, sobretudo, análises críticas baseadas nas publicações sobre a temática.

Em 2001 Rizio Bruno Sant’Ana publicou o artigo “Critérios para definição de obras raras”, na *Revista Online da Biblioteca do Prof. Joel Martins*. O texto do autor é uma permanência daquele publicado em 1996, no qual rediscute os mesmos pontos abordados naquele ano, com exceção para “as normas presentes nos principais códigos de catalogação de obras raras” que receberam a inclusão de “textos recentemente disponibilizados na Internet” (SANT’ANA, 2001, p. 1).

O segundo trabalho que estabelece uma crítica à raridade é a pesquisa de Andrade e Cantalino (2003) no qual propõem-se a compreender a interlocução do conceito de raridade e sua(s) apropriação(ões) na prática institucional das bibliotecas. Para isso, realizam uma “crítica epistemológica do conceito de raridade”:

fundamentada na contribuição de algumas elaborações contemporâneas da lógica, da teoria da argumentação e da filosofia da linguagem – **o conceito de raridade, longe de designar uma realidade definitiva, material, verificável e constatável, é, sobretudo, o resultado de um acordo fundamentalmente discursivo e de caráter retórico, de que participam (ou, pelo menos em tese, deveriam participar) todos os agentes culturais interessados.** Dito de outro modo, a proposta de avaliação crítica dos critérios de identificação do valor de raridade sugerida pelo Grupo pretende instaurar o debate, o diálogo, a livre comunicação como único foro legítimo em que se determinaria, sempre de modo contingente e relativo, o valor de um documento, ou seja, a sua importância mesmo, aquilo que, em última análise, define o livro como sendo raro ou não. No lugar de procurar as marcas distintivas de um documento num inventário técnico impossível de ser completado, a nossa pesquisa se dirige à própria linguagem e nela mesma procura inventariar as formas discursivas de que os interessados (todos possíveis) lançam mão para defenderem publicamente a atribuição deste nobre epíteto aos documentos que creem merecê-lo. (ANDRADE & CANTALINO, 2003, p.51-52, grifo nosso).

Nesse sentido, os autores estabelecem uma interface da teoria crítica da raridade com a política cultural e a cidadania, a saber:

**a classificação de um objeto como raro depende sempre da adoção de uma certa perspectiva (de informação e interesse) e que nenhuma perspectiva é, por direito natural ou a priori, superior a qualquer**

**outra.** O caráter político desta crítica epistemológica se confirma na admissão, como já dissemos, livre e responsável, de qualquer cidadão interessado ou na constituição de um valor que será, a qualquer tempo, sempre determinado no sentido histórico e cultural. É esta abertura dos juízos de valor para o campo da argumentação pública que permite a esta teoria a elaboração de um ideal político de cultura que integre a participação e a troca simbólica dos diversos agentes culturais envolvidos na construção do sentido designado pela palavra “raro”. (ANDRADE & CANTALINO, 2003, p.52, grifo nosso).

A crítica dos autores é “um questionamento filosófico sobre o sentido da proposição “este livro é raro (ANDRADE & CANTALINO, 2003, p.53). A conclusão apresentada por eles é a de que

**Dizer algo sobre a raridade de um livro não é afirmar nada que possa ser verificado como verdade, contudo, não deixa de ter sentido e importância a afirmação do valor de raridade.** Não sendo uma realidade objetiva e verificável é, entretanto, um juízo de valor intersubjetivo, mediado no plano da linguagem. Portanto um juízo público. Nenhuma autoridade por si mesma pode determinar o valor de raridade. Não há, ou melhor, não nos interessa, nada como: “um livro raro somente para mim”. Se alguém está convencido do valor de raridade de um documento, deverá aprender a encontrar boas razões, ou seja, bons argumentos para tornar este julgamento mais convincente e mais amplo. (ANDRADE & CANTALINO, 2003, p.55, grifo nosso).

Nesse sentido, os critérios de raridade podem ser apreendidos enquanto características ratificadoras de uma distinção forjada a partir de disputas de poder inseridas no seio de determinada sociedade. Os critérios de raridade são assim premissas (argumentos para o convencimento). Posição ratificada pelos autores ao afirmarem que:

O deslocamento proposto por nossa teoria pretende transferir o recurso aos critérios já estabelecidos pelos manuais, ao recurso de análise da linguagem. Isto não significa abandonar os critérios, mas apenas focá-los de maneira diferente. Ao invés de ver neles uma relação de indícios de que um livro é “realmente” raro, podemos encará-los como premissas que, sem dúvida, poderão servir a uma argumentação razoável que promova o convencimento (o entendimento racional) e a persuasão (a mudança de conduta) dos agentes culturais interessados. Uma relação de estruturas argumentativas no lugar de uma relação de critérios pseudo-objetivos. Eis uma alternativa epistemologicamente mais coerente e politicamente mais fecunda. Ao compreendermos claramente que o problema de determinação da raridade não diz respeito a uma competência verificadora natural, mas que está ligado ao assentimento

comunicacional dos agentes culturais, passamos de imediato ao plano de uma política cultural. **O problema de saber se um livro é ou não é raro é questão que diz respeito à cultura, aos valores cultivados e esquecidos. Assim também como diz respeito aos interesses, às escolhas, à livre difusão de informações, sendo desse modo também um problema de natureza política.** (ANDRADE & CANTALINO, 2003, p.55-56, grifo nosso).

A partir de tal argumentação, evidencia-se que a definição da raridade bibliográfica inscreve-se em uma cadeia cultural na qual se debatem distintos atores e jogos de poder. Soma-se a isso a constatação de que se “a raridade é uma questão de interesse e de argumento, é ela no fundo uma questão política.” (ANDRADE & CANTALINO, 2003, p. 56).

O último texto dessa seção foi escrito por André Vieira de Freitas Araújo e publicado no livro *Acervos especiais: memória e diálogos* no ano de 2015. O capítulo intitulado “Gestão de coleções especiais no século XXI: conceitos, problemas, ações” traz uma abordagem crítica sobre a temática das coleções especiais, na qual está inclusa o questionamento sobre a “instabilidade” dos significados e dos conceitos da raridade bibliográfica. Para o autor é importante que a raridade

esteja fundamentada por conceitos teóricos, sem deixar de lado a ideia de que, no fazer científico, conceitos teóricos não são elementos verdadeiros ou falsos: são construções planejadas que desempenham um determinado papel. (ARAÚJO, 2015, p. 16).

O autor inicia a crítica epistemológica da raridade citando o texto de Andrade e Cantalino (2003) e concordando com eles quanto às atribuições de raridade, que

são conjunturais, temporais e estão sujeitas a processos subjetivos, uma vez que um livro pode ser raro em uma instituição e não em outra; pode ser raro em um determinado momento histórico e não em outro. É nesse sentido que a atribuição de raridade não está ligada a uma realidade definitiva, estática e imutável. (ARAÚJO, 2015, p. 19).

Para ele, o trabalho de Andrade e Cantalino “demonstra a insuficiência dos tradicionais instrumentos de “validação” de raridade, a exemplo dos critérios para o estabelecimento de raridade (ARAÚJO, 2015, p. 19). Nesse sentido André Araújo evidencia que:

a falta de debate conceitual e de reflexão contínua sobre os saberes e fazeres que envolvem a gestão de coleções raras e especiais faz com que instituições e curadores, por vezes, monumentalizem suas coleções, bem como os instrumentos criados a partir dessas.

Um exemplo clássico é o uso alargado, automático e por vezes pasteurizado dos critérios para estabelecimento de raridade da Biblioteca Nacional (BN), em grande parte das bibliotecas de nosso país. (ARAÚJO, 2015, p. 22).

Entretanto, o autor não considera a eliminação dos critérios de raridade, mas a adoção deles apenas enquanto instrumentos referenciais. Quanto à monumentalidade, a qual o autor faz referência ao texto de Le Goff (documento/monumento), o princípio de análise proposto é a “teoria crítica do documento”. Nesse sentido, se contrapõem duas perspectivas sobre o significado do livro raro: “a abordagem pragmática (centrada somente nos processos de gestão” e [a] abordagem social da raridade, que a meu ver ainda está em seu processo de construção.” (ARAÚJO, 2015, p. 25). A proposta de rompimento com a circularidade pragmática da raridade seria o desenvolvimento de estudos em três vertentes: a crítica epistemológica ao conceito de raridade; a discussão sobre o livro raro de forma mais aberta com as Ciências Sociais; e a aproximação com categorias e conceitos da Ciência da Informação.

Pelo exposto, é possível ressaltar que esses três textos representam a crítica epistemológica da raridade na B & CI no Brasil. Sant’Anna (1996, 2001) inicia o questionamento, Andrade e Cantalino (2003) fundamentam a crítica e Araújo (2015, p. 28) sustenta os argumentos propondo a “ampliação dos estudos sobre coleções raras e

especiais” como possibilidade para o amadurecimento da área. Fazendo coro à eles, nossa pesquisa busca se inscrever nessa vertente, uma vez que busca assinalar uma abordagem histórica sobre a construção do conceito de livro raro na Bibliofilia.

Nesse sentido, consideramos que a produção da B & CI dedicada a refletir sobre o conceito de livro raro apresenta uma constância discursiva que envolve o estabelecimento de critérios de raridade e a confirmação da raridade em obras de referência, na qual, regra geral, essas premissas são necessárias para a gestão de acervos. As análises estabelecidas até o momento, cuja síntese apresentamos no Quadro 13, demonstram que:

1. Há um discurso circular sobre o livro raro em 70% dos textos selecionados que envolve os critérios de raridade;
2. 65% da produção têm como foco hegemônico os critérios de raridade baseados nos textos de Ana Virgínia Pinheiro (1989); seguido pelo texto do PLANOR (2000); e, em terceiro lugar, os textos de Sant’Ana (2001) e Rodrigues, M. C. (2006);
3. 70% dos textos indicam que a raridade exige comprovação em bibliografias;
4. 65% dos textos são direcionados à indicação conceitual da raridade (categoria discursiva). Entretanto, eles não privilegiam uma abordagem histórica-conceitual da raridade. Nesse sentido, há abordagens generalistas sobre a História do Livro pautadas em datas históricas e não há fundamentos históricos sobre a raridade;
5. 41% dos textos contemplam a categoria discursiva dos relatos de experiência institucional com descrição instrumental das técnicas adotadas para o tratamento técnico biblioteconômico do acervo;
6. A Ciência da Informação surge nos textos relacionada à pesquisa (dissertação, tese, anais do ENANCIB) e particularmente no texto (capítulo de livro) de Araújo (2015).

Um fator que se apresenta como marcante em toda a produção é que nenhuma cita que os critérios de raridade são, por vezes, retirados das Bibliografias de Livros Raros. Nesse sentido, as bibliografias não só indicam a raridade como também apontam os qualitativos da raridade por meio de elementos condicionantes da distinção. Com exceção de Frieiro e Moraes, nenhum texto afirma que a raridade é um conceito proveniente da Bibliofilia. Entretanto, após analisar os critérios de raridade citado pela produção biblioteconômica brasileira com os qualitativos bibliofílicos da raridade, percebemos que os critérios são similares aos qualitativos. Essa análise será apresentada na seção seguinte.

Quadro 13 – Categorias discursivas comuns sobre o livro raro B &amp; CI brasileira

N.	ANO/AUTOR	CONCEITO	LIVRO RARO BRASIL	EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL	C
1-4	1941, 1945, 1957, 1980, FRIEIRO				
5	1958, LEONI				
6-8	1965, 1998, 2005, MORAES				
9	1981, SILVA				
10	1982, HORCH				
11	1987, CUNHA				
12	1989, PINHEIRO				
13	1990, PINHEIRO				
14	1991, GAUZ				
15	1995, FROES				
16	1996, RODRIGUES				
17	1996, SANT'ANNA				
18	1998, MARDERO ARELLANO				
19	1999, ALVES				
20	2000, CAMARGOS				
21	2000, PLANOR				
22	2001, SANT'ANNA				
23	2003, ANDRADE; CANTALINO				
24	2003, HORCH				
25	2003, PINHEIRO				
26	2005, CARTERI				
27	2005, NARDINO; CAREGNATO				
28	2006, PINHEIRO				
29	2006, RODRIGUES, M. C.				
30	2006, SILVA; FREIRE				
31	2007, RODRIGUES, M. C.				
32	2007, RODRIGUES, J. G.				
33	2008, REIFSCHNEIDER				
34	2008, RODRIGUES; FARO				
35	2009, PINHEIRO				
36	2011, GREENHALGH				
37	2011, REIFSCHNEIDER				
38	2011, RODRIGUES, M. C.				
39	2011, SILVA				
40	2012, ARAÚJO, D. M. P.				
41	2012, ARENDT				
42	2012, BATISTA				
43	2012, FERRAZ; SILVA				
44	2012, RODRIGUES, J. G.				
45	2012, SOUZA				
46	2012, VILELA				

47	2012, VILELA, <i>et al</i>				
48	2013, ANTUNES				
49	2013, GREENHALGH; MANINI				
50	2014, FONSECA				
51	2014, GAUZ				
52	2014, GREENHALGH				
53	2014, SANTA'ANNA; PEREIRA; AZEVEDO; POLESE				
54	2014, SANTOS; CARVALHO				
55	2015, ARAÚJO, A. V. F.				
56	2015, ARAÚJO; CARVALHO; PONTELO				
57	2015, GAUZ				
58	2015, GREENHALGH; MANINI				
59	2015, PINHEIRO				
60	2015, SANTOS				
	<b>TOTAL POR CATEGORIA</b>	<b>39</b>	<b>18</b>	<b>25</b>	

Fonte: Elaborada pela autora

## **5.2 Qualitativos da raridade bibliofílica na B & CI brasileira**

Nessa seção processamos a organização e análise dos dados referentes aos critérios de raridade enunciados pelo conjunto de textos que constituem a produção da B & CI brasileira objeto de nosso estudo. Para tanto, agrupamos os dados em um quadro sistemático referente aos elementos condicionantes da Bibliofilia. Os dados estão organizados por grupos (ENANCIB, ENAR, publicações, periódicos, dissertações e teses) e são apresentados no Quadro 14.

Em seu conjunto, esses dados revelam que, com poucas exceções, os critérios acionados para caracterizar a raridade bibliográfica são similares aos qualitativos da raridade bibliofílica, sobretudo aqueles formulados por Vogt e DeBure, cuja sistematização apresentamos nos capítulos teóricos que constituem essa pesquisa. Nesse sentido, a proposta de Pinheiro (1989) e a publicação do PLANOR (2000), bem como o documento formulado pela Biblioteca Nacional (ordem de serviços de 1984), trazem em seu bojo proposições similares aos elementos condicionantes e qualitativos das Bibliografias de Livros Raros que circularam e ganharam notoriedade no século XVIII.

Não tivemos acesso ao referencial teórico adotado pelo PLANOR e pela comissão de bibliotecários que produziu o documento na BN em 1984. Contudo, com base nas referências bibliográficas de Pinheiro (1989) é possível identificar que as Bibliografias de Livros Raros foram fontes para a proposta metodológica da autora. Se considerarmos que os qualitativos (critérios) dispostos por Pinheiro (1989) e pelo PLANOR (2001) são os mais comumente evocados como fundamento para elaborar critérios raridade no âmbito da produção Biblioteconômica nacional, por esse motivo é pertinente compararmos os qualitativos da Bibliofilia com os critérios de raridade que constam em Pinheiro (1989), conforme apresentamos no Quadro 14.

Quadro 14 – Comparação Raridade na B &amp; CI e Raridade na Bibliofilia

Elementos condicionantes Biblioteconomia brasileira	Metodologia para enfoque de raridade bibliográfica	Elementos condicionantes Bibliofilia	Qualitativos Axiomas Vogt, 1767	Qualitativo
	Crítérios – Pinheiro (1989)		Geral (G) Específicos (E)	por DeBure, 1
1 Limite histórico	1.1 Produção artesanal de impressos – demarcado com as principais datas da evolução tecnológica do livro: do século XV, princípio da história da imprensa, até antes de 1801, marco do início da produção industrial de livros	Proveniência	E1 (exceto século XIX)	
	1.2 todo o período que caracteriza a fase inicial da produção de impressos em qualquer lugar	Proveniência	E1	
	1.3 todo o período que caracteriza uma fase histórica, demarcada em função do conjunto bibliográfico (âmbito, objetivo, utilização, assunto, etc.) e/ou do interesse do colecionador	Proveniência	E 1,2,3,7, 13, 14	X
2 Aspectos bibliológicos dos volumes produzidos artesanalmente independente da época da publicação	2.1 Beleza tipográfica – obras graficamente artísticas	Materialidade	E1	
	2.2 natureza e características dos materiais utilizados como suporte na impressão, tais como: papel de linho, pergaminho, marcas d'água, tintas, encadernação originais luxuosas, edições de luxo	Materialidade	G4	X
	2.3 ilustrações, desde que reproduzidas por métodos artesanais, não fotomecânicos, tais como: xilogravura, água forte, aquarela	Materialidade	E10	
3 Valor cultural	3.1 edições limitadas e esgotadas, especiais e fac-similares, personalizadas e numeradas, críticas, definitivas e diplomáticas;	Proveniência	E13 (CRÍTICA)	X (CRÍTICA)
	3.2 os assuntos tratados a luz da época em que foram pensados e escritos:	Discurso	E3, 7, 9, 14	
	- obras científicas que datam do período inicial de ascensão daquela ciência;	Discurso		
	- histórias de descobrimentos e de colonização;	Discurso	E5	
	- teses;	Discurso		
	- obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte, tais como guerra, seca, fome;	Proveniência		X
	- memórias históricas de família nobres e usos e costumes;	Discurso	E9	X
	- edições censuradas, interditas e expurgadas;	Discurso/Proveniência	E6	
	- obras “desaparecidas”, face às contingências do tempo e da sorte;	Proveniência	E8	X
	- edições contrafeitas e omissões;	Proveniência/Discurso	E6	X
	- edições príncipes, primitivas e originais;	Proveniência	E4	X
- edições populares, especialmente, romances e folhetos literários, panfletos, papéis impressos, folhas volantes;	Proveniência/Discurso			

	3.3 edições de artífices renomados e/ou considerados na história das artes que representam tais como tipógrafos, impressores, editores, desenhistas, pintores, gravadores, etc.	Proveniência	E1, 4	
	3.4 edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas	Proveniência	E2	
4 Pesquisa bibliográfica	4.1 nas fontes de informação bibliográficas, que vão apontar os seguintes caracteres da obra/exemplar:	Bibliografias de Livros Raros		X
	a) unicidade e rareza, sob o ponto de vista de bibliógrafos, bibliófilos e de especialistas no assunto da obra;	Escassez/Teoria da Raridade/Bibliografia de Livros Raros		X
	b) preciosidade e celebridade, referindo-se àquelas obras mais procuradas por bibliófilos;	Teoria da Raridade		X
	c) curiosidade - referindo-se àquelas obras em que o assunto foi tratado de maneira "sui generis" ou de apresentação tipográfica incomum;	Proveniência/Discurso/Materialidade		
	4.2 nas fontes de informação comerciais, que vão avaliar, em espécie, cada unidade bibliográfica - o preço passa a ser indicador de "raridade".	Bibliografias de Livros Raros	E1	
5 Características do exemplar - referindo-se aqueles elementos acrescentados a unidades bibliográficas em período posterior a sua publicação	5.1 marcas de propriedade: ex-libris, super-libris, assinaturas, indicando que aquele exemplar pertenceu a um conjunto bibliográfico de personalidade famosa e/ou importante, marcas de fogo;	Proveniência (histórico custodial)		X
	5.2 marcas de artífices/comerciantes renomados e/ou considerados no mercado livresco, tais como encadernadores, restauradores, livreiros;	Proveniência/Escassez		
	5.3 dedicatórias de/a personalidades famosas e/ou importantes	Proveniência/Escassez		X

Fonte: Elaborado pela autora

O referencial bibliográfico indicado por Pinheiro (1989) ao final de seu livro conta com 59 referências, 29 delas referem-se à Bibliofilia (27 são Bibliografias de Livros Raros, publicadas entre os séculos XVIII ao XX e 2 são manuais para bibliófilos, publicados na primeira metade do século XX). As bibliografias referenciadas são majoritariamente em língua francesa e correspondem às práticas bibliofílicas iniciadas no século XVII e XVIII, conforme apresentamos em nossa pesquisa; outra parcela dessas obras pertencem à Bibliofilia portuguesa, espanhola e brasileira; e a última, uma pequena parte, são bibliografias (catálogos) publicados por instituições brasileiras sobre livros raros que resguardam (que, por sua vez, contém em seus referenciais as Bibliografias de Livros Raros da Bibliofilia). Os manuais indicados são necessariamente Bibliografias de Livros Raros, mas optamos por separá-los para seguir com as seguintes explicações: o *Manuel du bibliophile français* de Frédéric Charles Lonchamp, publicado em 1927, é um guia metódico e crítico para os bibliófilos do século XX sobre os livros publicados do século XV ao XX, que apresenta, livro a livro, a história, as justificativas de raridade e porque colecionar determinado documento gráfico. Outra obra de referência consultada é o *Manual del librero hispano-americano* de Antonio Palau y Dulcet, livreiro e bibliógrafo espanhol, que, ao contrário da obra de Lonchamp, estrutura-se de acordo com as Bibliografias de Livros Raros dos séculos XVIII e XIX, as quais, que regra geral, continham notícia literária, bibliografia material, bibliografia analítica e história literária, com a distinção que no século XIX é maior a frequência das indicações de preços, de especialistas e locais de vendas. É essa mesma estrutura que Palau y Dulcet adota em sua obra de 35 volumes na segunda edição, na qual ele informa os valores de venda dos livros sobre a Espanha e América Latina do século XV ao XX.

Esses apontamentos sinalizam que a metodologia elaborada pela autora foi fundamentada, sobretudo, no campo da Bibliofilia. Verificamos que os “aspectos”

apresentados por Pinheiro (1989) indicam a mesma função dos elementos condicionantes na Bibliofilia. Assim como Carter, em 1948, atualizou a raridade na Bibliofilia inglesa com as Bibliografias de Livros Raros, Pinheiro atualizou e adaptou os elementos da Bibliofilia com para a produção de uma metodologia específica que atendesse as necessidades das bibliotecas brasileiras naquele momento. É, ainda, possível indicar que os critérios que a autora incluiu, para cada “aspecto” de sua metodologia, correspondem aos qualitativos da raridade na Bibliofilia. Em vários casos as palavras são similares, ou seja, as mesmas presentes nas Bibliografias de Livros Raros do século XVIII e XIX, em outros casos, há atualização dos critérios para novas realidades dos livros no século XX.

O *Catalogvs* de Vogt, por exemplo, é referência bibliográfica citada no livro *O que é livro raro*<sup>138</sup>? (1989), de Ana Virgínia Pinheiro. Em nossa análise, observamos a similaridade dos axiomas do *Catalogvs*, especialmente no conjunto de recomendações metodológicas propostas por Pinheiro (1989, p. 29-33) para “a seleção e formação de um acervo considerado *raro*.”

Ora, apontar que os critérios de raridade elencados por Pinheiro (1989) são os mesmos indicados pelas Bibliografias de Vogt (1753), DeBure (1763), Clement (1750) e Brunet (1860) não pressupõe que os contextos de significação da raridade sejam os mesmos. Apesar de nosso estudo ter focado somente em Vogt e DeBure, para fins de comparação, optamos pela inclusão de Clement e Brunet para ampliar nosso esquema comparativo. Essa estratégia nos permitiu demonstrar que, naquilo que concerne às suas indicações, Pinheiro (1989) atualizou os qualitativos que se referem aos termos específicos de técnicas de reprodução e também estendeu a data limite de impressão para 1801. Nos demais itens os qualitativos da Bibliofilia e os critérios da Biblioteconomia são os mesmos,

---

<sup>138</sup> Esse livro de Pinheiro é o mais citado e referenciado na produção intelectual da Biblioteconomia brasileira sobre o livro raro, conforme os dados dessa pesquisa demonstraram.

excetuando-se a inclusão do critério “tese”, uma vez que o termo ou seu similar não consta nas bibliografias eleitas para nossa avaliação.

Pelo exposto, comprovar que critérios (Biblioteconomia) e qualitativos (Bibliofilia-Bibliografias) são similares, no sentido de serem as mesmas palavras-características, não quer dizer que os significados são os mesmos. Os contextos que criam a raridade são distintos. Na Bibliofilia, por exemplo, os imperativos da raridade vigentes na Europa no século XVIII não são os mesmos pactuados nos séculos seguintes. A nova geração de colecionadores do XIX, por exemplo, criou novas formas (elementos e qualitativos) para estabelecer distinção tendo-se em vista o aumento da produção e do acesso de uma nova parcela da população à posse do livro. Com o preenchimento dos Quadros 15 ao 20 demonstramos que o mesmo sistema axiológico da Bibliofilia do século XVIII se faz presente na construção da raridade nas bibliotecas brasileiras. Entretanto, ressaltamos que outros contextos culturais, sociais e históricos afastam a Bibliofilia tal como exercida naquele período do contexto da B & CI brasileira do século XX. Apenas um objeto conecta essas realidades: o livro. E mesmo para o livro, os significados a ele atribuídos se mostram distintos.

Nesses termos, o conceito de livro raro, desde as primeiras bibliografias que pesquisamos do século XVII, permanece atrelado aos adjetivos de qualificação e, de certo modo, podemos perceber esses adjetivos sendo evocados como instrumentos balizadores do conceito de raridade.

A consulta às Bibliografias de Livros Raros para a confirmação da raridade é uma prática ligada à Bibliofilia e também às bibliotecas institucionais de muitos países e não se constituiu em um equívoco. Nossa crítica é centrada na construção do conceito de raridade na B & CI brasileira não questionar os significados dos critérios de raridade, os

quais muitas vezes correspondem aos documentos gráficos que são patrimônio bibliográfico, sim, mas são estanques de nossas realidades socioculturais em torno do livro. Soma-se a isso a descontextualização conceitual e histórica da raridade que cria um abismo em torno da compreensão do que venha a ser o livro raro e a ausência da compreensão que a raridade é uma das manifestações do “*phénomène bibliophilique*” (Viardot, 2008) que busca, por todos os meios possíveis, construir distinções.

Romper com essa apreensão ahistórica da raridade é a motivação central de nossa pesquisa, assim como o fizeram Andrade e Cantalino (2003) e Araújo (2015), em cujos textos percebemos uma crítica epistemológica da raridade, além de não proporem a enumeração de critérios ou qualificadores para definir o que é o livro raro.

Em relação aos textos publicados por Horch (1982, 2003), por Pinheiro (1989), pelo PLANOR (2001), por Rodrigues e Faro (2008), Rodrigues, J. C. (1996, 2006, 2007, 2012), Rodrigues, M. C. (2006, 2011), os mesmos se destacam pela atenção aos critérios e por incluírem categorias que objetivam contemplar as realidades das instituições em que atuam e também por estabelecerem conexões com os conceitos de Brasiliana e Brasiliense. Essas duas temáticas, tal como apresentado nos quadros abaixo, são as únicas que não correspondem diretamente aos elementos e qualitativos disseminados pelas Bibliografias de Livros Raros do século XVIII, incluindo-se, aí, aquelas produzidas por DeBure e Vogt.

Quadro 15 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B &amp; CI – ENANCIB

N.	AUTOR/ANO	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURSO	REFERENCIAL TEÓRICO <sup>139</sup>	ASSUNTO RELACIONADO
1	GAUZ, 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspecto físico</li> <li>• Encadernação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Demanda maior que número de exemplares disponíveis.</li> <li>• Edições esgotadas</li> <li>• Tiragem reduzida</li> <li>• Valor comercial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antigo proprietário</li> <li>• Edições clandestinas</li> <li>• Edições para bibliófilos</li> <li>• Histórico de posse</li> <li>• Marcas de uso e posse</li> <li>• Primeiros impressos séculos XV ao XVIII</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cunha, 1987;</li> <li>• Adams, 1984<sup>140</sup>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biblioteconomia de Livros Raros</li> <li>• Museologia</li> <li>• Patrimônio cultural</li> </ul>
2	SANTOS; CARVALHO, 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Detalhes gráficos</li> <li>• Ilustrações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exemplar único</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Censurado</li> <li>• Exemplar assinado e numerado</li> <li>• Livro produzido artesanalmente</li> <li>• Primeiros impressos em determinado local</li> <li>• Recolhido</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pinheiro, 2009</li> <li>• Greenhalgh, Manini, 2013</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Patrimônio Cultural</li> <li>• Patrimônio bibliográfico</li> <li>• Livro Raro</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>139</sup> As referências citadas na pesquisa estão listadas em “Referências bibliográficas”. As referências não utilizadas na pesquisa, estão listadas em nota de rodapé.

<sup>140</sup> ADAMS, Thomas. Librarians as Enemies of books? *College and Research Libraries*, may, 1984, p.196-206.

Quadro 16 - Sistema axiológico da Bibliofilia na B &amp; CI – ENAR

N.	AUTOR/ANO	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURSO
1	ANDRADE; CANTALINO, 2003				
2	RODRIGUES; FARO, 2008	<ul style="list-style-type: none"> <li>Estampas originais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Obras esgotadas</li> <li>Tiragem especial em edições comuns</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Obras publicadas até o século XVIII</li> <li>Obras publicadas no Brasil no século XIX</li> <li>Edições clandestinas</li> <li>Edições especiais</li> <li>Dedicatória manuscrita dos autores e/ou personalidades de renome;</li> <li>Autógrafo do(s) autor(es)</li> <li>Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Marcos para o progresso da ciência e história</li> <li>Marcos na história científica do Brasil</li> <li>Valor científico editados até o final do século XIX</li> </ul>
3	ARENDRT, 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ilustração</li> <li>Manuscritos</li> <li>Produção artesanal</li> <li>Encadernação</li> <li>Formato</li> <li>Artes gráficas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Difícil de localizar</li> <li>Tiragem limitada</li> <li>Exemplares numerados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Data (século XV ao XIX)</li> <li>Valor histórico inquestionável</li> <li>Valor financeiro</li> <li>Marcas de propriedade</li> <li>Histórico custodial</li> <li>Citação em bibliografias</li> <li>Exemplares numerados</li> <li>Edições (primeiras, clandestinas, populares)</li> <li>Valor histórico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teologia, Filosofia, Ciências, Letras Artes</li> <li>Fontes primárias</li> <li>Brasiliana</li> <li>Documentos e discursos oficiais sobre o Brasil</li> <li>Língua (latim, alemão, francês)</li> </ul>
4	SOUZA, 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aspectos bibliológicos</li> <li>Primeiras edições</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Edições esgotadas,</li> <li>Edições desaparecidas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Limite histórico</li> <li>Valor cultural</li> <li>Característica do exemplar</li> <li>Pesquisa bibliográfica</li> <li>Marcas de uso</li> <li>Histórico custodial</li> <li>Edições censuradas, apreendidas, suspensas, recolhidas, repudiadas pelo autor</li> <li>Dedicatórias</li> <li>Citados em obras de referência</li> <li>Edições clandestinas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Valor cultural</li> <li>Textos de personalidade importantes</li> <li>Textos históricos</li> </ul>
5	RODRIGUES, 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aspectos bibliológicos</li> <li>Artes gráficas</li> <li>Edições especiais</li> <li>Produção tipográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Edições esgotadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Limite histórico</li> <li>Valor cultural</li> <li>Característica do exemplar</li> <li>Pesquisa bibliográfica</li> <li>Data</li> <li>Dedicatória</li> <li>Autógrafo</li> <li>Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Valor cultural</li> <li>Edições clandestinas</li> <li>Brasiliana</li> <li>Brasiliense</li> <li>Valor científico</li> <li>Publicações periódicas históricas</li> </ul>
6	VILELA, 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aspectos bibliológicos</li> <li>Edições especiais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Difícil de encontrar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Antigo</li> <li>Limite histórico</li> <li>Valor cultural</li> <li>Característica do exemplar</li> <li>Pesquisa bibliográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Valor cultural</li> <li>Brasiliana (leis, teses)</li> <li>Portugália (leis)</li> </ul>

				<ul style="list-style-type: none"> <li>● Valor histórico</li> <li>● Valor monetário</li> <li>● Histórico custodial</li> <li>● Coleção</li> <li>● Marcas de posse</li> </ul>	
7	ARAÚJO, D. M. P. 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Características materiais</li> <li>● Ilustração</li> <li>● Encadernação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Edições com tiragem limitada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Características históricas: datas, contexto</li> <li>● Edições</li> <li>● Características extrínsecas</li> <li>● Marcas de propriedade</li> <li>● Pesquisa bibliográfica</li> <li>● Memória institucional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Conteúdo</li> </ul>
8	FERRAZ; SILVA, 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Materialidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Edições de tiragem limitada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Temporalidade</li> <li>● Comprovação de raridade a partir de repertórios bibliográficos</li> <li>● Primeiras edições</li> <li>●</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Mineiriana, Brasileira</li> <li>● Literatura</li> <li>● Memória local e institucional</li> <li>● Artes</li> <li>● Coleções Especiais</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 17 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B &amp; CI – Publicações

N.	AUTOR/ANO	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURSO
1	FRIEIRO, 1941, 1945, 1957, 1980 <sup>141</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Curiosos</li> <li>• Ridículos</li> <li>• Singulares</li> <li>• Extravagantes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Curiosos</li> <li>• Ridículos</li> <li>• Singulares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Curiosos</li> <li>• Ridículos</li> <li>• Singulares</li> <li>• Edição princeps</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Curiosos</li> <li>• Ridículos</li> <li>• Singulares</li> <li>• Valor literário</li> </ul>
2	MORAES, 1965, 1998, 2005 <sup>142</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernação</li> <li>• Artes gráficas</li> <li>• Condição (integridade, conservação, marcas do tempo)</li> <li>• Bibliologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Níveis de raridade</li> <li>• Tiragem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivo da coleção</li> <li>• Edição: primeiros impressos, primeira edição, características tipográficas e editoriais, censura, contrafação</li> <li>• Tipógrafos, Editores, impressão</li> <li>• Catálogos de livreiros, valor</li> <li>• Teoria da raridade</li> <li>• Corte temporal</li> <li>• Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto publicado pela primeira vez</li> <li>• Brasiliana</li> <li>• Brasiliense</li> </ul>
3	PINHEIRO, 1989	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos: tipografia; materiais, técnicas e modelos estéticos; artes gráficas</li> <li>• Características do exemplar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edições: limitadas, esgotadas, personalizadas, numeradas, entre guerras, destruídas em desastres, censuradas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite histórico: datação limite temporal do regime tipográfico</li> <li>• Primeiros impressos</li> <li>• Pesquisa bibliográfica: bibliografias, catálogos, especialistas, teoria da raridade, moda bibliofílica,</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Edições príncipes, primitivas, populares</li> <li>• Valor cultural</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (conteúdo)</li> </ul>
4	CAMARGOS, 2000	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos gráficos</li> <li>• Valores estéticos</li> <li>• Integridade e condição</li> <li>• Encadernação</li> <li>• Artefato</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Difíceis de localizar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antiguidade</li> <li>• Censura</li> <li>• Erros tipográficos</li> <li>• Marcas do tempo</li> <li>• Marcas de uso</li> <li>• Coleção</li> <li>• Contexto histórico</li> <li>• Valor simbólico</li> <li>• Artefato</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto</li> <li>• Ilustrações</li> </ul>
5	BIBLIOTECA NACIONAL. PLANOR, 2000	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernações</li> <li>• Edições especiais (de luxo Bibliófilos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Obras esgotadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeiras Impressões, séculos XV e XVI</li> <li>• Impressões dos séculos XVII e XVIII</li> <li>• Primeiras impressões, Brasil, século XIX (até 1841)</li> <li>• Edições clandestinas</li> <li>• Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> <li>• Valor literário</li> </ul>

<sup>141</sup> Datas correspondem às primeira, segunda, terceira e quarta edições do livro. Não utilizamos as edições de 1999 e 2007.

<sup>142</sup> Datas correspondem às primeira, segunda e terceira edições do livro. A avaliação foi feita com base na edição de 2005.

<sup>143</sup> MORAES, Rubens Borba de. **Bibliographia brasiliana**: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the Colonial period. Revised and enlarged edition. Los Angeles, CA: UCLA Latin American Center, University of California; Rio de Janeiro: Kosmos, c1983. 2 v.

6	HORCH, 2003	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valores estéticos</li> <li>• Valor tipográfico</li> <li>• Ilustração</li> <li>• Estado de conservação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exemplar único</li> <li>• Escassez causada por fogo, água, guerras, fatores externos</li> <li>• Valor de mercado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idade</li> <li>• Marcas de uso e posse</li> <li>• Procurada por bibliófilos (teoria da raridade)</li> <li>• Censura, proibidos</li> <li>• Citado em obras de referencia</li> <li>• Primeiras edições</li> <li>• Obras manuscritas</li> <li>• Primeiros impressos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância literária e científica</li> <li>• Brasileira</li> <li>• Brasileira</li> </ul>
7	PINHEIRO, 2009	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> <li>• Características do exemplar: condição e integridade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edições: limitadas, esgotadas, personalizadas, numeradas</li> <li>• Destruídos por guerras, desastres</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite histórico</li> <li>• Primeiros impressos</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Edição censurada, <i>príncipes</i>, primitiva, popular</li> <li>• Valor cultural</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (conteúdo)</li> </ul>
8	VILELA (Org.), 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elementos bibliológicos</li> <li>• Edições de luxo</li> <li>• Artes gráficas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (edições limitadas)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cronologia</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Valor de mercado</li> <li>• Elementos extrínsecos ao exemplar</li> <li>• Livreiros</li> <li>• Tipógrafos</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (conteúdo)</li> <li>• Brasileira</li> <li>• Brasileira</li> <li>• Direito</li> </ul>
9	ARAUJO; CARVALHO; PONTELO, 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Materialidade</li> <li>• Artefato</li> <li>• Manuscritos</li> <li>• Obras de arte sobre papel</li> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Únicos</li> <li>• Tiragem reduzida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antigo</li> <li>• Níveis de raridade</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (conteúdo)</li> </ul>
10	ARAUJO, André Vieira de Freitas, 2015				
11	PINHEIRO, 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos:</li> <li>• Características do exemplar</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite histórico</li> <li>• Primeiros impressos</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> </ul>	

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>144</sup> MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: São Paulo: 1979.

Quadro 18 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B &amp; CI – Periódicos

N.	AUTOR/ANO	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURSO
1	LEONI, 1958		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edição:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quantidade: tiragem e circunstâncias de destruição</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edição               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tempo: incunábulo, edições princeps</li> <li>- Lugar: ponto de vista geográfico ou pela tipografia</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo: língua assunto, circunstâncias especiais</li> </ul>
2	SILVA, 1981	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capa</li> <li>• Papel</li> <li>• Ilustração</li> <li>• Gravuras</li> <li>• Fotografias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edição limitada (300 exemplares ou menos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Impressos antes do ano de 1600</li> <li>• Primeiras edições</li> <li>• Exemplares autografados</li> <li>• Manuscritos</li> <li>• Impressos nacionais [Brasil], anteriores ao ano de 1820</li> </ul>	
3	HORCH, 1982	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Monumentos tipográficos</li> <li>• Condição</li> <li>• Encadernação</li> <li>• Papel</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Destruição por guerra, fogo e água</li> <li>• Tiragem reduzida</li> <li>• Mercado restrito</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antiguidade</li> <li>• Censura</li> <li>• Marcas de posse e uso</li> <li>• Dedicatória</li> <li>• Citados em obras de referência</li> <li>• Encadernador</li> <li>• Ilustrador</li> <li>• Primeiras edições</li> <li>• Primeiros impressos</li> <li>• Valor de mercado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brasileira</li> <li>• Censura política religiosa</li> </ul>
4	CUNHA, 1987				
5	PINHEIRO, 1990				
6	SANT'ANA, 1996	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Condição (integridade)</li> <li>• Aspectos bibliográficos</li> <li>• Manuscrito</li> <li>• Impresso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Difícil de encontrar</li> <li>• Incomum</li> <li>• Interesse e procura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor de mercado</li> <li>• Corte temporal</li> <li>• Primeiras edições</li> <li>• Valor histórico</li> <li>• Valor cultural</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Níveis de raridade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor histórico</li> <li>• Brasileira</li> <li>• Brasiliense</li> </ul>
7	SANT'ANA, 2001	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edições artesanais</li> <li>• Tipo de papel</li> <li>• Ilustração</li> <li>• Encadernações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tiragem</li> <li>• Número de exemplares existentes</li> <li>• Fora do comércio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antiguidade</li> <li>• Corte temporal</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Histórico custodial</li> <li>• Bibliografias de livros raros</li> <li>• Catálogos de vendas</li> <li>• Obras de referência</li> <li>• Primeiros impressos</li> <li>• Valor de mercado</li> <li>• Níveis de raridade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor histórico</li> <li>• Brasileira</li> <li>• Brasiliense</li> </ul>
8	PINHEIRO, 2003	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro como monumento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> </ul>

9	CARTERI, 2005				
10	NARDINO; CAREGNATO, 2005	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poucos exemplares</li> <li>• Edições limitadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edição</li> <li>• Edições de bibliófilos</li> <li>• Limite histórico</li> <li>• Raridade a partir de bibliografias</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Edições clandestinas, especiais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (assunto)</li> </ul>
11	RODRIGUES, M. C. 2006	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edições de tiragem reduzida</li> <li>• Edições personalizadas</li> <li>• Edições de luxo</li> <li>• Edições esgotadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite histórico</li> <li>• Valor cultural</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Tipógrafos</li> <li>• Impressos no Brasil até 1860</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Edições clandestinas, censuradas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (assunto)</li> </ul>
12	PINHEIRO, 2006				
13	SILVA; FREIRE, 2006	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tiragens limitadas, esgotadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Raridade relativa</li> <li>• Edição clandestina</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Limite temporal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avanços científicos e tecnológicos</li> </ul>
14	RODRIGUES, J. G. 2007	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernações</li> <li>• Ilustrações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edição de tiragens reduzidas</li> <li>• Obras esgotadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Primeiras impressões, século XV-XVI</li> <li>• Impressões, séculos XVII-XVIII</li> <li>• Brasil a partir do século XIX</li> <li>• Edições especiais de luxo para bibliófilos</li> <li>• Edições clandestinas</li> <li>• Histórico custodial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo: científico, literário</li> <li>• Brasileira</li> </ul>

N.	AUTOR/ANO	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURSO
15	REIFSCHNEIDER, 2008	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernação</li> <li>• Primeiras edições</li> <li>• Fotografias</li> <li>• Aspectos gráficos e tipográficos</li> <li>• Artes gráficas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tiragens reduzidas, edições especiais, artesanais, de bibliofilia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Artistas: tipógrafos, gravadores, ilustradores, impressores, encadernadores</li> <li>• Profissionais: livreiros</li> <li>• Coleções</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Erros tipográficos</li> <li>• Manuscritos</li> <li>• Trabalhos datiloscritos</li> <li>• Edições renegadas, clandestinas, censuradas, recolhidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Literatura, História.</li> </ul>
16	GREENHALGH, 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gravuras</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edições esgotadas</li> <li>• Tiragem limitada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite temporal</li> <li>• Primeiras edições</li> <li>• Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo importantes na história do conhecimento</li> </ul>
17	RODRIGUES, M. C. 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernações</li> <li>• Gravuras</li> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tiragens especiais</li> <li>• Poucos exemplares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Limite histórico</li> <li>• Valor cultural</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descobertas científicas, obra literária</li> </ul>
18	GREENHALGH; MANINI, 2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção artesanal</li> <li>• Encadernação</li> <li>• Ilustrações: gravuras, iluminuras</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escassez de exemplares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Limite temporal</li> <li>• Contexto histórico local</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relevância histórica e cultural</li> <li>• Brasileira</li> </ul>
19	ANTUNES, 2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernação</li> <li>• Ilustração</li> <li>• Materiais para produção da obra</li> <li>• Projeto gráfico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tiragem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edição</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Contextos temporais</li> <li>• Edições censurada, clandestinas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> <li>• Brasileira</li> </ul>
20	SANTA'ANNA; PEREIRA; AZEVEDO; POLESE, 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incomum</li> <li>• Difícil de achar</li> <li>• Alto valor de mercado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite histórico</li> <li>• Valor cultural</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Teoria da raridade</li> <li>• Valor cultural: conteúdo</li> </ul>
21	GREENHALGH; MANINI, 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Difícil de encontrar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manuscrito</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Datação</li> <li>• Valor monetário</li> <li>• Limite histórico</li> <li>• Valor cultural</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural: conteúdo</li> </ul>
22	GAUZ, 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos físicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Edições limitadas</li> <li>• Valor venal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Data</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brasileira</li> <li>• Brasiliense</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 19 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B &amp; CI – Dissertações

N.	AUTOR/ANO	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURSO
1	GAUZ, 1991	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encadernação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tiragens reduzidas</li> <li>• Títulos fora do mercado</li> <li>• Edições esgotadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeiras impressões</li> <li>• Corte temporal</li> <li>• Edições especiais, clandestinas</li> <li>• Artistas do livro: encadernadores, impressores, gravadores</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> </ul>	
2	FROES, 1995	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Unicidade</li> <li>• Destruição de exemplares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Temporalidade</li> <li>• Contexto geográfico-espacial</li> <li>• Local</li> <li>• Níveis de raridade</li> <li>• Censura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural</li> <li>• Língua, assuntos</li> </ul>
3	RODRIGUES, 1996	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beleza tipográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Unicidade</li> <li>• Edições reduzidas, esgotadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corte temporal</li> <li>• Antiguidade</li> <li>• Valor comercial</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Níveis de raridade</li> <li>• Limite histórico de produção artesanal do livro</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Edições especiais, clandestinas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> </ul>
4	MARDERO ARELLANO, 1998	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Condição (integridade, conservação)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pouco comum</li> <li>• Único</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alto valor comercial</li> <li>• Níveis de raridade</li> <li>• Marcas de uso</li> <li>• Moda</li> <li>• Estilos</li> <li>• Escolas</li> <li>• Efemérides</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avanços científicos tecnológicos</li> <li>• Marcos culturais</li> </ul>
6	RODRIGUES, 2007	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manuscrito</li> <li>• Aspectos bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tiragem reduzida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corte temporal</li> <li>• Edição: especial, personalizada, de luxo, censurada, clandestina, esgotada</li> <li>• Citação em bibliografias</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Limite histórico</li> <li>• Valor cultural</li> <li>• Características do exemplar</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brasiliana</li> <li>• Brasiliense</li> <li>• Manuscritos de importantes</li> <li>• Periódicos</li> </ul>
7	SILVA, 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aspectos bibliológicos</li> <li>• Condição (integridade, conservação, marcas do tempo)</li> <li>• Ilustração</li> <li>• Encadernação</li> <li>• Manuscritos</li> <li>• Artes gráficas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Único</li> <li>• Precioso</li> <li>• Demanda e procura</li> <li>• Destruição (guerras, fogo, água, ação humana)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Níveis de raridade</li> <li>• Limite histórico</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Edições (primeiras, limitadas, traduções, clandestinas)</li> <li>• Erros de impressão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Periódicos</li> </ul>
8	BATISTA, 2012		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Único</li> <li>• Precioso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corte temporal</li> <li>• Antiguidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brasiliana</li> <li>• Brasiliense</li> </ul>

				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Níveis de raridade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idioma</li> </ul>
9	FONSECA, 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor estético</li> <li>• Formato</li> <li>• Aspecto bibliológicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Destruição (guerras, catástrofes, fogo, água, ação humana)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antigo</li> <li>• Edição (limitada, censurada, especial)</li> <li>• Tipografia</li> <li>• Datação</li> <li>• Marcas de propriedade</li> <li>• Limite Histórico</li> <li>• Pesquisa bibliográfica</li> <li>• Características do exemplar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor cultural (conteúdo)</li> </ul>
10	SANTOS, 2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Matéria</li> <li>• Valor estético</li> <li>• Artes gráficas</li> <li>• Ilustração</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Único</li> <li>• Precioso</li> <li>• Fora de circulação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antiguidade</li> <li>• Valor comercial</li> <li>• Corte temporal</li> <li>• Datação,</li> <li>• Edições (esgotadas, limitadas, especiais, de luxo, de bibliofilia, clandestinas)</li> <li>• Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo</li> <li>• Brasileira</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 20 – Sistema axiológico da Bibliofilia na B &amp; CI – Teses

N.	AUTOR/ANO	MATERIALIDADE	ESCASSEZ	PROVENIÊNCIA	DISCURS
1	REIFSCHNEIDER, 2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Condição (integridade)</li> <li>● Artes gráficas</li> <li>● Tipo de papel</li> <li>● Encadernação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Pequenas tiragens</li> <li>● Níveis de raridade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Artes gráficas (ilustradores, gravadores, impressores, tipógrafos)</li> <li>● Primeira edição</li> <li>● Marcas de propriedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Conteúdo</li> </ul>
2	GREENHALGH, 2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Objeto estético</li> <li>● Encadernações</li> <li>● Aspecto bibliológicos</li> <li>● Suporte</li> <li>● Ilustrações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Poucos exemplares</li> <li>● Edição esgotada e fora do mercado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Marcas de propriedade</li> <li>● Corte temporal</li> <li>● Edições especiais de confrarias</li> <li>● Valor financeiro</li> <li>● Censura</li> <li>● Repudiado pelo autor</li> <li>● Limite histórico</li> <li>● Valor cultural</li> <li>● Pesquisa bibliográfica</li> <li>● Características do exemplar</li> <li>● Artistas do livro (<i>livre d'art</i> ou <i>livre d'artiste</i>)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Conteúdo</li> <li>● Brasileira</li> <li>● Brasiliense</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da análise comparativa expostas nos quadros 15 ao 20 podemos confirmar que os “aspectos” metodológicos presentes na elaboração da raridade na B & CI brasileira sem enquadram no sistema axiológico da Bibliofilia na maioria dos trabalhos selecionados para a nossa pesquisa. Nenhum dos trabalhos analisados demonstra a percepção de que essa modalidade conceitual da raridade deriva de um sistema forjado no colecionismo *librario*. Mesmo os trabalhos que não adotam o sistema axiológico da Bibliofilia para reafirmar a raridade questionam a validade e adequação desse sistema, no sentido de ter aderência às realidades contemporâneas das bibliotecas.

Um elemento marcante a se considerados é o fato das publicações da Biblioteconomia brasileira sobre o livro raro, a partir da década de 1970, apresentarem semelhanças com o sistema axiológico da Bibliofilia para a atribuição de raridade, chegando à sistematiza-los e adaptá-los com o objetivo primeiro de se efetivar o gerenciamento de acervo na Biblioteca Nacional brasileira. E, em seguida, dado o papel da BN na orientação e formação profissional dos agentes que atuam com coleções especiais em todo o país, a necessidade de apresentar uma metodologia para definição de critérios de raridade foi proposta e apresentada por Pinheiro (1989), tendo o PLANOR (2000) publicado também um manual, com observações muito próximas como o mesmo objetivo, colaborar como aporte referencial para as bibliotecas brasileiras.

São discursos constantes na produção da B & CI brasileira, sobre o livro raro, a definição da raridade associada à busca do conceito de livro raro; as tentativas de elaboração de uma possível história do livro raro no Brasil; a ocorrência em metade da produção dedicar a definição da raridade às experiências institucionais no gerenciamento de coleções antigas, raras e especiais; e a presença marcante da definição da raridade está diretamente ligada aos critérios de raridade. Essa última deve-se ao uso da metodologia de

definição de raridade apresentada pela Biblioteca Nacional desde 1984, mas que tem um impacto maior a partir de Pinheiro (1989), seguido por PLANOR (2000). As interpretações e atualização dos qualitativos da Bibliofilia feito por Pinheiro (1989) são importantes, por apresentar um método de avaliação da raridade, mas, sobretudo, porque é uma releitura da Bibliofilia com o escopo de atender as necessidades de uma biblioteca de caráter público no Brasil. Carter fez essa releitura das bibliografias de Clement (1750) para sua atualização e ressignificação no contexto da bibliofilia inglesa em 1948.

Tendo em vista que Pinheiro (1989) é a produção mais utilizada no Brasil para a definição de raridade a comparação de sua proposta metodológica com o sistema axiológico da Bibliofilia comprovou que Pinheiro adota uma sistematização distinta dos elementos condicionantes da Bibliofilia, entretanto, os qualitativos de raridade são os mesmos. Essa área apropria-se dos critérios bibliofílicos de raridade, sistematizando-os com o fim de transformá-lo em instrumento de apoio à seleção de coleções. A abordagem da raridade a partir de Pinheiro (1989) é comprovadamente determinante na produção dos discursos que seguem esse texto como referencial teórico.

Ao finalizar nosso percurso analítico, somos levados a concordar com Chartier (1998), Barbier (1998), Cave (1976), Carter (1948), Sordet (2002), Viardot (2008), pesquisadores responsáveis por demarcar que o livro raro é um construto social. E concordamos também com Carter (1948) e Berger (2014) que concluem que a raridade é um fenômeno social artificial.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição de bibliotecas particulares formadas a partir do modelo naudeano teve como fundamento histórico e cultural a ideia da biblioteca patrimonial constituída por documentos gráficos que correspondiam, de modo variável, às práticas e representações bibliofílicas que subsidiaram, posteriormente, a invenção da raridade. Constituir uma biblioteca de livros raros ou adquirir obras com esse status no contexto das práticas bibliofílicas do século XVII e XVIII significava a incorporação de valores sociais e culturais ao bibliófilo.

O livro raro, em consonância com os valores da biblioteca patrimonial, reafirmou, assim, sua função de representante do status social de seu colecionador e o legado que esse deixaria para a posteridade. Nessa perspectiva, o Setecentos foi o momento auge da definição do campo da Bibliofilia (Viardot, 2008, p. 165) o qual se firmou, sobretudo, devido à consagração da raridade. As transformações dos significados do livro na Bibliofilia, nesse momento, por vezes, perdem-se da função mais tradicional desse documento enquanto apenas um objeto para transmissão cultural de conteúdo escrito. Os valores simbólicos e históricos acionados para as significâncias do documento gráfico foram campo de especulações culturais e comerciais em busca da constituição da biblioteca patrimonial, no qual a raridade foi construída por atores do circuito de comunicação do livro por meio da produção de discursos de práticas e representações da raridade. Assim, as Bibliografias de Livros converteram-se em território dos discursos da raridade. Inicialmente circunscrito a apenas àqueles livros difíceis de se obter e localizar e, em um segundo momento, alcançou fundamentos específicos com a formulação de um sistema axiológico.

Das muitas Bibliografias de Livros Raros do Setecentos, destacamos três que são representativas quanto às manifestações do sistema axiológico da raridade em construção naquele momento, que destacaram-se por estabelecerem:

a) níveis e elementos de raridade – Clement (1750) em *Bibliothèque curieuse historique et critique, ou Catalogue raisonné de livres difficiles à trouver*;

b) níveis, elementos, qualitativos e Teoria da Raridade – DeBure (1763) em *Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*; e

c) todos os itens listados em “a” e “b” e a estruturação do sistema axiológico da raridade – Vogt (1732) em *Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum*.

DeBure não deixa de tratar sobre os níveis e qualitativos da raridade, mas seu grande impacto é com a constatação da Teoria da Raridade. Por sua vez Clemente dedicou-se, sobretudo, às explicações dos níveis de raridade apresentando os elementos condicionantes desses níveis. Tanto DeBure quanto Clement, não deixam de incluir em seus discursos os qualitativos da raridade. O *Catalogvs* de Vogt tem o mérito de reunir os discursos de raridade que circulavam em diversas de bibliografias para a Bibliofilia, compreende-los enquanto um sistema axiológico, e estabelecer a Axiomata. Sistema que pode ser compreendido como fundador de um movimento em prol das significações do livro raro a partir daquele período.

O *Catalogvs* de Vogt é importante, dentre outros fatores, por sistematiza a Axiomata dos livros raros. Esse célebre livreiro-bibliógrafo-bibliófilo não restringiu a função dessa sua obra apenas ao escopo de uma bibliografia de bibliografias sobre a temática livros raros. Pelo contrário, Vogt aproveitou a oportunidade de compilar

bibliografias para estabelecer as justificativas que sustentassem a afirmação da raridade. E ainda, apesar de destacar a questão erudita como elemento essencial na definição do livro raro, ele não deixou para último plano as definições de raridade que perpassavam pelos bibliógrafos, livreiros e bibliófilos. O panorama proposto por sua *Axiomata* reflete a interlocução entre os diversos indivíduos da cultura libraria em torno do livro raro no Setecentos.

Dito isso, é importante não perdemos de vista que o sistema axiológico de Vogt tem significados específicos no momento e contexto no qual foi construído. Também não é conveniente esquecermos as “diferenças [dos significados desse sistema] ao longo do tempo” (Chartier, 2014, p. 35). Assim observado, os axiomas de Vogt, destinados podem ser interpretados como a base estruturante e os fundamentos teóricos da raridade bibliográfica no século XVIII. Isto porque, as edições do *Catalogvs* de Vogt possibilitam aproximações aos conceitos de livros raros e ainda confirmam a importância das bibliografias de livros raros enquanto instrumentos de definição e ratificação da raridade.

Ao estabelecermos um percurso histórico sobre o livro raro na Bibliofilia consideramos, conforme aponta Chartier (1998, p. 50), que as realidades históricas por detrás das palavras são “extremamente variáveis”. Desse modo, concluímos que assim como não há “uma Bibliofilia”, também não há “um conceito de livro raro”. Os significados da raridade, a partir de uma trajetória histórica, são múltiplos, assim como são diversas as práticas e representações sobre o livro.

Ainda na apreensão de Chartier (1998), sobre pensarmos “na armadilha das palavras”, os conceitos de livro raro no passado precisam ser observados tendo em vista aquele momento histórico-cultural e não baseado na compreensão de raridade que temos na atualidade. Por isso a motivação para refletir sobre os contextos que produziram o conceito

de livro raro na Bibliofilia, nos séculos XVII e XVIII. Concluimos que para cada contexto sociocultural as Bibliografias de Livros Raros refletem as práticas (gostos e desejos) do colecionismo *librario* que são representativos da Bibliofilia de cada período histórico. Em outras palavras, o cenário do livro raro apresenta horizontes distintos a partir de diferentes atores e contextos sociais.

Conforme já apresentado em nossas análises, consideramos a raridade enquanto uma construção sociocultural atribuída ao documento gráfico que reflete as práticas sociais de atores que forjam sua definição a partir de um sistema de valores históricos e simbólicos reconhecidos para determinado grupo. Essa construção não se dá sem conflitos e imposições de visões de mundo específicas.

Com base na pesquisa realizada, defendemos que transpor o contexto da Bibliofilia para a realidade atual das bibliotecas brasileiras pode ser um equívoco, uma vez que há um completo esvaziamento dos significados de biblioteca patrimonial de um momento para outro. Entretanto, as definições do livro ideal para compor uma biblioteca privada, cujos qualitativos começam a serem definidos ainda no século XVII, podem ser verificados na elaboração do conceito de livro raro que se reverbera na produção da B & CI brasileira. Nesses termos, os critérios de raridade validados pela maioria das instituições de guarda do patrimônio bibliográfico do país podem ser compreendidos como parâmetros artificiais e amplamente desvinculados de uma reflexão crítica acerca do livro enquanto produto sociocultural.

Contudo, os trabalhos selecionados para a pesquisa revelam alguns marcadores importantes: constatamos o empenho de profissionais e pesquisadores em responder à questão: o que é livro raro? Nesse sentido, comprovamos a qualidade dos trabalhos, o esforço de instituições e profissionais dedicados à pesquisa e ao trabalho técnico de

acervos antigos, raros e especiais no Brasil. Se durante os primeiros anos dessa produção os textos sobre o conceito de livro raro na B & CI brasileira são esparsos e centrados no relato de experiências institucionais, após a década de 1990 as discussões sobre o livro raro começam a adotar como referência os conceitos de Memória e Patrimônio. Mudança significativa, mas que só se fará perceptível a partir dos anos 2000, quando há um aumento crescente das pesquisas de bibliotecários sobre o conceito de livro em programas de pós-graduação no Brasil. Em consequência disso, as publicações oriundas de pesquisa (artigos, encontros, dissertações e teses) apresentam um maior desprendimento com relação aos critérios de raridade, não se restringindo, assim, aos discursos das práticas profissionais e institucionais. Pelo exposto, esses trabalhos se configuram como espaços onde certas propostas de rompimento com os critérios de raridade são ensejadas e onde se demarca a necessidade de se construir um discurso ampliado do livro raro como patrimônio cultural.

Entretanto, a produção da B & CI brasileira em torno da raridade apresenta um ponto preocupante: 95% dos textos replicam os qualitativos da Bibliofilia sem estabelecer uma crítica epistemológica do que é a raridade. Nesse sentido, é possível considerarmos que as Bibliografias de Livros Raros são fundamentais para a definição dos marcadores de raridade no Brasil, sobretudo por apresentarem qualitativos similares aos critérios difundidos na produção em B & CI do país.

Não sem razão, ao assinalarmos um percurso histórico para o livro raro na Bibliofilia adotamos por premissa que as realidades históricas por detrás das palavras são “extremamente variáveis” (CHARTIER, 1998, p. 50). Com base em nossas análises, a variação entre os qualitativos da Bibliofilia e os critérios da B & CI brasileira não se expressam de forma clara. Isso porque, na maioria dos casos, os critérios são

compreendidos como uma construção natural da Biblioteconomia, condição que inviabiliza uma discussão dos fundamentos que propiciam a edificação do conceito.

Além disso, não se pode perder de vista que os significados da raridade, vistos a partir de uma trajetória histórica, são múltiplos, assim como são diversas as práticas e representações sobre os documentos gráficos. Nesse sentido, a adoção da raridade a partir das Bibliografias de Livros raros é uma prática que pode “artificializar” coleções, por se pautarem em contextos que demonstram pouca aderência com as realidades do patrimônio em bibliotecas brasileiras nos séculos XX e XXI. Não negamos, com isso, a existência da raridade, reforçamos, antes, que o conceito de livro raro inscrito na Be CI tem como episteme histórico-conceitual as práticas da Bibliofilia. Nesse sentido, nossa crítica incide sobre a naturalização desse conceito, uma vez que o mesmo fundamenta-se na ideia de exclusão, no acesso exclusivo e diferenciado para um grupo restrito de iniciados.

De forma paralela e tendo-se em vista a carga simbólica das Bibliografias de Livros Raros enquanto instrumentos de mediação do conceito de raridade, sua presença na B & CI para a atribuição da raridade é definitivamente aceitável. Entretanto, compreender o que são essas bibliografias faz-se essencial para que não haja uma naturalização e imposição da raridade. Nesse sentido, uma limitação da adoção da Bibliofilia nos discursos de raridade na B & CI pode ser o “uso pasteurizado de critérios de raridade” (ARAÚJO, 2015), que, conforme apresentado em nossas análises, evocam apenas discursos cíclicos, unívocos e hegemônicos.

Na B & CI brasileira as bibliotecas institucionais apontam como justificativa para a formação de acervos antigos, raros e especiais a preservação da memória institucional e também a valorização do patrimônio bibliográfico local, nacional ou regional. Dentre os trabalhos que analisamos o de Rodrigues (2012) posiciona-se em

direção à ressignificação dos documentos gráficos: “entender um livro raro é estudá-lo em sua historicidade, apresentando seu significado em cada momento, chegando a seu significado atual”. A lucidez da afirmação de Rodrigues (2012) comprova o desenvolvimento, o crescimento e o amadurecimento das discussões sobre o livro raro na B & CI brasileira.

Conforme já apresentado em nossas análises, a Bibliofilia produz um processo de filtragem sobre os documentos gráficos para selecionar aqueles que permanecerão por mais tempo para na cultura *libraria*. Tal filtragem corresponde aos valores históricos e simbólicos associados a esses documentos. Baudrillard fala de uma teoria do objeto voltado para os interesses e significados sociais de certos objetos para a sociedade (BAUDRILLARD, 1969, p. 23). Dito isso, uma possibilidade de ressignificação dos processos de identificação de livros para guarda permanente em bibliotecas institucionais seria a adoção de uma perspectiva da sociologia dos documentos gráficos que antecederesse a uma proposta metodológica de atribuição de raridade. Uma sociologia dos documentos gráficos como fundamento para formação de acervos de memória *libraria* teria como objetivo a função educativa dos acervos calcada no patrimônio cultural que deve ser estudado, conservado e compartilhado por todos. Essa perspectiva comporta a raridade, mas não a compreende como elemento dominante.

No contexto dos processos de seleção de documentos em bibliotecas institucionais, essa proposta poderia ser vista como um problema, uma vez que a atribuição de raridade preconiza sempre a contextualização da singularidade histórico-cultural do documento gráfico. Contudo, ao defendermos uma sociologia dos documentos, temos em vista ressaltar que as dimensões de pertencimento e memória são essenciais para a definição das diretrizes do que deve ser guardado **para sempre**, sem desconsiderar que

esses são valores que se transformam com o tempo. Nesse sentido, avançar em nossa pesquisa sobre a episteme do livro raro no campo do Patrimônio é oportuna a partir de uma perspectiva crítica do patrimônio cultural – determinado por contextos históricos e sociais.

Ao constatarmos que a adoção dos axiomas da raridade bibliofílica na B & CI configura-se como a base da construção do conceito de livro raro no Brasil, alertamos que o que está em foco é um modelo de biblioteca com valores e significados distintos daqueles valores simbólicos e históricos próximos da sociedade. Em termos comparativos, os desejos da biblioteca patrimonial explicitados pelas práticas do colecionismo no século XVIII e a concepção de biblioteca patrimonial em voga no Brasil podem ter semelhanças, entretanto, torna-se explícito que uma das faces desses significados adequa-se aos valores de memória e patrimônio e outra associa-se aos valores privados de uma instituição ou de um sujeito específico. Não negligenciamos que os livros das bibliotecas patrimoniais que têm como herança documentos gráficos que foram reunidos por um bibliófilo são relevantes. Mas, em termos de representação do patrimônio cultural coletivo, a réplica dos qualitativos da Bibliofilia se mostra mais redutora que democrática.

Não acreditamos que a presença da Bibliofilia na Biblioteconomia seja prejudicial, pelo contrário, no código genético da Biblioteconomia moderna há um elemento essencial: a Bibliofilia. Razão pela qual concordamos com Chartier (1998), Eco (2011) e Manguel (2006) a herança *libraria* da humanidade deve muito à Bibliofilia, pois sem a atuação dos bibliófilos muitos documentos gráficos estariam destruídos. Nossa crítica não refere-se à Bibliofilia, mas ao ciclo de repetições que a B & CI brasileira empreende em torno dos critérios de raridade, tratando-os enquanto um campo específico da área e não refletindo sobre a validade de replica-los em realidades díspares.

Do ponto de vista de nossas análises, são poucas as pesquisas em B & CI no Brasil que, dedicando-se a discutir as questões relativas ao livro raro, demonstram um despreendimento do império da raridade em direção às ressignificações do livro antigo, raro e especial. Essas mesmas pesquisas demonstram, ainda, que não é necessário estabelecer uma polarização *Bibliofilia versus B & CI*, mas que há um horizonte de possíveis diálogos, de atualização e de redirecionamento das pesquisas. Nosso posicionamento final, aponta, assim, para uma defesa da raridade sem utopias, referendando, pois, a importância do patrimônio *librario* para a educação em nosso país e para a disseminação da cultura gráfica aos mais diversos públicos.

Bruno Racine, em *Éloge de la rareté*, destacou que “uma coleção patrimonial não se faz somente de obras espetaculares” (RACINE, 2014, p. 11, tradução nossa)<sup>145</sup>, nesse sentido, concordamos com o autor de que romper com o império da raridade não é negar a raridade, mas é alertar que a missão patrimonial das bibliotecas extrapola, ou deveria extrapolar, o apego ao caráter extraordinário dos livros difundido pela Bibliofilia. Frédéric Barbier, em *Patrimoine, production, reproduction*, afirma que o paradigma do patrimônio, especialmente do patrimônio *librario*<sup>146</sup>, nos ajuda a reavaliar o passado conjugando-o ao presente (BARBIER, 2004, p.11, 13). Michel Melot, corroborando as ideias de Barbier, defendeu em *Qu'est-ce qu'un objet patrimonial?* que o patrimônio que chamamos de gráfico (no qual podem se convergir e se fundir a imagem e a escrita<sup>147</sup>) é uma área do patrimônio extremamente sensível e ainda pouco estudada enquanto patrimônio. Ele alertou para a necessidade do pesquisador ser surpreendido não só com o

---

<sup>145</sup> *Une collection patrimoniale n'est pas faite seulement d'oeuvres spectaculaires.*

<sup>146</sup> A expressão utilizada pelo autor no texto original é “*livresque*”, pela ausência de um termo em português que melhor se adeque ao significado, optamos pelo uso do termo “*librario*”, expressão latina e sinônima de *livresque* (francês), *libresco* (espanhol), *librario* (italiano). Pelo exposto, a tradução do termo para o português acarretaria na perda da essência da expressão que designa tudo o que é o livro, tudo o que se relaciona ao universo do livro.

<sup>147</sup> Para Melot (2004, p. 6) a escrita não é apenas um texto, é também imagem, gesto e ato.

conteúdo do documento, mas também com sua materialidade. Por meio desses apontamentos, referendamos a tese segundo a qual o patrimônio gráfico é o coração do conceito de patrimônio, contudo, não fechamos os olhos para o fato de que o mesmo ocupa uma posição secundária em pesquisas. Melot conclui, para alcançar essa compreensão, que são necessárias pesquisas sobre a formação do patrimônio gráfico documental nas quais a comunidade que gerou e gera esse patrimônio se veja como parte atuante dessas pesquisas.

Conforme Serrai (2001), Barbier (2004) e Melot (2004), ao falarmos de patrimônio *librario* estamos falando que o patrimônio é um objeto coletivo, ou seja, a dimensão simbólica desse patrimônio é direcionada para o conhecimento e o desenvolvimento de um bem que é público e tem por fim a construção de uma identidade coletiva (BARBIER, 2004, p.17). Nesses autores estão presentes, pois, uma defesa da vocação patrimonial das bibliotecas institucionais que resguardam livros raros e coleções especiais, e, por certo, da função formativa-educativa desses acervos. Nesse sentido, a indicação de Fernandez de Zamora sobre o patrimônio bibliográfico exigir um movimento constante de redefinição e de questionamento dos seus conceitos para a sociedade é oportuno:

como patrimônio devemos entender o conjunto de bens culturais herdados do passado e aquele criado pela própria geração, pois o patrimônio documental não se refere unicamente aos documentos e livros antigos, se não a todo documento de caráter singular, único ou valioso, do presente ou do passado, porque patrimônio pode ser também o que estamos criando e deixaremos para as gerações futuras [...] Destacar sua relevância, atribuir-lhe sentido de pertencimento na sociedade, instaurar os mecanismos de difusão que revigorem o reconhecimento do patrimônio documental como parte de nossa identidade, fomentar sua revalorização e regular sua preservação não são tarefas adicionais, mas fundamentais de todos nós. (FERNÁNDEZ DE ZAMORA, 2009, p.2, 7).

O direcionamento das discussões sobre o livro raro na B & CI brasileira para a perspectiva do patrimônio pode ser uma oportunidade para ressignificar a relevância do

livro, especialmente do livro dito “raro”. Essa ressignificação não rejeita ou condena o superlativo da raridade, mas compreende que um valor essencial para o livro, se antigo ou novo, se raro ou ordinário, em nosso país é o seu valor de pertencimento à sociedade. Nesse sentido, corroborando com Andrade e Cantalino (2003) e Araújo (2015), faz-se necessário investirmos em novas perspectivas para a compreensão do livro raro na B & CI.

Concluimos, enfim, que as ressignificações do livro raro na B & CI brasileira precisam ser permanentemente reconstruídas em sua flexão no plural a partir de percepções do que pode ser a contemporânea manifestação da raridade *libraria*. Reiteramos nossos agradecimentos aos autores da produção da B & CI brasileira analisada em nossa pesquisa. Assim como esses autores buscamos apresentar uma contribuição epistemológica e metodológica para o estudo dos livros raros.

O livro raro, na perspectiva contemporânea do patrimônio, não se encerra em **um conceito** calcado apenas pela singularidade. Os livros são múltiplos! São raros, ordinários, banais, inservíveis, estúpidos, desnecessários, úteis e inúteis – tudo e nada. Adotar perspectivas crescentemente reflexivas sobre o livro raro é um dos caminhos para atuar sobre a dimensão mais desafiadora das bibliotecas com a missão de guarda patrimonial que é a preservação da herança documental da humanidade.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). Association of College & Research Libraries. Rare Books & Manuscripts Section. **Your old books**. Chicago: American Library Association, 2011. Disponível em: <<http://rbms.info/yob/>>. Acesso em 05 jul 2017.

ANDRADE, Ricardo Henrique Resende de Andrade; CANTALINO, Maria das Graças N. **A raridade como questão epistemológica e política: um novo paradigma para os curadores de acervos especiais**. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 123, p. 49-58, 2003 [2007].

ANTUNES, Cristina. **Livros: imaginário, colecionismo e raridade**. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. v.3, p.227-230, nov. 2013.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. **Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações**. In: VIEIRA, Ana Paula Meneses Alves. (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 15-32.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Pioneirismo bibliográfico em um polímata do séc. XVI: Conrad Gesner. *Inf. Inf.*, Londrina, v.20, n.2, p.118-142, maio/ago. 2015.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. Tipologia do livro. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, p. 208-228, out. 2014. ISSN 2237-8871. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n23p208>>. Acesso em: 24 Jun. 2017.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 7, p. 183-201, 2016.

BALSAMO, Luigi. **La bibliografía: historia de una tradición**. Espanha: Ediciones Trea, 1998. 214 p.

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007. 129 p.

BARBIER, Frédéric. **Historia de las bibliotecas: de Alejandría a las bibliotecas virtuales**. Buenos Aires: Ampersand, 2015. 462 p.

BARBIER, Frederic. **História do Livro**. São Paulo: Paulistana, 2008. 475 p.

BARBIER, Frédéric. Patrimoine, production, reproduction. **Bulletin des bibliothèques de France** (BBF), 2004, n.5, p.11-20. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2004-05-0011-002>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

BAUDRILLARD, Jean. La morale des objets. *Communications*, [s.l.], n.13, 1969, p.23-50.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2009. 230 p.

- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. 285 p.
- BERGER, Sidney E. **Rare books and special collections**. Chicago: Neal-Shuman, 2014. 537 p.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Planor. **Critérios de raridade**: empregados para a qualificação de obras raras. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <<http://www.bn.br/Planor/documentos.html>>. Acesso em: 18 maio 2015.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Planor. **Critérios de raridade**: empregados para a qualificação de obras raras. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <<http://www.bn.br/Planor/documentos.html>>. Acesso em: 18 maio 2015.
- BLASSELLE, Bruno. **Histoire du livre 2: le triomphe de l'édition**. [Paris]: Gallimard, 2006. v.2.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003. 303 p.
- BOND, William Henry. Book collecting. In: BENTON, William. ENCICLOPAEDIA BRITANICA. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1965. v.3, p. 933-937.
- BONNET, Jacques. **Bibliomania**. In: \_\_\_\_\_. **Fantasma na biblioteca**: a arte de viver entre livros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 27-38.
- BOUVIER, Michel *et al.* Le livre, un patrimoine méconnu. **Esprit**, 2011, n.5, mai, p. 137-156. DOI 10.3917/espri.1105.0137
- BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 363 p.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 215 p.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241p.
- BURY, Richard de; ROLLEMBERG, Marcello. **Philobiblon**: mui interessante tratado sobre o amor aos livros. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. 181 p.
- CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 195 p.
- CAPACCIONI, Andrea. Mapas y memorias. Apostillas a una historia de la Bibliografía. **Documentación de las Ciencias de la Información**, 2006, v.29, p. 9-24.
- CARTER, John. **ABC for book-collectors**. New York: 1970. 208 p.
- CARTER, John. **Taste & technique in book-collecting**: a study of recente developments in Great Britain and the United States. Cambridge: University Press, 1948.

CARTERI, Karin Kreismann. Educação patrimonial e Biblioteconomia: uma interação inadiável. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 31-52, jul./dez. 2004.

CARTERI, Karin Kreismann. O livro raro e os critérios de raridade. *Revista Museu: cultura levada a sério*, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=5484](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=5484)> Acesso em: maio 2005.

CARVALHO, Maria da Conceição. **Cordialmente, Eduardo Frieiro**: fragmentos (auto)biográficos. 2008. 364 f., enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

CARVALHO, Ediane Toscano Galdino de; SOUZA, Fernando Antonio Ferreira de. Proposta para a criação de um centro de documentos raros da UFPB. *Biblionline*, João Pessoa, v. 8, n. esp., p. 65-71, 2012.

CAVE, Roderick. **Rare book librarianship**. London: C. Bingley; Hamden, Conn: Linnet Books, 1976. 168 p.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014. 352 p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: Ed. UnB, 1998. 111 p.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Ed. Unesp, 2007. 335 p.

CHARTIER, Roger. O livro. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre; MARINHO, Teresinha; PERRUCCI, Gadiel. **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 238 p.

CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador : conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. 159 p.

CHATELAIN, Jean-Marc. **Éloge de la rareté**: cent trésors de la Réserve de livres rares. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2014. 206 p.

CLEMENT, David. **Bibliothèque curieuse historique et critique, ou Catalogue raisonné de livres difficiles à trouver**. Gottinga: [S.n.], 1750-1760. 9v.

CORON, Antoine (Dir.). **Des livres rares depuis l'invention de l'imprimerie**. Édition revue et corrigée. France: Bibliothèque nationale de France, 2002. 303 p.

COUZINET, Viviane. Fabrique de la liste: dispositif entre mémoire et commémoration. In: JORNADA CIENTÍFICA INTERNACIONAL REDES E PROCESSOS INFO-COMUNICACIONAIS: MEDIAÇÕES, MEMÓRIAS, APROPRIAÇÕES (REDE MUSSI), 2., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Mussi, 2012. P. 132-149.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A política do livro antigo no exterior e no Brasil. *Biblos*, Rio Grande, v.2, 1987, p. 91-103.

DARTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 231 p.

DELGAGO CASADO, Juan. *Introducción a la bibliografía*. Madrid: Arco Libros, 2005.

DUBY, Georges. *A história cultural*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.403-408.

ECO, Umberto. *A memória vegetal: e outros escritos de bibliofilia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 271 p.

ELSNER, John; CARDINAL, Roger. *The cultures of collecting*. London: Reaktion Books, c1994. 312 p.

ESDAILE, Arundell James Kennedy. *Esdaile's manual of bibliography*. 4. ed. revised edition by Roy Stokes. London: 1967. 336 p.

ESTIVALS, Robert. *La bibliologie*. Paris: S. de Bibliologie et Schématisation, 1978 **apud** TORRES RAMÍREZ, Isabel de. Los estudios de bibliografía en el último cuarto del siglo XX. *Documentación de las Ciencias de la Información*, Madrid, v. 25, p.147-165, 2002.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008. 761 p.

FEATHER, John. The rare-book librarian and bibliographical scholarship. *Journal of Librarianship*. v.14, n.1, p.30-44, jan. 1982.

FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri-Jean. *L'apparition du livre*. Paris: Albin Michel, 1958. 557 p.

FERNÁNDEZ DE ZAMORA, Rosa María. Conocer, valorar y difundir el patrimonio documental de América Latina e Caribe. *World Library and Information Congress*. IFLA General Conference and Council, 75, 2009, Milão, Itália. Disponível em: <<http://www.ifla.org/annual-conference/ifla/index.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

FINKELSTEISN, David; MCCLEERY, Alistair. *Una introducción a la historia del libro*. Buenos Aires: Paidós, 2014. 296 p.

FLAUBERT, Gustave. *Bibliomania; seguido do Crime do livreiro catalão*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. p.19-20.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: GEN: Forense, 2012.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541 p.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. Belo Horizonte: Paulo Bluhm, 1941. 139 p.

- FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. Belo Horizonte: Inconfidencia, 1945.
- FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. São Paulo: O Pensamento, 1957. 212 p.
- FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. 4. ed. rev. e acresc. pelo autor. Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, 1980.
- GALBRAITH, Steven Kenneth; SMITH, Geoffrey Dayton. **Rare book librarianship: a introduction and guide**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2012. 185 p.
- GALENDE DÍAZ, Juan Carlos. Las bibliotecas de los humanistas y el renacimiento. **Revista General de Información y Documentación**, v.6, n.2, p.91-123. Madrid: Servicio de Publicaciones Universidad Complutense, 1996.
- GAUZ, Valeria. O Livro Raro e Antigo como Patrimônio Bibliográfico: Aportes Históricos e Interdisciplinares. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 8, 2015, p. 71-87. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/current/showToc>>
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. 372 p.
- GRACE, Kevin. **What makes a Rare Book Rare?** University of Cincinnati, [1982]. Disponível em: <<https://libraries.uc.edu/arb/collections/rare-books/rare-book-rare.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- GREENHALGH, Raphael Diego. Digitalização de obras raras: algumas considerações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.3, p.159-167, jul./set. 2011.
- GREENHALGH, Raphael Diego; MANINI, Miriam Paula. Segurança de obras raras como possível objeto de estudo da Ciência da Informação. **TransInformação**, Campinas, v. 25, n3, p.255-261, set./dez., 2013.
- GUERRINI, Mauro; GAMBARI, Stefano; CRUPI, Gianfranco; FUGALDI, Vincenzo. **Guida alla biblioteconomia**. Milano: Bibliografica (Milano), 2008. 347 p.
- HORCH, Rosemarie Erika. O livro raro no Brasil. **Comunicações e Artes**, São Paulo, n.11, p.63-71, 1982.
- HOWES, Wright. A rare book: its essential qualifications. Illinois: Rare Book Libraries and Collections. **Library Trends**, v.5, n.4, Spring 1957. p.489-494.
- KANT, Immanuel. **Metafísica dos costumes**. Petrópolis, RJ: Vozes; Braganca Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2013. 319 p.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 87 p.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 117 p.
- LEONI, G. D. Os livros raros. **Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v. 23, p.-7-14, jan./dez. 1958.

LONCHAMP, Frédéric Charles. **Manuel du bibliophile français (1470-1920)**. Paris: Librairie des bibliophiles, 1927. 4t. em 2v.

MALCLES, Louise Noelle. **La bibliographie**. Paris: 1956. 134 p.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 301 p.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, p.13-23, jan./jun. 2005.

MARTÍN ABAD, Julián. **Los libros impresos antiguos**. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, [2004], 160 p.

MARTINS FILHO, Amilcar Vianna. (Org.). **Novo dicionário biográfico de Minas Gerais: 300 anos de história**. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2013. 535 p.

MELLOT, Jean-Dominique. **Condition**. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (Dir.) **Dictionnaire encyclopédique du livre**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v.1, p. 614.

MELOT, Michel. **Livro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012. 213 p.

MELOT, Michel. Qu'est-ce qu'un objet patrimonial?. **Bulletin des bibliothèques de France (BBF)**, 2004, n° 5, p. 5-10. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2004-05-0005-001>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

MENESES TELLO, Felipe. Dimensiones cognitivas de la bibliografía. **Revista Intramericana de Bibliotecología**, v.30, n.1, ene.-jun. 2007, p. 107-134.

MERLAND, Marie-Anne. **DeBure ou De Bure, famille**. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (Dir.) **Dictionnaire encyclopédique du livre**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v.1, p. 723-725.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 206 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1965. 197p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas**. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998. 203 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que**

desejam formar uma coleção de. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MORALES LÓPEZ, Valentino. **La bibliotecología y estudios de la información**: análisis histórico-conceptual. México: El Colegio de México, Biblioteca Daniel Cosío Villegas, 2008. 247 p.

MOUREN, Raphaële. **Manuel du patrimoine em bibliothèque**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2007.

NARDINO, Anelise Tolotti Dias; CAREGNATO, Sônia Elisa. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul./dez. 2005.

NOUVO, Angela. Private libraries in sixteenth-century Italy. In: WAGNER, Bettina; REED, Marcia Reed (Ed.). Conference organized by the IFLA Rare Books and Manuscripts Section. **Proceedings...**, Munich, 19-21 August 2009. Berlin/New York, De Gruyter Saur, 2010, p. 231-242

ORTEGA, Cristina Dotta; CARVALHO, Maria da Conceição. **Maria Roma Schreiber**: para uma história da preservação do livro. In: MOSTAFA, Solange Puntel; SILVA, Márcia Regina da; SANTAREM SEGUNDO, José Eduardo. (Orgs.). **Pensadores brasileiros da ciência da informação e Biblioteconomia**. Joao Pessoa (PB): Editora da UFPB, 2015. 223 p.

PALAU Y DULCET, Antonio. **Manual del librero hispano-americano**: inventario bibliográfico de la producción científica y literaria de España y de la América Latina desde la invención de la imprenta hasta nuestro días. 2. ed. 1948-1987, 35 v.

PARÁ. Biblioteca Pública Arthur Vianna. **Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna**: séculos XVII-XIX. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1989. *Apud* SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n.54, 1996, p.231-252.

PEARCE, Susan M. (Ed.). **Interpreting objects and collections**. London; New York, NY: Routledge, 1994. 343 p.

PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de bibliologie** [...]. Paris:[puis] A.-A. Renouard. 1802-1804. 2v. + suplemento.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. Biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas. *R. Bibliotecon. & Comun.*, Porto Alegre, v.5, jan./dez. 1990, p.45-50.

PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. **Que é livro raro?** Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1989.

PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. **História, memória e patrimônio**: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Ana Paula Meneses Alves.

(Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 33-44.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Do labirinto ao invisível: a história do livro raro no Brasil. *Diálogo Científico*, Brasília, 6 fev. 2006.

PINHEIRO, Ana Virgínia. O espírito e o corpo do livro raro: fragmentos de uma teoria para ver e tocar. *Revista Museu: cultura levada a sério*, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: < [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=1674](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1674)>. Acesso em: 18 maio 2015.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Sobre olhar, ver e tocar o livro raro. *Revista Museu: cultura levada a sério*, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <http://www.revistamuseu.com.br/joomla/index.php/component/content/article/9-area-de-servicos/artigos/90-sobre-olhar-ver-e-tocar-o-livro-raro>>. Acesso em: 18 maio 2015.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Memória/História. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1984. v.1, p.51-86.

POMIAN, Krzysztof. **Collectionneurs, amateurs et curieux**: Paris, Venise : XVIe-XVIIIe siècle . Paris: Gallimard, 1987. 367 p.

POMIAN, Krzysztof. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, J.P. SIRINELLI, J.F. (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

POWELL, Lawrence Clark. The functions of rare books. **College and Research Libraries**, dec. 1939, p. 97-103.

PROST, Antoine. **Social e cultural indissociavelmente**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p.123-137.

RACINE, Bruno. **Préface**. In: CHATELAIN, Jean-Marc. **Éloge de la rareté**: cent trésors de la Réserve de livres rares. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2014. p.11.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. A importância do acesso às obras raras. *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)*, v.1 n.1, p.67-76, jan./jun. 2008.

REZENDE, Antônio Martinez de. **Latina essentia**: preparação ao latim. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 170 p.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do latim essencial**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 509 p.

RIOUX, Jean-Pierre. **Um domínio e um olhar**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p.11-24.

ROCHE, Daniel. **Uma declinação das luzes**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p.25-44.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil. O espelho do tempo: uma viagem pelas estantes dos acervos de obras raras da Biblioteca de Manguinhos. *Perspectiva em Ciência da Informação*, v.12, n.3, p.180-194, set./dez. 2007.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. O que é livro raro? *ComCiência*: revista eletrônica de jornalismo científico, Campinas, n.127, 2011.

ROZZO, Ugo. L'Advis di Gabriel Naudé e la nascita della biblioteconomia. *La Bibliofilia*, v.97, n.1, gen.-apr. 1995, p. 59-74.

RUIZ GARCÍA, Elisa. **Hacia una semiología de la escritura**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1992. (Biblioteca del Libros, 10).

SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n.54, 1996, p.231-252.

SANT'ANA, Rizio Bruno. Critérios para definição de obras raras. *Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins*, Campinas, v.2, n.3, jun. 2001, p.1-18.

SANTA'ANNA, Jorge; PEREIRA, Gleice; AZEVEDO, Valéria Magewscck Teodoro; POLESE, Elisângela Aparecida. A importância do planejamento, tratamento informacional e divulgação de acervos especiais: o caso da Seção Coleções Especiais da Biblioteca Central da UFES. *Biblos*: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 28, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2014.

SENECA. Sêneca: o filósofo estoico preceptor e assessor de Nero: a figura excepcional do pensamento hispano-romano de Sêneca. São Paulo: Lafonte, 2011. 191 p.

SERRAI, Alfredo. Bibliografia. In: ENCICLOPEDIA italiana de scienze, lettere ed arte. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1991. v.1, p.353-356. *apud* GUERRINI, Mauro; GAMBARI, Stefano; CRUPI, Gianfranco; FUGALDI, Vincenzo. **Guida alla biblioteconomia**. Milano: Bibliografica (Milano), 2008. 347 p.

SERRAI, Alfredo. **Biblioteche e bibliografia**: vade-mécum disciplinare e professionale. Roma: Bulzoni, 1994 *apud* ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Pioneirismo bibliográfico em um polímata do séc. XVI: Conrad Gesner. *Inf. Inf.*, Londrina, v.20, n.2, p.118-142, maio/ago. 2015.

SERRAI, Alfredo. **Il cemento dela bibliografia**. Milano: Sylvestre Bonnard, 2001.

SILVA, Gracineide Santos da; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. Folheando livros: incursão teórica em tesouros bibliográficos e bibliológicos. *Biblionline*, v. 2, n. 2, 2006.

SILVA, Maria Luiza do Espírito Santo. Catalogação de obras raras e valiosas. *R. Bras. Bibliotecon. Doc.* n.14, v.1/2, jan./jun. 1981, p.61-63.

SIMÓN DÍAZ, José. **La bibliografía**: conceptos y aplicaciones. Barcelona: Editorial Planeta, 1971. 331 p.

SIRINELLI, Jean-François. **Cultures** In: \_\_\_\_\_. (Dir.). **Histoire des droites en France**. Paris: Gallimard, 1992, v.2. p. III. *apud* RIOUX, Jean-Pierre. **Um domínio e um olhar**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p.11-24.

SORDET, Yann. Bibliophilie. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (Dir.) **Dictionnaire encyclopédique du livre**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v.1, p. 281-286.

TORRES RAMÍREZ, Isabel de. Los estudios de bibliografía en el último cuarto del siglo XX. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, v. 25, p.147-165, 2002.

TRAISTER, Daniel. Rare book. In: ENCYCLOPEDIA of Information and Library Science. Routedledge, 2003. p.538.

UTARD, Jean-Claude. Brunet, Jacques-Charles. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (Dir.) **Dictionnaire encyclopédique du livre**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v.1, p. 396-397.

VARELA-OROL, Concha. El concepto de libro raro en el siglo XVIII: la recepción de la obra de David Clément en España. **Revista General de Información y Documentación**. n.26, n.2, 2016, p.631-650.

VIARDOT, Jean. Le livre rare: collectionneurs et marchands spécialisés de Naudé à Nodier. **Bulletin du bibliophile**, n.2, 1983, p.157-173.

VIARDOT, Jean. Livres rares et pratiques bibliophiliques. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean. (Dir.). **Histoire de l'édition française**: le livre triomphant 1660-1830. Paris: Promodis, 1986. v.2, p. 583-614.

VIARDOT, Jean. Naissance de la bibliophilie: les cabinets de livres rares. In: JOLLY, C. **Histoire des bibliothèques françaises**. Paris: Promodis, 1988. t.2, p.269-289.

VIARDOT, Jean. Qu'est-ce que la bibliophilie?. **Revue d'histoire littéraire de la France**, 2015, n.1, v. 115, p. 27-47. DOI 10.3917/rhlf.151.0027

VIARDOT, Jean. Un épisode du collectionnisme en fait de livre au XVIII<sup>e</sup> siècle: le Musaeum Typographicum ou le goût des raretés superlatives. **Littératures classiques**, 2008/2, n.66, p. 161-178.

VOGT, Johannis. **Catalogus historicocriticus librorum rariorum** [...] Hamburgi: Christiani Heroldi, 1747.

VOGT, Johannis. **Catalogus historicocriticus librorum rariorum, jam curis quartis recognitus et copiosa accessione ex symbolis et collatione bibliophilorum per Germaniam doctissimorum adauctus.** Hamburgi: Christiani Heroldi, 1753.

VOGT, Johannis. **Catalogus historico-criticus librorum rariorum, post curas tertias et quartas denuo recognitus pluribus locis emendatus et copiosiori longe accessione adauctus.** Francofurti et Lipsiæ: Stiebneri, 1793.

WINGER, Howard Wooddrow. Book. In: BENTON, William. (Ed.). **ENCICLIPAEDIA BRITANICA.** Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1965. v.3, p. 919-929.

## ANEXO A – Livro raro na Biblioteconomia de Ciência da Informação brasileira

### 1 CONGRESSOS/ENCONTROS<sup>148</sup>

#### 1.1 ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)<sup>149</sup>

Período de avaliação: 1994-2015 (do 1º ao 15º encontro)

N.	ANO	ENANCIB AUTOR/TÍTULO	TERMO DE BUSCA	TIPO DE PUBLICAÇÃO	GT
1	2014	GAUZ, Valéria. Livro raro-objeto em Museu Casa Histórica: o caso do Museu Plantin-Moretus.	Livro Raro	Trabalho completo	GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação
2	2014	SANTOS, Renata Ferreira; CARVALHO, Maria Conceição. A proteção do patrimônio bibliográfico no Brasil: o caso das coleções de livros raros em instituições públicas federais em Ouro Preto (MG).	Livro Raro	Trabalho completo	GT 10 - Informação e Memória

<sup>148</sup> Foram realizados levantamentos de publicações sobre livros raros nos congressos do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) e do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), contudo não foram selecionados para nossa análise por questões de exequibilidade e tempo para a pesquisa.

<sup>149</sup> Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em 10 nov. 2015.

## 1.2. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL- ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS RAROS<sup>150</sup>

Período de avaliação: 1876-2009<sup>151</sup>

N.	ANO	ANAIS BIBLIOTECA NACIONAL REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
1	2003	ANDRADE, Ricardo Henrique Resende de Andrade; CANTALINO, Maria das Graças N. A raridade como questão epistemológica e política: um novo paradigma para os curadores de acervos especiais. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, v. 123, p. 49-58, 2003 [2007]. <b>Encontro Nacional de Acervo Raro (ENAR)</b> <sup>152</sup>
2	2003	GRUN, Renata Cristina; BLANK, Veleida Ana. Formação de uma coleção de obras preciosas e/ou raras na biblioteca do instituto de geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, v. 123, p. 87-94, 2003 [2007]. <b>ENAR</b>
3	2003	PINHEIRO, Ana Virginia. Metodologia para inventário de acervo antigo. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, v.123, p.9-32. 2003 [2007]. <b>ENAR</b>
4	2003	RODRIGUES, A.H.; CALHEIROS, M.F.; COSTA, P.S. Análise bibliológica de livros raros: a preservação ao “pé da letra”. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, v. 123, p. 49-58, 2003 [2007]. <b>ENAR</b>
5	2008	CANTALINO, Maria das Graças N. A Marginália na Coleção Bibliográfica do Acadêmico Baiano Renato Berbert de Castro Importância, Preservação e Conservação. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, v. 128, p. 163-172, 2008. <b>ENAR</b>
6	2008	RODRIGUES, Jeorgina Gentil; FARO, Edna Sônia Monteiro. Promoção da Socialização do Conhecimento Histórico e Científico em Saúde Preservado pelo ICICT. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, v. 128, p. 211-218, 2008. <b>ENAR</b>
7	2012	ARENDE, Isabel Cristina. O Memorial Jesuíta Unisinos: critérios de raridade adotados em sua coleção de obras raras e especiais. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, [no prelo]. <b>ENAR</b>
8	2012	SOUZA, Cristiane Ferreira de. Coleção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Ministro Carvalho Junior. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, [no prelo]. <b>ENAR</b>
9	2012	RODRIGUES, Jeorgina Gentil. Uma breve análise sobre os critérios de raridade bibliográfica. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, [no prelo]. <b>ENAR</b>
10	2012	VILELA, Karine. Critérios de raridade aplicados à Coleção Especial da Faculdade de Direito do Recife: Sala Rui Barbosa. <i>Anais da Biblioteca Nacional</i> , Rio de Janeiro, [no prelo]. <b>ENAR</b>

<sup>150</sup> Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais.htm)>. Acesso em: 18 maio 2015.

<sup>151</sup> No ano de 2012 a Fundação Biblioteca Nacional promoveu o 10º Encontro Nacional de Acervos Raros contemplando a temática “Critérios de raridade bibliográfica”. O Planor permitiu a leitura dos artigos, que estão no prelo, para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

<sup>152</sup> Os encontros do ENAR, da 1ª à 6ª edição, foram realizados dentro do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), as possíveis publicações oriundas desses encontros foram veiculadas nos anais do CBBB. Não tivemos acesso a essas publicações. A partir da 7ª edição, em 2003, os eventos do ENAR começaram a ser publicados nos Anais da Biblioteca Nacional.

## 2 PUBLICAÇÕES: LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS, MANUAIS (1941-2015)

N.	ANO	LIVROS/CAPÍTULOS/CATÁLOGOS REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	TIPO DE PUBLICAÇÃO
1-3	1965-2005	MORAES, Rubens Borba de. <b>O bibliófilo aprendiz</b> : prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1965.	Livro (ensaio)
4-7	1941-1980	FRIEIRO, Eduardo. <b>Os livros nossos amigos</b> . 4. ed. rev. e acresc. pelo autor. Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, 1980. 224 p.	Livro (ensaio) Primeira edição de 1941.
8	1989	PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. <b>Que é livro raro?</b> : uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfico. Rio de Janeiro: Presença, 1989	Manual
9	2000	CAMARGOS, Ana Maria de Almeida. Obras antigas e raras: o livro como documento. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Bibliotheca Universitatis: acervo bibliográfico da Universidade de São Paulo, séculos XV e XVI. São Paulo: EDUSP, 2000.	Capítulo de livro
10	2000	BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Planor. Critérios de raridade: empregados para a qualificação de obras raras. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: < <a href="http://www.bn.br/Planor/documentos.html">http://www.bn.br/Planor/documentos.html</a> >. Acesso em: 18 maio 2015.	Manual Documento oficial
11	2003	HORCH, Rosemarie Erika. O livro raro no Brasil. In: MATOS, Edilene <i>et al.</i> (Orgs.). <b>A presença de Castello</b> . São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Instituto de Estudos Brasileiros, 2003. p. 847-854,	Capítulo
12	2009	PINHEIRO, A.V. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, H.C.; BARROS, M.H.T.C. (Org.). <b>Ciência da informação</b> : múltiplos diálogos. Marília: Cultura Acadêmica, 2009. p.31-44. Disponível em: < <a href="http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf">http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf</a> >. Acesso em: 18 jun. 2012.	Capítulo
13	2012	VILELA, Karine Gomes, <i>et al.</i> Obras raras e valiosas: critérios adotados pela Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife. Recife: Ed. Universitária do UFPE, 2012. 90 p.	Livro
14	2015	ARAUJO, Diná Marques Pereira, <i>et al.</i> O acervo de obras raras e especiais do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais. In: NASCIMENTO, Adalson de Oliveira; MORENO, Andrea. (Org.). <b>Universidade, memória e patrimônio</b> . Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.. 145 p.	Capítulo de Livro

15	2015	PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Ana Paula Meneses Alves. (Org.). <b>Acervos especiais</b> : memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 33-44.	Capítulo de Livro
16	2015	ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. In: VIEIRA, Ana Paula Meneses Alves. (Org.). <b>Acervos especiais</b> : memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 15-32.	Livro

### 3 PERIÓDICOS BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO<sup>153</sup>

N.	ANO	PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	TIPO DE PUBLICAÇÃO	DESCRITORES ADOTADOS PELO AUTOR	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO ADOTADO
1	1958	LEONI, G. D. Os livros raros. <i>Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade</i> , São Paulo, v. 23, p.-7-14, jan./dez. 1958.	Artigo	Livros Raros	Biblioteconomia (inglesa) Bibliofilia
2	1981	SILVA, Maria Luiza do Espírito Santo. Catalogação de obras raras e valiosas. <i>R. Bras. Bibliotecon. Doc.</i> n.14, v.1/2, jan./jun. 1981, p.61-63.	Relato de experiência institucional	Obras Raras	Bibliofilia francesa (BRUNET; GRASSE)
3	1982	HORCH, Rosemarie Erika. O livro raro no Brasil. <i>Comunicações e Artes</i> , São Paulo, n.11, p.63-71, 1982.	Artigo	Livro raro	Biblioteconomia História do Livro e das Bibliotecas - Brasil
4	1987	CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A política do livro antigo no exterior e no Brasil. <i>BIBLOS</i> , Rio Grande, v.2, 1987, p. 91-103.	Palestra	Livro raro Livro antigo Obras Raras	Não há
5	1990	PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. Biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas. <i>R. Bibliotecon. &amp; Comun.</i> , Porto Alegre, v.5, jan./dez. 1990, p.45-50.	Artigo	Livros raros	Biblioteconomia (inglesa e italiana)
6	1996	SANT'ANA, Rizio Bruno. Como definir obras raras: critérios na biblioteca Mário de Andrade. <i>Revista da Biblioteca Mário de Andrade</i> , n.54, 1996, p.231-252.	Artigo	Obras Raras	Biblioteconomia (inglesa) Bibliofilia História do livro
7	2001	SANT'ANA, Rizio Bruno. Critérios para definição de obras raras. <i>Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins</i> , Campinas, v.2, n.3, jun. 2001, p.1-18.	Artigo	Obras Raras	Biblioteconomia (inglesa)
8	2003	PINHEIRO, Ana Virgínia. O espírito e o corpo do livro raro: fragmentos de uma teoria para ver e tocar. <i>Revista Museu: cultura levada a sério</i> , Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: < <a href="http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1674">http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1674</a> >. Acesso em: 18 maio 2015.	Artigo	Livro Raro	Biblioteconomia (francesa e brasileira). Diálogo com a História do Livro e a Filosofia

<sup>153</sup> Não foram selecionados artigos publicados em *Blogs* e/ou jornais e revistas comerciais. Também não foram selecionados catálogos de livros raros (institucionais ou comerciais). Foram selecionados artigos publicados em revistas de outras áreas, nos quais o assunto está relacionado à raridade bibliográfica.

9	2005	CARTERI, Karin Kreismann. O livro raro e os critérios de raridade. <i>Revista Museu: cultura levada a sério</i> , Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <a href="http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=5484">http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=5484</a> > Acesso em: maio 2005.	Artigo	Livros Raros	Biblioteconomia brasileira (PINHEIRO)
10	2005	NARDINO, Anelise Tolotti Dias; CAREGNATO, Sônia Elisa. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. <i>Em Questão</i> , Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul./dez. 2005.	Artigo	Obras Raras	Biblioteconomia brasileira (PINHEIRO) Biblioteconomia inglesa

N.	ANO	PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	TIPO DE PUBLICAÇÃO	DESCRITORES ADOTADOS PELO AUTOR	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO ADOTADO
11	2006	RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. <i>Ci. Inf.</i> , Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006.	Relato de experiência institucional	Livros raros. Obras Raras. Raridade	Biblioteconomia (inglesa e brasileira)
12	2006	PINHEIRO, Ana Virgínia. Do labirinto ao invisível: a história do livro raro no Brasil. <i>Diálogo Científico</i> , Brasília, 6 fev. 2006.	Artigo		
13	2006	SILVA, Gracineide Santos da; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. Folheando livros: incursão teórica em tesouros bibliográficos e bibliológicos. <i>Biblionline</i> , v. 2, n. 2, 2006.	Artigo	Obras Raras	Biblioteconomia brasileira. Diálogo com a História do Livro e Memória
14	2007	RODRIGUES, Jeorgina Gentil. O espelho do tempo: uma viagem pelas estantes dos acervos de obras raras da Biblioteca de Manguinhos. <i>Perspectiva em Ciência da Informação</i> , v.12, n.3, p.180-194, set./dez. 2007.	Artigo	Obra Rara. Critério de raridade bibliográfica	Biblioteconomia brasileira. Diálogo com a História e Bibliografias
15	2008	REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. A importância do acesso às obras raras. <i>Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)</i> , v.1 n.1, p.67-76, jan./jun. 2008.	Artigo	Livros Raros. Obras Raras. Critérios	Biblioteconomia brasileira. Bibliofilia. Conservação
16	2011	GREENHALGH, Raphael Diego. Digitalização de obras raras: algumas considerações. <i>Perspectivas em Ciência da Informação</i> , v.16, n.3, p.159-167, jul./set. 2011	Artigo	Obras raras. Biblioteca digital. Preservação.	Biblioteconomia brasileira. Ciência da Informação. Conservação
17	2011	RODRIGUES, Márcia Carvalho. O que é livro raro? <i>ComCiência</i> , Campinas, n.127, 2011.	Artigo	Livro Raro	Biblioteconomia brasileira (PINHEIRO)
18	2013	GREENHALGH, Raphael Diego; MANINI, Miriam Paula. Segurança de obras raras como possível objeto de estudo da Ciência da Informação. <i>TransInformação</i> , Campinas, v. 25, n3, p.255-261, set./dez., 2013.	Revisão	Obras raras. Segurança.	Biblioteconomia brasileira. Memória. Ciência da Informação
19	2013	ANTUNES, Cristina. Livros: imaginário, colecionismo e raridade. <i>Livro</i> : Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição. v.3, p.227-230, nov. 2013.	Artigo	Obras Raras	Bibliofilia
20	2014	PINHEIRO, Ana Virgínia. Sobre olhar, ver e tocar o livro raro. <i>Revista Museu</i> : cultura levada a sério, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: < <a href="http://www.revistamuseu.com.br/joomla/index.php/component/content/article/9-area-de-servicos/artigos/90-sobre-olhar-ver-e-tocar-o-livro-raro">http://www.revistamuseu.com.br/joomla/index.php/component/content/article/9-area-de-servicos/artigos/90-sobre-olhar-ver-e-tocar-o-livro-raro</a> >. Acesso em: 18 maio 2015.	Artigo	Livro raro	Biblioteconomia (inglesa, francesa e brasileira)



N.	ANO	PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	TIPO DE PUBLICAÇÃO	DESCRITORES ADOTADOS PELO AUTOR	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO ADOTADO
21	2014	SANTA'ANNA, Jorge; PEREIRA, Gleice; AZEVEDO, Valéria Magewsc Teodoro; POLESE, Elisângela Aparecida. A importância do planejamento, tratamento informacional e divulgação de acervos especiais: o caso da Seção Coleções Especiais da Biblioteca Central da UFES. <i>Biblos</i> : Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 28, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2014.	Relato de experiência	Obras Raras e Coleções Especiais	Biblioteconomia. Administração. Conservação.
22	2015	GREENHALGH, Raphael Diego; MANINI, Miriam Paula. Análise bibliológica: ferramenta de segurança em coleções de livros raros. <i>Encontros Bibli</i> : revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 20, n. 42, p. 17-29, jan./abr., 2015.	Artigo	Obras Raras. Segurança. Análise bibliológica	Biblioteconomia brasileira. Bibliofilia
23	2015	GAUZ, Valeria. O Livro Raro e Antigo como Patrimônio Bibliográfico: Aportes Históricos e Interdisciplinares. <i>Revista Museologia &amp; Interdisciplinaridade</i> , v. 4, n. 8, 2015, p. 71-87. Disponível em: < <a href="http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/current/showToc">http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/current/showToc</a> >	Artigo		

#### 4 – PESQUISAS EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

##### ● MESTRADO

N.	ANO	MESTRADO AUTOR/TÍTULO	INSTITUIÇÃO ORIENTAÇÃO	DISCUSSÃO CENTRAL	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO
1	1991	GAUZ, Valéria. Considerações sobre o uso do catálogo principal de obras raras na Biblioteca Nacional; subsídios para viabilizar a automação do catálogo principal e otimizar o atendimento ao público local e a outras bibliotecas.	Universidade Federal do Rio de Janeiro, IBICT. Orientadora: Prof. Dra. Nice Menezes de Figueiredo	Catálogo	Biblioteconomia (tratamento da informação)
2	1995	FROES, Rosana Carla. Obras raras no Brasil: estudo dos critérios de raridade bibliográfica, tratamento técnico e preservação de coleções.	Universidade Federal de Minas Gerais Orientadora: Marysia Malheiros Fiuza	Livro raro no Brasil: critérios, conceitos, tratamento	Biblioteconomia (inglesa, brasileira). Bibliofilia. História do Livro
3	1996	RODRIGUES, Jeorgina Gentil Espelho do tempo: análise da coleção de obras raras da Fundação Oswaldo como fonte de pesquisa para Ciência Moderna.	Universidade Federal do Rio de Janeiro, IBICT.		
4	1998	MADERO ARELLANO, Miguel Ángel. A coleção de obras raras na biblioteca digital	Universidade de Brasília Orientadora: Suzana Pinheiro Machado Mueller	Digitalização de livros raros	Biblioteconomia (inglesa, brasileira). Bibliofilia
5	1999	ALVES, Virginia Barbara de Aguiar. Obras raras: Um estudo exploratório: (Rio de Janeiro, Belo horizonte, Brasília, São Paulo e Salvador).	Universidade de Brasília Orientador: Jaime Robredo	Crítérios para identificação de livros raros	
6	2007	RODRIGUES, Márcia Carvalho. Livros raros na Universidade de Caxias do Sul: (identificação e catalogação descritiva)	Universidade de Caxias do Sul Orientador: Flávio Loureiro Chaves	Livros raros e critérios de raridade	Biblioteconomia (inglesa, brasileira). Bibliofilia
7	2011	SILVA, Fernando Crítérios de seleção de obras raras adotados em bibliotecas do Distrito Federal.	Universidade de Brasília Orientador: Murilo Bastos da Cunha	Biblioteconomia. Bibliofilia	Biblioteconomia. Bibliofilia. História do Livro.
8	2012	BATISTA, Aline Herbstrith	Universidade Federal de Pelotas Orientadora: Profa. Dra. Úrsula Rosa da Silva	Conceitos de livro raro e antigo	Biblioteconomia. Memória. História das

		Conceitos e critérios para a qualificação de Obras Raras da Biblioteca de Direito da Universidade Federal de Pelotas			bibliotecas. História do Livro
9	2014	FONSECA, Cintia Cibele Ramos. A avaliação da raridade bibliográfica da Coleção de João Luiz Rolla do acervo histórico da biblioteca da Escola de Educação Física da UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Orientadora: Janice Zarpellon Marzo	Raridade de uma coleção	Biblioteconomia e Bibliofilia
10	2015	SANTOS, Renata Ferreira dos. A proteção do patrimônio bibliográfico no Brasil: um estudo de caso em cidade histórica	Universidade Federal de Minas Gerais Orientadora: Alcenir Soares dos Reis	Patrimônio bibliográfico	

● **DOUTORADO**

<b>N.</b>	<b>ANO</b>	<b>DOUTORADO AUTOR/TÍTULO</b>	<b>INSTITUIÇÃO ORIENTAÇÃO</b>	<b>DISCUSSÃO CENTRAL</b>	<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b>
1	2011	REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. A bibliofilia no Brasil	Universidade de Brasília Orientador: Antônio Lisboa Carvalho de Miranda	Bibliofilia brasileira	Bibliofilia. História das Bibliotecas. História do Livro. Filosofia
2	2014	GREENHALGH, Raphael Diego. Segurança contra roubo e furto de livros raros: uma perspectiva sob a ótica da Economia do Crime e da Teoria da Dissuasão.	Universidade de Brasília Orientadora: Miriam Paula Manini	Furtos de livros raros no Brasil	Bibliofilia. Legislação brasileira. História do livro. Patrimônio